

**A produção de lanifícios na Ribeira da Carpinteira, Covilhã -  
Uma perspetiva arqueológica.**

**Rodrigo João Leitão Beato Dias**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

**Junho 2022**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora Leonor Plácido de Medeiros.

## **Agradecimentos**

Antes de avançar para a dissertação tenho que primeiramente agradecer ao conjunto de pessoas sem cuja ajuda e apoio não seria possível desenvolver e realizar dissertação. Em primeiro agradecer à professora Leonor Medeiros, que se mostrou sempre disponível para esclarecer as dúvidas que tive ao longo da realização deste projeto. Aconselhou-me a bibliografia a usar, tanto no campo da prospeção arqueológica como da interpretação da paisagem industrial, e os arquivos e bibliotecas onde fazer a minha pesquisa bibliográfica. Procurou também que eu entrasse em contacto com pessoas vitais para realizar este estudo, como a professora Elisa Pinheiro e o Museu dos Lanifícios da Covilhã.

Também tenho de agradecer à professora Elisa Pinheiro, que esteve sempre disponível para tirar as várias dúvidas que me foram surgindo durante a realização do levantamento arqueológico à ribeira da Carpinteira devido à sua experiência e conhecimento desta área.

Em terceiro lugar, tenho de agradecer ao MUSLAN e, em especial, à professora Rita Salvado e à Dr<sup>a</sup>. Helena Correia por estarem sempre disponíveis para me ajudar na pesquisa de informação do arquivo documental do Museu dos Lanifícios da UBI. Não poderia também esquecer o apoio da arquiteta Luísa Guerra, que realizou o levantamento arqueológico inicial comigo disponibilizando-me dados importantes sobre as unidades fabris da Carpinteira e o território em que se inserem.

Por fim agradecer a toda a minha família que me apoiou não só durante a realização da minha dissertação de mestrado, como também em todo o meu trajeto universitário. Para a realização desta dissertação, não posso esquecer o papel do meu avô, da minha mãe e do meu pai que, para além de me ajudarem a carregar o material de levantamento durante o trabalho de campo, me auxiliaram na realização do levantamento e forneceram-me informações sobre as últimas fábricas que laboraram na ribeira da Carpinteira na segunda metade do séc. XX. Permitiram-me ainda perceber como os habitantes deste espaço exploravam a paisagem da ribeira da Carpinteira.

# **A produção de lanifícios na Ribeira da Carpinteira, Covilhã**

## **- Uma perspetiva arqueológica.**

Rodrigo Dias

### **Resumo**

A presente dissertação aborda o núcleo histórico da ribeira da Carpinteira, situada na cidade da Covilhã, propondo estudar e documentar o património arqueológico que aí persiste, associado à indústria têxtil da Covilhã, do século XVII ao século XX, através de trabalhos de investigação, prospeção, mapeamento, inventário e documentação.

A Covilhã, localizada na encosta oriental da Serra da Estrela, teve dois importantes núcleos industriais, centrados nos leitos das ribeiras da Goldra e da Carpinteira. Esta cidade especializou-se na produção de lanifícios, entre o século XV e as primeiras décadas do século XX, tendo sido por vezes designada como a “cidade fábrica”, devido à sua grande concentração fabril e importância no campo da produção dos lanifícios em Portugal.

Este trabalho apresenta uma perspetiva arqueológica, baseada na prospeção sistemática da área definida e no levantamento e documentação das evidências identificadas no terreno, confrontando essa informação com documentos históricos e mapas que permitam compreender os processos de assentamento de unidades industriais na ribeira da Carpinteira. Apresento também nesta dissertação uma análise da cultura material persistente, neste caso específico o património edificado e os objetos integrados, tendo-me focado na caracterização das formas e métodos construtivos, nas marcas de uso e ocupação, datadas ao longo do tempo, e na análise da sua integração com o espaço envolvente.

Este estudo foi motivado pelas aceleradas transformações urbanas que estão a decorrer na Covilhã, que têm implicado a destruição ou transformação do património industrial da região. Dada a importância basilar da indústria dos lanifícios, pioneira na revolução industrial do século XVIII, e a importância deste local na industrialização portuguesa, é urgente saber o que sobrevive e em que condições se encontra

atualmente. Daí a realização desta dissertação, para fornecer uma atualização do estado da questão, olhar para as evidências sob a perspectiva arqueológica, e permitir entender melhor as estratégias e características de ocupação da indústria de lanifícios, nesta paisagem industrial que é a ribeira da Carpinteira.

**Palavra-chave:** Lanifícios; Arqueologia Industrial; Covilhã; Inventário; Paisagem industrial.

# **The wool production in 'Ribeira da Carpinteira', Covilhã**

**- An archaeological perspective.**

Rodrigo Dias

## **Abstract**

This dissertation addresses the historic area of the Carpinteira watercourse, situated in the city of Covilhã, and aims to study and document the archaeological heritage which persists there, and which is associated to the Covilhã textile industry from the 17th to the 20th century, through research, prospection, mapping, inventory and documentation work.

Covilhã, located on the eastern slope of the Serra da Estrela, had two important industrial nuclei, centred on the beds of the Goldra and Carpinteira creeks. This city specialized in the production of woollen products between the 15th century and the first decades of the 20th century, being sometimes called the 'factory city', due to its great concentration of factories and due to its relevance in the field of wool production in Portugal.

This work presents an archaeological perspective, based on the systematic prospection of the defined area, and on the survey and documentation of the identified evidence, in articulation with the space they occupy. It also includes the contrast of this information with documents and maps that allow us to understand the geography and the process of industrial settlement in this area. The analysis of the persistent material culture, in this case specifically the built heritage and the integrated objects, focused on the characterization of the constructive forms and methods, the marks of use and occupation, dated over time, and the analysis of their integration with the surrounding space.

This study was motivated by the accelerated urban transformations taking place in Covilhã, which has implied the destruction or transformation of the industrial heritage of the region. Given the fundamental importance of this industry, pioneer in the industrial revolution of the 18th century, and the importance of this place in Portuguese industrialisation, it is urgent to know what survives and in what conditions. This study allows us to update the state of the question, to look at the evidence from

an archaeological perspective, and to better understand the strategies and characteristics of the wool industry occupation, in this industrial landscape that is the Carpinteira watercourse.

**Key-words:** Wool production; Industrial Archaeology; Covilhã; Inventory; Industrial Landscape

## Índice

<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1. Objetivos .....	4
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>5</b>
<b>3. Enquadramento Teórico .....</b>	<b>12</b>
<b>4. Arqueologia e Património na Covilhã: estudos realizados.....</b>	<b>17</b>
<b>5. O território: a Covilhã e a ribeira da Carpinteira .....</b>	<b>24</b>
5.1. Contexto geográfico - Covilhã .....	24
5.2. Contexto geográfico - Ribeira da Carpinteira.....	26
5.3. Clima.....	27
5.4. Solos e geologia.....	29
5.5. Fauna e flora.....	30
<b>6. A Covilhã e a ribeira da Carpinteira – enquadramento histórico .....</b>	<b>33</b>
6.1. A formação da cidade.....	34
6.2. Idade Média (Séc. X-XV) .....	35
6.3. A importância da transumância .....	38
6.4. Fase de Proto Industrialização (Séc. XVI-XVIII).....	40
6.5. A industrialização da cidade da Covilhã (Séc. XVIII-XX) .....	42
6.6. O fim das grandes fábricas de lanifícios na cidade da Covilhã (final do Séc. XX). 49	
6.7. A ribeira da Carpinteira no Séc. XXI .....	51
<b>7. A distribuição dos processos industriais na paisagem da Carpinteira .....</b>	<b>52</b>
7.1. Lã .....	53
7.1.1. Preparação da lã.....	54
7.1.2. Cardação.....	61
7.1.3. Penteação.....	65
7.1.4. Fiação .....	67

7.1.5. Tecelagem .....	69
7.1.6. Tinturaria .....	73
7.1.7. Ultimação .....	75
7.2. Algodão.....	82
7.2.1. Fiar, cardar e pentear algodão .....	83
7.2.2. Ultimação .....	85
<b>8. Análise dos recursos energéticos da ribeira da Carpinteira .....</b>	<b>86</b>
8.1. Energia hidráulica .....	87
8.2. A diversificação energética da Carpinteira: Energia a Vapor .....	89
8.3. A diversificação energética da Carpinteira: Eletricidade de Rede Pública.....	90
<b>9. As vias da ribeira da Carpinteira.....</b>	<b>91</b>
9.1. Vias de trânsito.....	92
9.2. Vias-férreas .....	99
<b>10. Análise arquitetónica e uso dos recursos na construção .....</b>	<b>101</b>
10.1. Dados arquitetónicos .....	101
10.1.1. Arquitetura dos edifícios fabris.....	101
10.1.2. Sistemas de saneamento .....	102
10.1.3. Chaminés Industriais .....	103
10.2. Materiais de construção.....	106
10.2.1. Alvenaria: Granito e tijolo .....	106
10.2.2. Telhado: telha e fibrocimento.....	107
10.2.3. Outras estruturas: Madeira e metal .....	108
<b>11. Conclusão.....</b>	<b>111</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>116</b>
Arquivo APAI .....	116
Arquivo Municipal da Covilhã .....	116
Arquivo do Forte de Sacavém .....	117

Centro de Documentação/ Arquivo-Histórico do Museu dos Lanifícios da UBI .....	121
Biblioteca e Arquivo Histórico e da Economia .....	126
Bibliografia .....	126
<b>Fichas de sítio.....</b>	<b>136</b>
Cartografia dos sítios.....	136
Fichas.....	139
SIN (1) - Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco .....	139
SIN (2) - Alberto Mendes Vaz .....	147
SIN (3) - Fiações Roseta .....	155
SIN (4) - Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar .....	163
SIN (5) - Ignacio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro.....	172
SIN (6) - Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato.....	181
SIN (7) - Valério Gomes Correia & Irmão .....	190
SIN (8) - Ernesto Cruz & C <sup>a</sup> . .....	198
MED (9) - Fábrica do Dr. António Alçada .....	208
MED (10) - António Baptista Alves Leitão .....	218
MED (11) - Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário .....	232
MED (12) - António Baptista Leitão.....	239
MED (13) – Engenho do Sineirinho .....	249
MED (14) - Barata, FILHOS/ Pimentéis, L. <sup>da</sup> .....	255
MED (15) - Manuel Lopes Bola.....	263
MED (16) - João Roque Cabral.....	270
MED (17) - Augusto D´Almeida Fortuna & FILHOS.....	279
MED (18) - José Henriques da Fonseca Júnior .....	286
MED (19) - João Mosa .....	293
MED (20) - João Mendes Alçada .....	301
MED (21) - Fábrica Alçada .....	308
MED (22) - Armando António Martins .....	319
MED (23) - Arnaldo Teixeira & C. <sup>a</sup> .....	326
MED (24) - Alberto Miguel .....	334

MED (25) - Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L. <sup>da</sup> .....	340
MED (26) - Fábrica Velha/ Campos Melo .....	349
MED (27) - Jerónimo Dias Freire .....	361
MED (28) - Alexandrino Fernandes Nogueira .....	366
MED (29) - Sociedade Fiandeira Mirense/ Borges Terenas & Irmão .....	375
MED (30) - Clemente Petrucci & Irmão.....	381
MED (31) - José Dias D'Assumpção .....	390
MED (32) - Victor Sasseti & C. <sup>a</sup> & António Maria das Neves & Irmãos .....	399
MED (33) - Arnaldo da Silva Carreira.....	407
MED (34) - António Estrela & C. <sup>a</sup> .....	413
MED (35) - Ranito Mesquita & C. <sup>a</sup> .....	423
MED (36) - José Camolino e Sousa .....	432
MED (37) - Amândio de Moraes.....	438
MED (38) - Barata, Filhos.....	445
MED (39) - Bairro Operário dos Penedos Altos.....	452
MED (40) - Fábrica dos Cruzes .....	458
MED (41) - Sutre, Antunes & Oliveira, L. <sup>da</sup> .....	470
MED (42) - Álvaro de Moura .....	477
MED (43) - Manuel Abílio .....	483
MED (44) - José Maria da Silva Campos Mello e irmão .....	489
MED (45) - João da Silva Fiadeiro .....	495
POL (46) - Fábrica do Padre João .....	502
POL (47) - João Nave Catalão .....	510
POL (48) - Alexandre António Pereira Espiga .....	520
POL (49) - Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão .....	528
POL (50) - José da Cruz Fael .....	538

## **Lista de Siglas**

**APAI** - Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.

**CD/ AH** - Centro de Documentação/ Arquivo-Histórico do Museu dos Lanifícios da UBI.

**MUSLAN** - Museu de Lanifícios.

**UBI** - Universidade da Beira Interior.

## 1. Introdução

A cidade da Covilhã ainda hoje é marcada pelos seus antigos edifícios ligados à indústria dos lanifícios, tendo sido, nos séculos passados, um grande centro laneiro de Portugal, vital para a economia portuguesa. Deste modo, é essencial proceder ao estudo e registo desta importante paisagem industrial que se encontra em perigo devido ao crescimento urbano. A transformação deste lugar nas últimas décadas causou a destruição não só das fábricas, núcleos centrais da produção de lanifícios, mas também de outros elementos ligados à indústria, como bairros operários, râmolas de sol e estendedouros, antigas vias ou mesmo saberes tradicionais. Devido à grande concentração de fábricas por toda a cidade, desde a ribeira da Goldra ao centro histórico da cidade e arredores, optei por apenas estudar o património industrial da ribeira da Carpinteira, menos conhecido, por este ser um importantíssimo espaço industrial para a cidade, com edifícios mais antigos, como a Fábrica Velha, a remontar a 1677, e esta ainda preservada.

Com isto em mente desenvolvi esta dissertação, tendo numa primeira parte descrito as metodologias da pesquisa bibliográfica, o trabalho de campo e os tópicos presentes nas fichas de inventário utilizadas **(2. Metodologias)**, para contextualizar como a pesquisa deste projeto foi realizado. De seguida elaborei um capítulo introdutório, **3. Enquadramento Teórico**, onde procurei apontar a importância da Arqueologia Industrial e da Arqueologia da Paisagem para a interpretação da ocupação humana numa paisagem cultural industrial, e como apliquei este enquadramento teórico na área em estudo, no tópico. No capítulo **4. Arqueologia e Património na Covilhã: estudos realizados**, apontei os principais acontecimentos que marcaram o estudo da Arqueologia e do Património Industrial na Covilhã, com especial atenção aos acontecimentos na ribeira da Carpinteira. Isto permite criar um ponto de situação de tudo o que foi realizado em termos de trabalhos arqueológicos e proteção patrimonial, e assim ter uma primeira visão dos sítios e dos projetos chave, sendo de extrema importância o Projeto Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009) e o levantamento de Património Industrial da Covilhã em 1999/2000 realizado pela UBI e outros parceiros.

Após estes capítulos introdutórios, apresento as condicionantes geográficas e históricas que permitiram o desenvolvimento industrial desta região. No tópico **5. O território: a Covilhã e a Ribeira da Carpinteira**, explico como os fatores geográficos, geológicos e ambientais foram importantes para o desenvolvimento da indústria dos lanifícios nesta região. Porém não foram apenas os fatores naturais que permitiram o desenvolvimento da indústria dos lanifícios na Covilhã, foram também as tradições, o espírito empresarial e inovador das populações da Covilhã e os condicionalismos históricos. Estes encontram-se desenvolvidos no capítulo **6. A Covilhã e a Ribeira da Carpinteira – enquadramento histórico**.

Após estes dois capítulos, em que abordei questões históricas e ambientais, procedi a uma exposição da análise dos dados resultantes do levantamento arqueológico realizado na ribeira da Carpinteira, tendo sempre em mente os fatores apontados nos capítulos anteriores e as linhas de pensamento do enquadramento teórico. No tópico **7. A distribuição dos processos industriais na paisagem da Carpinteira**, abordei processos técnicos de produção, com exemplos concretos das máquinas e estruturas usadas na Covilhã e identificadas no levantamento, unindo dados bibliográficos e de prospeção de campo. Esta análise permitiu compreender a distribuição de atividades como a tecelagem, fiação, tinturaria, entre outras, ao longo da ribeira, o período de funcionamento destas, as relações com a ocupação do espaço e, por fim, o estado de conservação dos locais onde se desenvolveram essas diferentes atividades industriais. No capítulo seguinte, **8. Análise dos recursos energéticos da Ribeira da Carpinteira**, apresentei a forma como os recursos energéticos foram usados no sítio em análise. Apesar de neste tópico usar como base os dados históricos e de levantamentos anteriores, abarqueei exemplos de estruturas e equipamentos que encontrei durante o levantamento de campo. Esta análise permitiu entender o consumo de energia na ribeira da Carpinteira ao longo dos diferentes períodos cronológicos, com o uso inicial da energia hidráulica, tendo-se mais tarde diversificado, devido ao aumento do consumo energético das diferentes unidades. Após a análise dos tipos de recursos energéticos, abordei as vias de comunicação, em especial as viárias e férreas, estruturas essenciais na integração dos elementos de uma paisagem industrial, no capítulo **9. As vias da ribeira da Carpinteira**. Neste tópico usei dados

cartográficos antigos das vias da Covilhã, e exemplos de estruturas viárias deste período que ainda se encontram conservadas. A elaboração deste capítulo deve-se à necessidade de, como é indicado pelos autores de referência neste campo, Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1994), analisar o património industrial na sua totalidade e na sua relação, para assim se obter uma visão integrada de toda a paisagem industrial. Por fim, dediquei o tópico **10. Análise arquitetónica e uso dos recursos na construção**, ao estudo da arquitetura e dos materiais de construção usados nas unidades fabris da ribeira da Carpinteira, onde usei a documentação dos registos de obras presentes no Arquivo Municipal da Covilhã e os dados do levantamento de campo realizado. A realização deste capítulo deveu-se à necessidade de indicar como os industriais se adaptaram à morfologia íngreme do terreno no vale formado pela ribeira, mas também mostrar como o tipo de recursos da região condicionou a construção destas estruturas. Por outro lado, aproveitei este tópico para enquadrar as chaminés industriais em tijolo, que existente em grande número na ribeira da Carpinteira, e que, devido à sua grande dimensão, marcam hoje a paisagem desta área da Covilhã.

Nos anexos (**Fichas de sítio**), apresentei em formato de ficha os resultados do levantamento de campo realizado e da pesquisa documental sobre os sítios, para a apresentação dos dados da forma mais sistematizada possível e permitir uma leitura mais fácil dos abundantes dados recolhidos. Para distinguir as fichas, usei o nome comum do sítio, a área em que se encontra (SIN, MED e POL)<sup>1</sup>, e um número de referência, por exemplo: Fábrica do Padre João (POL (46)), para as identificar. É importante também indicar que também usei esta identificação ao longo da dissertação para referir os sítios.

---

<sup>1</sup> Siglas que usei para distinguir as diferentes zonas de interesse na ribeira da Carpinteira, abordei este tópico de forma mais aprofundada no tópico **2. Metodologias**.

## **1.1. Objetivos**

O objetivo central desta tese é a realização de um estudo e levantamento dos arqueossítios ligados à produção de lanifícios num dos grandes polos industriais da Covilhã, a ribeira da Carpinteira, numa área pouco intervencionada pela arqueologia.

Pretende-se perceber como a ribeira da Carpinteira foi ocupada e desenvolveu as suas atividades industriais ligadas aos lanifícios, através de dados históricos e da prospeção realizada ao longo da ribeira. Numa perspetiva de análise e interpretação da paisagem histórica, o estudo dos arqueossítios individuais será enquadrado pelas dinâmicas do mundo natural (morfologia do terreno, vias de acesso e acessos a recursos naturais) para entender as estratégias de ocupação e exploração dos recursos naturais, não só da ribeira, mas também da paisagem envolvente.

No âmbito deste objetivo, procurei completar e atualizar os dados do inventário do património industrial aqui realizado há mais de dez anos, obtidos durante o projeto da Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009). Registei neste novo levantamento as alterações nos arqueossítios e adicionei novos dados históricos e arqueológicos resultantes da investigação.

Este estudo de caso contribuiu assim com conhecimento original para o entendimento de como as unidades fabris e os seus habitantes se instalaram ao longo do curso desta ribeira, a partir dos contributos da teoria e da metodologia arqueológica.

## **2. Metodologia**

Em termos metodológicos a investigação para esta dissertação começou com uma pesquisa de dados documentais, em bibliotecas e arquivos, sob o tema da ocupação industrial da ribeira da Carpinteira, incluindo pesquisa no CD/ AH, na Biblioteca da UBI, no arquivo da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI) - onde também realizei a pesquisa de fotografias antigas da ribeira da Carpinteira e seus arqueossítios, na Biblioteca e Arquivo Histórico e da Economia (BAHE), Biblioteca Nacional, na Biblioteca de Arqueologia da DGPC (Direção-Geral do Património Cultural), no Arquivo Municipal da Covilhã e no Arquivo do Forte de Sacavém. Também foram usadas plataformas online como a RUN (Repositório da Universidade Nova), Hemeroteca Digital, e RCCAP (Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal), bem como outras bases de dados. E por fim realizei uma pesquisa de documentos audiovisuais da Covilhã onde destaco o filme realizado por Artur Macedo em 1921, que registou o quotidiano dos operários e industriais da Covilhã e filmou algumas fábricas da ribeira da Carpinteira. Nesta fase do levantamento documental também procurei documentos cartográficos da cidade da Covilhã, de que destaco a planta realizada pelos Serviços Municipalizados da Covilhã do ano de 1929, que possui as principais vias e edifícios da ribeira da Carpinteira.

Numa segunda fase, realizei o trabalho de campo, tendo primeiro feito um estudo preliminar do território da ribeira da Carpinteira, com o auxílio de um antigo operário da área do Sineiro (Aníbal Dias) e com auxílio do MUSLAN, através da arquiteta Luísa Guerra, para detetar sítios de interesse arqueológico, mas que não haviam sido abordados até ao momento por, erradamente, não serem considerados tão importantes como as unidades fabris (estradas, pontes, casas operárias e zonas de convívio dos operários). Este estudo inicial permitiu-me identificar possíveis problemas antes de realizar o levantamento principal, desde o reconhecimento de áreas privadas e de zonas de difícil acesso devido à vegetação ou terreno, bem como as necessidades de material de campo. Na prospeção optei por levar uma escala de 1 metro, câmara fotográfica, seta de Norte, fita métrica de 5m, ardósia para indicar o sítio fotografado e caderno de campo para anotações sobre os vários arqueossítios.

Também com este levantamento inicial do território confirmei que, devido aos fatores climáticos, não seria correto realizar este trabalho de campo durante o verão e primavera, pois a vegetação cobria a maioria das estruturas, especialmente as que se encontravam em pior estado de conservação. Assim, optei por um levantamento no outono e inverno. Também o registo fotográfico não poderia ser feito durante as manhãs de inverno, devido ao nevoeiro que é comum nesta região da Serra da Estrela. Por isso, optei por realizar o registo fotográfico entre as 10:00 e 12:00 horas e depois entre as 15:00 e 17:30 horas, quando o sol não provoca tantas sombras no vale formado pela ribeira da Carpinteira.

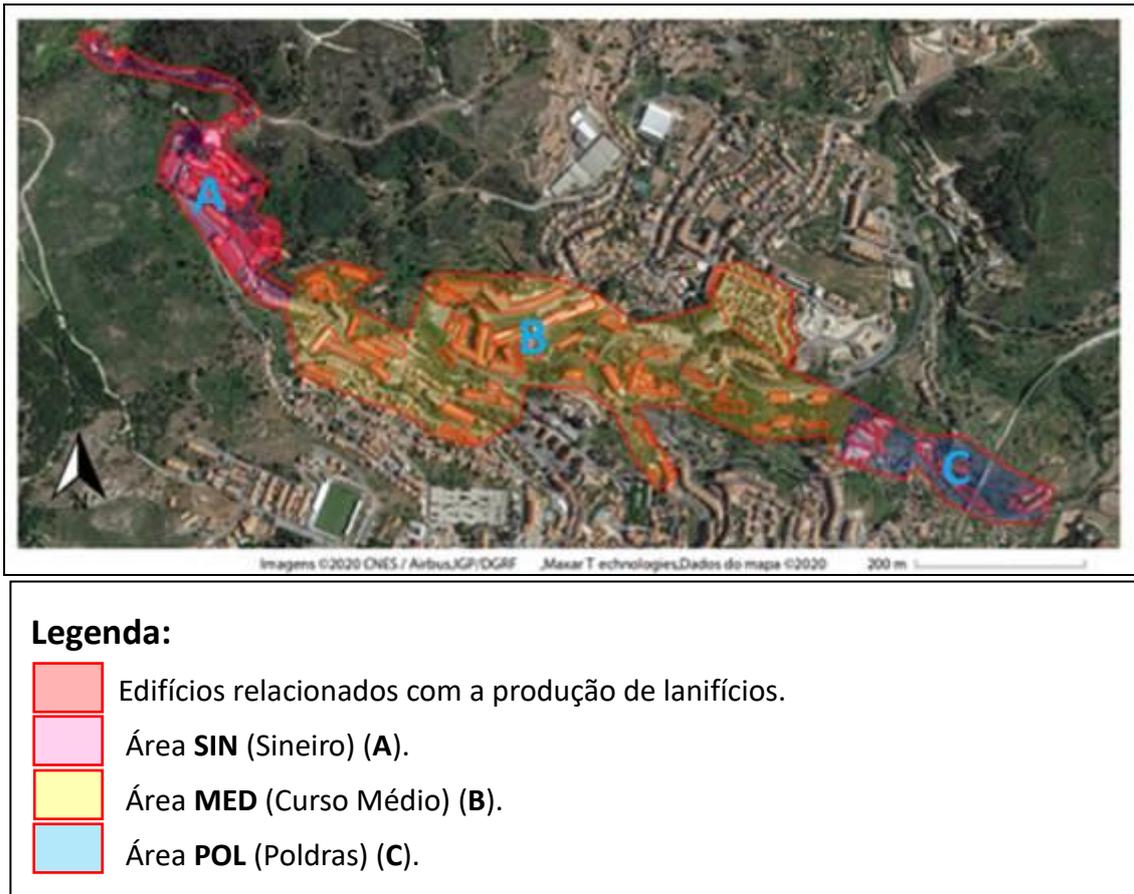
Após este estudo preliminar do território realizei o levantamento sistemático de toda a ribeira da Carpinteira, para poder examinar todos os componentes individuais dentro do território que denominei como “zona de interesse” (JAMIESON, 2007: 7). É importante indicar que, do ponto de vista científico, o objetivo principal da prospeção não é encontrar sítios arqueológicos, mas sim compreender como é que o espaço e a paisagem foram utilizados e explorados no passado (BICHO, 2012:91). Este acompanhamento foi sempre realizado com o auxílio de uma segunda pessoa, por razões de transporte do equipamento campo e por razões de segurança, pois muitas estruturas de interesse localizam-se junto a cursos de água e ravinas de grande altitude. Para o registo em si recorri apenas ao levantamento fotográfico, com uma foto inicial de contexto, sem escala, onde tento captar o máximo de ângulos da estrutura, e depois realizar várias fotografias de pormenor. Estas fotos possuem, quando possível, uma escala de 1m e, se necessário, uma seta de orientação a Norte.

Esta prospeção sistemática, alargada e exaustiva, do território e edificado na área da ribeira da Carpinteira, permitiu entender os padrões de ocupação destas unidades fabris, bem como a sua relação com os recursos naturais e a morfologia do terreno. Também distingo alguns autores e obras que usei para realizar esta prospeção e interpretação da paisagem como: Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1994 e 1998); Darvill Timothy (1999); Robert Layton e Peter Ucko (1999); Nuno Bicho (2012), e Bruno David e Julian Thomas (2008).

Com a finalização do trabalho de campo, que decorreu entre os meses de dezembro de 2020 e março de 2021, realizei o tratamento dos dados obtidos, que foram organizados numa base de dados, para facilitar a sua análise e interpretação. Estas fichas foram baseadas no Inventário de Património Industrial da APAI, o projeto da Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009) e o KIT 03 Património Industrial (DGPC, 2010).

Para identificação das fichas usei um código composto pelo nome mais comum do sítio, a área em que se encontra (SIN, MED e POL), e um número de referência: por exemplo - Fábrica do Padre João (POL (46)). É esta a identificação utilizada ao longo da dissertação para referir os sítios.

Como já referido anteriormente, dividi a ribeira da Carpinteira em áreas (SIN, MED e POL) devido as suas características próprias e diferentes paisagens (Figura 1). Nos sítios identificados como **SIN** (Sineiro), esta constitui a área mais a Norte dos sítios levantados na ribeira da Carpinteira, e é caracterizado por ser bastante florestada, devido à proximidade ao Parque Natural da Serra da Estrela. Em termos geográficos esta área possui um declive bastante acentuado, ideal para a produção de energia hidráulica. Estes sítios encontram-se algo ameaçados, com o aumento da construção de alojamentos universitários nesta área. A segunda zona delimitada é o **MED** (Curso Médio) onde se encontra a maioria dos sítios inventariados. Esta área é caracterizada por ser muito urbanizada e onde muitos dos arqueossítios se encontram em risco de destruição, devido à expansão da cidade. A última área, designei-a por Poldras (**POL**), caracterizada por ser a zona de menor altitude da ribeira da Carpinteira. Este setor distingue-se dos restantes por ser uma paisagem mais agrícola, devido à grande abundância de água, e é caracterizada por um forte abandono de população.



**Figura 1:** Ribeira da Carpinteira dividida em áreas de análise (Rodrigo Dias).

Os primeiros tópicos destas fichas de sítio referem-se às categorias dos vários edificados levantados durante a prospeção da ribeira da Carpinteira. O primeiro é o **Património Imóvel (1)**, que é o tipo de património construído ou transformado pelo Homem, que pode ser: **Património Arqueológico**, que envolve depósitos estratificados, estruturas, construções, agrupamentos arquitetónicos, sítios valorizados, bens móveis e monumentos de valor arqueológico, tal como o respetivo contexto; **Património Arquitetónico**, inclui construções resultantes da interação entre as pessoas e estes sítios. Estas são representativas devido ao estilo, época de construção, método de construção utilizados, entre outros; **Obras Públicas**, projetos de infraestruturas financiados pelo Estado, estes edifícios serviam para fins recreativos, de emprego, saúde e segurança. Ou ainda infraestruturas para servir a sociedade, que incluem infraestruturas de transporte, espaços públicos, serviços públicos, entre outros e, por fim, **Património Paisagístico / Paisagem**, constituídas por áreas criadas intencionalmente pelo homem, que evoluíram de forma orgânica,

resultantes de fatores sociais, económicos, administrativas ou religiosos. Numa segunda categoria, **Sub-Categoria (2)**, indiquei os elementos identificados, que podem ser apenas um **sítio**, local onde ficaram preservados testemunhos e evidências de atividades do passado humano (sejam artefactos, estruturas ou outras marcas de atividade humana, como por exemplo: râmolas de sol ou estendedouros); **complexo**, edifícios e/ou elementos usados para o mesmo fim; **conjunto**, grupo de edifícios e/ou elementos que em virtude da sua arquitetura ou integração na paisagem tem um valor excecional, do ponto de vista da história da zona onde foram construídos (UNESCO, 1973 :147) e **edifício/elemento**, isto é, edificadas que apenas possuíam um elemento/edifício.

Numa segunda parte, referi a nomenclatura popular por que os arqueossítios são conhecidos pela população local, e os seus proprietários, históricos e atuais, nos campos de **nome/designação/identificação (3)**, **outros nomes (4)**, **nome da entidade fundadora (5)** e **entidade proprietária atual (6)**. Este tópico permitiu-me realizar uma melhor pesquisa bibliográfica pois o nome da fábrica pode mudar, dependendo do período cronológico em que os documentos foram escritos, e assim facilita ao leitor a pesquisa por um sítio em específico. Nos tópicos seguintes, **(descrição (7) e resumo histórico (8))**, realizei, inicialmente, uma descrição das principais características do edificado e dos equipamentos fabris imoveis, como estendedouros, chaminés, râmolas de sol, levadas de água, entre outros. Os dados das ampliações mais importantes encontram-se num tópico à parte **(ampliações (34))**. Nestes dois últimos tópicos também se encontram-se as referências de Aníbal Dias, antigo operário das fábricas “Roque Cabral & Filhos L.<sup>da</sup>”, “Ernesto Cruz” e “Nova Penteação”, que viveu na Estrada do Sineiro; e de Maria João Dias, filha e neta de operários da zona das Poldras; bem como de Luísa Guerra, funcionária do MUSLAN com mestrado em arquitetura, para obter mais informações de como eram os sítios quando ainda se entravam em funcionamento.

A localização atual do sítio, nomes populares e aspeto da paisagem envolvente, encontram-se designadas nos seguintes pontos: **morada (9)**, **local (10)**, **freguesia (11)**, **concelho (12)**, **distrito (13)**, **coordenadas GPS (14)**, **acesso (15)** e **contexto geográfico (16)**. Estes dados têm como objetivo facilitar a pesquisa dos sítios no campo.

A secção seguinte indica a cronologia do sítio, desde a sua data de construção até ao período final da ocupação, tal com as firmas que laboraram nestes sítios ou complexos (**cronologia (17)**, **data de construção (18)**, **data de encerramento (19)** e **períodos de laboração (20)**). Esta informação facilitou-me não só a pesquisa no CD/AH, mas também as análises cronológicas realizadas ao longo desta dissertação.

Os tópicos foram os mais importantes, em termos de dados para o desenvolvimento desta dissertação. Estas categorias são: **fonte de energia /motor (21)**, **atividades desenvolvidas (22)** e **matérias-primas (26)**. Estes tópicos permitiram-me averiguar os tipos de energia usada (hidráulica, vapor, eletricidade, etc.), a matéria-prima (lã ou algodão) e as atividades desenvolvidas (tecelagem, fiação, ultimação, etc.), na ribeira da Carpinteira. Também indiquei informações extras sobre o tipo de unidade em análise (**organização Industrial (23)**, **tipologia (24)** e **subtipo (25)**) que vai desde o tipo de espaço: aberto, manufatura, maquinofaturas, mecanização e automatização. E designar o subtipo (têxteis e tinturaria), usando como referência o KIT 03 PATRIMÓNIO, secção Tipo 02 (DGPC, 2010 ;18).

Outros tópicos de interesse para esta dissertação foram os **materiais de construção (30)** e **sistemas de construção (31)**. Estes permitiram analisar o tipo de arquitetura (tradicional, mista ou moderna) e o tipo de material usado pelas firmas para construir os seus centros produtores de lanifícios. Também para memória histórica coloquei informações sobre a evolução da estrutura do edifício ou complexo em estudo, que vai desde o número de edificadros, área da estrutura durante o seu período de funcionamento e o/os responsável/responsáveis pela obra (**número de edifícios/elementos (28)**, **área total histórica (29)** e **arquitecto/engenheiro/construtor (32)**). Os tópicos designados como: **uso atual (33)**, **estado de conservação (35)** e **sistema de proteção patrimonial (36)** foram fulcrais para perceber o estado de conservação dos sítios na Carpinteira e quais os de maior interesse para conservação e estudo. Para complementar estes dados aponte o estado do edificado com possíveis destruições causadas por vandalismo e possíveis danos ambientais causados pelas unidades fabris, como amianto, usado por vezes na cobertura das unidades ou causados pelas atividades das fábricas na ribeira, como o tingir dos panos (**ameaças (37)** e **danos ambientais (38)**).

Para lá de indicar as atividades desenvolvidas pelas unidades (**atividades desenvolvidas (22)**) indiquei também os engenhos que cada unidade possuía, tanto nos registos históricos e cartas de fábricas (**outro património móvel (43)**), como o que foi conservado e se encontra preservado em arquivos (**património móvel integrado (42)**). Isto permite uma melhor perceção da panóplia de equipamentos que cada unidade possui.

Também registei outro património associado ou próximo, onde procedi ao seu registo fotográfico, e inscrições, como por exemplo o portão da Fábrica do Padre João (POL (46)), datado de 1895, que dá acesso à fachada Sul edifício, encontrando-se em perigo de desaparecer. Registei também outros elementos próximos das fábricas que tenham existido, durante o período de funcionamento das unidades como bairros operários e pontes férreas (**inscrições (39)** e **sítios/elementos relacionados ou associados (41)**).

A nível da informação das fichas, realizei um tópico específico para o registo fotográfico, com as fotos atuais e antigas e alçados antigos do centro de documentação da Arquivo Municipal da Covilhã (**levantamento fotográfico (44)** e **desenhos e alçados (45)**). Coloquei informação usada durante a elaboração da ficha de sítio, para o leitor que consulte a ficha tenha sempre disponível a informação base (**fontes documentais / bibliografia (40)**). Por fim, coloquei as minhas observações sobre possíveis estudos em edifícios em que, devido ao seu estado de conservação ou características específicas, tenha interesse um estudo mais aprofundado (**Observações (46)**), e coloquei a data em que finalizei as fichas para assim ficar registado como é que estavam estas estruturas à data indicada (**Responsável e Data (47)**).

Em suma, este tipo de levantamento foi essencial para fornecer informações úteis sobre não só as condições em que o edificado se encontrava, mas também o tipo de terreno em que estes estão inseridos e as relações que estes possuem entre si (JAMIESON, 2007 :3). Este inventário procurou definir os sítios com maior valor histórico, arquitetónico, patrimonial e arqueológico, e ser o mais completo possível com todas características físicas da estrutura ou complexo do arqueossítio, bem como incluir diretivas para futuras intervenções arqueológicas (TICCIH, 2003).

### 3. Enquadramento Teórico

Para a interpretação dos dados recolhidos no levantamento de campo e documental optei por utilizar abordagens metodológicas da Arqueologia Industrial, por se inserir na minha cronologia de estudo, e da Arqueologia da Paisagem, pelas características do território em análise. Embora a Arqueologia Industrial tenha acompanhado o processo de desenvolvimento da arqueologia da paisagem com grande interesse (especialmente para aplicação no campo da indústria mineira), as últimas décadas não têm visto grande desenvolvimento na sua aplicação em estudos práticos, enquanto a Arqueologia da Paisagem tem continuado a explorar novas abordagens, especialmente para a gestão das paisagens culturais.

Decidi então incorporar estas duas áreas da Arqueologia de forma a poder analisar toda esta extensão do Património Industrial da ribeira da Carpinteira (cerca de 2,5 km), pois, como irei apontar neste capítulo, são as duas melhores disciplinas para fazer este tipo de estudo sobre este território.

No caso da Arqueologia da Paisagem, esta disciplina procura conhecer as complexas relações entre as pessoas e o espaço onde habitavam (ANSCHUETZ, WILSHUSEN e SCHEICK, 2001 :163), desde o modo como estas optavam por manipular os recursos naturais da paisagem, à forma de como esta influenciava as decisões das populações que a ocupavam (FAIRCLOUGH; 1999 :123). E no caso da paisagem industrial da ribeira da Carpinteira existe uma forte relação entre a paisagem cultural e a paisagem natural da ribeira, especialmente a água, elemento essencial para a existência humana e para a realização das mais diversas atividades económicas (STRANG, 2008 :123).

Embora os especialistas iniciais em Arqueologia da Paisagem tenham as suas raízes na investigação histórica, aliaram-se a investigações multidisciplinares das ciências naturais (biologia, geologia, botânica, entre outras). A partir de 1970 houve uma explosão de ideias focadas no melhoramento da investigação e compreensão das relações humano-ambientais, tendo muitos desses desenvolvimentos estado intimamente associados a uma sofisticação crescente dos procedimentos estatísticos e de métodos mais complexos de recolher dados no campo (DAVID e THOMAS, 2008

:33). Atualmente, o interesse no estudo da paisagem transcende diversas divisões acadêmicas, com este tipo de análise a se tornar-se numa importante fonte de dados para o estudo arqueológico que tem cada vez mais em mente como o sítio integrava no território. Esta forma de análise é um meio para um arqueólogo conseguir conceptualizar as entidades que ocupavam o espaço em análise (LAYTON e UCKO, 1999: 1).

Segundo Robert Layton e Peter Ucko (1999), ler a paisagem, como forma de obter conhecimento de culturas do passado, apresenta as suas vantagens num estudo arqueológico deste tipo, porém também possui as suas lacunas, que devem ser tidas em atenção quando usadas na interpretação paisagística. O primeiro ponto fraco que se pode encontrar durante a realização de uma análise da paisagem, é que por vezes dependendo de quem os tiver a analisar uma paisagem, podem surgir várias teorias ou hipóteses de como era utilizada a paisagem (QUINE, 1960 :64). E mesmo para um arqueólogo experiente neste tipo de estudo é difícil perceber qual das várias teorias de interpretação é a mais correta dentro do sistema cultural em análise. A segunda dificuldade apontada pelos autores para a interpretação de uma paisagem cultural como forma de obter conhecimento arqueológico, é que o modo como os habitantes utilizavam uma paisagem não deixa por vezes marcas materiais no campo. Daí a necessidade de comunicação com a comunidade local para identificar estas marcas na paisagem que podem passar despercebidas quando um arqueólogo tenta interpretar uma paisagem (LAYTON e UCKO; Peter 1999 :12). Como aponta Timothy Darvill (1999), a ação social influencia bastante a paisagem, pois afeta a forma como a paisagem evolui no tempo e espaço, sendo um fator que afeta de forma intencional a evolução do espaço em análise (DARVILL, 1999 :111), nomeadamente porque ao determinados sítios terem um elevado valor simbólico para a população local, aumenta a sua probabilidade preservação em relação a outros sítios. Em suma, uma interpretação de paisagem não pode ter apenas em mente os fatores naturais ou patrimoniais de um sítio, mas também os valores antropológicos que estes espaços representam.

Após esta breve introdução a disciplina de Arqueologia de Paisagem, irei abordar como esta se articula com a Arqueologia Industrial. De forma resumida, esta disciplina promove o estudo dos vestígios materiais e imateriais, documentais, estratigráficos,

paisagens urbanas ou naturais criadas para ou por processos industriais, para assim compreender as sociedades resultantes do processo da Revolução Industrial (TICCIH 2003). No caso dos vestígios físicos de edificados, estes podem ser edifícios ou fábricas completas, engenhos, oficinas, minas, locais de processamento ou refinarias, armazéns, locais de transmissão de energia, edificados associados a meios de transporte e todas as outras estruturas e infraestruturas associadas a habitações, locais de culto e educação (TICCIH, 2003), pois esta disciplina não só aborda o estudo das unidades fabris, mas todos os vestígios da sociedade que surgiu como resultado da industrialização dos diversos espaços rurais e urbanos.

Para realizar uma interpretação da paisagem industrial usei como base os autores Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1994 e 1998). Segundo estes autores, este é um exercício bastante complexo, devido ao facto de grande parte dos vestígios do período industrial terem sofrido grandes modificações ou destruições. Porém, a mesma pode apoiar-se nos dados cartográficos, plantas de edificados, pinturas, gravuras, fotografias, registos documentais e até registos cinematográficos e audiovisuais da época (PALMER e NEAVERSON, 1998 :15), que permitem não só realizar um levantamento mais preciso, mas também uma interpretação mais correta dos costumes dos habitantes da paisagem em estudo (PALMER e NEAVERSON, 1994 :14).

Com isto em mente, os autores Palmer e Neaverson (1994) apontam-nos seis pontos vitais, a analisar de forma interligada, para realizar uma boa interpretação da paisagem arqueológica industrial, pois processos industriais geram a sua própria paisagem com a construção de infraestruturas produtivas, mercados, indústrias secundárias, instalações associadas a transporte (pessoas e mercadorias) e habitações operárias, entre outros elementos, e articulam-se com a paisagem existente e envolvente. O primeiro ponto a ter em conta é a proximidade à matéria-prima, isto é, se existe alguma relação entre a paisagem industrial e a matéria-prima utilizada nesse tipo de indústria (lã, algodão, carvão, ferro, cobre, entre outros). Neste caso do estudo que é a indústria de lanifícios não se pode tratar a indústria e agricultura ou pecuária como duas entidades separadas na paisagem, pois estas duas esferas são necessárias à existência desta atividade industrial (lã, algodão, linho e seda), principalmente no

período proto-industrial onde os meios de transportes não se encontram muito desenvolvidos e é dispendioso o transporte destes materiais.

O segundo ponto indica a necessidade de procurar as estruturas que processavam as matérias-primas em bruto para serem processadas, sendo estas os primeiros sítios a serem estudados. Por isso é vital entender como estas se dispersam pela paisagem e porque ocupam estes determinados locais. O terceiro ponto é identificar e interpretar como outros indústrias distintas, secundárias, se interligavam com esta na paisagem. O quarto ponto é demonstrar a relação entre os centros produtivos e os recursos energéticos e se estes influenciam a dispersão no tipo de assentamento das fábricas, conforme o tipo de energia usada, seja vapor ou energia hidráulica. O quinto ponto apontado pelos autores para a interpretação de paisagens é a parte humana, de infraestrutura social e habitacional para acomodar as dinâmicas humanas em torno do centro produtivo. Por fim, o último ponto aponta para a necessidade de estudar e analisar as vias de transportes que são essenciais para a circulação de bens e pessoas, seja o transporte da matéria-prima ou fazer o produto final chegar aos seus consumidores. Daí a necessidade de perceber qual é a relação entre as redes viárias e as unidades fabris (PALMER e NEAVERSON, 1994 :2-15).

Por vezes é difícil saber qual a razão por que a paisagem foi ocupada de determinada maneira, como foi referido pelos autores Robert Layton e Peter Ucko (1999). Esta problemática foi sentida durante o estudo da ribeira da Carpinteira com a análise da dispersão de râmolas e estendedouros ao longo da margem Este, que poderá ter sido para aproveitar o máximo da exposição solar ou pela pressão urbanística na margem Oeste, que fez mover estes equipamentos para a outra margem. Também, como é apontado pelos autores, há tradições, experiências e formas de laborar que não deixam uma marca arqueológica na paisagem. Por isso, durante o levantamento realizado, procurei a ajuda de antigos habitantes para poder extrair o máximo de informação de como a ribeira da Carpinteira era explorada.

Por outro lado, também tentei aplicar os seis pontos de interpretação da paisagem industriais indicados por Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1994), uns com mais sucesso que outros. No caso da relação entre esta paisagem industrial da ribeira da

Carpinteira e a matéria-prima usada, não há dados da produção de ovinos em grandes quantidades nesta área de estudo. Contudo há uma forte relação das fábricas da Covilhã com os produtores de lanifícios da Serra da Estrela e dos pastores que realizavam a transumância. O segundo ponto que me foi apresentado pelos autores também foi algo conseguido, pois há uma correlação entre a paisagem e a dispersão das atividades industriais na ribeira da Carpinteira, em especial, as que desempenhavam as atividades de lavagem de lã e tinturaria que procuravam áreas junto a ribeira. No caso do terceiro ponto, a relação da indústria principal de lanifícios e outras atividades económicas associadas, não tive tanto sucesso. Porém, é importante indicar que muitas das unidades fabris da Carpinteira não eram “fábricas completas”, ou seja, eram centros produtores, que adquiriam a matéria-prima processada em fio e apenas realizavam as etapas finais de tecelagem, tinturaria ou ultimação, para demonstrar como estes centros produtores estavam interligados entre si e com outros centros industriais no concelho da Covilhã.

O quarto ponto, da relação entre energia e as fábricas neste espaço foi um dos pontos mais trabalhados nesta dissertação, devido à intersecta relação entre as unidades e o uso da ribeira como fonte de energia hidráulica. O quinto ponto, considero menos conseguido, devido à inexistência de intervenções arqueológicas que demonstrem as várias fases evolutivas da produção de lanifícios nesta área. Porém autores como Elisa Pinheiro (2009), no projeto da Rota da Lã Translana, notaram diferenças no tipo de arquitetura destes sítios, que identificou como construção tradicional, mista e moderna. Por fim os transportes foram sempre um tópico pouco abordado quando se estuda o património industrial, não só da ribeira da Carpinteira, mas da Covilhã em geral, daí sentir a necessidade de procurar uma relação entre este tipo de património e a produção de lanifícios.

#### **4. Arqueologia e Património na Covilhã: estudos realizados**

Os primeiros projetos de proteção do património industrial no concelho da Covilhã aconteceram na ribeira da Goldra, onde o primeiro espaço a ser intervencionado, numa perspetiva arqueológica, foi o Núcleo das Tinturarias da Real Fábrica de Panos da Covilhã.

Este projeto iniciou-se nos anos 70 do séc. XX, durante processo de criação do Instituto Politécnico da Covilhã (IPC), com a Câmara da Covilhã a ceder o espaço da Real Fábrica de Panos. A empresa responsável por este projeto a “GPA, Grupo de Planeamento e Arquitetura”, inicialmente tinha como objetivos adaptar o edifício para biblioteca, sala de exposição e refeitório, salas de aula, instalação dos serviços administrativos, um anfiteatro, um laboratório de línguas e instalações informáticas (PINHEIRO, 1998a :31).

Contudo, nas obras iniciadas no final de 1975, na ala Sul do pátio central deste edificado, foi identificado um conjunto de poços cilíndricos em pedra de granito, e ponderou-se se seria a antiga tinturaria da Real Fábrica. Foram aí recolhidos diversos objetos arqueológicos ligados à unidade fabril, como um relógio de sol, em xisto, aros, correntes de ferro e várias pedras de caldeira. Ligados aos poços cilíndricos encontraram-se as bocas de fornalha, chaminés, arcos de volta perfeita, os esgotos e depósito de água (PINHEIRO, 1998a :31-32).

Estes achados arqueológicos foram apresentados à Direção Geral do Património, e foi solicitado financiamento para a conservação do espaço da tinturaria, datada do Séc. XVIII. Como resultado, o “Conjunto de Fornalhas e Poços Cilíndricos da antiga Tinturaria da Real Fábrica de Panos da Covilhã” foi classificado como Imóvel de Interesse Público (Dec. nº 28/82 em fevereiro) (MATHIAS, 2013 :34). Em 1976, apesar de ter sido autorizada a instalação de um “Museu Têxtil”, o projeto só foi retomado em 1985. Com isto, através de um projeto com a colaboração da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa (AAIRL), atual APAI, foi realizado um levantamento arqueológico no espaço identificado (PINHEIRO, 1998a :34).

Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 1986 e 1992, ano em que foi inaugurado o Museu. Durante esse período foram realizados diversos seminários e

divulgações, como: o Seminário de Arqueologia Industrial e Tecnologia dos Lanifícios (8 a 10 de maio de 1987); as Exposições Introdução ao Museu dos Lanifícios da Região da Covilhã, (17 a 25 de maio, de 1986); a Fábrica no Postal Ilustrado, (1 a 20 de dezembro de 1986) e as Fábricas de José Mendes Veiga e Sucessores (30 de abril a 19 de julho de 1987) realizados com o patrocínio da UBI e da APAI (PINHEIRO, 1998a :34).

A nível das campanhas arqueológicas na área classificada da Tinturaria, a primeira decorreu entre julho e dezembro de 1986, no Corredor das Fornalhas e Salas das Tinturarias das Lãs em Meada e da Tinturaria das Dornas. A segunda entre outubro e novembro de 1989, na Tinturaria das Dornas, e a terceira decorreu em 1991 na Tinturaria dos Panos de Lã e no Tanque de água (PINHEIRO, 1998a :34).

Em 1992, a criação do MUSLAN foi marco monumental a nível da proteção do património industrial desta cidade (CUSTÓDIO; SANTOS; RIBEIRO e BARBLAN, 1991 :109). Este museu permitiu o desenvolvimento da Arqueologia Industrial com a publicação de obras, apresentação de peças arqueológicas e documentos das fábricas do concelho da Covilhã. Também no ano de 2002 foi realizada uma carta de recomendações do Património a Câmara da Covilhã com as unidades fabris de interesse patrimonial, arquitetónico e arqueológico.

Ainda no final do Séc. XX e inícios do Séc. XXI, dois levantamentos fundamentais ocorreram nesta cidade para o estudo e conservação do património industrial, sendo que os usei para o desenvolvimento desta tese, pois realizaram um levantamento inicial do Património Industrial da ribeira da Carpinteira.

O primeiro e mais antigo levantamento de Património Industrial da Covilhã foi realizado entre 1999 e 2000, por uma equipa da UBI e parceiros, que se encontra não publicado nos arquivos do Forte de Sacavém. Este levantamento do Património Industrial apenas se concentrou no centro histórico, ribeira da Carpinteira e da Goldra, com o objetivo de criar um registo arquitetónico, histórico e de equipamentos das fábricas e complexos. Contudo, este não possui dados sobre os bairros operários e estruturas de apoio aos centros industriais, como râmolas ou estendedouros. Porém este levantamento possui uma excelente descrição de diversas estruturas fabris e

registo de algumas estruturas que, atualmente, se encontram num elevado estado de degradação ou já destruídas.

Igualmente relevante, foi o levantamento apresentado pela “Rota da Lã Translana”, publicado em 2009, em que se identificaram e inventariaram vários edifícios ligados aos lanifícios nesta região e que serviu assim como base fundamental do trabalho seguidamente proposto. O projeto, coordenado pela professora Elisa Calado Pinheiro, em 2009, retrata de forma ampla o património ligado aos lanifícios na área entre a Beira Interior e Extremadura Espanhola. Porém, esta distingue-se pela importante informação que possui sobre as unidades fabris ligadas à ribeira da Carpinteira, onde refere informação ligada à cartografia, datação do imóvel, tipologia, atividade, o seu estado em 2009, alguma informação histórica e outras observações de estruturas que ainda são observadas, como pisos, estruturas anexas e cultura material (PINHEIRO, 2009a: 7). Porém este levantamento apenas possui pequenos textos sobre os edificadas, que podem ser desenvolvidos com mais informações presentes no Arquivo Municipal da Covilhã e no CD/ AH e com os dados de um novo estudo sobre as estruturas que ainda sobrevivem até aos dias de hoje.

Com isto é necessário conhecer as novas realidades de campo que ainda não foram abordadas no projeto da Rota da Lã Translana em 2009 e o levantamento de Património Industrial da Covilhã entre 1999 e 2000. Por isso é importante realizar-se um novo levantamento, tal como o que foi realizado nesta dissertação. Por outro lado, é necessário ligar esse levantamento ao estudo dos recursos naturais e as dinâmicas de ocupação do espaço. Em suma, este problema só poderá ser respondido com a aplicação das metodologias das disciplinas de Arqueologia Industrial e da Arqueologia da Paisagem.

Outros trabalhos de menor dimensão sobre o período industrial da Covilhã continuam muito assentes nas fábricas de lanifícios, e deixam de lado, por exemplo, o estudo de outras estruturas de apoio, como o caso das vias de transporte e património associado; as matérias-primas ou o estudo dos principais processos industriais das fábricas da ribeira da Carpinteira e património associado.

Os principais estudos arqueológicos deste período industrial encontram-se centrados no edificado, na ribeira da Goldra, a Oeste da ribeira da Carpinteira. Isto pode dever-se à presença na ribeira da Goldra da Real Fábrica dos Panos, local onde se realizaram a maioria das grandes escavações arqueológicas da Covilhã e o local onde se encontra o MUSLAN (ver por exemplo: CUSTÓDIO, SANTOS, RIBEIRO e BARBLAN, 1991; PINHEIRO, 1998a; PINHEIRO, 1998b; BERNARDO, 2013; OLIVEIRA, 2014; PINHEIRO, 2017 e PEREIRA, 2017a)

Em termos do estudo de edifícios industriais na ribeira da Carpinteira estes centram-se no restauro de edifícios abandonados (LIMA, 2010; GOMES, 2011; SILVA, 2014 e LAIA, 2014), e não abordam possíveis intervenções arqueológicas para a compreensão evolutiva ou de dinâmicas na ribeira. Isto mostra que existe um forte interesse no passado histórico e na preservação de alguns dos edifícios não só na ribeira da Carpinteira, mas por toda a cidade. Contudo o estudo pela Arqueologia da Paisagem, como forma de conhecer como o Homem ocupou a ribeira, foi deixada para segundo plano e causou a degradação deste espaço e um desconectar do passado desta antiga cidade industrial pelo público mais jovem.

No caso da conservação de Património Industrial da ribeira da Carpinteira na Covilhã é importante referir que esses apenas aconteceram depois do projeto na Real Fábrica de Panos da Covilhã, contudo não foi desenvolvida nenhuma escavação, sondagem ou prospeção. O primeiro projeto de musealização a ser realizado na ribeira da Carpinteira, foi no núcleo das Râmolas de Sol, no local do Sineiro, a 30 de abril de 1998, pertencente à unidade “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (SIN (6) teriam uma área de 652 m<sup>2</sup> (PINHEIRO, 2002 :128). Este espaço demonstra um interesse em também conservar os espaços que serviam de apoio as unidades industriais.

Também a “Fábrica Velha”, datada da segunda metade do séc. XVII que foi reconstruída no séc. XIX e XX. É composta por dois corpos adossados, de planta retangular, com fachadas rasgadas por vãos retilíneos e caixilharias simples. Edificado em vias de classificação, tendo o despacho de abertura do processo sido feito a 20 fevereiro de 2006 (FIGUEIREDO, 2009b).

Mais recente, em 2018, foi proposta a classificação da Fábrica de António Estrela na ribeira da Carpinteira para Imóvel de Interesse Público (aprovada em 2021), devido a importância desse complexo para a industrialização da cidade e se inserir no “coração” industrial da ribeira da Carpinteira. A sua proposta de classificação não se deveu apenas a fábrica em si, mas também à importância da sua área paisagística envolvente, com a área agrícola, antigo jardim e a Ponte dos Costas, em granito, que permitia a ligação da fábrica à antiga via de circulação (DGPC, 2018). Isto demonstrou pela primeira vez uma tentativa de conservação da paisagem e não só do edificado. Este espaço encontra-se visitável desde o ano 2013.

Contudo, nestes projetos de qualificação, raramente foi abordada a questão de conservação e proteção da paisagem industrial, exceto no mais recente sobre a Fábrica de António Estrela. Muitas destas estruturas, que não são unidades fabris, como râmolas de sol e estendedouros (com a exceção as pertencentes ao complexo “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (SIN (6)), estruturas de apoio, bairros operários, armazéns entre outros, são desvalorizadas. Alguns destes edifícios estão a ser demolidos ou convertidos em espaços habitacionais, como prédios e alojamento universitário, novas pontes, elevadores, estradas, entre outros. Isto está a levar paisagem industrial da ribeira da Carpinteira a ser profundamente alterada.

Para lá destas intervenções desenvolvidos no âmbito da arqueologia industrial dentro da cidade da Covilhã, pouco mais se fez em relação a escavações arqueológicas na cidade, apesar de esta ter tido uma grande dinâmica de ocupação, desde pelo menos a Idade Média. No Endovélico, apenas estão referidas as seguintes intervenções: o levantamento em 2000, realizado na estação arqueológica Quinta de Corges I, numa estrutura não classificada do período romano, onde foi encontrado um pequeno capitel toscano, um fuste de coluna e uma inscrição funerária; uma prospeção em 2010 e levantamento em 2000, no sítio da Quinta de Corges II, que era um abrigo do período romano e Idade Média, tendo sido recolhido cerâmica comum e de construção; em 2008 foi feita uma sondagem na Rua Baptista Leitão, nº 17, onde foi identificado um silo da Idade Moderna, que no final ficou acordado destruição da sua estrutura; na Igreja da Misericórdia (Covilhã) datada do final do Séc. XVI, foi realizada uma sondagem em 2011, porém não foi recolhido espólio; no sítio de São Pedro

(Covilhã), foi realizada uma prospeção no ano de 2010. Este espaço seria uma via romana que ligava os territórios atuais de Tomar à Covilhã e a Monsanto; e o acompanhamento, entre 2003 e 2004, no arqueossítio da Ponte do Rato, do período contemporâneo, com uma estrutura hidráulica associada (DGPC, (s.d)). Contudo também foram realizadas intervenções arqueológicas que não se encontram registadas no Endovélico. Uma dessas foi realizada pela empresa ARQUEOHOJE, Lda. na Real Fábrica Velha (MUSEU.UBI, (s.d)). E uma segunda realizada aquando da construção do SILO AUTO, perto do centro histórico da Covilhã.

Em termos de obras que estudem o património arqueológico da Covilhã, sem ser as já referidas, que se focam no período industrial, pouco se desenvolveu para lá do período medieval e romano. No caso do período medieval distingo a obra publicada por Michael Mathias (2013), que procurou uma visão mais arqueológica, em vez de apenas uma visão histórica desta importante estrutura da cidade. A construção da muralha tal como origem da cidade ainda não são conhecidos, devido à falta de material arqueológico do início deste centro urbano. Contudo, em 1186, foi concedido um foral por D. Sancho I a Covilhã e, entre 1188 ou 1189, foi dado dinheiro pelo mesmo para reparação da muralha da cidade (MATHIAS, 2013 :36). Nesta publicação, apesar de não tratar material cerâmico, realizou-se um exaustivo registo fotográfico das secções de muralhas que ainda se encontram conservadas, tal como o uso de cartografia antiga como referência.

Por outro lado, é importante referir a publicação de Pedro Carvalho (2007) que resultou das escavações, entre o ano 2000 e 2003, tendo ainda sido feito uma sondagem e prospeção, em 1998, e prospeção geofísica, em 2001, na estação arqueológica de Terlamonte I. É importante indicar que este espaço se encontra fora do perímetro da cidade, mas devido à sua importância é relevante uma pequena referência. Este arqueossítio seria uma quinta romana, ocupada entre a segunda metade do Séc. I d.C e abandonado entre os finais do Séc. II e III d.C. Nesta obra foi estudado e publicado o material arqueológico recolhido durante estas intervenções e uma descrição bastante completa das estruturas escavadas (CARVALHO, 2007 :220). Contudo, nesta publicação não foi referido nenhum espólio referente a uma possível atividade associada a atividade de tecelagem ou material associados à criação de gado.

Em suma, em termos de estudos arqueológicos, na cidade da Covilhã pouco se fez, com poucas escavações arqueológicas para uma cidade que terá tido uma ocupação contínua desde a baixa Idade Média, e num território com um número substancial de vestígios do período romano. Isto demonstra uma falta de interesse que existe no estudo dos grandes polos urbanos na cidade da Covilhã. Isso resulta em que maioria dos dados do passado desta cidade sejam apenas documentos históricos. Por outro lado, no Endovélico não há referência de outras intervenções do século passado, em especial as intervenções já referidas no “Conjunto de Fornalhas e Poços Cilíndricos da antiga Tinturaria da Real Fábrica de Panos da Covilhã”, e apenas há registo de trabalhos realizados no início do Séc. XXI.

Abordando novamente o património do período industrial, a falta de dados arqueológicos na cidade da Covilhã condiciona por sua vez o estudo do proto-industrial da cidade. Isto impede saber que modificações estavam a ocorrer no interior da cidade, entre o Séc. XV e XVI, que tecnologias estavam a utilizar, em que áreas da cidade se estavam a instalar e que cultura material estavam a consumir no interior desta.

Por outro lado, tanto a cidade da Covilhã como a ribeira da Carpinteira possuem já algum património industrial protegido, nomeadamente as unidades fabris, como a Real Fábrica da Covilhã (ribeira da Goldra) com o “Conjunto de Fornalhas e Poços Cilíndricos da antiga Tinturaria da Real Fábrica de Panos da Covilhã” ou a Fábrica de António Estrela (ribeira da Carpinteira). E os equipamento industriais, como as râmolas de sol e estendedouros da unidade “Ignácio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro” (SIN (5)) (ribeira da Carpinteira) ou o “Estendedouro de Lãs das Escadinhas do Castelo” (área do centro histórico da cidade) do Séc. XVII/ XVIII, localizadas na Travessa do Castelo. De base em granito e planta retangular irregular, esta estrutura encontra-se classificada como um imóvel de Interesse Municipal (Edital n.º 463/2017, DR, 2.º série, n.º 125 de 30 junho 2017) (FIGUEIREDO, 2009a).

Mas também outros edifícios dos industriais da Covilhã foram classificados, locais construídos por mão dos empresários das fábricas da Covilhã como por exemplo a “Casa das Morgadas”, localizado perto da “Igreja de Santa Maria Maior”, na Rua

Alexandre Herculano, n.º 48-50. Este imóvel do séc. XVII foi construído por um antigo industrial de lanifícios e foi classificada como imóvel de interesse Municipal (Dec. 28/82, DR 47 de 26-02-1982). Mas também o “Palacete do Jardim”, o edifício em vias de classificação, projeto do arquiteto Ernesto Korrodi, dos anos 20 do séc. XX, possui elementos arquitetónicos da Arte Nova (Michael Mathias, 2013 :35). Esta seria uma vivenda da família de José Maria Bouhon (um industrial de lanifícios de origem belga). Estes edifícios demonstram a importância ainda maior das fábricas da Covilhã, pois produziram riqueza que permitiu a estes empresários construir um número significativo de outros edifícios que moldaram a cidade da Covilhã.

## **5. O território: a Covilhã e a ribeira da Carpinteira**

Neste capítulo irei abordar os vários condicionalismos geográficos, geológicos e climatológicos que moldaram esta região da Serra da Estrela e por sua vez criaram condições favoráveis para a ocupação da indústria de lanifícios na cidade da Covilhã. Terei especial atenção à paisagem cultural em estudo, a ribeira da Carpinteira.

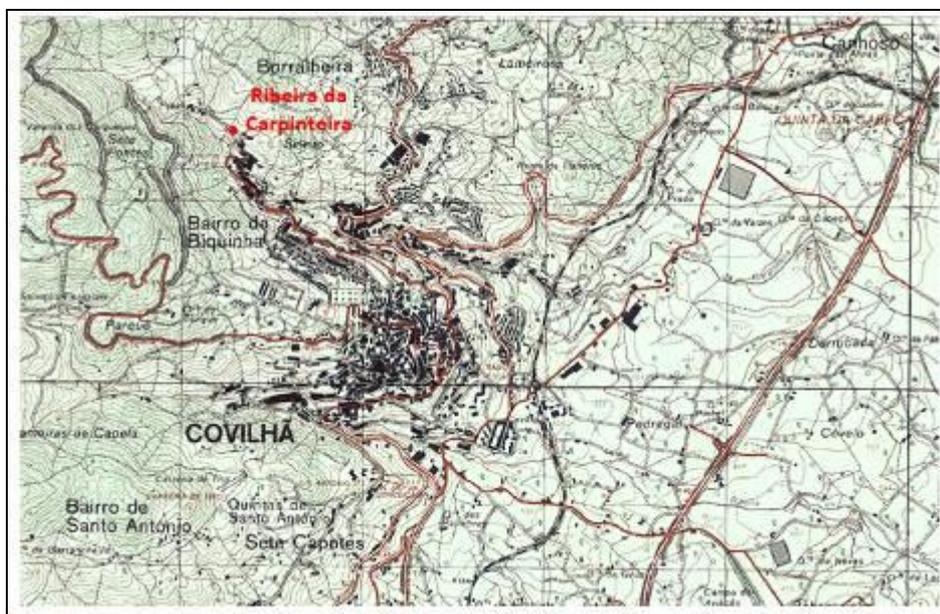
### **5.1. Contexto geográfico - Covilhã**

O concelho da Covilhã, no distrito de Castelo Branco, tem uma área superior a 500 Km<sup>2</sup>. A cidade encontra-se a uma altura média de 770m (Figura 2) (WACHSMANN, 1949 :45), assente numa posição privilegiada no sudoeste da Serra da Estrela, no Vale do Rio Zêzere (PINHEIRO, 2002 :103). Este território é demarcado, a Sul, pela Serra da Gardunha e da Malcata, esta é uma região no centro do país a cerca de 40 km da fronteira com Espanha. O concelho da Covilhã faz fronteira com os concelhos de Seia, Fundão, Guarda, Manteigas, Belmonte, Arganil e Pampilhosa da Serra.

Esta área de Portugal é bastante marcada pela sua geografia, em específico a da Serra da Estrela, o ponto mais alto de Portugal continental com uma altitude de 1993m. Esta área geográfica é um dos maiores centros de dispersão hidrográfica de Portugal, onde nascem importantes rios como o Mondego e o Zêzere (MELO, 1969 :7). A Serra da Estrela fica situada no acidente geográfico conhecido como Maciço Central

Ibérico, uma meseta composta maioritariamente por formações graníticas. As formações graníticas da Serra da Estrela têm idades compreendidas entre os 340 e os 280 milhões de anos (FERREIRA, 2015 :41).

A cidade da Covilhã encontra-se demarcada por dois vales formados pela ribeira da Goldra e da Carpinteira. Durante os período industrial e proto-industrial da cidade estas duas ribeiras estariam na sua zona periférica. Devido ao facto destas duas ribeiras (Goldra e Carpinteira) terem uma forte corrente de água, suficiente para ser usada como fonte de energia e para ser usada nos próprios processos industriais, tornou-as ideais para a instalação destas unidades industriais.



Escala 1:25 000

**Figura 2:** Mapa militar da Covilhã (SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO, CMP, série M888; 235. Edição. 3; 1989).

## 5.2. Contexto geográfico - Ribeira da Carpinteira

O arranque industrial da Covilhã está intrinsecamente ligado ao aproveitamento das quedas de água e do seu relevo orográfico para a implementação das unidades fabris (A.A.V.V, 1991 :67). A ribeira da Carpinteira nasce na Serra da Estrela, numa área a Norte da cidade da Covilhã, perto das Penhas da Saúde, a uma altitude de 900m, com águas de matriz férreas (GIRALDES, 1880 :20-21). A ribeira, e toda a paisagem envolvente, foi moldada pelo Homem para aproveitamento dos seus recursos hídricos (GOMES, 2003 :8 e RODRIGUES, 2009 :11). A origem toponímica da ribeira da Carpinteira é desconhecida, bem como outras denominações, ao contrário da ribeira da Goldra ou Degoldra que também é conhecida como “ribeira dos Pisões” (A.A.V.V, 1991 :68).

Em termos de forma de ocupação da ribeira distingo duas áreas distintas: na zona mais alta do curso, a principal paisagem não é a das fábricas abandonadas e as suas estruturas de apoio, mas sim dos espaços de pastagem de gado ovino, hortícolas, pinhais, matas compostas de pinheiro-bravo e soutos, pelo menos nas áreas acima dos 700m (GOMES, 2003 :8), diferente do que acontece nas zonas mais baixas da ribeira, onde as fábricas e estruturas de apoio seguem o declive do vale.

Durante a visita de Authur Quintella (1899), a ribeira da Carpinteira é apontada como a que levava mais caudal quando comparada com a da Goldra: 40 litros por segundo para a da Carpinteira e a da Goldra apenas 26 litros por segundo. Em 1899, a distância entre a primeira fábrica da Carpinteira e a última, na área mais plana, era uma descida de quase 300m, e dispunha de uma força motriz teórica de 270 cv (QUINTELLA, 1899 :118-119). Claro que esta força motriz não seria constante e dependia de outros fatores como o clima.

Por outro lado, na ribeira da Carpinteira, foram instalados pequenas moinhos de cereal, onde se aproveitavam as águas cristalinas da ribeira para moer o cereal, que mais tarde foram transformados em engenhos, no séc. XVII (PINHEIRO, 2009b :531).

Porém não foi só a corrente de água da ribeira que foi utilizada, e também os socalcos, principalmente no vale da ribeira da Carpinteira. A margem Este deste vale era a que possuía mais tempo de exposição solar, e permitiu a instalação de estruturas

como râmolas de sol e estendedouros de lã. Após o levantamento pude confirmar que todos os estendedouros da ribeira da Carpinteira se localizam neste espaço, à exceção do pertencente a “Ignacio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro” (SIN (5)), que devido a esta firma se encontrar na área mais a nascente da ribeira aproveita mais a geografia da própria Serra da Estrela, numa orientação Norte-Sul. Porém a instalação na margem Este também se pode dever à pressão urbanística da margem contrária.

### **5.3. Clima**

Para além da morfologia e localização geográfica do território da Covilhã e ribeira da Carpinteira, outros aspetos vitais condicionaram este espaço e a produção, entre eles o clima, a geologia e os recursos naturais (fauna e flora) das áreas evolventes.

A região da Serra da Estrela, possui uma forte influência do clima atlântico e mediterrânico, pois encontra-se numa área de território que separa o clima mediterrânico do atlântico. Contudo, esta região, por se situar mais no interior da Península Ibérica, também sofre uma forte influência continental, devido às correntes de ar secas oriundas da meseta hispânica (BATISTA, 1990 :7). Isto resulta numa forte sazonalidade do clima, com verões quentes e invernos frios e chuvosos, com possível queda de neve. Apesar desta região sofrer uma forte influência do clima continental e mediterrâneo, o relevo montanhoso da Serra da Estrela cria temperaturas mais suaves, tal como algumas precipitações, durante os meses da primavera e verão (VICENTE, 2012 :20).

Como já indiquei anteriormente, esta área é fortemente influenciada pelo relevo de montanha, que influencia todo o clima da região da Serra da Estrela. O primeiro fator é a vertente da serra, com as terras localizadas na vertente Norte, como o Sabugueiro (1577mm) possuindo maior precipitação que a Covilhã (1173mm), que se localiza na vertente sudoeste e recebe menos influência oceânica. Mas também a altitude condiciona a chuva, com a vila de Manteigas, que se encontra a maior altitude que a Covilhã, a receber mais precipitação (1291mm) e temperaturas mais baixas com maior probabilidade de queda de neve, segundo dados de 1976.

Este clima cria um mosaico de paisagens naturais distintas, ao longo da serra, com a vertente Norte a ter mais vegetação arborizada e adaptada ao clima Atlântico, e a vertente Sul a ter uma vegetação mais seca (BATISTA, 1990 :7 e 8) e nas zonas mais altas uma flora mais rasteira e adaptada a altitude. Estes fatores serão abordados no subtópico **5.5. Fauna e flora.**

Em suma, este clima influencia bastante as indústrias mais antigas, principalmente quando a principal fonte de energia era a hidráulica. Em primeiro, devido aos invernos serem bastante chuvosos, fator que permitiu que as fábricas tivessem muita energia para mover os vários engenhos, sem terem de recorrer a “energia a sangue”. Contudo, durante o Verão, mais seco, as ribeiras correm com menos intensidade. A ribeira da Carpinteira, como é um curso de água não permanente, punha em causa o funcionamento destas unidades fabris durante os tempos de seca.

Durante o verão, as fábricas ligadas aos lanifícios da Covilhã têm aqui uma vantagem. Devido a esta vertente ser mais seca, estas podem realizar uma secagem ao ar livre mais rápida da lã e dos tecidos. Isso contribuiu para a dispersão de râmolas de sol e râmolas ao ar livre, que se podem visualizar nas encostas da Carpinteira, e que compensou, inicialmente, o facto desta área não possuir recursos não renováveis como o carvão, para realizar a secagem a vapor. E por fim, esta sazonalidade do clima com invernos rigorosos e verões amenos, nas zonas altas, que permitia o crescimento de vegetação, atraiu pastores, que desenvolveram a atividade de transumância em busca das melhores pastagens para os rebanhos de ovelhas. Isto, por sua vez, permitia que as fábricas tivessem acesso rápido a matéria-prima barata.

#### 5.4. Solos e geologia

Os solos desta área são na sua maioria pobres para o desenvolvimento do cultivo de cereais ou hortícolas, com exceção dos localizados ao longo dos cursos de água. Este território é dominado maioritariamente por granitos, que intercalam com alguns terrenos xistosos e de aluviões (VICENTE, 2012 :20 e BATISTA, 1990 :8).

Tendo a Serra da Estrela sido marcada, para além da erosão das suas vertentes, pelos glaciares (A.A.V.V, 2016 :64), e pelas várias bacias hidrográficas, esta erosão também criou grutas onde, nas vertentes menos expostas, se conservava gelo durante a maior parte do ano, usado inclusive pelos hospitais de Lisboa (MELO, 1969 :7).

Nesta região podemos apontar três formações geológicas distintas, os **solos cambrianos**, solos **graníticos** e os de **aluviões**, formados pelas ribeiras e rios. Os primeiros correspondem a uma longa mancha geológica que se prologa entre os concelhos de Manteigas, Guarda e Gouveia. Estes solos são constituídos por xisto mais ou menos desagregado de cor vermelha ou cinzenta (GOMES, 2003 :6 e 7).

O segundo tipo de solo, os graníticos, cobrem praticamente todo o concelho da Covilhã. Estes granitos distinguem-se onde esta rocha se desagrega com muita facilidade e permitem a formação de camadas de biotite e feldspato. Os solos de granito mais “duros” que são os mais comuns, são bastante mais pobres para o desenvolvimento de qualquer tipo de agricultura. Porém, estes espaços incultos eram bons para a exploração em regime extensivo de pastorícia (VICENTE, 2012 :87).

O último tipo de solos é o de formação de aluviões, utilizado e ocupado por populações humanas durante milénios, em especial as áreas férteis junto às ribeiras (como por exemplo a da Carpinteira), tendo estes terrenos sido usados para o desenvolvimento da agricultura (BATISTA, 1990 :8).

Em jeito de síntese, na região os solos são pobres, maus para o desenvolvimento agricultura, mas estes baldios são ótimos para o desenvolvimento da pastorícia de ovinos, que permitem o desenvolvimento desta atividade e por sua vez geram a matéria-prima para as unidades de transformação têxtil. Um segundo ponto é que não existe, na imediação da Covilhã, acesso a recursos fósseis, como o carvão, que foram, por exemplo, na Revolução Industrial do Reino Unido essenciais para mover as

máquinas a vapor. Daí a ribeira da Carpinteira ser essencial pois a energia da força da água era fundamental para mover os engenhos das fábricas de lanifícios.

Por fim, a presença de granitos duros nesta região, dá acesso a matéria-prima de construção barata, que não foi só usada para a construção das casas dos habitantes, mas também das unidades fabris. Este fator será explorado com mais detalhe no tópico **10.1. Materiais de construção**.

## **5.5. Fauna e flora**

Por fim irei abordar, em forma de síntese, a fauna e flora não só da Covilhã, mas da Serra da Estrela. Isto é essencial pois a indústria dos lanifícios precisa, como já foi referido, de forma sintética, no tópico acima, de fibras animais ou vegetais.

Ao nível de espécies selvagens, a Serra da Estrela possui uma grande biodiversidade com espécies. Estas vão desde as de pequeno porte como, o pisco-de-peito-azul, a lagartixa da montanha, o Melro-das-rochas, o chasco-cinzento a petinhadinhos-dos-campos, coelho, entre outras. E animais de maior porte, como o corso, o veado e o javali. A nível dos predadores, atualmente, apenas as aves de rapina, como o falcão-peregrino e a águia-de-Bonelli marcam presença neste território. Isto deveu-se em parte ao crescimento industrial das indústrias de lanifícios da região que procuravam a lã das ovelhas desta região e por isso levaram a extinção local dos predadores de maior porte como o lobo (MELO, 1969 :11-12 e A.A.V.V, 2016 :64).

Para o coberto vegetal, irei primeiro abordar o da região e depois, especificamente, da área de estudo. Esta foi fortemente influenciada pelo Homem, que tornou a Serra da Estrela uma mistura de pequenas relíquias de paisagem natural e de paisagem cultural. No passado, esta área geográfica teria sido ocupada, na sua maioria, por sotos de carvalho e castanheiro. Contudo, o constante uso desta para a pastagem e os inúmeros incêndios florestais fizeram as gramíneas expandir-se (RIBEIRO; 1969 :65), sendo esta a espécie de planta que é por excelência a preferida dos ovinos.

A flora do “andar superior” da Serra da Estrela, a uma altitude superior a 1600m, onde as temperaturas no inverno podem chegar aos -10 °C, onde o clima é mais agreste, as espécies vegetais mais comuns são árvores especializadas para este clima, como o teixo, a tramazeira e o carvalho-negral (MELO, 1969 :11-12), as plantas rasteiras do género das gramíneas, e espécies arbustivas, como o zimbro-anão. Estas plantas são essenciais, pois durante os meses quentes, após a neve derreter, são fonte de alimento para o gado ovicaprino (BATISTA, 1990 :10).

No “andar intermédio” da Serra da Estrela, entre os 900-1500m de altitude, a que nasce a ribeira da Carpinteira, o clima de montanha e a influencia da altitude não é tão forte, o que permite o crescimento de matos, soutos e pinhais. Mas também abunda o prado de paisagem para gado (BATISTA, 1990 :9-10).

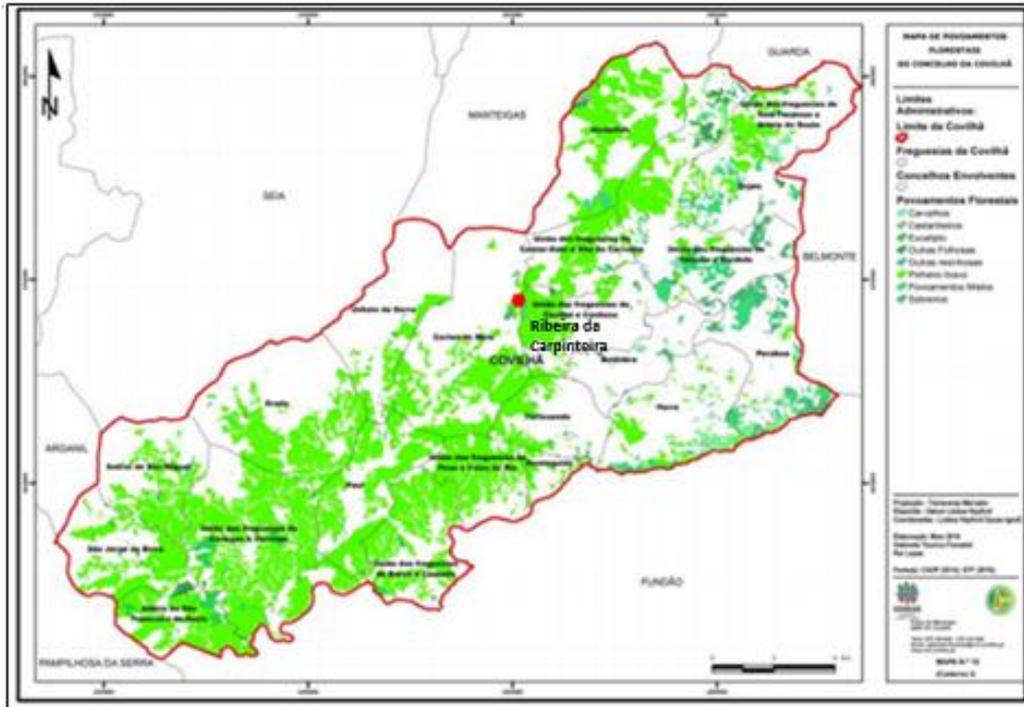
Em termos de espécies vegetais da Serra da Estrela, no “andar basal”, abaixo dos 900m, possuímos uma forte influência mediterrânea, especialmente na vertente Sudoeste da Covilhã (BATISTA, 1990 :9), tendo a zona a menor altitude da Covilhã beneficiado das ribeiras e do rio Zêzere, que, através da formação de aluviões graníticos, criou boas áreas de cultivo. Nestas zonas realizavam atividades agrícolas, como o cultivo de centeio e milho, o cultivo da batata, a vinha, o pinhal (MELO, 1969 :10) e pomares e hortas (GIRALDES, 1880 :20-21). Nas áreas mais húmidas são comuns os carvalhais e os castanheiros. E nas áreas menos húmidas são mais comuns a flora de origem mediterrânea, como a azinheira e o medronheiro (VICENTE, 2012 :20).

No caso específico do coberto vegetal da ribeira da Carpinteira, este é dominado maioritariamente por pinheiro-bravo. Contudo esta distribuição centra-se mais a Norte, e é mais rara, a Sul, da ribeira da Carpinteira, pois é uma área com um nível elevado de urbanização e de cultivo (Figura 3).

Em suma, através deste subcapítulo, é possível compreender a importância que a biodiversidade da Serra da Estrela teve para o desenvolvimento da indústria de lanifícios, não só da ribeira da Carpinteira, mas de toda a região envolvente. Pois apesar de nenhuma espécie animal selvagem ter sido relevante na produção industrial na Covilhã, a espécie domesticada dos ovinos (ovelha) foi vital, pois permitiu que as unidades fabris em desenvolvimento tivessem acesso rápido a lã. Este fator irá ser

mais desenvolvido tópico no **6.3. A importância da Transumância** e **7.1. Lã**. Por outro lado, a presença deste tipo de gado só foi possível com o tipo de flora das gramíneas mais abundante nas zonas mais altas da serra da Estrela. Por outro lado, a flora também foi explorada para uso da madeira, como por exemplo para suprimir a falta de carvão para uso da energia a vapor (ver tópico **6.6. Arranque industrial (séc. XVIII-XX)**), ou para uso na construção das diversas estruturas industriais (ver tópico **10.3. Uso de madeira**).

Para concluir tudo o que foi referido neste tópico, salienta-se que os condicionalismos geográficos da região da Serra da Estrela foram essenciais para explicar porque é que a cidade da Covilhã se tornou um grande polo da indústria de lanifícios. Em primeiro, o acesso a matéria-prima, devido à presença de gado ovino que realizava neste espaço geográfico a atividade de transumância. Mas também a abundância de água e o tipo de relevo, que permitia que esta corresse a grande velocidade, e possibilitou o seu uso como fonte de energia, bem como para realizar atividades industriais (exemplo: lavar e tingir panos). Este fator, aliado a um saber das populações locais na arte e tradição de fazer tecidos (que será mais explorado no tópico seguinte), permitiu criar as condições ideais para o desenvolvimento desta indústria na cidade da Covilhã, com a ribeira da Carpinteira como um dos polos centrais desta atividade.



**Figura 3:** Mapa do coberto Florestal no concelho da Covilhã (LOPES, 2016 :48).

## 6. A Covilhã e ribeira da Carpinteira – enquadramento histórico

Neste capítulo irei expor brevemente apenas aspetos históricos da ocupação humana não só da cidade da Covilhã, mas também procurar expor informação sobre dados da ribeira da Carpinteira, bem como dados históricos sobre a produção de panos na região. Para isso irei basear-me em dados bibliográficos de trabalhos atuais, mas também em documentos e inquéritos industriais da segunda metade do Séc. XIX e da primeira metade do Séc. XX.

Também aqui irei expor uma das grandes problemáticas da compreensão da história da cidade da Covilhã, a falta de escavações arqueológicas que impedem uma visão mais profunda de como este povoado evoluiu, tal como já referi no capítulo **3. Enquadramento Teórico** com mais detalhe.

## 6.1. A formação da cidade

Segundo vários historiadores clássicos, a cidade da Covilhã terá tido origem romana, associada à povoação de *Silia Erminia* (VICENTE, 2012 :21). Este possível povoado teria sido batizado durante a conquista romana pelo general Caio Júlio César, que terá fundado várias povoações nas encostas da Serra da Estrela (QUINTELLA, 1899 :13). Este povoado teria privilégios municipais, porém este povoamento foi devastado por uma epidemia durante o reinado do Imperador Nerva (A.A.V.V, 1991 :61 e ABC, 1922). Contudo não há dados arqueológicos que sustentem estas teorias históricas do passado romano ou romanizado da cidade, sem ser a existência de algumas quintas agrícolas, como o Terlamonte I, na periferia da cidade. O autor Camilo Ribeiro (1905), aponta que este povoado terá sido mais tarde ocupado pelos Alanos, Suevos e Visigodos (RIBEIRO, 1905 :65). Porém, desconhecem-se as modificações que estes terão feito à povoação romana de *Silia Erminia*.

Outra teoria que deriva também da tradição oral desta localidade é que a Covilhã moderna teria sido criada pela lenda de amor de Florinda e o rei Rodrigo, no ano de 700, a filha do Conde Julião que teria fugido da corte Visigoda e refugiado em Ceuta pela perseguição que tinha sofrido do Rei Rodrigo, pois este apoiava o seu opositor e antigo rei Witiza e pelo relacionamento de Florinda com Rodrigo não ter sido reconhecido pelo casamento (VICENTE, 2012 :21). Julião, enquanto escondido em Ceuta, preparava a vingança, e ajudou as populações muçulmanas a invadir a Península Ibérica (ABC, 1922). Quando estas ocuparam o território atual da Covilhã, batizaram o povoado de *Cava Juliani*, pois Florinda era conhecida pelos muçulmanos como a “cava” (QUINTELLA, 1899 :14-15, RODRIGUES, 2009 :7 e WACHSMANN, 1949 :45). Esta foi uma tradição oral que passou até aos nossos dias e que tal como o mito acima referido carece de dados históricos e arqueológicos que o comprovem (RIBEIRO, 1914 :44).

Estes mitos têm como objetivo ligar a origem da Covilhã com o fim do reino visigodo. É, pois, daqui que vem o topónimo Covilhã, da fusão de «Cava-Juliana», isto é o nome Julião com o apelido dado a Florinda de “Cava” (perdida). A primitiva Covilhã terá sido destruída durante a conquista muçulmana (ABC, 1922).

Outra teoria para a origem etimológica do nome da Covilhã é que esta cidade deriva da sua localização geográfica. Como se pode observar no mapa da Figura 2, a cidade localiza-se no topo de uma pequena elevação mais ou menos “plana” entre os dois vales criados pela ribeira da Carpinteira e da Goldra. Esta área mais baixa da Serra da Estrela cria uma espécie de “cova” (A.A.V.V, 1991 :62), dando origem ao nome «*Covilhan*» (ou Covilhã em português atual) da junção das palavras “cova-plana” (RIBEIRO, 1914 :45). Esta teoria, provavelmente a mais correta, liga a origem do nome desta cidade ao terreno onde foi fundada (WACHSMANN, 1949 :45; VICENTE, 2012 :21 e RODRIGUES, 2009 :7).

## **6.2. Idade Média (Séc. X-XV)**

O autor José Rodrigues (2009) propôs que aqui poderia ter existido um povoado fortificado, em 711, por as populações das áreas baixas, ameaçadas pelas incursões muçulmanas, terem reconstruído a cerca antiga deste espaço, que seria destruída novamente durante as invasões árabes. Este povoado terá sido reconstruído novamente, dando lugar a um novo castelo, que cria mais linhas de muralha (RODRIGUES, 2009 :7). E é em 1037, no reinado de Fernando I, rei das duas coroas de Castela e de Leão, que esta povoação deixa de estar no domínio muçulmano. Foi este povoado então reedificado para dificultar o acesso à Serra da Estrela, e serviu como barreira protetora para dificultar o acesso às povoações mais a Norte (RIBEIRO, 1914 :46). Contudo, não existem dados arqueológicos que possam confirmar esta teoria ou a existência de estruturas defensivas.

Os primeiros dados históricos da Covilhã são do reinado de D. Sancho I, com o foral de 1186 (GOMES, 2003 :22). O foral da Covilhã teve com objetivo legitimar a Covilhã como vila organizada, com um grande território, fundamental na organização e consolidação do reino. O vasto termo integraria os atuais territórios de Idanha-a-Nova, e as terras onde seriam fundadas as vilas de Álvaro, Oleiros, Fundão, Castelo Branco, Sarzedas, Sobreira Formosa, S. Vicente da Beira, Castelo Nove e Belmonte, com referências também à Cortiçada local, onde se fundaria Proença-a-Nova. Muitos destes territórios ainda não estavam no domínio português, à data da elaboração do foral

(VICENTE, 2012 :22-23). Por este ser um território fronteiro e defensivo, foram dados vários privilégios para se poder povoar a Covilhã (GOMES, 2003 :22 e VICENTE, 2012 :22). Contudo, a interpretação deste foral é que a Covilhã já possuía uma organização municipal antes de lhe ser dado o foral de Sancho I. Isto demonstrou a importância regional desta localidade (RIBEIRO, 1905 :66). D. Sancho I pede também a reconstrução da muralha da cidade no foral depois de várias décadas de ataques (QUINTELLA, 1899 :18 e A.A.V.V, 1970 :15).

Não existem dados históricos sobre as técnicas de transformação da lã em tecido, na Covilhã, na idade Média. Isto pode-se dever a grande parte de a produção ser de tecidos grossos e burel para a proteção do frio e em regime familiar, não se tendo sido digna de registo na documentação. Esta atividade seria feita pelos membros femininos, que depois de desempenharem as atividades domésticas ocupavam os tempos livres a tecer nos seus momentos livres (VICENTE, 2012 :92). Apesar de a produção ter ocorrido à base de tecidos grossos, com D. João I e D. Duarte começou-se a aperfeiçoar o tecido mais fino, chamado de “lã meirinho” (ABC, 1922). O rei D. Afonso V, numa provisão de 2 de dezembro de 1453, declara que a Covilhã é uma das principais povoações da Beira (QUINTELLA, 1899 :32).

Durante este período, também é importante não esquecer que a atividade artesanal se confundia com a vida quotidiana em regime doméstico. Estas atividades de transformação realizavam-se muitas vezes no local de venda, onde a loja-oficina também era a casa de morada. O artesão, ainda que tivesse alguma colaboração de outros trabalhadores, recorria maioritariamente à ajuda da família. Esta atividade realizava-se na traseira da casa e a venda seria na parte da frente da mesma, virada para a via pública (VICENTE, 2012 :93). Os panos e tecidos de lã desta região foram até referenciados por Gil Vicente na sua obra Tragicomédia Pastoril da Serra da Covilhã, (1527) (A.A.V.V, 1970 :19 e PROENÇA, 2004 :90). Outro ponto importante indicar na produção de lanifícios em maior escala na Covilhã é a sua ligação inicial ao estabelecimento de instituições eclesíásticas, com os cistercienses, estabelecidos na Abadia de Santa Maria da Estrela na Boidobra (Covilhã) e produções da Ordem do Templo e do Cristo (PEREIRA, 2017b :102).

Toda esta produção de lanifícios neste período cronológico existiu devido à produção de gado lanífero na Serra da Estrela, que servia como matéria-prima para estas pequenas produções artesanais (ABC, 1922). Esta produção está atestada nos documentos no foral de D. Sancho I, de 1186, feito para a Covilhã, onde é referido o imposto sobre o comércio de panos de lã e de linho (GOMES, 2003 :38). Durante a Idade Média, na Covilhã abundariam as quintas, espaços e hortas familiares. Contudo, grande parte do vasto termo seria ocupado por terrenos incultos dedicados à silvicultura e pastoreio em matos e florestas. Desde a remota antiguidade que esta cidade está ligada à produção de gado em rebanho, que no foral de D. Sancho deu um grande peso a este facto. O pastoreio terá constituído uma atividade principal e não subsidiária da agricultura, desenvolvendo-se em regime intensivo e extensivo. No caso do regime extensivo este é conhecido como gado transumante. O documento do foral de D. Sancho foi devido à isenção de montadigo<sup>2</sup> em toda a parte do território consignado no foral (VICENTE, 2012 :81-85).

Em suma posso concluir que existem bastantes dados históricos para a produção de lanifícios na Idade Média na Covilhã, porém não existem vestígios arqueológicos desta atividade para este período cronológico. Isto deve-se provavelmente às poucas escavações arqueológicas na zona histórica da cidade.

---

<sup>2</sup> Imposto pago aos senhorios de um montado para se pastar o gado (VICENTE, 2012 :81).

### 6.3. A importância da transumância

Um dos fatores mais importantes, que foi abordado de forma breve no capítulo anterior e que marcaram a região da Serra da Estrela, foi a intensa transumância, que forneceu matéria-prima da lã as estas pequenas produções locais de lanifícios, tendo sido detetados diversos vestígios de trilhos de gado nesta região e a própria paisagem que foi ao longo dos séculos alterada de florestas para pastagens. Esta foi condicionada pelo tipo de clima mediterrânico da região, onde a sazonalidade de tempo seco, nos meses quentes, intercambia com uma estação húmida nos meses mais frios. Este clima forçou os pastores a realizarem este tipo de migrações à procura dos melhores pastos, subindo a Serra da Estrela, nos meses mais quentes, à procura da melhor vegetação da montanha, e nos meses frios, aquando da queda da neve, a descenderem a encosta. Outra teoria apontada para o desenvolvimento desta atividade terá sido o conflito entre mouros e cristãos e pestes durante a Idade Média, que terão permitido desenvolver esta atividade em zonas pouco habitadas, longe destas pressões sociais. Contudo terão sido as pressões ambientais as que mais influenciaram esta atividade no mundo mediterrâneo (PINHEIRO, 2009a :125).

No caso da Península Ibérica esta deslocação sazonal entre regiões pode remontar à Pré-história, uma vez acontecido a domesticação destes animais no Neolítico, tendo esta técnica sido aperfeiçoada ao longo do tempo. Porém, em termos de documentação foi Marco Terêncio Varrão (116 a.C-27 a.C.) na sua obra “De agricultura”, que identificou a região da Hispânia como território perfeito para o desenvolvimento desta atividade, pela primeira vez. Também Estrabão (63 a.C-24 d.C) na sua obra “*Geographia*”, no livro III dedicado a Ibéria, salientava a boa organização desta atividade nesta região. Os Lusitanos, povo que ocupou esta região entre o Douro e o Tejo, terão ficado conhecidos como pastores e mercenários, por autores da antiguidade (PINHEIRO, 2009a :127).

Durante o Séc. V, com o acentuar das invasões das populações do norte da Europa, que se fixam no território, a importância destes produtores de gado aumenta, pois, estes povos também realizavam uma agricultura itinerante ou semi-sedentária associada ao gado, tendo os Visigodos concedido diversas leis de proteção da atividade

aos que desenvolviam a pastorícia no seu Código Visigótico. Durante as invasões e ocupação muçulmanas terá acontecido o desenvolvimento da atividade de transumância devido à longa tradição dos povos árabes e berberes (PINHEIRO, 2009a :128).

Sabe-se que é no Séc. XII, que se incrementa esta atividade para aumentar a produção de gado. Por consequências do aumento dos produtos secundários permitiu-se o arranque pré-industrial com o aumento da lã, mas também uma especialização e profissionalização destas atividades relacionadas com os lanifícios, com termos como os “ovelheiros”, “pastores”, “porcariços”, “alfeireiros” e “maiorais das ovelhas” (GOMES, 2003 :33).

Contudo, estas atividades relacionadas com o pastoreio e transumância não foram completamente aceites pela população. Em 1481 houve reclamações do povo contra esta atividade; nas Cortes, o rei proibiu os alcaides-mores de passarem para Castela com os seus rebanhos. Isto poderá ter resultado, nos Séc. XV-XVI, numa redução do número de cabeças de gado, que por consequência levaram a medidas adicionais de proteção dos pastos comuns, para aumentar as cabeças de gado. Por volta do Séc. XV, há referência à “lã meirinha” nos buréis mais grossos, algo já fabricado na Covilhã, desde o reinado de D. João I, em 1476. Estas medidas acabaram por surtir efeito e resultaram no crescimento das cabeças de gado, no Séc. XVII e princípios do Séc. XIX. Porém, com a introdução dos fios artificiais nesta região os números de rebanhos de ovelhas caíram (GOMES, 2003 :33-38).

Nesta região várias rotas passaram obrigatoriamente pela Covilhã, como também passaram por outros centros urbanos importantes como o Fundão, Portalegre, Campo Maior e Elvas. Porém, nenhuma destas, entre os Séc. XVIII e XIX, produzia mais tecido que a Covilhã. Isto deve-se ao facto de, ao contrário das outras cidades e vilas acima referidas, a Covilhã possuir acesso tanto a matéria-prima como aos recursos energéticos, que neste caso, era a força hidráulica das ribeiras que moviam os motores das máquinas. Também esta abundância de água permitiu desenvolver as atividades, desde tingir e lavagem de lãs (GOMES, 2003 :34). Isto demonstra que esta atividade foi

essencial para o desenvolvimento inicial dos lanifícios na Covilhã, tendo permitido criar uma tradição e apetências dos locais para o desenvolvimento desta atividade.

#### **6.4. Fase de Proto Industrialização (Séc. XVI-XVIII)**

Durante o período áureo dos descobrimentos houve um desinteresse da corte na produção de tecidos nacionais, devido a concorrência dos tecidos luxuosos feitos em sedas do oriente, brocados de França e Flandres e veludos de Itália. Por consequência, este interesse das elites levou também a classe média a preferir tecidos importados, este fator levou a um desinteresse da indústria nacional e em aperfeiçoar os tecidos portugueses (ABC, 1922).

É durante o Séc. XVI que a Covilhã chega a uma fase de transição entre a produção artesanal e a revolução industrial, designado de período proto-industrial. Esta é a fase em que se dá uma expansão das atividades de artesanato que ocorre em toda a Europa, entre os Séc. XVI e XIX. Este novo período não só transformou a economia, a agricultura, o trabalho e a relação com o consumidor. Mas também alterou mentalidades das populações que viviam em economias tradicionais, o que criou um novo sistema em que os horários das fábricas regem o novo quotidiano (OGILVIE, 2008: 1).

Devido a este crescimento e importância da Covilhã, o rei D. Manuel I classificou-a como povoado principal no centro das outras vilas (RIBEIRO, 1905 :71). Também durante o reinado de D. Manuel I foi atribuindo a Vila da Covilhã um segundo foral em 1510 atribuído à Vila da Covilhã, assinado em Santarém, onde é referido que não haveria portagem para quem quisesse comercializar lã nesta localidade (GOMES, 2003 :40). Porém, o principal momento de proteção dos artesões de lanifícios da Covilhã ocorreu com D. Sebastião, com a proteção desta “indústria”, tendo sido atribuído aos “trapeiros”, por volta de 1573, um estatuto que regesse a sua corporação, ampliado D. Pedro II, em 1690. Este estatuto constitui um dos primeiros documentos régios normativos da indústria de panos (ABC, 1922).

Também é importante assinalar que, durante os inícios do XVI, a produção de lanifícios estaria ligada aos cristãos-novos. Muitas destas famílias abastadas ter-se-ão abrigado não só na Covilhã, mas pela Serra da Estrela (Penamacor, Gouveia, Trancoso, Linhares da Beira, Belmonte e Guarda), durante os tempos de perseguição pela Inquisição. Algumas famílias ganharam, nesta altura, prestígio e fizeram a sua fortunas com a construção de importantes engenhos, nas ribeiras da Carpinteira e da Goldra, com lavadouros, pisões e tinturarias (GARCIA, 2001 :165, GOMES, 2003 :22 e PINHEIRO, 2009a :224).

Apesar de não haver dados, durante o regime de D. Sebastião, específicos para a ribeira da Carpinteira, no campo de quanto efetivo foram estas medidas tomadas durante o seu reinado. Contudo, os autores indicam que o desenvolvimento da indústria dos lanifícios foi bastante positivo (ABC, 1922 e PINHEIRO, 2017 :139). Por outro lado, este desenvolvimento industrial na Covilhã estagnou durante a União dinástica (GOMES, 2003 :40).

Porém, um momento de grande fomento industrial na ribeira da Carpinteira ocorreu na década de 70 do Séc. XVII, quando as fábricas portuguesas começaram a apoiar-se nas ideias comerciais de Colbert, com a implantação de leis pragmáticas de importar o mínimo possível de bens sumptuosos ou de luxo, promovendo assim a produção interna de bens, como por exemplo de tecidos. Neste período, a ribeira da Carpinteira já teria 177 teares, que produziam já nesta altura tecido de seda e serafinas de boa qualidade (GOMES, 2003 :40). Esta produção foi o resultado dos condicionalismos geográficos da Serra da Estrela e da Covilhã que resultam na abundância de água, e a existência de matéria-prima, os rebanhos de ovelhas, devido aos campos férteis. Mas também da existência de uma população que sempre soube como adaptar as técnicas por si criadas ou importadas para a produção industrial (MADALENO e FERREIRA, 2015 :V).

Outro momento alto da indústria dos lanifícios na ribeira da Carpinteira aconteceu durante o reinado de D. Pedro II. O Conde de Ericeira (D. Luís de Menezes), no ano de 1677, construiu uma nova unidade fabril (“Fábrica Velha/ Campos Melo” (MED (26))), estatal de grandes dimensões. Esta fábrica foi, posteriormente, vendida à firma

“Campos Mello & Irmão” e denominada por “Fábrica Velha” (QUINTELLA, 1899 :98-99). Esta foi uma tentativa de modernização dos panos da Covilhã e incremento da produção tradicional de tecidos portugueses, com a colocação de experientes técnicos vindos do estrangeiro, Irlandeses, para ensinarem aos artesões portugueses novas técnicas e máquinas do estrangeiro (PROENÇA, 2004 :91).

Um ponto importante é que, apesar do isolamento destas fábricas da Covilhã em termos geográficos, houve, desde cedo, contactos com outras cidades europeias produtoras de lanifícios. Isto levou a outro ponto vital para o desenvolvimento dos lanifícios na Covilhã, com a fixação de técnicos estrangeiros, mais acentuada no início do Séc. XVII. Contudo, para lá das influências irlandesas na “Fábrica Velha”, outras nacionalidades moldaram a produção têxtil da Covilhã. Estes chegaram à cidade da Covilhã em 1677, com os primeiros onze mestres a trazerem os seus instrumentos de trabalho, e as suas técnicas para ensinarem os artesões da Covilhã (PINHEIRO, 2002 :103).

#### **6.5. A industrialização da cidade da Covilhã (Séc. XVIII-XX)**

O início do Séc. XVIII é marcado pela assinatura, em 27 de dezembro de 1703, do Tratado de Methuen, entre Portugal e a Grã-Bretanha. Este tratado pôs em crise a indústria dos lanifícios da Covilhã (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013 :50). Porém algumas tentativas foram postas em funcionamento para reanimar este setor, entre elas as de 1710, com D. João V, que ordena que as fardas do exército se fabriquem na Covilhã (QUINTELLA, 1899 :99 e RIBEIRO, 1905 :71). Apesar de este rei se ter dedicado mais a obras monumentais, animou as manufaturas da Covilhã com a exclusividade da produção dos fardamentos para o exército (ABC, 1922).

Foi durante o reinado de D. José e da política pombalina, que a produção de lanifícios da Covilhã se valorizou. Em 1758, o Marquês de Pombal pede a construção de uma nova unidade fabril, a Real Fábrica dos Panos, na ribeira da Goldra e, em 1761, aproveitando a pedra derrubada da muralha da cidade, após o terramoto de 1755 (ABC, 1922 e RIBEIRO, 1905 :72). A partir de meados do séc. XVIII alguns, industriais e

fábricas entraram em crise, devido a uma redução do ouro vindo do Brasil que financiava este surto industrial (GOMES, 2003 :40-41).

Neste período, teria havido uma redução na qualidade dos tecidos produzidos na Covilhã, pois usavam produtos tintureiros de menor qualidade. A instalação de pequenas tinturarias, mal construídas, ao longo da ribeira, resultou, de igual modo numa perda de lucros para estas firmas. Também houve atrasos de pagamento das fardas por parte do exército, que levaram a falência estas primeiras indústrias, na primeira metade do Séc. XVIII (GOMES, 2003 :41).

As reformas pombalinas terão sido uma resposta direta a esta crise dos lanifícios, com o aproveitamento de antigos estabelecimentos e uma aposta em novas tecnologias, tendo também partido do aproveitamento da lã local e da experiência dos locais. Num relatório publicado em 1758, este foi um “surto” pré-industrial baseado na mão-de-obra barata e baixo custo de montagem. Refira-se que, nesta vila, a mão de obra ainda era maioritariamente rural e agrícola (GOMES, 2003 :41-42).

Durante o reinado de D. Maria I, a administração das fábricas reais passou para a “Junta de Administração das Fábricas do Reino”, tendo, neste período, as fábricas da Covilhã não dado lucro nem prejuízo. Em 1788 dá-se início à transferência das fábricas do Estado para particulares, o que resultou num aumento da produtividade e enriquecimento de particulares.

No final do Séc. XVIII, surgem famílias, nesta cidade e áreas envolventes, que fundam fábricas privadas, na Covilhã. Uma das mais antigas, a família Veiga, uma família de burgueses liberais, originários de Belmonte, entraram no comércio dos lanifícios em 1784. A empresa José Mendes Veiga soube aproveitar os privilégios que lhes foram concedidos, para adquirir novos equipamentos. Tendo as unidades desta família incorporado novas formas de fabrico de panos, entre eles os panos briches, de cor acastanhada, de média qualidade, e a utilização, ao máximo, da lã local e os panos azul-ferrete (GOMES, 2003 :70).

As outras fábricas procuraram acompanhar estas tendências das manufaturas e adquirem mestres formados que saíam da Real Fábrica dos Panos. Porém, este não foi um processo rápido. A adoção destes novos métodos e ideias progressivas liberais

enfrenta a resistência dos locais e industriais, com José Mendes Veiga e a sua família a serem perseguidas durante o reinado de D. Miguel. Neste período, temos Simão Pereira da Silva a introduzir diversos equipamentos ligados a obtenção de energia hidráulica, engenhos de cardar, engenhos de fiar (waterframe), a máquina tipo spinning jenny, engenhos de pisoar e de perchar (GOMES, 2003 :71). Com a aquisição destes equipamentos pelas fábricas da Covilhã, elas saem completamente da indústria de cariz doméstico e as fábricas espalham-se ao longo das ribeiras da Goldra e da Carpinteira, para aproveitarem a força destas ribeiras comuns no concelho como energia motriz (ABC, 1922). Estes novos mecanismos foram acompanhados com interesse do Estado português, que enviou à Covilhã um mestre carpinteiro da Real Fábrica da Cordoaria, Manuel d'Assunção Alves, para estudar a possibilidade de instalar estes mecanismos em outras fábricas nacionais (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013 :62).

No início do Séc. XIX, dá-se uma nova crise nas indústrias de lanifícios devido ao aumento da concorrência dos panos ingleses, conforme o tratado de 1810 e a terceira invasão napoleónica a Portugal (1810-1811), em que na Covilhã saquearam várias igrejas e são incendiados edifícios fabris. A Real Fábrica dos Panos encerra durante este período, o que piorou a situação dos lanifícios na Covilhã (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 62).

Porém, este século é marcado por um progresso sem antecedentes na Inglaterra, com inovações mecânicas no campo da cardação e fiação, processo mecânico. Contudo estas máquinas novas da Inglaterra teriam demorado bastante tempo a chegar à Covilhã (QUINTELLA, 1899 :108). Com a instabilidade causada pela Guerras Liberais, vários notáveis industriais como António Gomes Correia, foram forçados a emigrar para a Inglaterra. À espera de que o país se estabilizasse para poder retornar, este segue de perto as inovações da indústria inglesa, e, no regresso a Portugal, procura dotar as fábricas da Covilhã com estes equipamentos (ABC, 1922). A chegada do tear mecânico, aconteceu em 1834, pela mão de um liberal português, António Gomes Correia, que trouxe estas novas tecnologias após o período em que esteve na Inglaterra (A.A.V.V, 1991 :68), e em 1838 laboram pela primeira vez as cardas e fiações de lã mecânicas na Covilhã (RIBEIRO, 1905 :72).

A partir do Séc. XIX, outras famílias estrangeiras chegaram à Covilhã: as famílias Bouhon e Catalão (ligados no Séc. XIX e meados do Séc. XX ao conjunto fabril das poldras); e as Petrucci e Felizol (origem italiana) e Restier. No Séc. XIX e XX, a cidade possui relações comerciais com as cidades de Tarrassa e Bejar, em Espanha. No Séc. XVIII, houve interações com Sabadell, de onde foram integrados trabalhadores desta região na Real Fábrica dos Panos. Um aforismo popular recorrente em Portugal nos Séc. XVIII, mostra a ligação da Covilhã a esta atividade industrial dos lanifícios: “Se os filhos de Adão pecaram, os da Covilhã sempre cardaram” (PINHEIRO, 2002 :103).

Durante os meados do Séc. XIX, no interior da cidade da Covilhã havia trinta fábricas, algumas de pequena dimensão, que apenas cardavam e fiavam e outras que apenas preparavam os fios, mas não ultimavam. No concelho da Covilhã, à data de 1836, possuía 5007 fogos, o valor mais elevado do distrito de Castelo Branco. O segundo concelho com mais fogos seria Castelo Branco, com 4194 fogos, demonstrando a disponibilidade de mão de obra que do concelho da Covilhã quando comparado com o restante distrito (DIAS, 1962 :9-10). Demonstra também que estas estavam interdependentes de si, pois cada uma realizaria uma parte diferente do processo de fabrico dos panos. Nas principais fábricas da região, o seu capital fixo seria bastante elevado. Neste período trabalhavam nas fábricas da Covilhã seis a sete mil operários (SILVEIRA, 1863 :10).

Entre os anos de 1845 e 1846, dão-se os primeiros movimentos luditas na Covilhã. Dados históricos deste período dão conta de que os operários se revoltaram, temendo que as máquinas instaladas nas fábricas causassem o seu desemprego. Estes movimentos, com mais de 700 trabalhadores, percorreram o concelho da Covilhã a gritar “morram os engenheiros! Fogo aos engenhos”. Estes movimentos resultaram em ataques às fábricas das firmas Valério Gomes Correia & Irmão; Manuel Nunes Mouzaco; Mello e Giraldes & Cª (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013 :70).

Nas fábricas da Covilhã, no início da segunda metade do Séc. XIX, a força motriz principal ainda seria a energia hidráulica, devido à quase inexistência do uso de carvão como recurso energético, o que levava o trabalho fabril a não ser regular em todos os meses do ano, porque nos meses mais quentes de verão há uma grande escassez de

água (SILVEIRA, 1863 :25), fazendo com que muitas firmas tivessem de reduzir o número de operários. Esta dependência da energia hidráulica para a produção dos panos também se revelou problemática, pois as novas máquinas necessitavam de fontes de energia mais potentes (ABC, 1922). Apenas nos anos 60 é que os maiores centros produtores têm acesso à energia vapor, para compensar a força hidráulica, o que colocaria muitas firmas em situações precárias. Por outro lado, também os açudes construídos para reservar água estavam mal feitos para o aprovisionamento de água, e as quedas de água seriam mal-aproveitadas. Arthur Quintella (1899) refere que em 1881, havia 88 rodas hidráulicas na Covilhã e na ribeira da Carpinteira estariam montadas 37 rodas hidráulicas, com força motriz a variar entre 317 cv e 202 cv. Estas eram rodas vertíveis com um diâmetro de 6 m e 1 m de largura, com a maioria a serem construídas em madeira e algumas já em ferro (QUINTELLA, 1899 :115-116).

Por outro lado, segundo Fradesso da Silveira (1863), estas unidades tinham dificuldades em possuir máquinas a vapor neste período cronológico devido ao preço elevado do carvão, como também da lenha que poderia ser usada para combustão, esta cada vez mais rara devido à excessiva desflorestação da Serra da Estrela (SILVEIRA, 1863 :26-27). Era então mais barato o consumo de lenha que carvão por parte das fábricas da Covilhã que no caso do carvão ficava entre 3,300 e 4,000 reis por 1.000kg, a lenha, em comparação com 10,000 e 12,000 reis por 1.000 kg de carvão (QUINTELLA, 1899 :117).

Existem também queixas da falta de uma linha férrea, no Inquérito de Fradesso da Silveira (1863), que poderia facilitar o acesso aos combustíveis fósseis, como o carvão, que permitiriam a construção de máquinas a vapor, para compensar o uso de energia hidráulica, tal como para a exportação de lanifícios; estes, tal como a lã que se importava, eram bastante dispendiosos (SILVEIRA, 1863 :61-62).

Durante este início da segunda metade do Séc. XIX Fradesso da Silveira (1863), indica que as máquinas de percheir, engenhos da fase da ultimação dos panos, da Covilhã são na sua maioria belgas, que estas ainda usavam cardos, que exigiam uma manutenção permanente. Por isso estes foram plantados na periferia da Covilhã, em

especial na atual freguesia do Ferro, porém, a maioria viria de Espanha e França (SILVEIRA, 1863 :12).

Por outro lado, este autor indicou nos seus apontamentos que os industriais da Covilhã tinham uma grande dificuldade em adquirir capitais, uma falta de desenvolvimento das via pública e importação de matéria-prima de maior qualidade e a dificuldade de exportar esses mesmos produtos. A inexistência de bancos que fornecessem o capital necessário, o preço muito elevado da lã, mostra que, neste período, já haveria uma preferência por lãs não provenientes da serra da estrela ou da região envolvente. Assim, a maioria da lã usada nesta fase industrial da Covilhã vinha de Espanha e de outras áreas de Portugal, como Idanha-a-Nova e Penamacor. Por vezes, lãs de maior qualidade seriam importadas da Saxónia (SILVEIRA, 1863 :12-37). Neste período, o preço das lãs era muito mais elevado que em outras cidades do litoral, devido à inexistência de boas vias de comunicação que permitissem a chegada deste produto à região da Cova da Beira, tal como acontecia com o carvão (QUINTELLA, 1899 :113-114).

Entre agosto e setembro de 1861, no Porto, realizou-se uma a Exposição Industrial, em que participaram diversas firmas e industriais da Covilhã, como os industriais Francisco Nunes Marques de Paiva, distinguido com medalha de prata, Ana Cândida Delgado e José Caetano de Souza, medalhados com cobre; José Mendes Veiga, medalhado com prata; Mello Geraldês & C<sup>a</sup>, Campos Mello & Irmão, medalhado com cobre; António Nunes de Souza & Filhos e Januário da Costa Rato, reconhecidos com menção honrosa e Manuel Morais Silva Ramos medalhados com prata (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013 :74).

Entre os finais do Séc. XIX e os inícios do Séc. XX grandes modificações ocorreram na Covilhã. Uma delas foi a elevação da Vila da Covilhã à categoria de cidade, em 1870 (RIBEIRO, 1905 :72). Isto devido à sua importância como centro populacional, o que é bastante admirável visto esta ser uma povoação do interior que se tornou referência devido ao seu desenvolvimento industrial no panorama nacional (MADALENO e FERREIRA, 2015 :V). Sublinha-se ainda nos anos 70 do Séc. XIX o período de internacionalização dos tecidos da Covilhã, comprovado pela aceitação padronizada, a

nível europeu, de uma unidade de medição de tecido designada “cardado Covilhã” e “número Covilhã” (PINHEIRO, 2002 :106).

Também os transportes modificaram a cidade com a construção da linha férrea. Em 6 de setembro de 1891 é inaugurado o caminho de ferro na Covilhã, numa visita do rei D. Carlos I e da rainha D. Amélia de Orleães. Ainda nesta fase de transição para o Séc. XX, muitas fábricas da Covilhã alteraram o tipo de energia usada na iluminação das fábricas, que era feita com recurso a das lamparinas a óleo ou azeite, para iluminação a luz elétrica (A.A.V.V, 1991 :72).

O autor Arthur Quintella (1899) também revela uma grande aptidão dos operários para a produção de lanifícios, devido às tradições de séculos de produção de lanifícios. Com longas linhagens de famílias de operários, com as crianças, desde pequenas, a crescerem entre as máquinas e a aprenderem a trabalhar nos engenhos de fabrico de panos (QUINTELLA, 1899 :110-112). Porém, havia falta de um espaço de formação dos operários, que apenas foi instalado em 1884, denominado a Escola Industrial Campos Mello, na Covilhã (RIBEIRO, 1905 :71).

Contudo vários problemas, no final do Séc. XIX, são evidentes na indústria da Covilhã, desde problemas nas matéria-prima usada nas tinturarias, que nem sempre era de boa qualidade, à falta de plantações de cardo vegetal para as unidades de ultimação, ou a falta de uso de combustíveis fósseis, que era compensada com energia hidráulica, e máquinas bastante antigas em comparação ao resto da Europa (A.A.V.V, 1991 :71-72).

Durante a primeira metade do Séc. XX, o autor Joaquim Carvalho indica que a industrialização na Covilhã continuava em alta tornando-se esta cidade, segundo o autor, o grande centro de lanifícios ou capital dos lanifícios, onde se produziam em grande quantidade e qualidade. Também neste período, no fervor do espírito barrista, os habitantes da Covilhã passaram a designar a cidade como a “Manchester de Portugal” (nome que já vinha do século passado da reunião de industriais) (CARVALHO, 1947 :31-35), com mais de 60 mil habitantes (WACHSMANN, 1949 :45).

Durante este período temos alguns dados específicos para a área da ribeira da Carpinteira, com dados que o Presidente Carlos Coelhos propõe a construção de 122

casas no bairro económico dos Penedos Altos, área localizada na vertente este do vale criado pela ribeira da Carpinteira (ver ficha “**Bairro Operário dos Penedos Altos**” (MED (39))) (CARVALHO, 1947 :35). Segundo Fred Wachsmann (1949), a Covilhã era uma cidade exclusivamente industrial, virada para os lanifícios, sendo marcantes, neste período, as grandes fábricas e chaminés, principalmente nas margens da ribeira da Carpinteira (WACHSMANN, 1949 :45).

#### **6.6. O fim das grandes fábricas de lanifícios na cidade da Covilhã (final do Séc. XX)**

Com a instauração do Estado Novo, em 1926, o corporativismo de associações passou a corporativismo de Estado. Devido à significativa desaceleração do crescimento industrial e à estagnação dos mercados, em 1927, foram reforçadas as medidas protecionistas visando limitar as importações de lanifícios. Porém, nos anos 30 do Séc. XX, a indústria dos lanifícios da Covilhã viria a beneficiar da conjuntura internacional, no decorrer da Guerra Civil de Espanha (1936-1939) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que diminui a concorrência externa. Em 1940, a Covilhã concentrava 60% da produção têxtil nacional. O concelho da Covilhã, em 1943, é marcado pelo domínio dos motores elétricos em comparação com o século passado onde dominava a energia hidráulica, onde num total de 916, apenas 49 eram motores primários (19 rodas hidráulicas, 16 motores de explosão, 10 turbinas hidráulicas e 1 motor de vapor) e 38 geradores para as caldeiras a vapor (PINHEIRO, 2016 :30-31).

A adesão de Portugal à EFTA (*European Free Trade Association*) em 1960, proporcionou a abertura ao exterior e facilita o acesso a novos mercados. Todavia também abriu as portas a concorrência estrangeira, que era demasiado competitiva em comparação a débil e protegida indústria nacional (PEREIRA, 2017b :14). A indústria de lanifícios portuguesa apresentava então uma estrutura deficitária, com carências significativas ao nível das condições técnicas e dos elevados custos de produção. Acusava ainda um acentuado predomínio das pequenas e médias empresas e uma escassa modernização com apenas 1% dos teares automáticos. Também 75% do equipamento da fição de penteado e de cardado e 87% do equipamento da

tecelagem eram anteriores aos finais da Segunda Guerra Mundial (PINHEIRO, 2016 :31).

Com estas dificuldades a produção de lanifícios da Covilhã começou a entrar num forte declínio. A produção de tecidos que, em 1940, tinha representado 60% da produção nacional, caiu de forma gradual para 51,3%, em 1950, 47,7% em 1960 e para 35,6% em 1970. A falta de competitividade da cidade acentuou-se ao longo destas décadas que coincidiu com o aumento do número de operários a laborar nesta indústria. Em 1940, estes representavam 31% do total nacional, em 1950, aumentaram para 44,1% e, em 1960, para 43,9%. Quando, em 1970, se tentou realizar uma última reestruturação e modernização, o peso da mão-de-obra caiu para 36,4% da representação nacional, o que demonstra os sintomas de esgotamento do modelo económico de mono-indústria da Covilhã (PINHEIRO, 2016 :32). Durante os anos 70 desta década verifica-se um envelhecimento do corpo de operários, devido a um aumento da emigração da população jovem. Isto deve-se, em parte, ao facto de os salários na Covilhã serem apenas 1/3 dos praticados na Comunidade Económica Europeia (atual União Europeia) (EMPRESA PÚBLICA DE PARQUES INDUSTRIAIS, 1976 :28).

Porém, é principalmente na década de 70 do Séc. XX, que a maioria das fábricas de lanifícios da cidade da Covilhã entram em fase de decadência com muitas a encerrarem, com o autor Bartolomeu Monteiro (1970) a descrever quais os problemas que estas unidades enfrentam e que vão ser incapazes de dar resposta, nesta década. Em primeiro, durante a década de 70, a maioria dos edifícios em funcionamento era bastante antigos e com mau aproveitamento da área produtiva, tendo muitos dos edificadados mais de dois pisos, algo pouco eficiente em termos produtivos, pois gastava-se muito tempo a mover o produto de piso para piso. Como resultado, os edifícios industriais começam a ser construídos nas áreas de terrenos mais planos, nas zonas periféricas da cidade, fora das áreas de relevo acentuado onde era impossível o seu crescimento (MONTEIRO, 1970 :89-90). Isto fez com que firmas se retirassem da ribeira da Carpinteira pois a maioria unidades possuíam estas características de se situarem em áreas com grande declive geográfico e possuírem muitos pisos.

O principal envelhecimento não é tanto das instalações, mas das máquinas, que é o segundo ponto apontado pelo autor, em que muitas destas já se encontravam bastante desgastadas devido à sua idade ou eram incapazes de competir com equipamentos mais modernos. Outro ponto importante que marca as oficinas da Covilhã e que se relaciona com o segundo ponto é que as máquinas usadas em muitas unidades estavam a ser manuseadas de forma errada para desempenharem processos industriais para o qual não foram concebidas (MONTEIRO, 1970 :89-90).

O quarto ponto apontado pelo autor é a falta de operários especializados com um elevado nível de qualificação e meios de valorização dos novos técnicos para não saírem desta região. O último ponto apontado pelo autor sobre o estado das várias oficinas da Covilhã, neste período, é a falta de um controlo de qualidade do que se estava a produzir nestas fábricas realizadas por um corpo científico rigoroso (MONTEIRO, 1970 :96).

Em 1974, o 25 de Abril e o conturbado período que se lhe seguiu, refletiu-se no encerramento de um número significativo de empresas industriais. O aumento salarial, as novas legislações da CEE que exigiram a implementação de medidas que respeitassem as leis da livre concorrência, a emergência da China, que produzia tecidos a baixos custos, a crise energética, dos inícios da década de 70, e a adoção da moeda única (Euro), que fez com que o preço do produto final fosse mais alto, causaram mais problemas de competitividade (PEREIRA, 2017b :14), marcaram o fim do regime protecionista e o final da grande produção de lanifícios na Covilhã (PINHEIRO, 2016 :32).

### **6.7. A ribeira da Carpinteira no Séc. XXI**

Atualmente, a ribeira da ribeira da Carpinteira, apesar de já não ser o polo industrial que era nos séculos passados, continua a ser marcada por esse passado, com as suas ruas estreitas e inclinadas, onde se destacam as fábricas abandonadas construídas em blocos de granito ao longo da paisagem, as antigas chaminés industriais em tijolo, râmolas de Sol, estendedouros e outros edificadros que ainda marcam esta paisagem cultural.

Com muitos dos edifícios que cobriam a encosta nas margens da ribeira da Carpinteira abandonados ou reaproveitados, como a unidade “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (SIN (8)), que foi transformada em polo universitário; a “João Roque Cabral” (MED (16)) e “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (SIN (6)) convertidas em casas de residências universitárias; a “João Mendes Alçada” (MED (20)) reconvertida em discoteca. Também na própria toponímia desta área se esta intimamente ligada a indústria dos lanifícios, como é o caso da Rua da Indústria e Estrada da Fábrica Velha. Também a forma de dispersão populacional foi influenciada pela indústria com a construção, por exemplo, o “Bairro Operário dos Penedos Altos” (MED (39)) que ainda se encontra em uso.

Em suma, apesar da grande quantidade de dados históricos para a Covilhã e ribeira da Carpinteira existe uma falta marcante de intervenções arqueológicas. Isso é relevante tanto para o conhecimento das unidades industriais e estruturas associadas, o que impede um conhecimento mais aprofundado sobre o início da produção de lanifícios, especialmente as que não possuem referência históricas, como também não permite conhecer os períodos iniciais da ocupação desta cidade.

## **7. A distribuição dos processos industriais na paisagem da Carpinteira**

No caso português, como no resto do mundo, antes do Séc. XVIII, a produção de têxteis ainda seria artesanal e em contexto familiar. Contudo, a partir desse século, Portugal adquiriu estas novas técnicas de produção de lanifícios devido as inovações tecnológicas na Inglaterra, como é o caso das máquinas de fiar *Spinning Jenny*, por James Hargreaves, em 1769, a de Richard Arkwright com a sua *Water Frame*, em 1769, a de Samuel Crompton, com a *Spinning Mule*, em 1779, e de Edmund Cartwright, com o seu tear mecânico, em 1785, e a introdução de novas matérias-primas como o algodão. Isto levou a um aumento produção de lanifícios não só na Covilhã, mas em todo o país (NEVES, 1987 :9 e 33).

Neste tópico irei abordar os processos de trabalhos das duas principais fibras usadas na ribeira da Carpinteira, a lã e o algodão, no período industrial. Apenas optei por desenvolver estas duas matérias-primas, porque após leitura dos processos de

fábricas presentes nos Arquivos do CD/ AH e bibliografia geral, estas são os dois tipos de fibra industrial referidas. Apesar disso, em alguns casos, há referência ao uso de fibras sintéticas, como na unidade, “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>” (MED (25)), nos anos 80 (PINHEIRO, 2009b :553).

Com isto em mente, este capítulo irá descrever os vários processos por que a matéria-prima passa, desde a recolha do produto até a ultimação, com exemplos sempre que possível, com referências aos sítios identificados durante o trabalho de levantamento patrimonial por mim efetuado. Também é importante referir que, em termos cronológicos, irei abordar os processos industriais da produção de lanifícios entre os finais do Séc. XIX e inícios do Séc. XX, pois a maioria das máquinas conservadas e registos documentais destas unidades são deste período cronológico e, infelizmente, não existem escavações nesta área, em contextos arqueológicos, objetos de cronologia anteriores ao Séc. XVII.

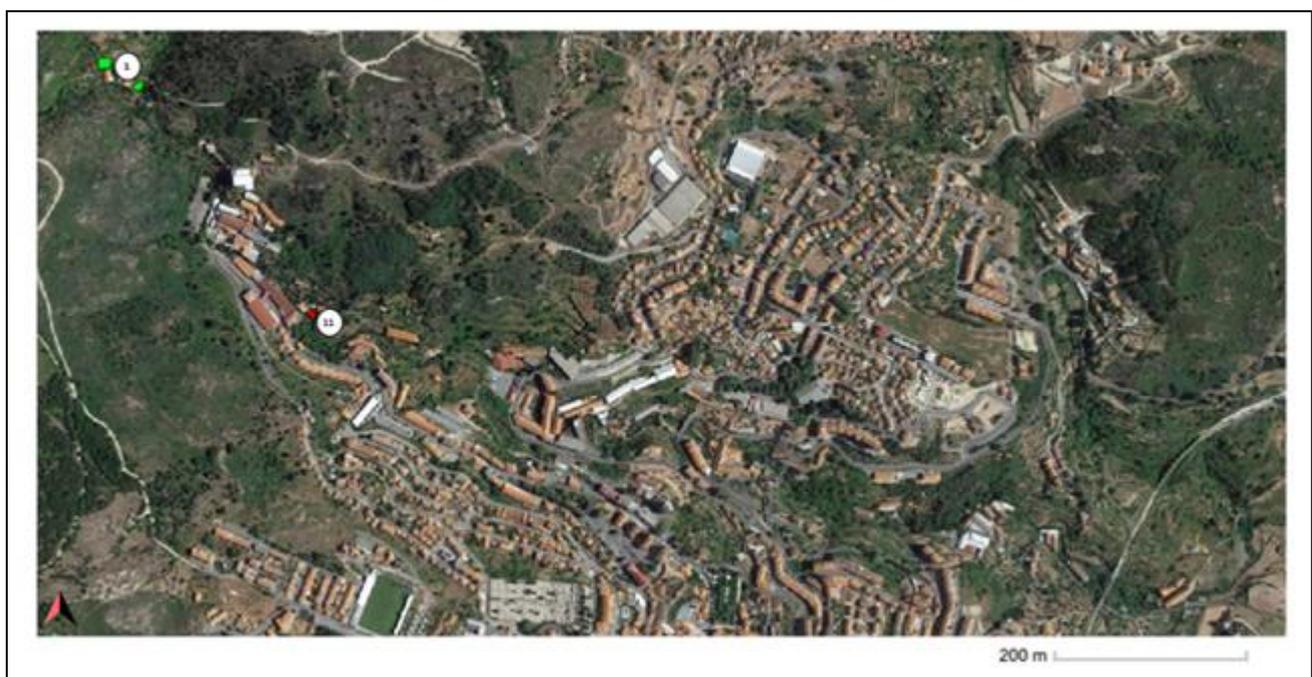
### **7.1. Lã**

A fibra conhecida como lã é obtida através da tosquia de algumas espécies de ruminantes (lamas, vicunhas, camelos e caprinos) e de roedores (coelhos) (MELO, (s.d) :2 e Pereira, 2017b ;14). Porém, segundo José Campos Mello (1907) são os ovinos o principal produtor desta fibra têxtil, e era, na época, sem dúvida, a mais preciosa para o fabrico têxtil. Estes possuem uma cabeça pequena, pelo lanoso, pernas delgadas e altas e cauda curta, tendo na cabeça chifres de secção triangular em forma de semicírculo ou espiral, que prefere as zonas montanhosas (como é o caso da Serra da Estrela) (MELO, 1907 :7 e 17).

Por outro lado, o termo lã refere-se a um tipo de pelo muito fino, que contrasta com o pelo que é duro, rígido, liso, unido e de forma semelhante à de um tronco. Ao passo que a lã é frisada, flexível, sendo formada por uma espécie de finas fibras que se misturam umas com as outras, desde a raiz até à extremidade da fibra (MELO, 1907 :7).

Em 1907, as raças de ovino mais comuns no território português seriam as do tipo Pirenéus e do tipo Merino. As do tipo Pirenéus ainda estariam divididas nas raças *bordaleiro*, a *churra* (habita a zona de Trás-os-Montes), felposa (Extremadura, Minho, Douro e Castelo Branco) e ordinária ou comum (Beira Alta e Baixa, Alentejo, Algarve e Extremadura e no Norte do país). A raça merina, importada pelo Marquês de Pombal do território espanhol, e mais tarde importada da França (mais especificamente da região de *Rambouillet*). Em Portugal, estavam presentes à altura três variantes da raça com a saloia (arredores de Lisboa), barros (zona de Elva e Campo Maior) e terra quente (Castelo Branco). Ainda em Portugal haveria a raça das “areias”, comuns no Alentejo, Miranda, vales do Tejo e do Mondego e eram a usada pelos transumantes na Serra da Estrela (MELO, 1907 :117 e TEIXEIRA, 1994 :17).

### 7.1.1. Preparação da lã



#### Legenda

- Intacto/sem grandes modificações a estrutura e interior desde o seu encerramento
- Edifício parcialmente adaptado/demolido/alterado
- Edifício totalmente adaptado/demolido para nova finalidade
- Número de ficha do sítio

**Figura 4:** Mapa do estado de conservação das unidades que desenvolviam a atividade de preparação de lã<sup>3</sup>.

A primeira fase de preparação da lã serve para fazer a limpeza da lã e retirar a gordura conhecida como sugo ou suarda (segregações da pele dos carneiros que lubrifica a fibra). Esta atividade pode ser realizada antes ou depois da tosquia. A lavagem tem que, além de eliminar o sugo, retirar todas as substâncias que o ovino tenha apanhado no campo (poeira, terras ou barros) (MELO, (s.d) :15-16). As unidades que possuíam secções apenas destinadas a esta atividade de limpeza da lã são: a “Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**) da 2ª metade do séc. XIX, e “Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário” (**MED (11)**) da 2ª metade do Séc. XVIII. Estas duas unidades, de cronologia anterior ao Séc. XX, localizam-se como é espectável junto a ribeira da Carpinteira, no caso da “Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**) um afluente da ribeira da Carpinteira, pois para a limpeza da lã é necessário o acesso a água e estas unidades, possivelmente, para evitar custos adicionais de infraestruturas, foram construídas o mais próximo possível de linhas de água (Figura 4). Contudo há registos de outras unidades que possuíam alguns dos equipamentos e estruturas que podiam realizar parte deste processo de limpeza, porém apenas as duas unidades referidas possuíam secções especializadas para desenvolverem desta atividade.

Por outro lado, dos dois casos de unidades que desenvolveram este tipo de atividade apenas uma se encontra com a sua estrutura praticamente inalterada a “Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**). Visto que o “Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário” (**MED (11)**) foi completamente adaptado para habitação. Daí a necessidade de preservação da unidade de “Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**), para, no futuro, se realizar um estudo

---

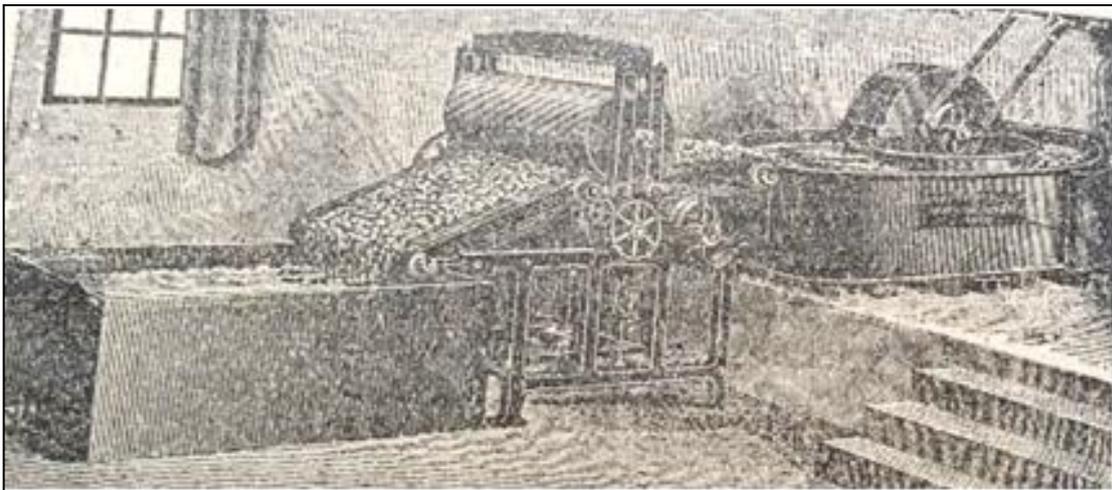
<sup>3</sup> Este mapa foi desenvolvido após o levantamento de campo realizado e os dados bibliográficos recolhidos. Para dividir os edifícios nas diferentes categorias tive em consideração os tópicos das fichas como: **uso atual (33)**, **estado de conservação (35)** e **sistema de proteção patrimonial (36)**). Mas, também possíveis transformações históricas que os edificadros tenham tido (**Resumo Histórico (8)**).

arqueológico mais aprofundado de como se desenvolvia esta atividade na Covilhã (Figura 4).

Nos parágrafos seguintes irei realizar uma pequena descrição dos diversos processos de limpeza da lã, contudo estas etapas variam de unidade para unidade e dependem do período cronológico e do acesso a capital para compra de máquinas entre outros. Também irei aproveitar para dar exemplos de engenhos relacionados com este tipo de produção que as unidades da ribeira da Carpinteira possuíam. A primeira, designada como **desensugar**, é uma das atividades mais importantes. Porém, segundo José Campos Melo (1907), no início do Séc. XX, poucas fábricas de Portugal tomam os devidos cuidados nesta operação, onde muitos apenas “molham as lãs”, isto resulta numa fibra suja e de menor qualidade (MELO, 1907 :239). Esta podia ser realizada de forma manual, com a mais comum chamada de *desensugar a frio* (colocadas em recipientes de água a 20º e remexida com um bastão de madeira); *desensugar à espanhol* (segundo o autor a mais perfeita, onde se emerge a lã em água quente e pisoteia-se varias vezes esta atividade e no fim seca-se a peça); *desensugar à francesa* (similar a anterior mas nesta o banho é realizado com o próprio sugo da lã), e a mais rara é *desensugar com vidro solúvel* (mergulha se a lã durante alguns minutos em um banho quente a 50º, e adiciona-se uma parte de vidro solúvel e no final escorre-se a lã com água) (MELO, (s.d) :16).

Por vezes esta operação poderia ser feita antes de chegar à unidade fabril. Com a **lavagem em pé**, aproveita-se a água corrente de um rio ou ribeira: os animais eram guiados até uma parte mais funda de um corpo de água, resultando numa limpeza inicial da lã ainda no corpo dos animais. A seguir, a lã era submergida em banhos de água quente a uma temperatura em 35º e 60º C, a fim do sugo se dissolver (MELO, 1907 :239-242). Estas técnicas manuais são pouco usadas fora das produções tradicionais ou artesanais. No início do Séc. XX, entram em uso novas técnicas industriais que permitem obter estes resultados com melhor qualidade. Apesar de nesse século ainda se usar técnicas modernas de lavagem manual, estes processos podem ser imperfeitos e por esse motivo são comuns as máquinas para se realizarem esta atividade (MELO, (s.d) :17-18).

Uma das primeiras técnicas mecânicas de limpeza a ser usada é realizada por uma máquina composta por duas barcas retangulares de ferro que possui, uma grade no fundo onde se encontra o líquido para desensugar a lã (Figura 5). A seguir, um tabuleiro sem fim conduzia a lã por um espremedor composto de dois cilindros de ferro, que giram em sentidos contrários e que espremam a lã. Isto retirava o excesso de líquido. A lã era a seguir conduzida para outro tabuleiro sem fim, terminando na *despedideiras*. Esta era a técnica usada nas unidades mais pequenas (MELO, (s.d) :18).



**Figura 5:** Exemplo de máquina de lavar lã (MELO, (s.d) :18).

Para complexos fabris maiores, que usam entre 4000 e 8000 quilos de lã por 24 horas, é usada o *leviathan*. Esta máquina é composta por quatro a seis barcas ou reservatórios retangulares de ferro, tendo uma série de garfos que permitem que a lã circule. A primeira barca servia para desensugar, a partir da segunda lava-se a lã e na última “despede-se”. Este processo varia, dependendo do número de barcas (MELO, (s.d) :19). Este tipo de máquinas, no entanto não é referido nos registos de fábrica consultado.

A operação seguinte designa-se **despedir**: esta é realizada por máquinas que possuem uma forma oval, tendo *batedores* de metal no seu interior, que movem a lã continuamente no seu interior. A água entra pela parte superior da máquina, e arrasta todas as impurezas que escaparam nos processos anteriores. De seguida este tecido húmido tem de ser seco. Este pode ser realizada ao ar livre, onde as fibras eram

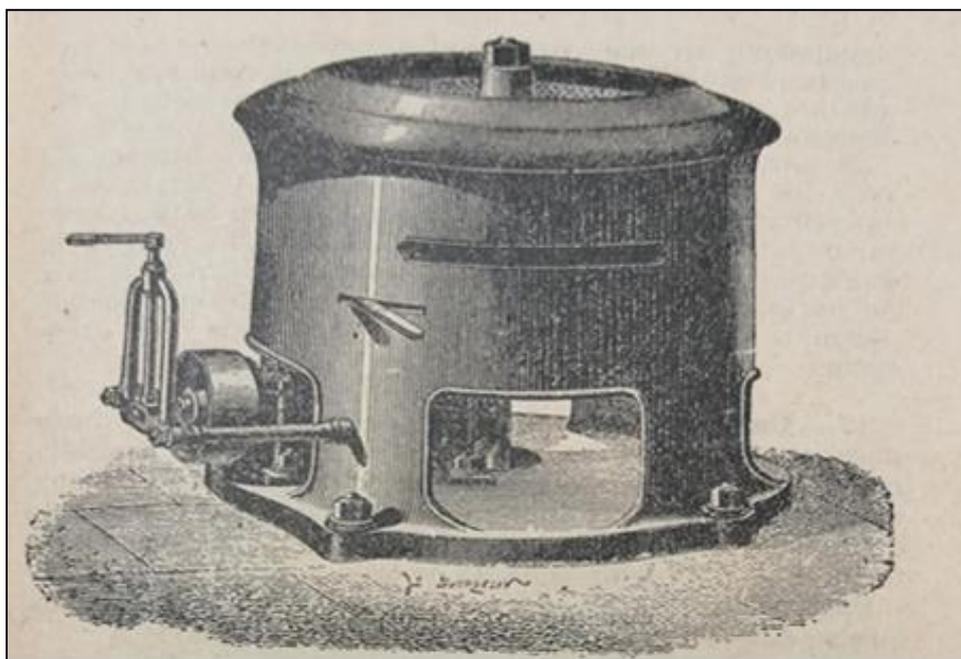
expostas ao sol, em espaços chamados de **estendedouros de lã** (Figura 6). Estes são espaços abertos que aproveitam o terreno com um pavimento relativamente inclinado e lajeado, onde a lã em rama era espalhada para secar ao sol (MUSEU.UBI, (s.d)). Estas peças são secas durante o Verão e têm de ser rodadas durante seis a cinco horas de trabalho (MELO, (s.d) :25). Várias unidades na Covilhã possuíam estes espaços, como a “Fiações Roseta” (**SIN (3)**), a “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” (**SIN (4)**), a “Ignacio da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**), o “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**), o “Lavadouro, Estendedor e Armazém de Lãs Comunitário” (**MED (11)**), o “José Dias D’Assumpção” (**MED (31)**) e a “Fábrica dos Cruzes” (**MED (40)**). No inverno, em fábricas de grande dimensão, a lã molhada era colocada em quartos de grande dimensão designados de **estufas de secar lã**. A lã era colocada em tabuleiros de redes metálicas que contêm lã em camadas pouco espessas, para evitar uma secagem irregular (MELO, (s.d) :23-25).



**Figura 6:** Operários nos estendedouros a secarem a lã na Covilhã em 1921 (direita) (MACEDO, 1921). Estendedor de lãs da unidade “Ignacio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**), integrado atualmente no Núcleo das Râmolas de Sol do Museu de Lanifícios da UBI (esquerda) (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).

Algumas unidades fabris também faziam a lã entrar na máquina conhecida como **hidro-extrator**, para escorrer a água extra (Figura 7). Esta máquina era composta por uma caldeira de ferro fundido, fixa no solo, tendo no centro um cesto perfurado de forma cilíndrica, feito em ferro ou cobre revestido por vezes de chumbo. Esta possuía um motor a eletricidade ou a vapor (MELO, (s.d) :27-28). Havia unidades com este

engenho para secagem de lã, como a “Clemente Petrucci & Irmão” (MED (30)), o “António Baptista Alves Leitão” (MED (10)), o “Manuel Abílio” (MED (43)) e, possivelmente, a “Valério Gomes Correia & Irmão” (SIN (7)).



**Figura 7:** Exemplo de hidro-extrator (MELO, (s.d) :27-28).

A fase seguinte de limpeza dos tecidos é a **operação de carbonização**, que retira todas as impurezas vegetais contidas na lã, palhas, carriços, ervas secas, entre outros elementos. Estes processos só passaram a ser adotados no Séc. XX, com a adoção de processos químicos e mecânicos. Este processo químico (realizado com ácido acético, ácido clorídrico, sulfato de alumínio e, o mais empregue, ácido sulfúrico) mergulha as peças de lã em ácidos para retirar as matérias vegetais e secar as lãs a altas temperaturas sem humidade. Na fase seguinte, após a matéria vegetal ser carbonizada, a lã é submetida a um **batedor**, para remover as poeiras resultantes deste processo (MELO, (s.d) :28).

O **batedor** era composto por uma caixa retangular de ferro e madeira. Estas máquinas têm no interior um tambor guarnecido de dentes de ferro ou madeira e, na parte superior, dois tambores de menores dimensões, igualmente, providos de dentes. O conjunto tem movimentos de rotação dado por uma poleia colocada na parte

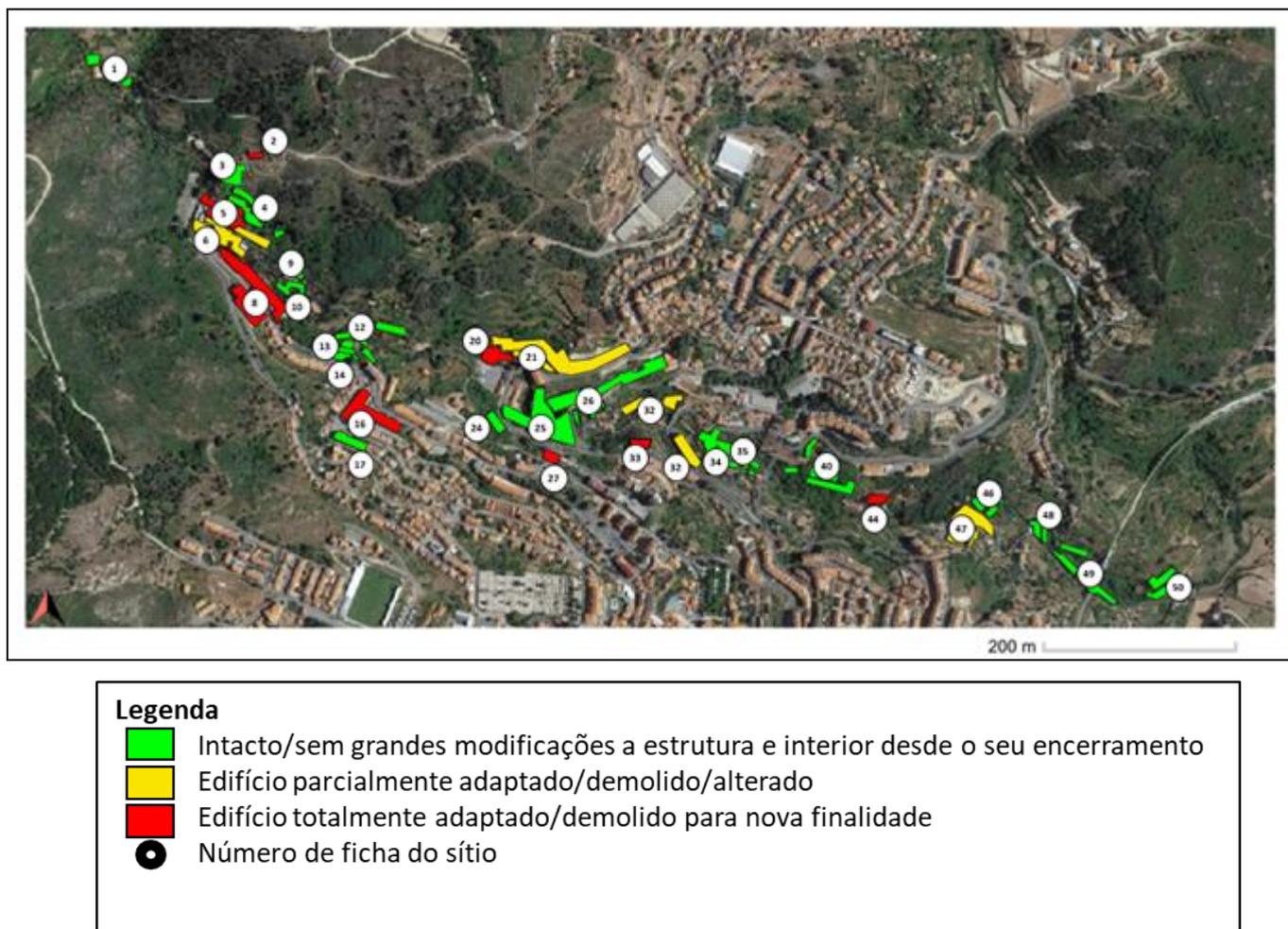
exterior (MELO, (s.d) :28). A unidade fabril “Barata, FILHOS/ Pimentéis L.<sup>da</sup>” (**MED (14)**) e “João Nave Catalão” (**POL (47)**) possuía uma destas máquinas, que ainda se encontra conservada (Figura 8).



**Figura 8:** Batedor do Séc. XIX e XX da firma “João Nave Catalão” (POL (47)) (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).

Outro processo que se pode realizar é **escolher**, que tem como objetivo separar a lã de matérias estranhas, e também retirar as fibras curtas ou os “pelos de prata”. Este pode ser um processo manual ou mecânico. No caso do manual era realizado normalmente, por mulheres que separavam as fibras. A operação de realizar esta etapa com as máquinas, designadas de escolhedeiras, do início do Séc. XX, não eram muito perfeitas (MELO, (s.d) :30-32). Há registo do uso deste tipo de engenhos nas unidades “António Estrela & C.<sup>a</sup>” (**MED (34)**), “Ranito Mesquita & C.<sup>a</sup>” (**MED (35)**) e “Fábrica dos Cruzes” (**MED (40)**), segundo o levantamento das unidades fabris.

### 7.1.2. Cardaço



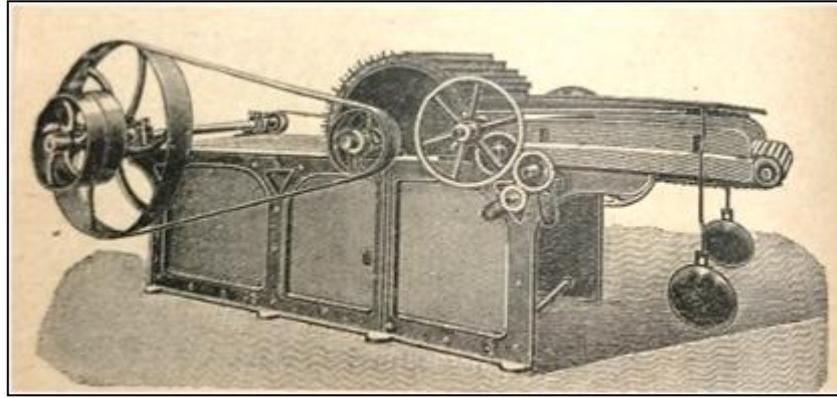
**Figura 9:** Mapa do estado de conservação das unidades que desenvolviam a atividade de cardaço

Após a lã passar pelos processos anteriormente referidos e estar devidamente seca, obtém-se uma fibra de lã macia e mais flexível, para passar pelos engenhos dos próximos processos (MELO, (s.d) :32). Neste caso irei começar pela atividade de cardaço, que era, na ribeira da Carpinteira, a terceira mais comum, com 31 unidades a desenvolverem este processo (Figura 9).

Porém, antes de abordar este processo de cardaço ocorrem quatro fases preliminares que têm de ser realizadas: “misturar”, “escarduçar”, “azeitar” e “abrir” ou “bater” (MELO, 1907 :262). A **mistura**, também conhecida como a “volta”, consiste em misturar uma ou mais qualidades de matérias-primas ou cores, a fim de facilitar a

composição uniforme do fio. Esta atividade é normalmente manual ou em grandes caixas de madeira, realizada nos sobrados das oficinas de cardagem ou nos armazéns. **Escarduçar**, é um complemento da operação anterior, que tem o objetivo de retirar da lã todos os corpos estranhos que esta ainda contenha, nas máquinas designadas de *carduças*. No caso de **Azeitar** a lã, esta passava por lubrificar as fibras, dando-lhes mais resistência à torção a que seriam submetidas durante a etapa de cardar (MELO, 1907 :260 e MADUREIRA, 2001 :18). Este processo é importante, pois a má lubrificação do tecido pode resultar num produto de pouca qualidade e quando demasiado azeitadas poderá estragar o tecido. Mais tarde, usar-se-ão outras substâncias mais baratas, como água de sabão ou soluções alcalinas. Contudo, estas não tinham os resultados do azeite. Também óleos de sementes e de peixe foram experimentados, porém estes lubrificantes davam uma coloração amarela ao tecido. O processo mecânico consistia em colocar a lã que passa num tabuleiro sem fim, onde era molhada pelo líquido lubrificante que descia por um canal até umas escovas que lubrificavam a fibra (MELO, (s.d) :33-38).

O último pré processo antes de cardar designa-se como **abrir**, que é amaciar, bater, abrir e misturar a lã de forma a torná-la apta para entrar, nas cardas. Esta atividade é realizada pelo **lobo/diabo** (Figura 10), máquina cujo nome se deve aos dentes desta, que guarnecem o cilindro de uma caixa de madeira ou ferro. Na base destas máquinas haveria uma série de dentes por onde a lã era obrigada a passar (MELO, (s.d) :39). Algumas unidades possuíam este engenho, entre elas a “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” (**SIN (4)**), a “António Baptista Leitão” (**MED (12)**), a “Barata, FILHOS/ Pimentéis L. da” (**MED (14)**), a “João Roque Cabral” (**MED (16)**), a “António Estrela & C.ª” (**MED (34)**), a “Ranito Mesquita & C.ª” (**MED (35)**) e a “Fábrica dos Cruzes” (**MED (40)**).



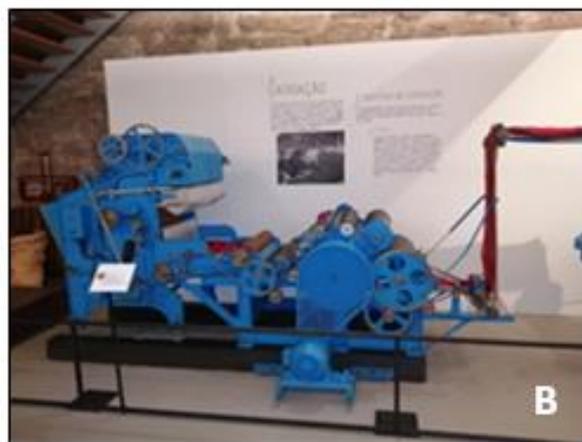
**Figura 10:** Exemplo de **lobo** (MELO, (s.d) :40).

Esta máquina possui um tambor com 1,10m de diâmetro. Estes engenhos conseguem dar entre 150 e 200 rotações por minuto. O seu interior estava coberto de dentes de ferro. A lã é colocada no tambor e o movimento no seu interior permitia “abrir” a lã. O lobo era uma das máquinas mais perigosas neste processo de produção de fio cardado e resultava por vezes em acidentes graves (MELO, (s.d) :40).

Após estas fases a lã está pronta para passar à cardação, atividade que tem como objetivo o desemaranhamento e individualização das fibras, na carda. Este processo produz uma homogeneização da mistura da fibra e sua limpeza (ESTÊVÃO, 2012 :20). Os engenhos de cardar denominam-se **emborradora** ou **abridora**, **emprimadora** ou **repassadora** e **contínua**, **aparato** ou **acabadora** (Figura 11). Estas três máquinas formam um conjunto designado de surtido (MELO, 1907 :263-265).



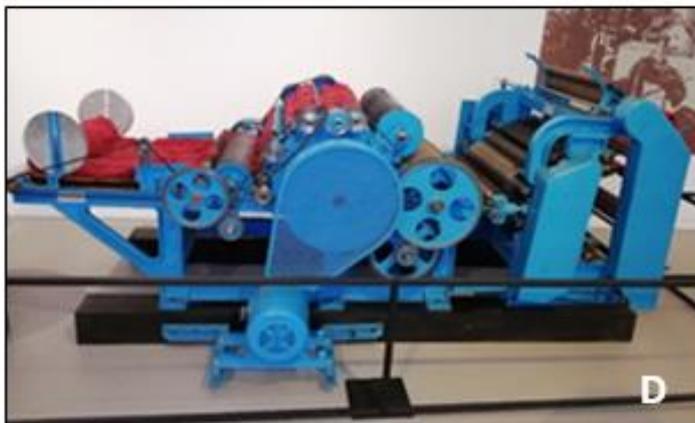
A



B



C



D

**Figura 11:** Sortido de cardação de marca Würtex Maschinenfabrik Ing. Th. Otto, Alemanha, da Escola Industrial e Comercial Campos Melo (Covilhã). Topo sortido de cardação (A). A primeira era a **emborradora** ou **abridora** (B), a segunda **emprimadora** ou **repassadora** (C) e a terceira **contínua**, **aparato** ou **acabadora** (D) (equipamento do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).

### 7.1.3. Penteação



#### Legenda

-  Intacto/sem grandes modificações a estrutura e interior desde o seu encerramento
-  Edifício parcialmente adaptado/demolido/alterado
-  Edifício totalmente adaptado/demolido para nova finalidade
-  Número de ficha do sítio

**Figura 12:** Mapa do estado de conservação das unidades que desenvolviam a atividade de penteação.

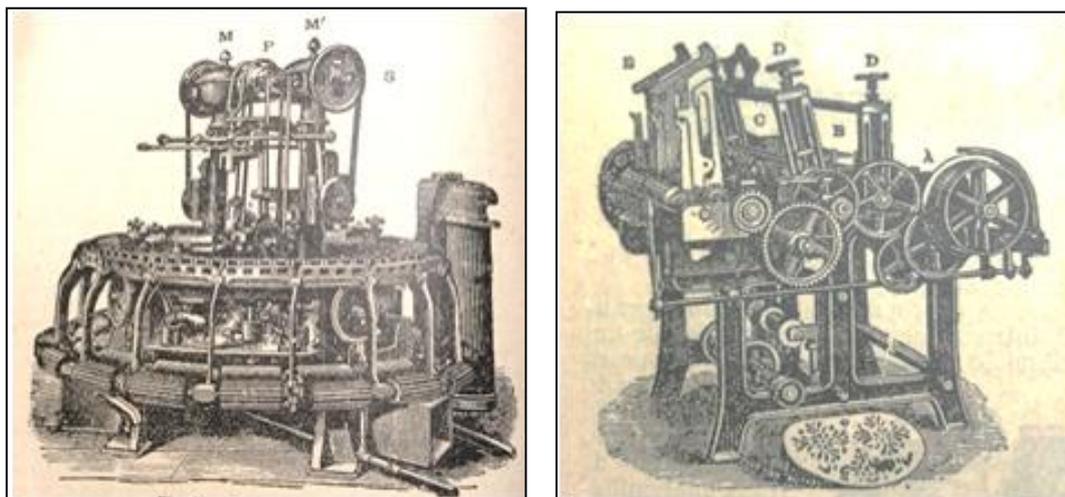
O outro processo de tratamento da lã é conhecido como **penteação** e tem como fim a eliminação das fibras curtas, dos borbotos e dos aglomerados fibrosos da lã ou de qualquer outra matéria-prima, como o algodão, deixando as fibras perfeitamente paralelas entre si. Elimina determinadas impurezas e separar as fibras curtas das compridas (MELO, (s.d) :64 e ESTÊVÃO, 2012 :21). No caso da ribeira da Carpinteira apenas o fariam as unidades: “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**), “Fábrica Alçada” (**MED (21)**), “Alberto Miguel” (**MED (24)**) e “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>” (**MED (25)**). Estas atividades encontram-se em unidades construídas entre os anos 30 e 40 do século passado, à exceção da “Fábrica Alçada” (**MED (21)**) datada da primeira metade do Séc. XIX, contudo só há registo da secção de penteação nos anos 50 do Séc. XX.

Estas unidades, tal como as especializadas na lavagem de lã, são raras na ribeira da Carpinteira tendo no caso da “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**) sido bastante alterada e a “Fábrica Alçada” (**MED (21)**) parcialmente alterada para novos fins. Isto torna fulcral a preservação e estudo das duas outras unidades, a “Alberto Miguel” (**MED (24)**) e a “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>” (**MED (25)**), para entender como as unidades na primeira metade do Séc. XX, operariam (Figura 12).

Antes da maquinaria, a atividade era realizada de forma manual, com auxílio a dois pentes, com dentes de ferro. Um deste pente era colocado na vertical e fixo enquanto o segundo era usado pelo operário. Este colocava uma porção de mechas de lã no pente fixo e depois o puxava com o segundo, para assim retirar fibras curtas ou lixo que ainda se encontram presentes na lã (MELO, (s.d) :64).

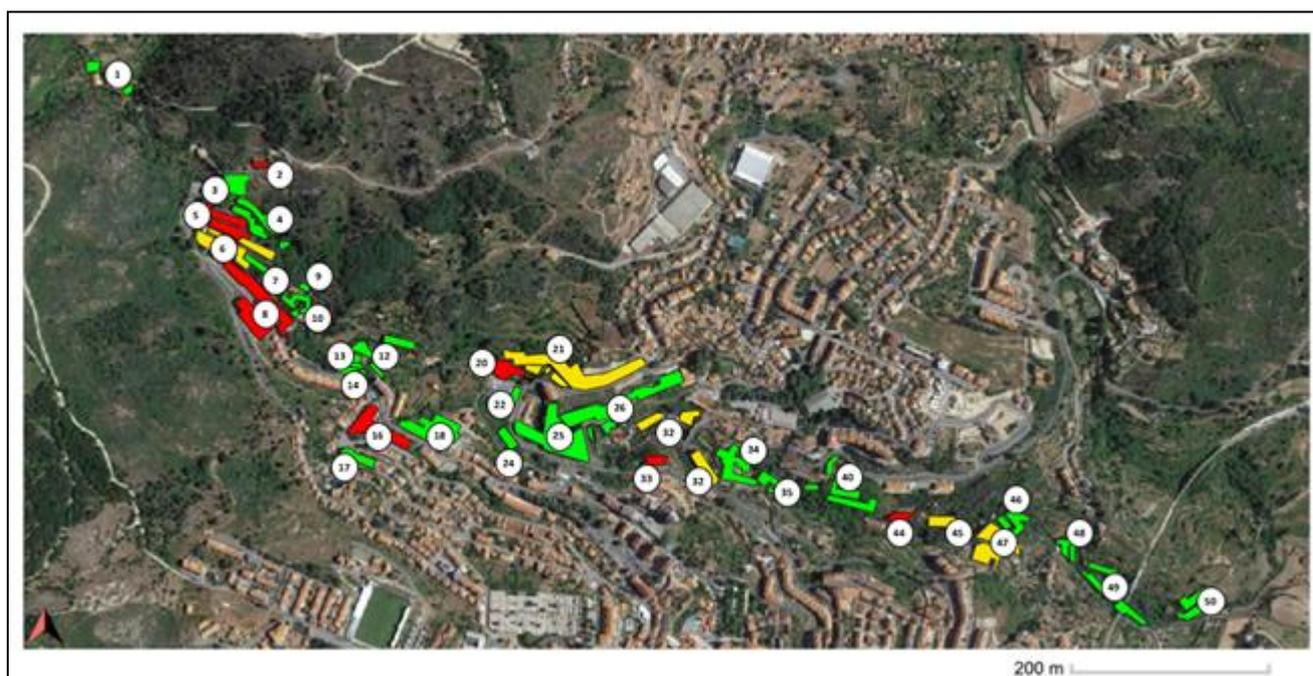
Com o advento da mecanização das penteadeiras (Figura 13) ouve uma evolução não só no processo de produzir, mas também surgiu uma panóplia de outras máquinas que auxiliam esta atividade de preparação, como ***gills-box*** (Figura 13), ***lavadeira***, ***alisadeira***, ***enoveleira***, ***estiradeira*** e ***caneleira*** (MELO, (s.d) :66).

Nos processos das fábricas do CD/ AH está registado que a unidade da “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>” (**SIN (8)**), possuía 3 penteadeiras na secção de penteação e, na zona de preparação para a penteação, 8 ***gills-box***. No caso das lavadeiras está registada a sua presença nas unidades “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” (**SIN (4)**), “Valério Gomes Correia & Irmão” (**SIN (7)**), “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**), “José Dias D’Assumpção” (**MED (31)**), “António Estrela & C.<sup>a</sup>” (**MED (34)**), “Ranito Mesquita & C.<sup>a</sup>” (**MED (35)**) e “Manuel Abílio” (**MED (43)**). Contudo estas poderiam ser as lavadeiras usadas na ultimação.



**Figura 13:** Exemplo de **Penteadeira circular** (esquerda). Representação de **Gills-box** (direita) (MELO, (s.d) :68 e 70).

#### 7.1.4. Fiação



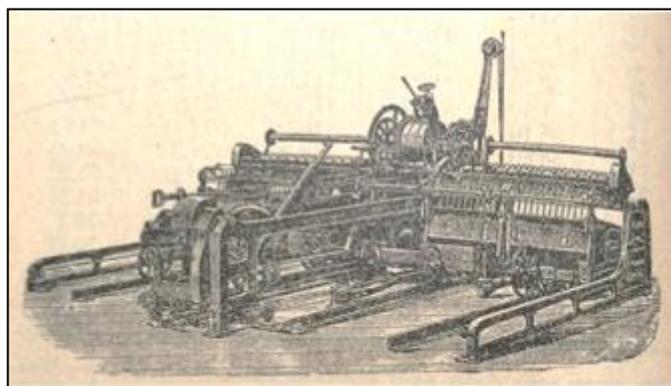
#### Legenda

- Intacto/sem grandes modificações a estrutura e interior desde o seu encerramento
- Edifício parcialmente adaptado/demolido/alterado
- Edifício totalmente adaptado/demolido para nova finalidade
- Número de ficha do sítio

**Figura 14:** Mapa do estado de conservação das unidades que desenvolviam a atividade de fiação.

A **fição** é a segunda atividade mais desenvolvida nas fábricas da ribeira da Carpinteira, com 34 unidades a terem esta atividades (Figura 14). Esta atividade de transformar matérias-primas em fio esteve ligada ao trabalho doméstico. Durante a Idade Média, os únicos utensílios utilizados eram a roca e o fuso, mas esta atividade foi transformada, no início do Séc. XVI, com a introdução da roda de fiar (MELO, (s.d) :78). Este processo, tem por objetivo transformar a lã bruta em fio, a mecha produzida pela carda ou pelos estiradores da penteação. (MELO, 1907 :274).

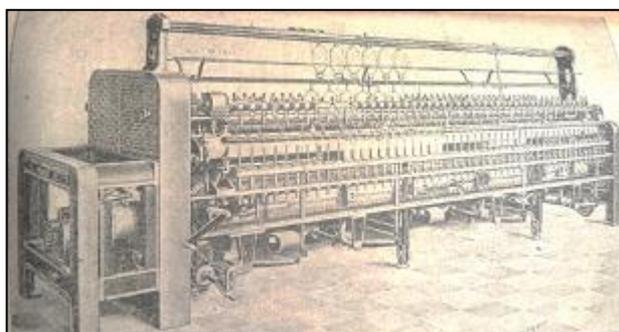
Só no ano de 1760, Tomas Higgs iniciou um estudo para se mecanizar esta atividade, porém esta não era prática. Contudo um novo passo foi dado na indústria dos lanifícios, em 1770, com a invenção da *Spinning-Jenny*, que possuía no início até 6 fusos. Contudo é com Samuel Crompton, com a construção da Spinning Mule em 1779 que o fio criado passa a ser de maior qualidade. Durante o Séc. XIX, foram realizadas várias tentativas para transformar a *mull-Jenny* e a *self-acting* ou semovente (Figura 15) em máquinas mais pequenas, e que realizassem um trabalho mais contínuo: estas novas fiadeiras eram chamadas de **fiadeiras contínuas** (MELO, (s.d) :78-90).



**Figura 15:** Exemplo de *self-acting* ou semovente (MELO, (s.d) :90).

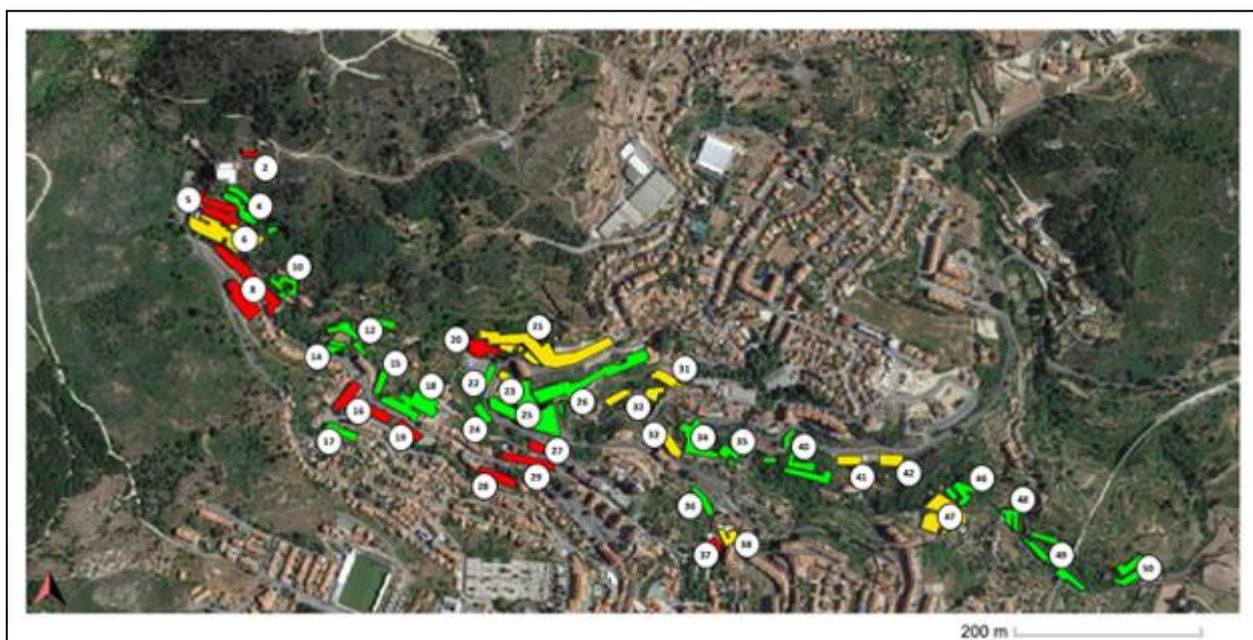
Estas fiadeiras conhecidas como **fiadeiras contínuas** (Figura 16), revolucionaram este processo pois, em vez de ser necessário transportar a mecha num carro, como acontece na *mull-Jenny*, durante as várias operações, o fio é dado automaticamente por uma série de cilindros, que operam ao mesmo tempo. Esta tem mais utilização

para ser usado no fio para urdidura (MELO, (s.d) :90). Há registo do uso destas máquinas na unidade “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**) com 21 fiandeiras contínuas e na “João Roque Cabral” (**MED (16)**) com 3 fiandeiras contínuas.



**Figura 16:** Exemplo de Fiadeira continua (MELO, (s.d) :91).

### 7.1.5. Tecelagem



#### Legenda

-  Intacto/sem grandes modificações a estrutura e interior desde o seu encerramento
-  Edifício parcialmente adaptado/demolido/alterado
-  Edifício totalmente adaptado/demolido para nova finalidade
-  Número de ficha do sítio

**Figura 17:** Mapa do estado de conservação das unidades que desenvolviam a atividade de tecelagem.

A tecelagem é a atividade de indústria dos lanifícios da Carpinteira mais comum, com 38 centros produtores com este tipo de processo industrial (Figura 17). Contudo antes de passar para a atividade de tecelagem, as fibras têm de ser devidamente preparadas. Em primeiro é necessário **urdir**, que segundo José Melo (s.d) é a mais importante das atividades de preparação do tecido, e consiste em agrupar, num comprimento determinado e igual e paralelo entre si, todos os fios que compõem a teia (MELO, (s.d) :178).

Esta atividade pode ser realizada manualmente ou mecanicamente, por engenhos chamados de urdideiras. As urdideiras manuais, podem ser *circulares e longitudinais*, e eram, no início do Séc. XX, as mais usadas. Porém, no campo das urdideiras mecânicas existe a urdideira mecânica por secções que é pouco empregue devido ao seu tamanho, no início do Séc. XX (MELO, (s.d) :184). Na ribeira da Carpinteira existem alguns casos de fábricas que possuíam estes tipos de máquinas, como a: “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**); “João Roque Cabral” (**MED(16)**) (automática e mecânica); “Barata, FILHOS/ Pimentéis L.<sup>da</sup>”, (**MED (14)**) (manual); “Fábrica Alçada” (**MED (21)**) (mecânica); “Armando António Martins” (**MED (22)**) (manual); “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**); “António Estrela & C.<sup>a</sup>” (**MED (34)**); “José Camolino e Sousa” (**MED (36)**) (engenho mecânica) e “João Nave Catalão” (**POL (47)**).

A etapa seguinte de **grudar ou gomar**, tem por fim impregnar os fios da teia de uma substância gelatinosa que torne a superfície do fio lisa e lhe dê ao mesmo tempo consistência. Isto têm como finalidade suportar a fricção do pente durante o trabalho da tecelagem. Esta atividade, em Portugal, no início do Séc. XX, era feita a mão, com as máquinas que realizavam o trabalho de forma mais perfeita a serem pouco usadas (MELO, (s.d) :187).

A fase de **enrolar** as teias tem por fim as enrolar nos *órgãos* dos teares. Os fios passam por um rastilho, a fim de manter a teia numa largura determinada e segundo a disposição do fabrico. A seguir realiza-se a etapa de **molhar as tramas**, alguns tecidos

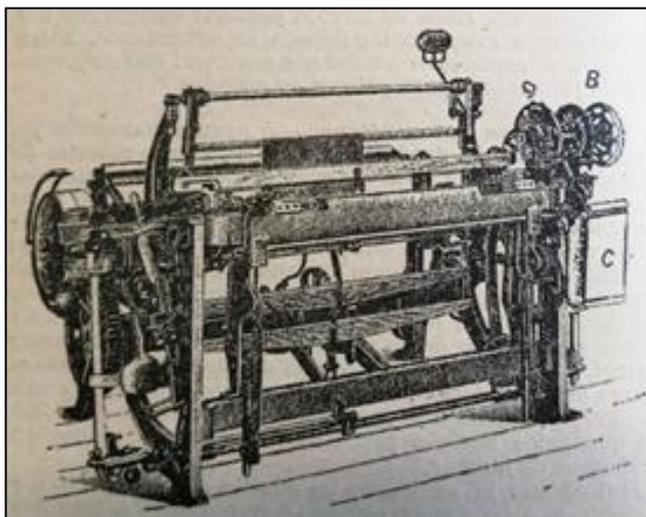
precisam de uma trama húmida, para possuírem mais flexibilidade. Era usado nesta atividade uma máquina similar ao hidro-extrator, designado de “molhador de tramas” (MELO, (s.d) :190-193).

A última atividade designa-se por **vaporização**, que consiste em dar torção, resistência e elasticidade; para isso colocam-se as canelas dentro de uma caixa metálica e introduz-se-lhe um jato de vapor, durante 30 minutos a 1 hora (MELO, (s.d) :193).

A tecelagem é a operação que corresponde ao entrelaçamento dos fios da teia com os fios da trama (ESTÊVÃO, 2012 :22). A nível de **teares** os principais teares manuais e mecânicos, segundo José Campos Melo (s.d), alguns dos principais tipo de teares usados são o tear “de pisos”, “excêntricos”, “maquineta”, “*Jacquard*”, de “malhas circular” ou “*rectilínio*”. O primeiro tear é manual, o segundo e quinto mecânico, e os restantes poderiam ser manuais ou mecânicos (MELO, (s.d) :223).

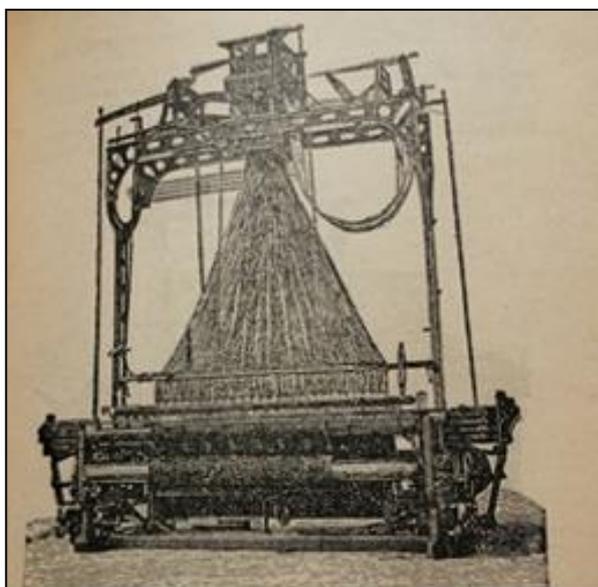
Contudo ao longo do Séc. XX surgem um novo tipo de engenho o **tear automático**, que foram criados para produzirem o máximo com o mínimo de tempo gasto e o mínimo de pessoal qualificado para, tendo sido estimuladas pelas invenções nos EUA (MELO, (s.d) :237).

No território português, durante o final do Séc. XIX e inícios do Séc. XX, os teares em funcionamento mais comuns são os de *Northrop* (Figura 18) (criado em 1897 por James Northorp), não por ser o mais eficiente, mas porque foi o primeiro a aparecer e a ser adotado pelos grandes centros industriais de Portugal. Contudo, outros exemplos de teares usados em Portugal são *Bradley Loom*, *Automatic circular Loom*, *Hariman*, *Steimen* e *Seaton* (MELO, (s.d) :237).



**Figura 18:** Exemplo de tear automático *Northrop* (MELO, (s.d) :237).

Na ribeira da Carpinteira, normalmente, as firmas apenas distinguem teares manuais ou automáticos, mas há alguns casos em que indicam o tipo específico, como é o caso dos teares do tipo *Jacquard* (Figura 19), usados nas unidades “José Dias D’Assumpção” (MED (31)); “António Estrela & C.ª” (MED (34)) e “Ranito e Mesquita & C.ª” (MED (35)).



**Figura 19:** Exemplo de teares do tipo *Jacquard* (MELO, (s.d) :233).

### 7.1.6. Tinturaria



#### Legenda

- Intacto/sem grandes modificações a estrutura e interior desde o seu encerramento
- Edifício parcialmente adaptado/demolido/alterado
- Edifício totalmente adaptado/demolido para nova finalidade
- Número de ficha do sítio

**Figura 20:** Mapa do estado de conservação das unidades que desenvolviam a atividade de tinturaria.

A atividade de tinturaria, apesar de não muito comum na ribeira da Carpinteira, era realizada por várias unidades fabris, entre elas a “Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**), a “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**) a “Fábrica Alçada” (**MED (21)**), a “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>” (**MED (25)**), a “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**), a “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**), a “José Dias D’Assumpção” (**MED (31)**), a “Victor Sasseti & C.<sup>a</sup> & António Maria das Neves & Irmãos” (**MED (32)**), a “Ranito Mesquita & C.<sup>a</sup>” (**MED (35)**), a “Fábrica dos Cruzes” (**MED (40)**), a “José Maria da Silva Campos Mello e irmão” (**MED (44)**), a “João Nave Catalão” (**POL (47)**), a “Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão” (**POL (49)**), a “José da Cruz Fael” (**POL (50)**) e a unidade “António Estrela &

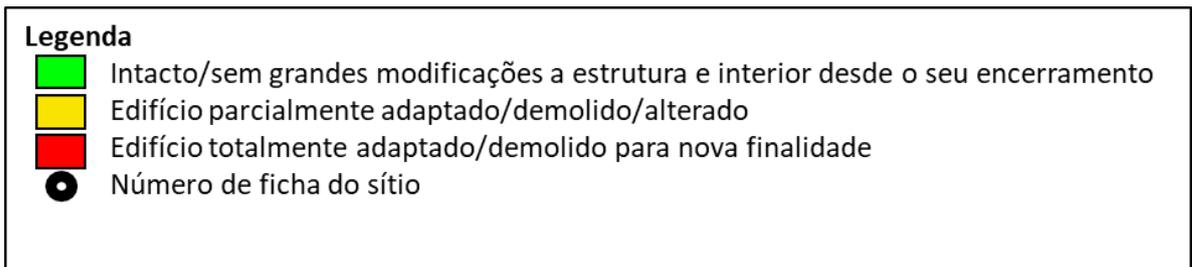
C.ª” (**MED (34)**). A fábrica “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**), de especial interesse, pois esta unidade, dos anos 30 do século passado, estava especializada nesta atividade, e também porque se encontra em bom estado de conservação. Contudo esta unidade, apesar desta característica única na ribeira da Carpinteira, não possui nenhum tipo de proteção patrimonial específico. É também importante indicar que, tal como na lavagem de lã, a maioria das tinturarias localizavam-se junto à ribeira, à exceção da “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**) que é uma tinturaria mais moderna do Séc. XX. Isto deve-se à necessidade de aceder a água para realizar a atividade de tinte e para despejar os resíduos resultantes desta atividade (Figura 20).

No caso da lã as técnicas de tingir são mais diversas que as do algodão (MELO, 1907 :316). A arte de tingir consiste em impregnar os corantes o mais profundo possível nas fibras, as quais se fixam mecanicamente ou por afinidade química ou ainda por afinidade química e mecânica, para que não sejam removidos no último processo, conhecido como **ultimação** (MELO, (s.d) :403).

O processo de tingimento começa com a **preparação à tinturaria**, na qual a matéria-prima é carregada nas máquinas de tinturaria de forma a garantir que o “banho” de tingimento penetre nas fibras de um modo eficiente e o mais uniforme possível (ESTÊVÃO, 2012 :25).

A seguir acontece o **tingimento**, que consiste em fazer com que os corantes que se encontram no banho consigam, com a ajuda de produtos químicos, temperatura e o pH da água, fixar-se no interior das fibras têxteis. Por fim a **secagem** dos fios é efetuada em estufa ou num “secador rápido”. Porém a secagem tradicional era feita em râmolas de Sol (ESTÊVÃO, 2012 :25-26).

### 7.1.7. Ultimação



**Figura 21:** Mapa do estado de conservação das unidades que desenvolviam a atividade de ultimação.

Segundo o levantamento histórico e bibliográfico esta era a quarta atividade mais realizada pelas unidades fabris da ribeira da Carpinteira, apenas atrás da fiação, cardação e tecelagem, com 22 unidades a desenvolver a atividade de **ultimar** (Figura 21). Esta tem como objetivo pôr em evidência, da maneira mais vantajosa possível as fibras que compõem um pano, para lhe dar aparência mais favorável (MELO, (s.d) :445 e ESTÊVÃO, 2012 :26).

Este processo pode variar nos métodos, dependendo do tipo de matéria-prima, e tipo de tecido. No caso dos tecidos em **lã cardada** em bruto os filamentos desfiam-se facilmente. Daí necessitarem deste processo para ganharem elasticidade, solidez,

qualidade e macieza. No caso da **lã penteada**, o tecido assemelha-se muito mais ao pano acabado na sua estrutura e aparência do que um pano cardado. Isto deve-se ao processo usado pois esta lã encontra-se mais limpa, a superfície mais unida, lisa, brilhante (MELO, (s.d) :445-446 e ESTÊVÃO, 2012 :26).

Esta atividade divide-se em várias operações consoante o tipo de fibra usada: algodão, linho, lã, entre outros. Porém, enquanto o algodão apenas precisa de passar pela **gomagem**, a **secagem** e a **passagem na calandra**, a lã necessita de passar por mais processos (MELO, (s.d) :447).

A primeira fase designa-se de **passar** o pano em *cherga*, como vem do tear, realiza-se uma análise detalhada de possíveis defeitos e medição. Nesta etapa pode ser usada uma máquina que faz circular o tecido, e facilita o trabalho dos operários a detetar erros nos tecidos (MELO, (s.d) :447).

A seguir realiza-se a etapa conhecida como **esbicar**, onde se faz uma limpeza para retirar a matérias estranhas detetadas na etapa anterior. Nesta cortam-se e consertam-se os defeitos de tecelagem, sendo feito manualmente, com uma agulha ou pinça (MELO, (s.d) :449).

A terceira etapa é conhecida como **humedecer**, borrifava-se a o tecido com água. Esta fase pode ser realizada através de uma máquina designada de **Humidificador de pressão** (MELO, (s.d) :449). Não há referência desta máquina nas fábricas da ribeira da Carpinteira.

A etapa de **lavagem** é bastante importante pois uma má lavagem pode alterar a estrutura do tecido por ação mecânica ou química. Esta limpeza é feita pela **máquina lavadeira em corda** (para artigos mais pesados). Esta lavagem liberta o tecido de todas as matérias gordas ou gelatinosas. Quando a lavagem é apenas feita em água como por exemplo nos panos que vem da tinturaria, chama-se despedir, realizado pelas despedideiras (MELO, (s.d) :449-451). Não existe no registo de máquinas de fábricas da Carpinteira, deste tipo de máquinas. Contudo as unidades “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” (**SIN (4)**), “Valério Gomes Correia & Irmão” (**SIN (7)**), “António Estrela & C.ª” (**MED (34)**), “Ranito Mesquita & C.ª” (**MED (35)**) e “Manuel Abílio” (**MED (43)**) (que apenas desenvolvia a atividade de tecelagem), registavam o uso de

lavadeiras. Contudo existem outros casos da referência deste aparato em unidades que não possuíam secções de tecelagem, como a “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**) e a “José Dias D’Assumpção” (**MED (31)**). No caso da “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**) esta pode ter sido usada na secção de penteação para a preparação do fio para penteação.

A operação de **pisoar**, tem por fim dar corpo e resistência aos panos e reduzir o comprimento e largura do tecido para aumentar a sua espessura até ao ponto desejado. Esta atividade pode ser realizada por uma máquina designada de batano ou pelas antigas máquinas, que eram designada de pisões ou maceiras (MELO, (s.d) :459), estas ultimas bastante comuns na Carpinteira, e que as unidades fabris, “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” (**SIN (4)**); “Valério Gomes Correia & Irmão” (**SIN (7)**); “Fábrica do Dr. António Alçada” (**MED (9)**); “António Baptista Leitão” (**MED (12)**); “Engenho do Sineirinho” (**MED (13)**); “Fábrica Alçada” (**MED (21)**); “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**); “José Dias D’Assumpção” (**MED (31)**) e “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**) possuíam. Todas estas firmas tinham uma unidade especifica para ultimação, expeto o “Engenho do Sineirinho” (**MED (13)**), onde o proprietário Silvestre Nunes Morais adquiriu um destes engenhos, e a “José Dias D’Assumpção” (**MED (31)**) que, no inquérito de 1890, indica possuir uma destas máquinas (PINHEIRO, 2009b :542 e 560).

Depois das fazendas saírem deste processo passam por uma máquina designada de **máquina de acabar**, que tem o objetivo de corrigir qualquer defeito que as outras operações poderiam produzir, como vincos. A seguir realiza-se a **carbonização** química do tecido, que tem como função misturar acido sulfúrico e água. Isto retira impurezas que o tecido tenha adquirido (MELO, (s.d) :464-465).

A atividade de **enxugar** consiste em secar o pano através da tensão, dando-lhe ao mesmo tempo, uma largura determinada e uma regularidade em todo o seu comprimento. Esta atividade era realizada pelas râmolas manuais ou mecânicas. Estas últimas podem ser verticais ou horizontais e funcionavam através do vapor (MELO, (s.d) :467). Estas râmolas de Sol (Figura 22) eram equipamentos destinados à secagem e estiragem, ao ar livre, dos panos de lã, após estes saírem molhados dos lavadouros, pisões e tintes (MUSEU.UBI, (s.d)).



**Figura 22:** Râmolas de Sol da fábrica “Ignacio da Silva Fiadeiro”, integrado atualmente no Núcleo das Râmolas de Sol do Museu de Lanifícios da UBI (SIN (5)) (fotografia de Rodrigo Dias. 03/03/2021).

Estas estruturas, tal como os estendedouros em granito, marcam as encostas do vale formado pela ribeira da Carpinteira, onde criam áreas de socalcos nas vertentes com maior exposição solar. Várias unidades as possuíam, como Manuel Telles Feio e “Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**); “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” (**SIN (4)**); “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**); “António Baptista Leitão” (**MED (12)**); “João Mendes Alçada” (**MED (20)**); “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**); “José Dias D’Assumpção” (**MED (31)**); “António Estrela & C.ª” (**MED (34)**); “Ranito Mesquita & C.ª” (**MED (35)**); “Fábrica dos Cruzes” (**MED (40)**); “Sutre, Antunes & Oliveira L.<sup>da</sup>” (**MED (41)**); “Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão” (**POL (49)**) e “Ignacio da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**). Esta última possuiu as râmolas em melhor estado de conservação na Carpinteira, ainda com as varas de ferro onde colocariam as peças de tecido conservadas. Por outro lado, as unidades possuíam “António Estrela & C.ª” (**MED (34)**) e “Manuel Abílio” (**MED (43)**) em vez de usarem o clima (Sol e temperatura) para a secagem usavam a energia a vapor.

A operação seguinte seria **perchear**. Esta atividade não é mais que o guarnecimento da superfície do pano, em que as fibras formam uma camada homogénea de fibras paralelas com o fim de dar o melhor toque ou aspeto. Esta atividade pode ser realizada por máquinas designadas de **perchas** (Figura 23), que são na generalidade compostas pelas seguintes peças: um tambor em volta do qual estão

retângulos de ferro chamados réguas e guarnecidos de cardos vegetais. Existia uma máquina apenas destinada para o algodão (MELO, (s.d) :472). A unidade de “João Nave Catalão” (**POL (47)**) possuía uma destas máquinas, com um dos exemplares exposto no Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga.



**Figura 23:** Percha do Séc. XX, da unidade produtora “João Nave Catalão” (POL (47)). Este engenho é da marca A. Monforts Textilmashinen GmbH & Co. KG, Alemanha (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).

A próxima etapa é conhecida como **rapar, tesourar ou tosquiar**. Estas atividades consistem na atividade de cortar, a uma altura uniforme, os filamentos do tecido puxados pela percha. Esta é uma operação puramente mecânica, com a qual se obtém o efeito de embelezar o tecido, na frente ou no avesso. Esta atividade de rapar praticava-se com grandes tesouras (Figura 24), mas, desde 1802, que se empregam máquinas denominadas de tesouras mecânicas (MELO, (s.d) :474). Apenas algumas unidades com ultimação indicam nos seus inquéritos que possuírem tesouras, como a “Fábrica do Dr. António Alçada” (**MED (9)**); “António Baptista Leitão” (**MED (12)**) e “Ranito Mesquita & C.ª” (**MED (35)**).



**Figura 24:** Tesoura do Séc. XX da firma Vodratex – J. Fernandes F. Simões & Filhas, Vodra, Seia. Peça da marca Castelo-Branco – Auto Mecanica da Beira, L.<sup>da</sup>., Castelo-Branco (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).

Na operação **lustrar** fixa-se o brilho no tecido e evita-se que água possa produzir nódoas na superfície dos panos, bem como se evita que encolha com a ação da humidade. Lustrar consiste em fazer atravessar vapor pelo tecido. Uma máquina que realiza esta operação é designada de autoclave lustrador de tecido (MELO, (s.d) :477-479). Para este aparelho não há referência nos registos das unidades analisadas.

O **aveludar** do tecido, torna o tecido mais macio, mais espesso, com melhor toque e melhor aspeto. A máquina que realiza este processo é a aveludeira. A seguir realiza-se a atividade de **pressar**, a fim de dar aos tecidos o acabamento e toque necessário, bem como um certo brilho e dureza. A máquina usada nesta atividade é a prensa hidráulica (MELO, (s.d) :481-484). Este encontrava-se presente na “fábrica Manuel Abílio” (**MED (43)**) que, como já foi referido, anteriormente, é uma unidade que se especializou apenas no uso da atividade de ultimação.

**Calandrar**, é a passagem dos panos pela **calandra** ou **prensa** (Figura 25). Esta máquina permite o aquecimento do cilindro por onde passa o tecido, o que permite dar acabamento dos dois lados do tecido. Isto resulta num aumento do brilho nas duas superfícies do pano (MELO, (s.d) :487-488).

Antes do tecido ser enrolado, pregado ou dobrado deve ser **medido**. Esta etapa pode ser feita com auxílio de máquinas ou com aparelhos próprios para saber o

tamanho do tecido (MELO, (s.d) :488-489). A unidade “João Nave Catalão” (POL (47)) possuía este engenho, com o exemplar guardado no Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga.



**Figura 25:** Calandra de 1886, da unidade produtora “João Nave Catalão” (POL (47)). Marca Ateliers Raxhon, Bélgica (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).

A última atividade consiste em **pregar**. Antes dos tecidos serem postos no mercado, têm de ser enrolados com as dimensões determinadas pelos compradores, isto pode ser feito a mão ou de forma mecânica. A pregagem manual é realizada numa mesa onde estão dispostos quatro varões de ferro forjado, formando um retângulo. E dentro desse retângulo dobra-se sucessivamente o tecido sempre do mesmo tamanho. No caso da mecânica esta atividade realiza-se sem a necessidade de dobrar o tecido manualmente. Apenas é preciso um operário a mover uma manivela, que move dois tambores, com o superior de menores dimensões. O tecido ao cair passa por uma régua de ferro transversal e cria dobras no tecido de tamanhos idênticos, pronto para ser enrolado com cordas de algodão e vendido (MELO, (s.d) :491-492). Não há referência no levantamento bibliográfico do uso deste engenho na ribeira da Carpinteira.

## 7.2. Algodão

O uso de algodão como fibra industrial usado nas fábricas da ribeira da Carpinteira está restringido às fábricas: “Fiações Roseta” **(SIN (3))**, “Ignacio da Silva Fiadeiro” **(SIN (5))**, “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” **(SIN (6))**, “Fábrica do Dr. António Alçada” **(MED (9))**, “António Baptista Alves Leitão” **(MED (10))**, “Manuel Lopes Bola” **(MED (15))**, “João Roque Cabral” **(MED (16))**, “José Henriques da Fonseca Júnior” **(MED (18))** e “Alexandre António Pereira Espiga” **(POL (48))**. Na fábrica “Clemente Petrucci & Irmão” **(MED (30))** havia equipamento específico para tingir peças em algodão. Isto demonstra que, apesar da importância que a lã teve na indústria dos lanifícios da ribeira e da cidade, os industriais desta área procuraram inovar e usar outras fibras industriais como o algodão e sintéticas.

O algodão usado na indústria têxtil é extraído de um arbusto denominado algodoeiro, sendo uma planta pertencente a família das malváceas. O algodão em bruto extraído desta planta possui várias cores que vão desde amarelo, vermelho, branco e cinzento (MELO, (s.d) :7).

Também é importante referir que o que é conhecido como algodão é o material que se adere às sementes desta planta, numa espécie de cápsula que preserva as sementes até atingir a maturação. Quando a semente se encontra maturada a cápsula abre e coloca a descoberto a fibra (MELO, 1907 :192).

Esta fibra vegetal já era usada como fibra têxtil pelos Assírios e Egípcios. Atualmente, esta é a fibra têxtil mais usada no planeta, cultivada principalmente em países do continente americano, africano e asiático. Portugal começou a explorar esta fibra no Brasil, cerca de 1570, tendo mais tarde concorrido com as produções dos Estados Unidos. Para lá da exploração desta planta no Brasil, nos meados do Séc. XIX, esta expandiu-se para as colónias ultramarinas, em África (PEREIRA, 2017b :14).

### 7.2.1. Fiar, cardar e pentear algodão

Apesar de existirem várias unidades fabris na ribeira da Carpinteira a usarem a matéria-prima de algodão, apenas a tinturaria Clemente Petrucci & Irmão (**MED (30)**) e Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato (**SIN (6)**) indicam possuir um aparelho próprio para tingir peças que eram compostas desta matéria-prima, não existindo nenhuma outra unidade na ribeira da Carpinteira que possuísse uma máquina específico para trabalhar a fibra de algodão, apesar de a usar. Apesar deste facto irei, tal como fiz para a lã apontar os principais processos que eram usados durante a Revolução Industrial para o processamento destas fibras. Começa pela fiação, cardagem e penteação. Dando exemplos que desempenhem esta de atividade e tenham usado algodão como matéria-prima.

No caso da **fiação** o algodão é bastante distinto da lã, contudo o objetivo é o mesmo de chegar a um fio que reúna a qualidade e condições para a tecelagem (MELO, (s.d) :103). Os exemplos de unidades que usem algodão e tenham secções de fiação são: “Fiações Roseta” (**SIN (3)**), “Ignacio da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**), “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**), “Fábrica do Dr. António Alçada” (**MED (9)**), “António Baptista Alves Leitão” (**MED (10)**), “João Roque Cabral” (**MED (16)**), “José Henriques da Fonseca Júnior” (**MED (18)**) e “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**).

A primeira etapa é a da **mistura**. O algodão, antes de entrar nas máquinas conhecidas como abridores ou batedores, tem de ser misturado, a fim de se obter uma fibra homogénica e de elevada qualidade. Este processo é muito semelhante à fase denomina **volta** na lã. Porém, para o algodão tem de haver mais cuidado e o local onde se faz a mistura tem de ser seco, fácil de aquecer e de ventilar. Esta mistura pode ser feita de forma manual ou mecânica (MELO, (s.d) :104).

A seguir a esta atividade realiza-se o processo de **abrir e bater**. Esta operação tem por fim abrir o algodão, para o tornar mais macio e limpá-lo de todas as matérias estranhas. Esta laboração pode ser realizada mecanicamente ou manualmente. Contudo, é preferível ser mecânica, devido aos perigos para a saúde dos operários. Esta técnica manual apenas era usada para algodões mais sensíveis, como os produzidos na Geórgia (Estados Unidos da América) (MELO, (s.d) :106). Apenas depois

deste processo é possível realizar a fiação do algodão com as máquinas descritas anteriormente na fiação da lã (7.5. Fiação).

Para **cardar**, tem como objetivo dispor as fibras das matérias têxteis em camadas regulares e as misturar para poderem ser fiadas. Este processo é similar ao da lã (MELO, (s.d) :106).

Outra atividade ainda realizada antes da carda é chamada de **esmerilar**, sendo importante para garantir uma boa qualidade do tecido, facilitando a atividade de cardar. Para se realizar esta atividade é necessário desmontar uma **máquina do tipo Horsfall**. Retirando os cilindros, os trabalhadores e limpadores fica a descoberto o tambor. De maneira que o esmeril toque de leve no fio e realize o polimento (MELO, (s.d) :106-114). Os exemplos das fábricas com a atividade de cardação e uso desta matéria-prima (algodão) são: “Fiações Roseta” (**SIN (3)**), “Ignacio da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**), “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**), “Fábrica do Dr. António Alçada” (**MED (9)**), “António Baptista Alves Leitão” (**MED (10)**), “João Roque Cabral” (**MED (16)**) e “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**).

A **penteação**, aplicada ao algodão, transforma o produto numa fibra têxtil útil, especialmente para tecidos que usem números finos. Esta etapa tem como funções separar todas as impurezas e botões do tecido e colocar os filamentos de fibra paralelas. Também tem como objetivo eliminar fibras sem o comprimento desejado. Um exemplo de máquina que é usada para este tipo de material designa-se era a penteadeira de *Heilmmen* (MELO, (s.d) :117). Apesar de haver unidades com penteação na ribeira da Carpinteira, não a referência de nenhum tipo de penteadeira a utilizar algodão como matéria-prima.

### 7.2.2. Ultimação

Para o algodão a ultimação é mais simples que a da lã, sendo apenas preciso a **gomagem**, a **secagem** e a **passagem na calandra**. A **gomagem** tem como objetivo impregnar os tecidos em líquido, que pode variar, dependendo da unidade produtora que dá corpo, aparência e resistência, sem que lhes tire a elasticidade e o brilho natural aos tecidos. A gomagem pode ser realizada do lado “direito” e “avesso”, chamada de banho completo ou se só for do “direito” é designado de meio banho (MELO, (s.d) :497).

A máquina que realiza esta atividade é chamada **máquina de acabar**. O tecido saído do órgão de enrolamento vai para a gamela onde se embebe os dois lados no líquido de acabamento. Este tecido passa depois por um raspador que lhe retira o excesso de líquido (MELO, (s.d) :497).

A **secagem** é realizada nas mesmas máquinas que as da lã (râmolos de sol ou mecânicas), que seca o tecido depois da gomagem. O tecido pode depois passar por um processo de **humidificação**, com o auxílio de um **humidificador com** escova. Esta máquina faz o tecido passar por cima de um recipiente com água, com uma escova. Este gira sobre a água, faz levantar pequenas gotículas de água que molham o tecido. Isto diminui a dureza do tecido dada pela gomagem e facilita a passagem pelos cilindros das calandras (MELO, (s.d) :499-500).

A última etapa da ultimação dos tecidos em algodão é a **calandragem** ou **cilindragem**. Esta pode ser quente ou fria e tem como objetivo dar lustre aos tecidos. Todas as máquinas para calandrar são compostas de cilindros compressores, cuja disposição varia segundo a natureza e grau de lustro que se deseja obter. Após a passagem por este aparelho o tecido encontra-se pronto para a venda (MELO, (s.d) :500-501). Exemplos de unidades que usaram algodão como matéria-prima e possuem secção de ultimação são as seguintes: a “Ignacio da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**), a “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**), a “Fábrica do Dr. António Alçada” (**MED (9)**), a “António Baptista Alves Leitão” (**MED (10)**) e a “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**).

## **8. Análise dos recursos energéticos da ribeira da Carpinteira**

A realização deste capítulo deve-se ao facto de, como foi abordado no **tópico 3. Enquadramento Teórico**, não serem apenas as fábricas que fazem parte da paisagem industrial, mas sim todos os elementos que resultam da sua existência e que as moldam, entre elas a energia usada para mover as máquinas, sendo a ribeira da Carpinteira um exemplo forte de como o curso de água atraiu os industriais a implantarem as suas fábricas nas suas margens.

Introduzindo o uso de energia na revolução industrial, refere-se que a madeira foi a fonte de energia principal em uso doméstico, contudo esta ficou cada vez mais escassa com o desenvolvimento da agricultura intensiva no final da Idade Média. Como resultado disto, por toda a Europa as primeiras fábricas começaram a procurar novas fontes energéticas. No caso do Reino Unido no Séc. XVIII a indústria procurou o uso de carvão para poder responder as necessidades da produção (PALMER e NEAVERTON, 1998 :46-47). Contudo no caso das Indústrias localizadas na ribeira da Carpinteira estas não possuíam acesso ao carvão pois as vias de transporte durante arranque industrial eram praticamente inexistentes, o que levou ao elevado preço dessas fontes de combustível fóssil e, tal como foi abordado no capítulo **5.4. Solos e geologia**, não havia minas de carvão na proximidade, por isso apenas havia um recurso em abundância: água.

Também é importante indicar que a maior parte histórica da evolução já foi abordada no tópico **6.6. Arranque industrial (séc. XVIII-XX)** do capítulo **6. A Covilhã e ribeira da Carpinteira – enquadramento histórico**. Neste capítulo terei mais em atenção os registos dos levantamentos de fábricas individuais pelo Projeto Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009), o levantamento de 1999/2000 realizados por uma equipa da UBI, aos dados do levantamento realizado no âmbito desta dissertação aos sítios e aos engenhos guardados no MUSLAN.

### 8.1. Energia hidráulica

Começo assim com o uso de **energia** hidráulica nas indústrias da ribeira da Carpinteira: dos 50 sítios, 23 unidades recorriam ao uso de rodas hidráulicas (Figura 26) para obter energia, tendo essa utilização sido mais comum nas unidades dos Séc. XVII, XVIII e XIX. A “fábrica António Estrela & C.<sup>a</sup>” (**MED (34)**) que possui ainda possui conservada a estrutura onde se encontrava a roda hidráulica (Figura 27). Também havia unidades com as suas próprias levadas junto à ribeira para conduzirem a água as rodas hidráulicas, como é o caso da “António Baptista Leitão” (**MED (12)**), “Victor Sasseti & C.<sup>a</sup> & António Maria das Neves & Irmãos” (**MED (32)**), “Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão” (**POL (49)**) e “José da Cruz Fael” (**POL (50)**). E uma pequena levada de água que conduzia água entre os edificadas da “Fábrica do Dr. António Alçada” (**MED (9)**) e “António Baptista Alves Leitão” (**MED (10)**).

Apesar da importância da energia hidráulica, e segundo o levantamento bibliográfico realizado, a partir do Séc. XX, começou-se a optar por outras fontes de energia motora. Em especial a energia da rede elétrica pública e em menor quantidade a energia a vapor, devido a falta de carvão nesta região e à inexistência de boas vias que trouxessem essa matéria-prima a baixo custo. Também entre os séc. XIX e XX as fábricas optaram por usar centrais elétricas próprias, com motor a combustão a gás pobre e diesel.

Um paralelismo para este tipo de consumo energético de energia hidráulica acontece na bacia hidrográfica do rio Ave, localizada no noroeste de Portugal. Nesta bacia encontra-se a Norte a bacia hidrográfica do rio Cávado, a Oriente a bacia hidrográfica do rio Douro e a Sul a bacia hidrográfica do rio Leça (COSTA, 2010 :2).

A época exata em que se começou a usar a energia hidráulica na região do Ave é difícil de determinar, porém a partir dos séculos XIV e XV começa-se a empregar a roda hidráulica, como motor das instalações, desde serralharias, fábricas de papel, de laminação de metais e outras. E tal como na área da ribeira da Carpinteira e no médio Ave, zona da confluência do rio Vizela com o rio Ave, encontrava-se aqui uma grande concentração de indústria têxtil (COSTA, 2010 :2-3). No caso da Covilhã o uso de energia hidráulica na Covilhã, está datada para 1814, com António Pessoa de Amorim a

montar as primeiras rodas hidráulicas, no local da Fábrica Leitão & Quintela/Francisco Mendes (Goldra), construídas por Gabriel Morisson. (PINHEIRO, 2021 :98-101).

A presença da indústria na bacia hidrográfica do rio Ave resolveu no início, as necessidades energéticas das fábricas da região (COSTA, 2010 :2). Contudo, tal como aconteceu na ribeira da Carpinteira, a energia hidráulica é bastante irregular. Esta é condicionada pela regularidade da precipitação na região, por isso havia uma crescente necessidade de adotar novas fontes energéticas de maior confiança e mais potentes.

No caso do Ave é nos finais do Séc. XIX, quando algumas das grandes empresas passaram a produzir eletricidade (para força motriz e iluminação), através da instalação de dínamos próprios. Na sequência destas iniciativas outras empresas se sucederam no uso de novos aparelhos para a eletrificação da indústria do vale do Ave e o fim do uso de energia hidráulica como fonte de energia principal (COSTA, 2010 :2).



**Figura 26:** Filmagem da roda hidráulica da Fábrica Velha/ Campos Melo (MED (26)) em 1921 (MACEDO, 1921).



**Figura 27:** À esquerda é possível ver como o complexo industrial da António Estrela & C.<sup>ª</sup> (MED (34)) aproveitou a morfologia da ribeira da Carpinteira e as grandes quedas de água para se implantar junto a ribeira. À direita é possível ver o complexo conservado onde estaria a roda hidráulica (fotografias de Rodrigo Dias. 16/3/2021).

## 8.2. A diversificação energética da Carpinteira: Energia a Vapor

E tal como aconteceu no Ave, a ribeira da Carpinteira vai acompanhar as novas necessidades energéticas que a energia hidráulica não conseguia responder. Tendo esta diversificação começado com a **energia a vapor**, que numa perspetiva internacional chegou mais tarde a Portugal, apenas a partir de 1821, em Lisboa por via da navegação a vapor. Depois da revolução liberal e implementação da monarquia constitucional deu-se um novo surto, mais eficaz na sua difusão por Portugal. Centrando-se nos distritos de Lisboa, Santarém, Porto e Portalegre e, em casos pontuais nos Açores, Madeira e Marinha Grande. Só depois de 1860 chega a Covilhã, antes da construção da linha da Beira Alta, tendo esta fonte energético ganho força com a construção e expansão da linha férrea nacional (CUSTÓDIO, 2021).

No caso deste tipo de fonte energética há poucas unidades nesta área da Carpinteira, apesar de o vapor ser usado noutros processos, como por exemplo na tinturaria, como é o caso da “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**), na ultimção das peças ou como no caso da “Ernesto Cruz & C.<sup>ª</sup>” (**SIN (8)**) no trabalho do fio com um vaporizador de fio. As principais unidades a usarem o vapor como energia são a: “Ignacio da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**); “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**); “Fábrica Alçada” (**MED (21)**); “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**);

“Victor Sasseti & C.<sup>a</sup> & António Maria das Neves & Irmãos” (**MED (32)**); “António Estrela & C.<sup>a</sup>” (**MED (34)**); “Fábrica dos Cruzes” (**MED (40)**); “Fábrica do Padre João” (**POL (46)**); “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**) e “Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão” (**POL (49)**). No caso da firma “Fábrica Alçada” (**MED (21)**) ainda se encontra conservada a sua caldeira a vapor no MUSLAN (Figura 28).



**Figura 28:** Caldeira a vapor de 1878, da Fábrica Alçada (MED (21)). Marca De Naeyer & Cie., França e Bélgica (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).

### **8.3. A diversificação energética da Carpinteira: Eletricidade de Rede Pública**

Já no Séc. XX foi a **eletricidade da rede pública** que, segundo o levantamento bibliográfico realizado para as fichas, a ultrapassa em número de unidades. Pode-se aferir até que as unidades mais antigas se vêm obrigadas a alterar o seu consumo energético. Um desses casos, na ribeira da Carpinteira, é a unidade “António Baptista Leitão” (**MED (12)**) fundada entre os Séc. XVIII/XIX e outras unidades do Séc. XIX passaram a utilizar esta fonte como: a “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” (**SIN (4)**); a “Alberto Mendes Vaz” (**SIN (2)**); a “Ignacio da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**); a “João da Silva Fiadeiro” (**MED (45)**); a Fábrica Alçada (**MED (21)**); a Fábrica Velha/ Campos Melo

**(MED (26))** (unidade adquirida em 1836); a “Alexandre António Pereira Espiga” **(POL (48))** e a “Victor Sasseti & C.ª & António Maria das Neves & Irmãos” **(MED (32))**.

Porém, é entre os anos 40 e os 60 do Séc. XX que as fábricas da Carpinteira adotam esta fonte de energia como fonte principal. Contudo, no início no Séc. XX, já havia unidades que usavam este tipo de energia como fonte única do centro produtor, como as unidades José Henriques da Fonseca Júnior **(MED (18))** (1ª metade do séc. XX); “Barata, Filhos” **(MED (38))** (1ª metade do Séc. XX); “Amândio de Moraes” **(MED (37))** (1920); “Clemente Petrucci & Irmão” **(MED (30))** (1933) e “Armando António Martins” **(MED (22))** (1939). Entre os anos 40 e 60 do Séc. XX “José Camolino e Sousa” **(MED (36))** (1941/42); “Alberto Miguel” **(MED (24))** (1943); “Manuel Lopes Bola” **(MED (15))** (1945); “Augusto D’Almeida Fortuna & FILHOS” **(MED (17))** (1945/46); “Alexandrino Fernandes Nogueira” **(MED (28))** (1946); “Sociedade Fiandeira Mirense/ Borges Terenas & Irmão” **(MED (29))** (1947); “João Roque Cabral” **(MED (16))** (1951); “Sutre, Antunes & Oliveira L.ª” **(MED (41))** (1959) e “Arnaldo da Silva Carreira” **(MED (33))** (1961).

O uso da rede pública como nova fonte de energia preferida pelas fábricas da Carpinteira, no Séc. XX, será devido ao facto de ser uma fonte energética mais segura e fiável que a energia hidráulica (que depende da sazonalidade da ribeira) e de mais fácil acesso que o carvão.

## **9. As vias da ribeira da Carpinteira**

Outro ponto que foi analisado neste levantamento patrimonial da ribeira da Carpinteira e que foi tido em especial atenção foram as vias públicas, pontes e a linha férrea que atravessa esta importante paisagem. Estas vias de trânsito acompanham não só a localização dos principais centros industriais de lanifícios, mas também o declive da ribeira da Carpinteira. Estas são um importante marco nesta paisagem cultural, como a ponte férrea da ribeira da Carpinteira (conhecida como Ponte da Carpinteira), que faz a ligação entre a Covilhã e a Guarda.

Tal como foi explicado no capítulo **8. Análise dos recursos energéticos da ribeira da Carpinteira**, os autores Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1994), indicam a

necessidade de pensar a paisagem industrial como uma teia orgânica onde os vários elementos que formam estes espaços são essenciais para perceber como a indústria explorou o espaço. Um desses elementos foram as vias que ligavam não só os lugares da cidade (bairros operários, áreas de comércio, fábricas, espaços de lazer, entre outros), mas também como a linha férrea ligava a Covilhã ao resto de Portugal.

### 9.1. Vias de trânsito

No caso das vias de trânsito, uma das mais marcantes, visível na antiga planta de 1929, é a Estrada do Sineiro (Figura 29), rua de grandes dimensões, que acompanha, mais ou menos, o percurso da ribeira da Carpinteira. Esta, por sua vez, é interseccionada por vias de menor dimensão, como é o caso da Travessa do Sineiro e da Travessa dos Pimentais que proporcionavam acesso às unidades produtivas da “Fábrica do Dr. António Alçada” (**MED (9)**), “António Baptista Alves Leitão” (**MED (10)**) e “Lavadouro, Estendouro e Armazém de Lãs Comunitário” (**MED (11)**), localizadas na Travessa do Sineiro. E as unidades “Barata, FILHOS/ Pimentais L.<sup>da</sup>” (**MED (14)**), “Engenho do Sineirinho” (**MED (13)**) e “António Baptista Leitão” (**MED (12)**), localizadas na Travessa dos Pimentais.

A Estrada do Sineiro faz a ligação direta com a Avenida Frei Heitor Pinto, que desce para a Rua da Indústria e Estrada da Fábrica Velha (Figura 30), e acompanha novamente a ribeira e daria acesso a várias unidades produtivas que se desenvolveram na zona mais baixa da Carpinteira. Esta última via desce em altitude para a Rua Marquês de Ávila e Bolama onde se situa a Ponte dos Costas. Este troço permite sair e entrar na cidade da Covilhã e continua praticamente idêntico ao desenhado na planta de 1929.

Outra interseção na Rua Marquês de Ávila e Bolama importante é a da Rua Mateus Fernandes, que permite a entrada para a Calçada das Poldras (Figura 31). Esta, tal como a Estrada do Sineiro, Rua da Indústria e Estrada da Fábrica Velha, acompanha a ribeira da Carpinteira. Contudo, distingue-se das anteriores, por ser um trajeto de menor largura e mais sinuoso com descidas abruptas acompanhando a geografia do

território. Na planta de 1929, já se encontra referida a ponte de Caminho de ferro que passa por cima da Calçada das Poldras e ribeira da Carpinteira.

A Calçada das Poldras também permite o acesso a uma importante via conhecida como Estrada Eixo Teixoso, Canhoso e Tortosendo (Eixo TCT). Esta não só liga estas três localidades da Covilhã, mas também dá acesso direto à Estação de Ferroviária de Covilhã (Figura 31), que fica a menos de 1,3 km.

Ainda com recurso à planta de 1929 é possível visualizar algumas pontes que sobreviveram e que continuam em uso até aos dias de hoje. Distingo então a Ponte dos Costas, (Figura 30 e 33) que atravessa a Rua Marquês de Ávila e Bolama e fica a Norte da fábrica António Estrela & C.<sup>a</sup> (**MED (34)**), permitindo a ligação entre as duas margens da ribeira. A sua data de construção é desconhecida, contudo foi remodelada no Séc. XIX (DGPC, 2018). Esta ponte possui um tabuleiro em granito e incorpora um arco por onde passa a ribeira da Carpinteira. Esta possui um corrimão em ferro em todo o seu comprimento. No início da ponte do lado direito está inscrito um topónimo referente à Ribeira da Carpinteira (Figura 33A).

A rua da Indústria (Figura 30 e 34) também possui uma pequena ponte que liga as duas margens da ribeira e une a cidade da Covilhã à Vila do Carvalho. A data da sua construção é desconhecida. Contudo, na Planta de 1929, esta já se encontra construída. Esta ponte possui um tabuleiro em granito tal como a Ponte dos Costas e incorpora um arco por onde passa a ribeira da Carpinteira. Esta possui um corrimão em pedra granítica em todo o seu comprimento. Isto demonstra que a população local procurava o granito como matéria-prima principal devido a sua durabilidade e facilidade de acesso.

Por fim, é importante referir a toponímia destas ruas com a referências de antigos industriais como, Travessa dos Pimentéis (Exemplo: “Barata, FILHOS/ Pimentéis L.<sup>da</sup>” (**MED (14)**) que possuíam as suas unidades produtivas no fundo desta travessa. Ou a referência a antigas fábricas importantes para aquela área como a Estrada da Fábrica Velha, que se refere como o nome indica, ao complexo da “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**).



- Legenda:
- Estrada do Sineiro
  - Travessa do Sineiro
  - Travessa dos Pimenteis

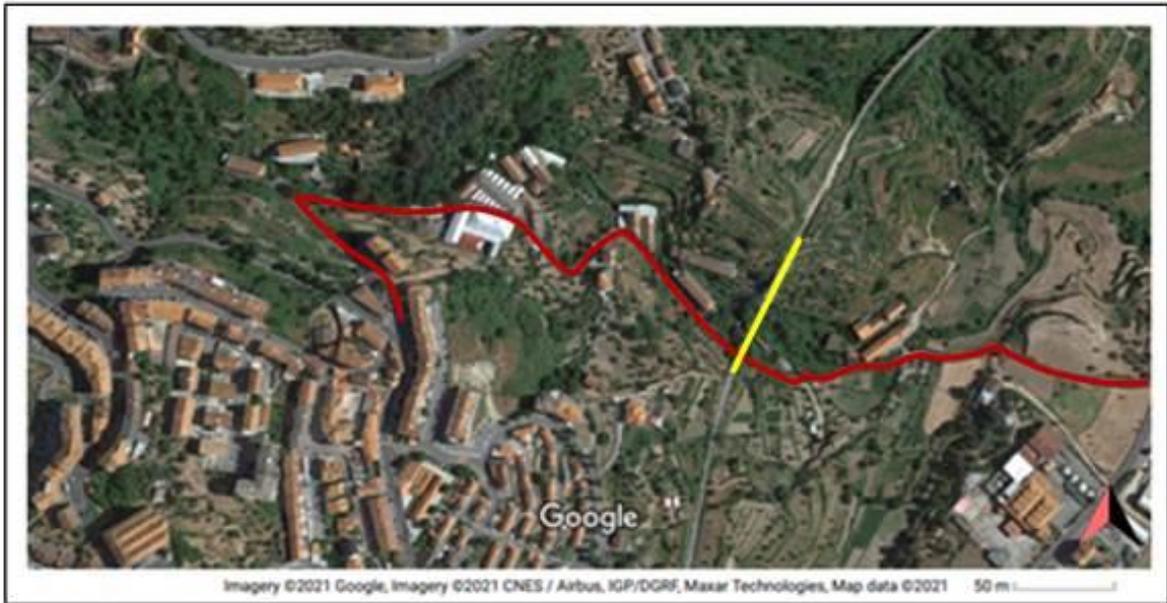
**Figura 29:** Mapa de topo: imagem da zona Norte da ribeira da Carpinteira (adaptada de <https://www.google.com/maps>). Mapa abaixo: recorte da área atual na Planta Serviços Municipalizados da Covilhã de 1929 (MUNICIPIO DA COVILHÃ, (s.d)).



Legenda:

- Ponte dos Costas
- Estrada da Fábrica Velha
- Rua da Indústria
- Avenida Frei Heitor Pinto

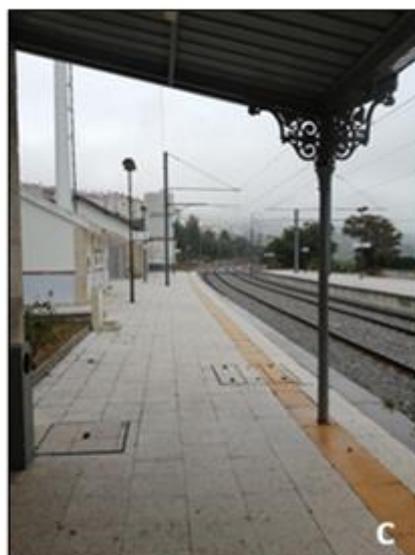
**Figura 30:** Mapa de topo mostra uma imagem da zona média da ribeira da Carpinteira onde é possível visualizar um grande número de complexos industriais (imagem disponível em: <https://www.google.com/maps>). Mapa abaixo mostra um recorte da área atual na Planta Serviços Municipalizados da Covilhã de 1929 (MUNICIPIO DA COVILHÃ, (s.d)).



Legenda:

- Calçadas Poldras
- Via-Férrea

**Figura 31:** Mapa de topo mostra a Calçada das Poldras (imagem disponível em: <https://www.google.com/maps>). Mapa abaixo mostra um recorte da área atual na Planta Serviços Municipalizados da Covilhã de 1929 (MUNICIPIO DA COVILHÃ, (s.d)).



**Figura 32:** Estação atual de comboios da Covilhã **(A, B e C)** (fotografias de Rodrigo Dias. 08/09/2021). Em baixo imagem da estação em 1921 **(D)** (MACEDO, 1921).



**Figura 33:** Ponte dos Costas, que possui conservada em granito o topónimo “Ribeira da Carpinteira” **(A)**. A estrada encontra-se asfaltada **(B)** e a estrutura em granito se encontra conservada **(C)** (fotografias de Rodrigo Dias. 08/09/2021).



**Figura 34:** Ponte na Rua da Indústria, que tal como a ponte dos Costas se encontra alcatroada **(A)** e tal como a segunda ainda possui conservada a estrutura em granito **(B)** (fotografias de Rodrigo Dias. 08/09/2021).

## 9.2. Vias-férreas

Segundo Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1998), os caminhos de ferro são os que melhores marcas deixam na paisagem, devido as grandes pontes e viadutos feitos em pedra, tijolo, ferro e betão (PALMER e NEAVERSON, 1998 :166) (Figura 35). E devido a Covilhã ter sido uma importante cidade no interior do país no campo económico e industrial possui uma ligação de comboios, inaugurada a 6 de setembro de 1891.

Esta via foi importante pois havia várias queixas por parte dos industriais da Covilhã que queriam a construção de uma linha de comboio, como é indicado no tópico **6.5. A industrialização da cidade da Covilhã (Séc. XVIII-XX)**, para facilitar o acesso aos combustíveis fósseis, como o carvão, que permitia o acesso a energia a vapor, para compensar o uso de energia hidráulica, mas também para adquirir matéria-prima de melhor qualidade (SILVEIRA, 1863 :61-62). A construção desta rede ferroviária insere-se num movimento mais amplo de modernização e desenvolvimento das infraestruturas e do tecido económico nacional, levado a cabo durante a segunda metade do Séc. XIX (ALCÂNTARA, 2011 :8 e 9).

No caso da ribeira da Carpinteira a grande marca na paisagem é a ponte sobre a ribeira da Carpinteira (Figura 31 e 35). Esta é composta por um vão único de 52 m, com um tabuleiro metálico e dois encontros de alvenaria de pedra (granito) implantados de forma simétrica nas vertentes do vale sobre a ribeira. Ambos incorporam uma passagem em arco, onde no arco a Oeste passa a Calçada das Poldras (INFRAESTRUTURAS DE PORTUGAL, 2020). A data de construção desta ponte em específico é desconhecida, porém esta encontra-se no troço da Covilhã-Guarda que foi inaugurada em 1893 (ALCÂNTARA, 2011 :8 e 9).



**Figura 35:** Fotografias atuais da Ponte da Carpinteira, em pormenor (cima), e em contraste com a ribeira da Carpinteira (A) (baixo). Sendo também visível na imagem abaixo a nova ponte pedonal, ponte da Carpinteira (B), construída em 2009, esta liga as duas vertentes do Vale da Carpinteira (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).

## 10. Análise arquitetónica e uso dos recursos na construção

### 10.1. Dados arquitetónicos

Neste capítulo irei abordar alguns dos dados arquitetónicos das fábricas da ribeira da Carpinteira, desde o tipo de construção (tradicional, misto ou moderno), tipo de sistema de saneamento de algumas das unidades, e irei ter em conta um elemento arquitetónico que marca de forma significativa a paisagem na ribeira da Carpinteira: as chaminés industriais em tijolo. Neste tópico, tal como o anterior, irei usar dados do levantamento que realizei, mas também informação do levantamento anterior Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009) e dos registos de obras presentes no Arquivo Municipal da Covilhã.

#### 10.1.1. Arquitetura dos edifícios fabris

Segundo as descrições dos edifícios apontados pela autora Elisa Pinheiro (2009), estes podem dividir-se em construções tradicionais, mistas e modernas. Usando os dados presentes, as fábricas e imóveis que possuem uma estrutura construtiva tradicional são a “Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**); a “Alberto Mendes Vaz” (**SIN (2)**); a “Valério Gomes Correia & Irmão” (**SIN (7)**); o “Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário” (**MED (11)**); a “Armando António Martins” (**MED (22)**); a “António Estrela & C.ª” (**MED (34)**) (inicialmente); a “Amândio de Moraes” (**MED (37)**); a “João da Silva Fiadeiro” (**MED (45)**) e a “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**). Estas construções tradicionais são caracterizadas por não usarem cimento como ligante das estruturas, mas sim madeira. A sua datação destas estruturas é mais antiga remetida aos Séc. XVIII e XIX, a exceção do edificado da primeira metade do Séc. XX, de “Armando António Martins” (**MED (22)**). Contudo, é importante indicar que várias alterações mais recentes alteraram a alvenaria antiga destes edifícios, tendo sido acrescentado anexos ou até parte de paredes, utilizando cimento.

Por outro lado, as construções do tipo modernas são grandes complexos industriais como a “Ernesto Cruz & C.ª” (**SIN (8)**); “João Roque Cabral” (**MED (16)**); “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.ª” (**MED (25)**); “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED**

**(26)**) após as remodelações do Séc. XX, “Jerónimo Dias Freire” **(MED (27))** e “Álvaro de Moura” **(MED (42))**. Estas possuem normalmente mais de dois pisos, à exceção da “Jerónimo Dias Freire” **(MED (27))**. Todos estes complexos de grandes dimensões são do Séc. XX.

Contudo, a tipologia mais comum de fábricas categoriza-se pelas estruturas mistas pois inicialmente possuíam estruturas tradicionais, mas devido às constantes ampliações e destruições possuem estruturas mais recentes. Elisa Pinheiro (2009) dá alguns exemplos, como a: “Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar” **(SIN (4))**; “Ignacio da Silva Fiadeiro” **(SIN (5))**; “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” **(SIN (6))**; “António Baptista Leitão” **(MED (12))**; “Augusto D’Almeida Fortuna & FILHOS” **(MED (17))**; “José Henriques da Fonseca Júnior” **(MED (18))**; “João Mosa” **(MED (19))**; “João Mendes Alçada” **(MED (20))**; “Fábrica Alçada” **(MED (21))**; “Arnaldo Teixeira & C.ª” **(MED (23))**; “Alexandrino Fernandes Nogueira” **(MED (28))**; “Clemente Petrucci & Irmão” **(MED (30))**; “Barata, Filhos” **(MED (38))**; “Sutre, Antunes & Oliveira L.<sup>da</sup>” **(MED (41))** e “Fábrica do Padre João” **(POL (46))**.

Apesar das distinções tipológicas apresentadas pela autora Elisa Pinheiro (2009), onde podemos distinguir as estruturas em tradicionais, modernas e mistas, conforme o uso de madeira ou cimento, os edifícios na ribeira da Carpinteira apresentam todos morfologias muito distintas, condicionada pelo vale fechado da ribeira onde se inserem.

### **10.1.2. Sistemas de saneamento**

No caso dos sistemas de esgotos usados nos complexos fabris da ribeira da Carpinteira existem três memórias descritivas nos relatórios das unidades “Ernesto Cruz & C.ª.” **(SIN (8))**, “António Baptista Leitão” **(MED (12))** e “José da Cruz Fael” **(POL (50))**, que têm referências à construção dos sistemas de saneamento.

Segundo as memórias descritivas, os edifícios José da “Cruz Fael” **(POL (50))** possui tubos de grés de 125mm, que ligam as latrinas e chuveiros a fossa séptica da unidade (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. N.º13/Proc. 1349, 1949). Outra unidade em que também é descrito o material de saneamento é o de “António Baptista Leitão” **(MED**

**(12))** com a construção das casas de banho, em 1947, com a tubagem em grés vidrado, com 100 mm (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº17/Proc. 1171A, 1947).

Por fim, na construção do casa do guarda do edificado “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” **(SIN 8))**, salienta-se em 1949, o uso de tubagem em grés de 100 mm durante a construção dos esgotos do edifício (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949).

Em suma, os registos de obras apontam apenas um tipo de material usado na construção de esgotos (grés). Contudo são apenas três sítios que apresentam estes dados históricos nos processos de obra. E como não há dados sobre escavações arqueológicas, é impossível perceber as diferentes realidades de materiais usados na construção dos sistemas de saneamento nos outros sítios identificados neste levantamento.

### **10.1.3. Chaminés Industriais**

Por fim, o último elemento arquitetónico que irei referir, e que resulta da construção destas unidades, são as chaminés industriais, feitas de alvenaria de tijolo, e constituem um exemplo de património industrial de fácil identificação na paisagem. Estas são um marco da antiga indústria, que pode ser encontrado por todo o território português. Representam um valioso exemplo de arquitetura industrial e de técnicas construtivas que devem ser preservadas (CARDOSO, 2017 :1). Devido à sua importância como marca na paisagem da ribeira da Carpinteira, penso ser importante realizar uma breve referência a este tipo de estrutura arquitetónica.

As chaminés industriais em alvenaria de tijolo foram construídas, pela primeira vez, em Inglaterra, aquando da troca dos fornos artesanais pelos fornos tipo Hoffman, tendo, nas décadas seguintes, ocorrido o mesmo por toda a Europa e pelo mundo. No seu início eram de dimensões modestas, mas a expansão da atividade industrial levou a um maior cuidado na tomada de decisão acerca das suas características, pois o volume e tipo de fumo produzido podia pôr em perigo as populações envolventes. No caso de Portugal, estas chaminés surgiram no séc. XIX, tendo sido incorporadas nos espaços industriais.

Estas estruturas eram compostas por três secções: a base é a parte inferior da chaminé onde se encontra a entrada. O fuste é o componente mais importante, que conduz os gases para o exterior, com forma cónica. O elemento final é a coroa, usado pelos construtores como marca distintiva da sua produção (CARDOSO, 2017 :5 e 12).

Na paisagem industrial da ribeira da Carpinteira há uma forte presença de chaminés industriais, na fábrica de “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (**SIN (6)**); “Fábrica Alçada” (**MED (21)**); “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**); a fábrica “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**); a fábrica “António Estrela & C.ª.” (**MED (34)**) e a da fábrica “José da Cruz Fael” (**POL (50)**) (Figura 36).

Estas chaminés e o seu contexto envolvente encontram-se em bom estado de conservação. Contudo, existem chaminés, como a da “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**) (Figura 36 (C)), que apresentam alguns sinais de destruição na zona da coroa. Porém todas se encontram conservadas ainda “*in situ*”, com o contexto industrial ainda associado. Por outro lado, no caso específico da chaminé da fábrica “António Estrela & C.ª.” (**MED (34)**) (Figura 36 (E)), apesar de ser bastante similar às restantes em termos de estrutura, possui uma pequena chapa em metal em forma de Estrela no seu fuste. A chaminé melhor conservada é a da “Fábrica Alçada” (**MED (21)**) que está toda conservada, com a câmara de fumo e a casa da chaminé ainda preservada.





**Figura 36:** Chaminé da fábrica “Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato” (SIN (6)) **(A)** (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021); Chaminé da “Fábrica Alçada” (MED (21)) **(B)** (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021); Chaminé da “Fábrica Velha/ Campos Melo” (MED (26)) **(C)** (fotografia de Rodrigo Dias. 8/9/2021); Chaminé da “fábrica Clemente Petrucci & Irmão” (MED (30)) **(D)** (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021); Chaminé da fábrica “António Estrela & C.ª.” (MED (34)) **(E)** (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021) e Chaminé da fábrica “José da Cruz Fael” (POL (50)) **(F)** (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).

## 10.2. Materiais de construção

Neste subcapítulo irei abordar as matérias-primas usadas na construção destas unidades fabris, em especial as usadas nas paredes, telhado, janelas e portas, bem como quais as preferências dos industriais da ribeira da Carpinteira quando as construía. Neste subcapítulo, tal como no anterior, usei dados do levantamento realizado e dos registos de obras presentes no Arquivo Municipal da Covilhã.

### 10.2.1. Alvenaria: granito e tijolo

Neste tópico inicial começarei por abordar o material usado na construção da alvenaria. O primeiro material que irei abordar é o **granito**, o mais usado nas estruturas das fábricas e de outros edifícios de apoio às unidades produtivas. Como já referi anteriormente no tópico **5.4. Solos e geologia** a pedra granítica é a formação geológica mais comum desta região, levando os proprietários das fábricas a utilizarem-na em praticamente todas as estruturas, como se pode ver nas fichas de sítio realizadas.

No Arquivo Municipal da Covilhã, dois relatórios com memórias descritivas, a de “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**) durante da construção de uma casa do guarda, em 1949, e fábrica “José da Cruz Fael” (**POL (50)**), na ampliação do espaço, em 1949, (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949 e Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949), especificam que o granito usado na construção era desta região.

É também importante referir que no caso da unidade fabril “Armando António Martins” (**MED (22)**) (Figura 37), este indica no relatório de obras que usaria inicialmente betão na expansão do seu espaço produtivo, 30 de março de 1949 (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947). Contudo, no levantamento realizado pude concluir que o material usado foi antes o granito como alvenaria exterior da estrutura.

Contudo, existe um caso onde a estrutura principal da fábrica não optou por construção em pedra de granito. Trata-se da unidade de “Alberto Miguel” (**MED (24)**), dos inícios da década de 40 do séc. XX. Devido à Segunda Guerra Mundial teve de se

optar pela construção em cimento, em vez da construção em granito, pois esta encontrava-se escassa (PINHEIRO, 2009b :552). Também é importante referir que, de acordo com o levantamento bibliográfico, muitas das estruturas mais recentes e ampliações procuravam usar o betão, principalmente, nas fábricas do séc. XX.

Apesar do granito ser usado normalmente como a estrutura base, o **tijolo** também era usado nas divisões das estruturas, como se patenteia nas memórias descritivas dos processos de obra da unidade produtiva “Armando António Martins” (**MED (22)**) (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947); da casa do guarda “Ernesto Cruz & Cª.” (**SIN (8)**) (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949) e da expansão, em maio de 1947, da tinturaria “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**) (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº18/Proc. 1286A, 1947).



**Figura 37:** Secção construída em 1949 pela unidade “Armando António Martins” (**MED (22)**). (fotografia de Rodrigo Dias. 03/03/2021).

#### **10.2.2. Telhado: telha e fibrocimento**

No caso da cobertura de telhado temos dois tipos de material usados segundo o levantamento as memórias descritivas dos processos de obras. No caso da **telha cerâmica**, nos processos de reconstrução e ampliações, de 1949, das firmas “João Mendes Alçada” (**MED (20)**) e “José da Cruz Fael” (**POL (50)**), é usada telha do tipo Marselha (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº08/Proc. 859, 1949) e (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949). Esse também era, como se pode

aferir pelas fichas, o material de cobertura mais comum, com praticamente todas as unidades a usarem-nas como cobertura.

Outro material usado foram as coberturas em **fibrocimento**, que foi usado na reconstrução do teto do edifício “João Nave Catalão” (**POL (47)**), em 1955, (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº11/Proc. 366A), como pude confirmar com o levantamento da “fábrica do Padre João” (**POL (46)**) possuem na sua estrutura este tipo de cobertura. Por outro lado, apesar de haver registo do uso deste material nas unidades “Ernesto Cruz & Cª.” (**SIN (8)**) e “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**) (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000o e PINHEIRO, 2009b :575-576) este já foi retirado das instalações.

Contudo, não poderei ir mais além destas referências, pois não existe nenhum tipo de estudo tipológico para as telhas usadas nas unidades fabris da Covilhã, impedito de saber a sua origem ou tipo de fabrico.

### **10.2.3. Outras estruturas: madeira e metal**

No caso da madeira e metal estes materiais eram principalmente usados na construção de portas, portões, caixilhos, janelas e asnas. Em primeiro irei indicar onde a **madeira** foi aplicada na construção destes edificadros. No caso da fábrica de “João Mendes Alçada” (**MED (20)**) usou madeira de castanheiro na caixilharia das janelas e no telhado do edifício, na reconstrução do edificadros em 1949 (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº08/Proc. 859, 1949). Na construção da casa do guarda da fábrica “Ernesto Cruz & Cª” (**SIN (8)**) foi usado nas portas interiores e portadas das janelas, madeira de pinheiro nacional. O sótão da estrutura foi forrado com madeira de pinheiro e os caixilhos das janelas foram feitos com castanheiro nacional (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949). Na ampliação realizada, em 1949, da unidade “José da Cruz Fael” (**POL (50)**) as portas e caixilharia das janelas foram feitas em madeira de castanheiro e o soalho do segundo piso foi feito em madeira de pinheiro nacional (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949). Porém, nem todos os registos de obra indicaram a origem das madeiras que usaram, como é o caso da “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**) que usou, na expansão do espaço,

em 1947, madeira de pinheiro na construção do telhado (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº18/Proc. 1286A, 1947). E na reconstrução, de 1949, da fábrica de “João Nave Catalão” (**POL (47)**) foi usada madeira nas asnas do telhado (Fundo Municipal, Povoações Rurais – Cx. Nº11/Proc. 366A, 1947).

Com estes dados é possível perceber que os industriais têm uma preferência por madeiras nativas da região, possivelmente devido à proximidade e facilidade de acesso de recursos e ao preço ser mais baixo do que o de madeiras importadas. Porém mais estudos poderiam ser feitos recorrendo à arqueobotânica, para perceber onde os industriais, não só de ribeira da Carpinteira, mas da Covilhã, adquiriam madeira para construção das suas unidades.

Por fim o **metal** era aplicado em diversas estruturas construtivas. Em ferro foi usado na caixilharia das janelas, como é descrito no pedido de licença de construção de duas casas de guarda em 21/ 12/1949, pela fábrica “Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.” (**SIN (8)**), (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949), mas também é usada nas caixilhariás, na fábrica “João Mendes Alçada” (**MED (20)**) (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº08/Proc. 859, 1949). No caso da fábrica de “João Nave Catalão” (**POL (47)**) também foi usado ferro na construção interna da estrutura, mas neste caso foi nas asnas do telhado (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº11/Proc. 366A, 1947).

Também era usado ferro nos portões de entrada para as unidades, sendo muitos destes bastante elaborados, com decorações e inscrições de datas ou nomes de antigos proprietários ou firmas que ocuparam as unidades. Com recurso ao levantamento que realizei dou como exemplo: o portão da unidade “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**) que possui inscrito, a data de 1933, com decorações geométricas em losango e círculos (Figura 38 (A)). A “Fábrica do Padre João” (**POL (46)**) possui um portão de duas folhas em ferro, ornamentado com motivos vegetalistas, com a inscrição da data de 1895 (Figura 38 (B)). Por fim o portão da unidade “Alexandre António Pereira Espiga” (**POL (48)**), decorado com motivos vegetalistas e geométricos e inscritas as iniciais “JPE” com a data de 1919 (Figura 38 (C)).



**Figura 38:** Portão da unidade “Clemente Petrucci & Irmão (MED (30))” **(A)**; (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021); Portão da “Fábrica do Padre João” (POL (46)) **(B)**; (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021) e portão da unidade fabril “Alexandre António Pereira Espiga” (POL (48)) **(C)** (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

## 11. Conclusão

A ribeira da Carpinteira é um exemplo claro de uma paisagem industrial que ainda preserva diversos elementos do período industrial, que ainda hoje marcam esta cidade única da indústria têxtil em Portugal.

Mas o património industrial deste local vai para lá das fábricas, e relaciona-se também com outras estruturas e infraestruturas, de âmbito social, comercial, político, etc., que também cm esta paisagem industrial. O levantamento efetuado no âmbito deste trabalho permitiu associar às diversas fábricas têxteis outros elementos, como os antigos bairros operários (“bairro Operário dos Penedos Altos” **(MED (39))**), vias-férreas e de trânsito, chaminés industriais que ainda se encontram conservadas com o seu contexto envolvente, e outras estruturas de apoio às fábricas, como casas de máquinas, onde se encontravam as rodas hidráulicas, ou as râmolas de sol e estendedouros.

Saliente-se que a realização deste trabalho apenas foi possível com o pensamento teórico e metodologias da Arqueologia da Paisagem e da Arqueologia Industrial, pois, apesar desta tese ter como base a indústria de lanifícios da ribeira da Carpinteira, é necessário pensar como o Homem ocupou este espaço, numa visão holística de como esta região e paisagem se integraram e forneceram os recursos necessários para a o desenvolvimento desta indústria e para os modos de vida dos seus habitantes.

Os princípios teóricos de análise de uma paisagem industrial, apontados por Marilyn Palmer e Peter Neaverson (1994), permitiram-me realizar uma análise mais abrangente dos edifícios industriais da ribeira da Carpinteira, para incluir a análise do diverso património associado, nomeadamente, as vias e meios de transporte implantados e que não serviram apenas os industriais, mas toda a população da Covilhã e permitiram, especialmente no caso do transporte ferroviário, um acesso mais rápido, no final do séc. XIX, ao resto do país, vencendo a interioridade da região.

Através deste tipo de análise teórica também pude realizar um estudo holístico aos recursos naturais locais, vendo como influenciaram os edifícios e habitantes não só da ribeira da Carpinteira, mas também da Covilhã, durante este período cronológico. É o caso do local onde obtinham a sua matéria-prima principal (lã) na Serra da Estrela e

áreas envolventes, que devido ao baixo custo e proximidade permitiu desenvolver esta indústria. O facto de esta ser uma paisagem de serra onde a água é sempre abundante, permite a formação de ribeiras e rios onde a água corre a grande velocidade, fator essencial para utilização da energia hidráulica. Constatou-se uma evolução a nível do consumo de energia, com as primeiras indústrias a usarem a energia hidráulica e, mais tarde, a diversificarem-na com o uso da energia a vapor (Séc. XIX), rede pública (Séc. XX) ou com os seus próprios geradores. A geografia e a geologia desta paisagem, que transparece para os edifícios e demonstra que os habitantes da Covilhã possuíam uma grande resiliência na construção destas estruturas fabris, aproveitando a geografia íngreme da ribeira para construir as unidades e usando os recursos naturais, como pedra granítica, para construir os edifícios.

Por outro lado, saliente-se também que, devido à ausência de dados arqueológicos para esta zona da Covilhã, este estudo se baseou muito em dados documentais e nos dados recolhidos no trabalho campo de realizado, de prospeção e levantamento, com o apoio dos habitantes locais. No caso dos documentos técnicos e históricos dos diferentes arquivos que consultei, estes permitiram-me ter um conhecimento mais aprofundado das estruturas e dos equipamentos que possuíam. Também a leitura dos inquéritos aos industriais é essencial, identificando os problemas e dificuldades que as diferentes unidades enfrentavam na época, como a falta de bons acessos ao litoral, para comprarem carvão a preços mais baixos. De relevo também as descrições de Fred Wachsmann (1949) que, na sua visita à Serra da Estrela na primeira metade do Séc. XX, se focou na paisagem altamente industrializada da ribeira da Carpinteira, com as suas grandes fábricas e chaminés que produziam um fumo intenso que cobria a encosta.

Os documentos históricos e o levantamento dos sítios também me permitiram perceber como os industriais procuravam aproveitar ao máximo os recursos naturais da região, especialmente o granito, como material de construção. Mas também o uso de espécies nacionais de madeira, como o pinheiro e castanheiro, pois eram menos dispendiosas. Por outro lado, os levantamentos anteriores, como o projeto Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009) ou o levantamento do património industrial realizado entre 1999/ 2000 (atualmente no Arquivo do Forte de Sacavém), permitiram-me completar as informações que não estavam tão explícitas nos documentos históricos,

como a atividade que cada unidade realizava, tipo de energia, análise dos elementos construtivos e aspetos da história dos edificadados.

Contudo, como já foi indicado, esta dissertação foi limitada pela falta de dados arqueológicos; isto impede conhecer outras realidades que não são registadas na documentação e que não são visíveis com apenas uma prospeção de superfície, pois há dados que só podem ser conhecidos através da análise direta dos vestígios físicos deixados durante o período de laboração destas unidades.

De acordo com os objetivos que me propus, consegui fazer uma atualização do levantamento da ribeira da Carpinteira realizado no projeto da Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009). Acrescentei novas informações sobre os sítios identificados pelo anterior, com recurso as informações do CD/ AH e da Câmara da Covilhã, bem como de outros arquivos históricos e o levantamento de campo. Identifiquei o estado de conservação e alterações nos diversos sítios, tendo detetado casos de demolições como o da unidade “Amândio de Moraes” (**MED (37)**), que foi completamente destruída, para a construção de um elevador, sem estudos arqueológicos prévios. A inexistência atual de acompanhamento arqueológico em outras unidades que estão a ser remodeladas, como é o caso da fábrica “João Mosa” (**MED (19)**). Também detetei a degradação de estruturas musealizadas, como as Râmolas de Sol do Sineiro, que apresentam um elevado estado de degradação, com vegetação a cobri-las e algumas das pedras em granito da estrutura encontram-se destruídas (“Ignacio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro” (**SIN (5)**)), atualmente no Núcleo das Râmolas de Sol do Museu de Lanifícios da UBI.

Também tenho que concluir que, apesar desta dissertação, ainda há muito a fazer, não só na ribeira da Carpinteira, mas na cidade da Covilhã, em termos de Arqueologia Industrial, incluindo um levantamento do resto das unidades fabris não só da cidade, mas de todo o concelho. Apesar de, nesta dissertação, apenas abordar em específico a ribeira da Carpinteira e de referir de forma muito breve a ribeira da Goldra, todo o concelho está repleto de fábricas que aproveitaram as ribeiras na periferia da cidade ou de património do período industrial associado a estas. Estas unidades foram ainda pouco abordadas (apenas o projeto Rota da Lã Translana (PINHEIRO, 2009) as estudou

e registou), mas foram vitais para as diversas freguesias que se desenvolveram na periferia do centro urbano da cidade da Covilhã.

Destaca-se que é essencial no futuro realizar intervenções arqueológicas em sítios de especial interesse arqueológico, como a: “Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco” (**SIN (1)**) uma unidade que conserva todas as suas estruturas originais sem grandes modificações da 2ª metade do Séc. XIX; a “Clemente Petrucci & Irmão” (**MED (30)**) um complexo de referência, da primeira metade do Séc. XX, por se especializar na atividade de tinturaria; “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>” (**MED (25)**) uma dos mais importantes complexos fabris dos inícios do Séc. XX da Covilhã e que incorporava em si uma grande diversidade de atividades industriais relacionadas com o processamento de lã; a “Fábrica Velha/ Campos Melo” (**MED (26)**) complexo fabril que apesar de ter sido reconstruída no Séc. XX ainda pode possuir conservadas estruturas antigas do Séc. XVII e a “Fábrica dos Cruzes” (**MED (40)**) unidade da 2ª metade do Séc. XIX, que sendo considerada uma “fábrica completa”, incorpora em si todos os processos de transformação de lã, desde a fiação até ultimação que, e tal como as restantes mencionadas, não possui grandes alterações na sua estrutura original, apesar do estado avançado de degradação. Devido à intensa evolução urbana da Covilhã estas ainda permitem melhor perceber a evolução das estruturas e dos processos industriais da ribeira da Carpinteira. Porém outras unidades também precisam de especial atenção, nomeadamente as da área que designei como POL e MED (Figura 1), seguindo os sítios recomendados aquando da realização da Carta de Recomendações do Património Industrial da Covilhã em 2002.

Saliento ainda que, aquando da realização destas intervenções arqueológicas em estruturas associadas à industrialização da Covilhã, se deve prestar atenção ao material recolhido, como: a cerâmica de construção, para perceber onde estes industriais adquiriam estas peças para construir as suas unidades; cerâmica comum; objetos metálicos; madeiras, para estudos na área arqueobotânica; vestígios animais, para estudos no campo a arqueozoologia, entre outros. Faltam ainda estudos para se entender que objetos eram consumidos nestes centros produtores de lanifícios, usados para a alimentação por exemplo, objetos relacionados com a produção de lanifícios, possíveis pré-existências das grandes unidades fabris e objetos que datem

esses períodos de ocupação não documentados, para se poder entender a evolução não só das fábricas, mas da paisagem da ribeira da Carpinteira.

Recomenda-se ainda acrescentar no PDM da Covilhã diretrizes de proteção deste património da ribeira da Carpinteira, como a obrigatoriedade de acompanhamento de obra por arqueólogos aquando de projetos de intervenção em edifícios com elevado valor cultural, histórico, arqueológico e arquitetónico como os anteriormente mencionados.

## Fontes

### Arquivo APAI

EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDO E DEFESA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL DA COVILHÃ (s.d) – *Antigo Lavadouro de Lãs da Ribeira da Carpinteira*. Arquivo da APAI.

GABRIEL, n/a (1984a) – *Fábrica de Lanifícios de Alçada e Mousaco (Covilhã)*. Arquivo da APAI.

GABRIEL, n/a (1984b) – *Fábrica de Lanifícios ribeira da Carpinteira, Covilhã*. Arquivo da APAI.

ROCCHINI, F: (1892) – *Fábrica de Lanifícios de Alçada e Mousaco (Covilhã)*. Arquivo da APAI.

### Arquivo Municipal da Covilhã

Fundo Histórico, Obras Particulares Antigas - Cx. Nº01/Proc. 24A (1935) – *Nova Penteação e Fiação*. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº10/Proc. 294A (1945) – *Manuel Lopes Bola*. N.15. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - CX. Nº11/PROC. 366A (1947) – *João Nave Catalão*. N.47. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - CX. Nº14/PROC. 781A (1945) – *João Nave Catalão & C.a, L.<sup>da</sup>*. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A (1947) – *Armando Martins*. N. 22. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº16/Proc. 1104A (1947) – *Armando Martins*. N 22. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº17/Proc. 1171A (1947) – *Tavares & Pimentel, L.<sup>da</sup>*. N.12. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº18/Proc. 1286A (1947) – *Clemente Petrucci & Irmão*. N 30. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº08/Proc. 859 (1949) – *Alçada & Rosa, L.<sup>da</sup>*. N.20. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335 (1949) – *Ernesto Cruz & C.a*. N.8. Arquivo Municipal da Covilhã.

Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349 (1949) – *José dos Santos Pinto, Suc.* N.50. Arquivo Municipal da Covilhã.

### **Arquivo do Forte de Sacavém**

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000a) – *Alberto Miguel & Irmão*. Inventario de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 17. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000b) – *Alexandre Pereira Espiga*. Inventario de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 43. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000c) – *Alexandrino Fernandes Nogueira*. Inventario de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 25. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000d) – *Amândio de Morais*. Inventario de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 33. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000e) – *Anaquim & Copeiro, L.<sup>da</sup>*. Inventario de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 44. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000f) – *António Dias da Assunção Neves*. Inventario de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 9. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000g) – *António Maria das Neves & irmão*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 27. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000h) – *António Roseta (Fiações Roseta)*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 2. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000i) – *Arnaldo da Silva Carreira*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 24. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000j) – *Arnaldo Teixeira & Cª*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 21. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000k) – *Augusto de Almeida. Fortuna & Filhos*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 14. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000l) – *Barata, filho*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 32. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000m) – *Borges Terena e Irmão*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 26. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000n) – *Clemente Petrucci e Irmão*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 13. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000o) – *Ernesto Cruz*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 6. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000p) – *Engenho das Mifas*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 10. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000q) – *Fábrica Alberto Mendes Vaz*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 1. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000r) – *Fábrica Bouhon*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 5. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000s) – *Francisco da Cruz (Fábrica de Cruzes)*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 36. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000t) – *Fábrica Velha*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 23. Caixa 5.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000u) – *Gregório Baltazar Júnior*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 3. Caixa 1

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000v) – *Inácio da Silva Fiadeiro*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 4. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000w) – *Januário Dias*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 28. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000x) – *João António Estrela*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 29. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000y) – *João Mosa*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 16. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000z) – *João Nave Catalão*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 41. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000a1) – *João Roque Cabral & Filhos*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 12. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000b1) – *João Silva Fiadeiro*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 40. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000c1) – *José Camilo Sousa*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 31. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000d1) – *José Cruz Fael*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 45. Caixa 2.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000e1) – *José Henriques de Fonseca Júnior*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 15. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000f1) – *Lavadouro de Lãs*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 8. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000g1) – *Manuel Abílio*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 37. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000h1) – *Manuel Lino Roseta*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 7. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000i1) – *Manuel Lopes Bola*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 11. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000j1) – *Manuel Mendes Alçada & Irmão*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 18. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000k1) – *Maria Augusta Alçada /Armando Martins*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 20. Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000l1) – *Nova Penteação*. Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 22. Caixa 5.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000m1) – *Padre João Pereira Espiga*.  
Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 42.  
Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000n1) – *Ranito Mesquites & C<sup>a</sup>*.  
Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 30.  
Caixa 1.

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (1999/2000o1) – *Sutre, Antunes e Oliveira, L.<sup>da</sup>*.  
Inventário de Património Industrial da Covilhã. Universidade da Beira Interior. R.C 38.  
Caixa 1.

### **Centro de Documentação/ Arquivo-Histórico do Museu dos Lanifícios da UBI**

PROCESSO 30 – *Barata, Filhos*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.035. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 44 – *Alberto Miguel & Irmão, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.050. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 61 – *Inácio da Silva Fiadeira, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.070. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

Processo 66 – *Tavares & Pimentel*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.077. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 67 – *João Gigante*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.078. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 79 – *Manuel Lopes Bola, Herdeiros*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.088. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 96 – *Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.105. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 103 (A) – *João Roque Cabral.* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.111. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 103 (B) – *João Roque Cabral.* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.112. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 109 – *Ultimadora do Tortosendo.* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.119. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 126 – *Conde & Salvador.* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.131. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 158 – *João Pereira Espiga & C.<sup>a</sup>* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.156. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 159 – *João Nave Catalão & Filho, Sucrs.* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.157. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 213 – *António Roseta, L.<sup>da</sup>* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.421. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 213 – *Inácio da Silva Fiadeira & C.<sup>a</sup>* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.203. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 230 – *Gregório Baltazar Júnior*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.219. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 244 – *José Henriques da Fonseca Júnior*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.233. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 247 – *José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.237. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 257 – *José Alfredo Barata*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.249. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 261 (A) – *Ernesto Cruz & C.<sup>a</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.255. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 261 (B) – *Ernesto Cruz & C.<sup>a</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.257. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 266 – *Tecelagem da fonte Santa*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.264. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 275 – *Têxtil Cravinos S.A.R.L.* Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.276. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 295 – *João Nave Catalão & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.297. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 304 – *Joaquim Pereira Espiga, Sucrs, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.306. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 312 – *Álvaro de Moura*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.318. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 325 – *João Pereira Espiga & C.<sup>a</sup>, Sucrs*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.331. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 333 – *José Alfredo Barata & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.339. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 339 – *João Gigante & Filho*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.346. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 356 – *Pimentel & Pimentel*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.364. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 358 – *Tavares & Filhos, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.466. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 359 – *Pimentel L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.367. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 363 – *Fael & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.372. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

Processo 379 – *Manuel Lino Roseta*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.169. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 382 – *Álvaro Paulo Rato*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.391. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 385 – *Fernando Santos Taborda*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.394. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 403 – *Afonso, Filho*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.412. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 404 – *Sutre, Antunes & Oliveira L.<sup>da</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.413. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 414 – *João Roque Cabral*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.422. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 419 – *M. Conde & C<sup>a</sup>*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.427. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 420 – *Arnaldo da Silva Carreira*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.428. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 425 – *Maria Henriqueta Barata*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.433. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 435 – *António Roseta, Herdeiros*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.444. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 438 – *Manuel Neves*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.438. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 440 – *Neves Cardoso & C.ª, L.ª*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.449. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 441 – *Marcolino Rodrigues Gigante*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.450. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

PROCESSO 474 – *José Henriques da Fonseca Júnior, Filhos, L.ª*. Fundo: Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Cota FD10/Cp.483. Centro de Documentação do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

### **Biblioteca e Arquivo Histórico e da Economia**

INQUÉRITO INDUSTRIAL (1881) – *Inquérito Directo. Segunda Parte. Visita as Fábricas. Livro terceiro*. Imprensa Nacional, Lisboa.

### **Bibliografia**

A.A.V.V (1970) – *Boletim comemorativo do 1.º centenário da cidade da Covilhã 1870-1970*. N.º9 Sede Redacção e Administração: Rua Capitão Alves Roçadas, 80. Covilhã.

A.A.V.V (1991) – *Pro patria a Covilhan capital da provincia da Beira-Baixa*. Typographia Bayard 106, rua Arco do Bandeira, 110. Lisboa.

A.A.V.V (2016) – *Património Natural e Cultural da Serra da Estrela*. Liga de Amigos de Conimbriga. LAC.

ABC (1922) – *Artes, Turismo, Indústria, Comércio*. 1ª série, n.º especial dedicado à Covilhã, Lisboa, junho.

ANSCHUETZ, Kurt; WILSHUSEN, Richard e SCHEICK, Cherie (2001) – An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions. In: *Journal of Archaeological Research*, Vol. 9, No. 2, p. 157-211.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA (1941a) – *Indústria portuguesa: revista da Associação Industrial Portuguesa*. N.º 156, fevereiro 1941.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA (1941b) – *Indústria portuguesa: revista da Associação Industrial Portuguesa*. N.º 155, janeiro 1941.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA (1941c) – *Indústria portuguesa: revista da Associação Industrial Portuguesa*. N.º 160, junho 1941.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA (1942a) – *Indústria portuguesa: revista da Associação Industrial Portuguesa*. N.º 168, junho 1942.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA (1942b) – *Indústria portuguesa: revista da Associação Industrial Portuguesa*. N.º 174, agosto 1942.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA (1943) – *Indústria portuguesa: revista da Associação Industrial Portuguesa*. N.º 180, agosto 1943.

ALCÂNTARA, Ana (2011) – *CAMINHO-DE-FERRO E POPULAÇÃO NA COVA DE BEIRA (1878-1930). Um Modelo de Acessibilidade*. Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação da Universidade Nova de Lisboa.

BATISTA, José (1990) – *Manteigas, Uma Vila da Serra da Estrela de 1136 a 1527*. Edição do Parque Natural da Serra da Estrela.

BERNARDO, Carla Cristina (2013) – *Os Arquivos em particular o do Museu de Lanifícios da UBI*. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR Artes e Letras, Covilhã.

BICHO, Nuno (2012) – *Manual de Arqueologia Pré-História*. Edição 70, Lda. 2ª edição.

BORGES, António (2014) – *Fábricas da Covilhã: Fotocronologia*. Associação dos Amigos da Covilhã, Covilhã.

CARVALHO, Joaquim (1947) – Mecanismo Comercial. In: *Revista de Turismo, divulgação e cultura*. Número extraordinário. Distrito de Castelo Branco, p. 30-43.

CARVALHO, Pedro (2007) – “Terlamonte I” (Teixoso, Covilhã): uma quinta romana no interior norte da Lusitania. In: *Conimbriga*. Volume. 46. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, p. 207-250.

CARDOSO, Nicole (2017) – *Chaminés Industriais de alvenaria de tijolo contributo para a sua caracterização envolvendo a ciência cidadã*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

COSTA, Francisco (2010) – Geopatrimónio ligado à água O caso do património industrial na bacia hidrográfica do rio Ave. In: *VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física*. Universidade de Coimbra, Maio de 2010.

CUSTÓDIO, Jorge; SANTOS, Luísa; RIBEIRO, Isabel e BARBLAN, Marc (1991) - *Museologia e arqueologia industrial - Estudos e projetos*. Coleção Cadernos de Arqueologia Industrial. Associação portuguesa de arqueologia industrial, p. 109-117.

CUSTÓDIO, Jorge (2021) – *Museu Expandido: Circuito do Vapor*. Jornadas Europeias do Património. Visita Guiada. MUSLAN. Covilhã.

DARVILL, Timothy (1999) – The historic environment, historic landscapes, and space—time —action models in landscape archaeology. In: *THE ARCHAEOLOGY AND ANTHROPOLOGY OF LANDSCAPE- Shaping your landscape*. Routledge 11 New Fetter Lane, London, p. 106-119.

DAVID, Bruno e THOMAS, Julian (2008) – Landscape Archaeology: Introduction. In: *Handbook of Landscape Archaeology*. Routledge Taylor & Francis Group. Editores: Julian Thomas, Bruno David. London and New York, p. 27-43.

DGPC (s.d) – *PORTAL DO ARQUEÓLOGO*. [Consult. 30 Out. 2021]. Disponível em: «<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>».

DGPC (2010) - *Kit 03 – Património Industrial*. IGESPAR e IHRU. [Consult. 22 Sep. 2021]. Disponível em:

«[http://www.monumentos.pt/site/DATA\\_SYS/MEDIA/EstudosDocumentos/KIT03.pdf](http://www.monumentos.pt/site/DATA_SYS/MEDIA/EstudosDocumentos/KIT03.pdf)»

DGPC (2018) – *Proposta de abertura de procedimento de eventual classificação da Fábrica de António Estrella/ Júlio Afonso, sita na Covilhã, na Travessa do Ranito e na Rua Mateus Fernandes, União de Freguesias da Covilhã e de Canhoso, concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco*. Despachos de Abertura e de Arquivamento. N.º Proc.º. 18/05-03-35 (II).

[Consult. 21 Ago. 2021]. Disponível em: «[http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio\\_imovel/classificacao\\_do\\_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2019/estrela/er1.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2019/estrela/er1.pdf)».

DIAS, Victor (1962) – *O Distrito de Castelo Branco na organização e na divisão administrativas. Separata de Estudos de Castelo Branco*. Revista de História e Cultura.

EMPRESA PÚBLICA DE PARQUES INDUSTRIAIS (1976) – *Ante-projeto do parque industrial da Covilhã*. [Texto policopiado].

ESTÊVÃO, João (2012) – *Diagnóstico e Avaliação do Potencial de Reabilitação de Antigos Edifícios Industriais*. Universidade da Beira Interior- Engenharia. Covilhã, outubro de 2012.

FAIRCLOUGH, Gra-ham (1999) – Protecting time and space: understanding historic landscape for conservation in England. In: *THE ARCHAEOLOGY AND ANTHROPOLOGY OF LANDSCAPE- Shaping your landscape*. Routledge 11 New Fetter Lane, London, p. 121-136.

FERREIRA Filipe (2015) – *CARACTERIZAÇÃO GEOTÉCNICA DE SOLOS DE ALTA MONTANHA*. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, Covilhã.

FIGUEIREDO, Paula (2009a) – *Estendouro de Lãs das Escadinhas do Castelo*. SIPA- Forte de Sacavém. [Consult. 7 Sep. 2021]. Disponível em: «[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=27479](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27479)».

FIGUEIREDO, Paula (2009b) – *Fábrica Velha/ Fábrica Campos de Mello e Irmão*. SIPA- Forte de Sacavém. [Consult. 7 Sep. 2021]. Disponível em: «[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=27566](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27566)».

GARCIA, Antonieta (2001) – Fios de um Roteiro Judaico da Covilhã. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

GIRALDES, Manuel (1880) – *Covilhã no centenário*. Fornecedores da casa de Bragança 6, Rua do Tesouro Velho, 6. Lallemant Frères Typ. Lisboa.

GOMES, Paulino (2003) – *Covilhã: Percursos de uma história Secular*. Néstia Editor, Paços de Ferreira.

GOMES, Filipe (2011) – *Requalificação de Edifício Fabril na Ribeira da Carpinteira – Covilhã*. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, Covilhã.

GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ (1946) – *Urbanização da cidade. Elementos relativos à indústria dos lanifícios*. Rua dos Bombeiros voluntários. Decreto N.º 25.850.

INFRAESTRUTURAS DE PORTUGAL (2020) – *Reabilitação da Ponte da Carpinteira - Modernização do troço Covilhã-Guarda*. [Consult. 7 Sep. 2021]. Disponível em: «<https://www.infraestruturasdeportugal.pt/pt-pt/centro-de-imprensa/reabilitacao-da-ponte-da-carpinteira-modernizacao-do-troco-covilha-guarda>».

JAMIESON, Elaine (2007) – *Understanding the Archaeology of Landscapes- A guide to good recording practice*. English Heritage.

LAIA, Sofia (2014) – *Operações de revitalização urbana no tecido pós-industrial da Covilhã: o caso da ribeira da Carpinteira*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias de Informação. Lisboa.

LAYTON, Robert e UCKO, Peter (1999) – Introduction: gazing on the landscape and encountering the environment. In: *THE ARCHAEOLOGY AND ANTHROPOLOGY OF LANDSCAPE- Shaping your landscape*. Routledge 11 New Fetter Lane, London, p. 1-17.

LIMA, Sofia (2010) – *Recuperação e Requalificação. Antiga Fábrica de Lanifícios – Covilhã*. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR. Covilhã.

LOPES, Rui [coord.] (2016) – *Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios*. CADERNO I DIAGNÓSTICO (informação de base) 2016 a 2020. Câmara da Covilhã.

MACEDO, Artur (1921) – *A COVILHÃ INDUSTRIAL, PITORESCA E SEUS ARREDORES*. Portugal. Cinemateca portuguesa. Museu do Cinema. [Consult. 27 Sep. 2021]. Disponível em: «<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=5001&type=Video>».

MADALENO, Carlos e FERREIRA, Sandra (2015) – *Carpinteira. do Sineiro às Poldra*. Itinerário: Património Industrial e Natural. Câmara Municipal da Covilhã. Gráfica do Tortosendo, Lda.

MADUREIRA, Luís [coord.] (2001) – *Vol. I: A indústria Têxtil. Histórias do Trabalho e das Ocupações*. Celta Editora. Oeiras.

MARTINS, Cristina (2011) – *EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DA COVILHÃ COMO RECURSO EDUCATIVO*. Universidade Aberta Departamento de Ciências Sociais e de Gestão.

MATHIAS, Michael (2013) – Achegas da Arqueologia à História da Covilhã: o património urbano e a cintura das muralhas. Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. In: *ubimuseum – revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, nº2. p. 31-52.

MELO, José (s.d) – *Manual do Fabricante de tecidos*. 2.ª edição. Biblioteca de Instrução Profissional. Livraria Aillaud e Bertrand. Lisboa.

MELO, José (1907) – *Lans e Lanifícios*. Coimbra: França Amado.

MELO, Francisco (1969) – *A Transformação da Paisagem da Serra da Estrela. Necessidade do seu Planeamento*. Separata do Boletim da Casa do Concelho de Gouveia.

MONTEIRO, Bartolomeu (1970) – Problemas tecnológicos na indústria de lanifícios da Covilhã. In: *Desenvolvimento sócio-económico da Cova da Beira*. Colectânea das comunicações apresentadas ao «colóquio sobre o turismo» e «coloquio sobre o desenvolvimento sócio-económico da Cova da Beira» organizado na cidade da Covilhã em 21/3/70 e de 28/9/70 a 3/10/70. Manifestação integrada no programa das comemorações do I centenário da Covilhã-cidade, p 88-96.

MUNICIPIO DA COVILHÃ (s.d) – *Planta Serviços Municipalizados da Covilhã de 1929*. GEOPORTAL. PLANOS MUNICIPAIS DE ORDENAMENTO DO TERRITORIO. [Consult. 7 Sep. 2021]. Disponível em: «<http://plantasonline.cm-covilha.pt/geoportal?webpdm>».

MUSEU.UBI (s.d) – *Definições*. Museu dos Lanifícios. Universidade da Beira Interior.

[Consult. 21 Ago. 2021]. Disponível em: «<http://www.museu.ubi.pt/?cix=3101&lang=1>».

NEVES, José (1987) – *Indústria e comércio dos Têxteis. Introdução ao estudo da actividade têxtil*. Aspectos históricos, económicos, técnicos e comerciais. Porto.

OGILVIE, Sheilagh (2008) – Protoindustrialization. In: *The New Palgrave Dictionary of Economics*. Palgrave Macmillan. Editors Steven N. Durlauf, Lawrence E. Blume, p. 1-6.

OLIVEIRA, Ana (2014) – *Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: Propostas de Intervenção Museológica*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PALMER, Marilyn e NEAVERSON, Peter (1994) – *Industry in the landscape, 1700-1900*. Routledge, Londres.

PALMER, Marilyn e NEAVERSON, Peter (1998) – *Industrial Archaeology Principles and practice*. Routledge; 1st edition, Londres.

PEREIRA, António (2017a) – Produzir na Covilhã: da feitoria mercantil do Séc. XVI à Real Fábrica de Panos do Séc. XVIII e à presença local de estrangeiros e de representantes do poder central. In: *ubimuseum – revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, nº4. p. 30-41.

PEREIRA, António (2017b) – *Indústria têxtil Portuguesa*. Edição clube dos Colecionadores. CTT.

PEREIRA, Esteves (1897a) – A Covilhã e a indústria dos lanifícios III. In: *Occidente-Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Nº 663, p. 114-115.

PEREIRA, Esteves (1897b) – A Covilhã e a indústria dos lanifícios III. In: *Occidente-Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Nº 665, p. 131-134.

PINHEIRO, Elisa [coord.] (1998a) – *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Panos*. Universidade da Beira Interior (UBI), Museu de Lanifícios, Covilhã.

PINHEIRO, Elisa (1998b) – *Roteiro do Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior*. Universidade da Beira Interior. Museu dos Lanifícios. Covilhã.

PINHEIRO, Elisa (2002) – Os fios do passado a tecer o futuro - um lema para o museu de Lanifícios Da Covilhã à Europa pelas rotas da lã e redes de informação Têxtil. In: *Atas das III Jornadas de arqueologia Industrial (12 a 14 de novembro de 1998. A indústria têxtil Europeia- OS FIOS DO PASSADO A TECER O FUTURO- Uma abordagem pluridisciplinar*. Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, p. 99-150.

PINHEIRO, Elisa [coord.] (2009a) – *Rota da lã Translana: volume 1*. Museu dos lanifícios da Universidade da Beira Interior Covilhã.

PINHEIRO, Elisa [coord.] (2009b) – *Rota da lã Translana: volume 2*. Museu dos lanifícios da Universidade da Beira Interior Covilhã.

PINHEIRO, Elisa (2016) – Breve contextualização histórica da indústria de lanifícios da Beira Interior. In: *Arqueologia do presente: lanifícios*. Covilhã: Museu de Lanifícios da UBI, p. 25-71.

PINHEIRO, Elisa (2017) – A Real Fábrica de Panos, um marco histórico na paisagem industrial e cultural da Covilhã. In: *ubimuseum – revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, nº4. p. 136-184.

PINHEIRO, Elisa (2021) – A Industrialização da Covilhã: Um Modelo de Desenvolvimento Singular. In: *História, Empresas, Arqueologia Industrial e Museologia*. Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 77-110.

PROENÇA, Rogélia (2004) – NA SENDA DE(OS) JOSÉ(S) MARIA(S) DE CAMPOS E MELLO, ILUSTRE(S) COVILHANENSES(S), VISINÁRIOS NO SEU TEMPO... In: *Revista...à Beira número 3*. Universidade da Beira Interior Departamento de Letras, p. 59-118.

- QUINE, Willard (1960) – *Word and Object*. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press.
- QUINTELLA, Arthur (1899) – *SUBSÍDIOS PARA A MONOGRAPHIA DA COVILHAN*. TYP. D «O REBATE». Covilhã.
- RIBEIRO, Camilo (1905) – *Anuário do Concelho da Covilhã*. Typographia do Porto Medico, Praça da Batalha.
- RIBEIRO, Camilo (1914) – *Anuário do Concelho da Covilhã*. Papelana e Typographia «Progresso». Castelo Branco.
- RODRIGUES, José (2009) – Covilhã: evolução urbana da cidade. In: *Monumentos. Cidades, património, reabilitação*, 29, p. 6-15.
- SANLEZ, Ana (2018) – Fábrica António Estrela. O novo fio da meada. In: *Dinheiro Vivo*. [Consult. 22 Sep. 2021]. Disponível em: «<https://www.dinheirovivo.pt/geral/fabrica-antonio-estrela-o-novo-fio-da-meada-12813785.html>».
- SARAIVA, Ana; MADALENO, Carlos e PINHEIRO Elisa (2013) – *História da Covilhã datas, figuras e factos Vol.I - Covilhã Cidade*. Câmara Municipal da Covilhã.
- SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO (1989) – Covilhã. In: Carta militar de Portugal 1:25 000. Continente, série M888; 235. Edição. 3. Lisboa.
- SILVA, Margarida (2014) – *Projecto de Requalificação Industrial do Edifício Real FÁBRICA Velha, Covilhã* Universidade da Beira Interior.
- SILVEIRA, Fradesso (1863) – *As Fábricas Covilhã*. Bibliotheca das Fábricas, publicada pela Associação promotora da Indústria Fabril. Lisboa.
- SILVEIRA, Fradesso (1864) – *Conselho Geral das Alfandegas. Inquérito de 1862-1865*. Indagações relativas ao tecido de lã. Lisboa Impresa Nacional.
- STRANG, Veronica (2008) – The social Construction of water. In: *Handbook of Landscape Archaeology*. Routledge Taylor & Francis Group. Editores: Julian Thomas, Bruno David. London and New York, p. 123-128.

Teixeira, Alfredo (1994) – *Caracterização e classificação etnológica dos ovinos e urros portugueses- uma perspectiva morfométrica*. Instituto Superior Politécnico de Bragança.

TICCIH (2003) – *The Nizhny Tagil Charter for the Industrial Heritage*. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH).

UNESCO (1973) – *Resolutions, recommendations. Volume 1*. Records of the General Conference, 17th session. 17 October to 21 November 1972. Paris.

VICENTE, Maria (2012) – *Covilhã medieval: o espaço e as gentes, séculos XII e XV*. Editor: Lisboa: Colibri.

WACHSMANN, Fred (1949) – *Como eu vi a Serra da Estrela*. Edição da Tipografia Alcobacense, L.da. Alcobaca, p. 45-63.

## Fichas de sítio

### Cartografia dos sítios



#### Lista:

- 1- Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco (SIN (1))
- 2- Alberto Mendes Vaz (SIN (2))
- 3- Fiações Roseta (SIN (3))
- 4- Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar (SIN (4))
- 5- Ignacio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro (SIN (5))
- 6- Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato (SIN (6))
- 7- Valério Gomes Correia & Irmão (SIN (7))
- 8- Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>. (SIN (8))
- 9- Fábrica do Dr. António Alçada (MED (9))
- 10- António Baptista Alves Leitão (MED (10))
- 11- Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário (MED (11))

**Mapa 1:** Localização dos sítios na ribeira da Carpinteira em análise (Rodrigo Dias).



**Lista:**

- 12-** António Baptista Leitão (MED (12))
- 13-** Engenho do Sineirinho (MED (13))
- 14-** Barata, FILHOS/ Pimentéis, L.<sup>da</sup> (MED (14))
- 15-** Manuel Lopes Bola (MED (15))
- 16-** João Roque Cabral (MED (16))
- 17-** Augusto D´Almeida Fortuna & FILHOS (MED (17))
- 18-** José Henriques da Fonseca Júnior (MED (18))
- 19-** João Mosa (MED (19))
- 20-** João Mendes Alçada (MED (20))
- 21-** Fábrica Alçada (MED (21))
- 22-** Armando António Martins (MED (22))
- 23-** Arnaldo Teixeira & C.<sup>a</sup> (MED (23))
- 24-** Alberto Miguel (MED (24))
- 25-** Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup> (MED (25))
- 26-** Fábrica Velha/ Campos Melo (MED (26))
- 27-** Jerónimo Dias Freire (MED (27))
- 28-** Alexandrino Fernandes Nogueira (MED (28))
- 29-** Sociedade Fiandeira Mirense/ Borges Terenas & Irmão (MED (29))
- 30-** Clemente Petrucci & Irmão (MED (30))

**Mapa 2:** Localização dos sítios na ribeira da Carpinteira em análise (Rodrigo Dias).



**Lista:**

**31-** José Dias D´Assumpção (MED (31))

**32-** Victor Sasseti & C.ª & António Maria das Neves & Irmãos (MED (32))

**33-** Arnaldo da Silva Carreira (MED (33))

**34-** António Estrela & C.ª (MED (34))

**35-** Ranito Mesquita & C.ª (MED (35))

**36-** José Camolino e Sousa (MED (36))

**37-** Amândio de Moraes (MED (37))

**38-** Barata, Filhos (MED (38))

**39-** Bairro Operário dos Penedos Altos (MED (39))

**40-** Fábrica dos Cruzes (MED (40))

**41-** Sutre, Antunes & Oliveira, L.ª (MED (41))

**42-** Álvaro de Moura (MED (42))

**43-** Manuel Abílio (MED (43))

**44-** José Maria da Silva Campos Mello e irmão (MED (44))

**45-** João da Silva Fiadeiro ((MED (45))

**46-** Fábrica do Padre João (POL (46))

**47-** João Nave Catalão (POL (47))

**48-** Alexandre António Pereira Espiga (POL (48))

**49-** Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão (POL (49))

**50-** José da Cruz Fael (POL (50))

**Mapa 3:** Localização dos sítios na ribeira da Carpinteira em análise (Rodrigo Dias).

## Fichas

### SIN (1) - Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Manuel Telles Feio & Manuel Nunes Mouzaco
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo é constituído por dois imóveis, que se encontram em estado de ruína. Estes aproveitaram a sua localização privilegiada junto a dois cursos de água nas proximidades da ribeira da Carpinteira, para uso como fonte de energia motora. Ambos estavam equipados com uma roda hidráulica (PINHEIRO, 2009b :528).</p> <p>O edifício mais a Sul possui algumas alterações entre elas a construção de uma pequena estrutura com paredes feitas em cimento e um portão de metal (<b>Figura A, B e C</b>). O outro</p>

edifício localizado mais a Norte encontra-se numa área inacessível, mas também possui paredes em alvenaria de pedra (**Figura D**).

No edificado a Sul, ainda é visível uma pequena escadaria em granito que daria acesso a entrada do edificado (**Figura E**).

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em 1859, a fábrica do Prazo, foi fundada pela firma “Manuel Telles Feio &amp; Manuel Nines Mouzaco” (Fábrica do Prazo), no sítio conhecido como Prazo ou da Assentada (MADALENO e FERREIRA, 2015 :X).</p> <p>Esta unidade depois foi adquirida pela firma “António Joaquim Henriques da Silva &amp; Sócios”, em 1881. No ano de 1889, o complexo é ocupado pelas firmas “João da Costa Ruivo” e “António Joaquim Agostinho”, tendo a última empresa ocupado o espaço até 1900 (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 73).</p> <p>Em julho de 1901, Carlos Elias da Costa, publicou a venda de metade da sua propriedade, com terreno e fábrica da qual era co-proprietário com Manuel Telles Feio. No ano de 1903, esta propriedade e bens são hipotecados (PINHEIRO, 2009b :528).</p> <p>Em 1928, os herdeiros do empresário José Cristóvão Correia, que ocupou este espaço, publicam o arrendamento do espaço com uma roda hidráulica, ultimação, lavadouro de lãs, tinturaria e râmolas de ferro (PINHEIRO, 2009b :528).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua do Caminho do Prazo
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio do Prazo ou Assentada
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.292398, -7.517846
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Privado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Montanha

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
-----------	-------------------	------------	--

		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	192_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Manuel Telles Feio & Manuel Nunes Mouzaco (1859-18__); António Joaquim Henriques da Silva & Sócios (1881); João da Costa Ruivo (1889); António Joaquim Agostinho (1889-1900); Manuel Telles Feio (189_-1903); Carlos Elias da Costa (189_-191_); Manuel Mendes Alçada & Filhos (191_-1918) e José Cristóvão Correia (1928-192_) (PINHEIRO, 2009b :528).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica (PINHEIRO, 2009b :528)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Lavagem, cardação, fiação, tinturaria e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :X)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
-----------	------------------	--------------------	--

		Civil	
		Comunicações	
		Extração	
		Militar	
		Religiosa	
		Serviços	
		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	Têxteis e tinturaria	
26	Matérias-Primas	Lã	
27	Produtos finais	Fios cardados	
28	Número de edifícios/elementos	2 (PINHEIRO, 2009b :528)	
29	Área total histórica	-	
30	Materiais de Construção	Pedra, tijolo, madeira e telha.	
31	Sistemas de Construção	Tradicional	
32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-	
33	Uso atual	-	
34	Ampliações	-	

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	O edifício Sul, encontra-se em uso como garagem, onde se pode detetar modificações, como a construção de uma estrutura em cimento que descontextualiza a estrutura. Também apresenta elevados níveis de degradação com a queda de uma parede de tijolos do segundo piso ( <b>Figura F</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Em 1928, a unidade fabril possuía um sistema de fornalhas e duas caldeiras, uma roda hidráulica e râmolas de ferro (PINHEIRO, 2009b :528).
-----------	-----------------------------------	--

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Fachada Oeste do edificado a Sul (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>  <p><b>Figura B:</b> Interior do edificado onde se encontra implantada a Este uma garagem em cimento (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>  <p><b>Figura C:</b> Interior do edifício Sul, parede Norte, ainda conserva a sua estrutura original (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>
----	--------------------------	--



**Figura D:** Segundo edificado a Norte (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura E:** Escadaria em pedra granítica (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura F:** Telhas do derrube do segundo piso (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura G:** Negativos de vigas (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura H:** Pormenor do negativo (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	Edifício de elevado interesse patrimonial, histórico e arqueológico por ser um dos
----	-------------	--

		<p>complexos fabris da ribeira da Carpinteira da 2ª metade do século XIX. No seu interior apresenta uma camada estratigráfica que não tem sinais de revolvimento. Este pode ser um sítio excepcional para a realização de uma intervenção arqueológica.</p> <p>Ainda é possível visualizar no piso térreo do edifício blocos em cimento com negativos, podendo ser o local onde as vigas segurariam o piso superior (<b>Figura G e H</b>).</p>
--	--	--

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
-----------	---------------------------	--

**SIN (2) - Alberto Mendes Vaz**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X

Conjunto	
----------	--

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Alberto Mendes Vaz.
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Alberto Mendes Vaz
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo de pequenas dimensões é composto por dois edifícios feitos em sistema construtivo tradicional, com paredes de alvenaria de pedra cobertas por reboco na parte externa e interna. O edifício de maior dimensão corresponde a área produtiva (<b>Figura A, B e C</b>). Este dispõe de dois pisos com fenestração regular, caixilharia em guilhotina de madeira e uma cobertura de duas águas em telha do tipo marselha, assente sobre asnas de madeira. Adossado a esta construção encontra-se um imóvel, de dimensões mais reduzidas, com apenas um piso e estrutura arquitetónica idêntica ao de maior dimensão (<b>Figura B</b>) (PINHEIRO, 2009b :528).</p> <p>Uma parte do terraço do espaço ainda conserva o chão em granito, contudo foi parcialmente coberta por cimento (<b>Figura D</b>).</p> <p>A noroeste, desta estrutura encontra-se outro imóvel, este pode ser uma possível pré-existência complexo (<b>Figura E</b>). A estrutura é em alvenaria de granito e o telhado encontra-se demolido (PINHEIRO, 2009b :528).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>As primeiras referências a esta estrutura são do ano de 1933, com industrial Alberto Mendes Vaz a ser referido como o primeiro a ocupar este espaço (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XI), a estrutura original foi atingida por um incêndio que a destruiu (PINHEIRO, 2009b :528).</p> <p>Documento ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã indica que a empresa “Gregório Baltazar Júnior”, que ocupou este espaço entre o ano de 1946 e 1948, vendia fios cardados as firmas: “Sá Pessoa &amp; Irmãos”; “Santos Pinto, Irmãos”; “Tecelagem da Fonte Santa, L.<sup>da</sup>”; “Lanifícios do Sineiro, L.<sup>da</sup>”; “João Gigante”; “Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.,</p>	

L.<sup>da</sup>”; “Quintino Maria da Costa, L.<sup>da</sup>”; “João Inácio da Conceição; Lopes & Podão, Sucrs.”; “Cravinos & Fael, L.<sup>da</sup>”; “Patrício & Balsemão, L.<sup>da</sup>”; “Alexandrino Fernandes Nogueira”; “Pêro de Moraes, Sucrs.”; “Teceragem da Fonte Santa, L.<sup>da</sup>”; “Francisco Rodrigues Marques & Irmãos” e “Quintino Maria da Costa” (PROCESSO 230 - Gregório Baltazar Júnior). Isto, demonstra a conectividade entre as unidades fabris na Covilhã, onde algumas firmas realizariam apenas uma ou duas atividades processo de produção de lanifícios.

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 111, 109, 107, 103, 101 e 99
<b>10</b>	<b>Local</b>	Bairro Dr. José Ranito Baltazar
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.291071, -7.514823
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Montanha

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X (?)
		1975 - 2000's	X(?)

<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	19__?
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Alberto Mendes Vaz (1933); Daniel Tavares (1933) e Gregório Baltazar Júnior (1947-19_) (PINHEIRO, 2009b :528).

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Combustão interna a gás e eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000q)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Fios cardados e tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (PINHEIRO, 2009b :528)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, madeira, telha e vidro (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000q).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Tradicional

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Habitacional
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	O edifício principal e o seu anexo ( <b>Figura C</b> ) foram adquiridos por José Ranito Baltazar Júnior, e foram alvo de uma intervenção, em 1947, para reconversão em área residencial. Estas alterações destruíram qualquer evidência da antiga fábrica que laborou nesta área (PINHEIRO, 2009b :528).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	O edifício mais a Norte ( <b>Figura E</b> ), apresenta maiores sinais de destruição pois encontra-se em estado de abandono.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(BORGES, 2014); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 230 - Gregório Baltazar Júnior); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000q).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	É descrito que no primeiro andar edifício encontrava-se instalado 12 teares mecânicos pertencentes a Alberto Mendes Vaz. O rés-do-chão, estava uma oficina de cardação e fição, arrendada a Daniel Tavares (PINHEIRO, 2009b :528).
-----------	-----------------------------------	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal da estrutura do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura B:** Pequeno anexo em granito a estrutura principal (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura C:** Fachada principal original da firma Alberto Mendes Vaz (BORGES, 2014 :8).

		 <p><b>Figura D:</b> Pátio do edifício com pequeno muro em granito (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>  <p><b>Figura E:</b> Segundo edifício do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Edifícios bastante modificados para realizar qualquer trabalho arqueológico. Contudo o edifício mais a Norte do complexo apresenta menos alterações devido a não ter sido reabilitado para urbanização (<b>Figura E</b>).</p>
----	-------------	--

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

### SIN (3) - Fiações Roseta

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Fiações Roseta
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	Tavares & Espinho
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Tavares & Espinho
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo primitivo seria composto por quatro edifícios em alvenaria de pedra e dois pisos. Nos anos 60 do século XX, os edifícios foram fundidos durante a ocupação do industrial António Roseta (<b>Figura A</b>). Tendo este edifício passado a ter quatro pisos e apenas algumas das paredes mestras originais subsistem. O alçado orientado a Oeste apresenta a fenestração de um dos edifícios primitivos (PINHEIRO, 2009b :529). Nas traseiras do edifício, lado Sul, foi construído um edificado habitacional anexada a antiga fábrica (<b>Figura B</b>).</p>

## 8 Resumo Histórico

Em 1864, é registada a primeira firma a laborar nesta unidade a “Tavares & Espinho”, que possuía dois complexos distintos (PINHEIRO, 2009b :529).

A partir de 1873, o edifício terá sido explorado por Gregório Baltazar com um engenho de cardar e fiar, com pisão (PINHEIRO, 2009b :529).

Em 1875, a firma “Tavares & Espinho” dividiu-se em duas empresas à “Tavares & C.ª” e “Henriques Tavares & Paiva”. Tendo esta última ocupado o “Pisão Pequeno”. Durante este período o edifício manteve-se dividido por razões de partilha (PINHEIRO, 2009b :529).

Em 1914, a firma “Gregório Baltazar” possuía dois complexos distintos: um agregado de cinco casas e estendedouro, no sítio da Fonte Nova. E neste sítio do Sineiro possuía agregado quatro casas de máquinas e dois moinhos de moer cereais. No ano de 1923, este complexo teve um incêndio que destruiu o engenho de cardar e de fiar (PINHEIRO, 2009b :529).

Em 1943, instala-se neste espaço a sociedade “Gregório Baltazar Júnior, Sucrs. L.<sup>da</sup>” formada pelo Dr. José Ranito Baltazar, D. Maria Ranito Baltazar Pinto Balsemão e por Francisco Pinto Balsemão (oriundo de Guarda) (PINHEIRO, 2009b :529).

A firma “António Roseta” adquire este espaço, em 23 de janeiro de 1962, na modalidade de preparação de fios. A janeiro de 1962, em carta ao Grémio dos Lanifícios da Covilhã indica que poderia fazer preparação de fios de algodão, lã e outras fibras (PROCESSO 213 - António Roseta, L.<sup>da</sup>).

No ano de 1962, a unidade passa a designar-se “Viúva de António Roseta” (11 de agosto) e mantém a mesma atividade. Em 1964, é criada uma nova sociedade entre os herdeiros e a viúva de António Roseta designada “António Roseta, Herdeiros”, esta dedica-se a atividade de fiação de cardado (PINHEIRO, 2009b :529). Após isto em carta, de 7 de janeiro 1965, ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, a empresa “António Roseta, Herdeiros”, indica a transição de operários da firma “Viúva António Roseta” para a nova firma (PROCESSO 213 - António Roseta, L.<sup>da</sup> e PINHEIRO, 2009b :529).

A março de 1966, ocorreu uma nova alteração do nome da firma “António Roseta, Herdeiros” para “Sociedade Têxtil António Roseta, Herdeiros L.<sup>da</sup>”, esta contínua a atividade de fiação e cardação (PINHEIRO, 2009b :529).

Numa carta de 6 de janeiro de 1967, a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios indica que as duas sociedades “Viúva António Roseta” e a “Sociedade Têxtil António Roseta, Herdeiros”, teriam funcionado ao mesmo tempo neste espaço, a primeira seria em regime de preparação dos fios e a segunda na modalidade de fiação de cardado (PROCESSO 213 - António Roseta, L.<sup>da</sup>). A firma “Sociedade Têxtil António Roseta, Herdeiros” continuado a laborar até ao ano de 1992 (PINHEIRO, 2009b :529).

Em carta de 1 de setembro de 1969, foi pedido o cancelamento da inscrição da firma “Viúva António Roseta” na Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios (PROCESSO 213 - António Roseta, L.<sup>da</sup>).

Numa carta ao Grémio dos Lanifícios de Covilhã, em 7 de julho de 1973, é indicado que há queixas de o espaço não possuir um local de prestação de primeiros socorros. E num outro questionário datado de 24 novembro de 1970, refere que o espaço possuía um refeitório (PROCESSO 435 - António Roseta, Herdeiros).

A 3 de junho de 1974, é indicado ao Grémio dos Lanifícios de Covilhã, que a firma “António Roseta, Herdeiros” estaria com dificuldade em subir os salários aos trabalhadores, devido a medida política de subida dos salários nacionais. Isto leva ao pedido de novas máquinas para aumentar a produção e compensar o prejuízo (PROCESSO 435 - António Roseta, Herdeiros).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 88 e 86
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio do Sineiro
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.290716, -7.515379
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X

		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1992	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Tavares & Espinho (1854-187_); Gregório Baltazar (1873-1930); Gregório Baltazar Júnior (1930-1962); Gregório Baltazar Júnior, Sucrs. L. <sup>da</sup> (1943); António Roseta (1962); Viúva António Roseta (1962-1969); António Roseta, Herdeiros (1964-19__) e Sociedade Têxtil António Roseta, Herdeiros, L. <sup>da</sup> (1966-1992) (PINHEIRO, 2009b :529).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Central eletricidade própria (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000h)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação e fiação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XIV)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	

		Religiosa	
		Serviços	
		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	Têxteis	

26	Matérias-Primas	Lã, algodão e outras fibras industriais	
27	Produtos finais	Fios de cardados	

28	Número de edifícios/elementos	4 (PINHEIRO, 2009b :529)	
29	Área total histórica	-	

30	Materiais de Construção	Pedra, ferro, vidra, tijolo, aço e alumínio (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000h).	
31	Sistemas de Construção	-	

32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-	
----	---------------------------------	---	--

33	Uso atual	Parcialmente ocupado (habitacional)	
34	Ampliações	-	

35	Estado de Conservação	Muito bom	
----	-----------------------	-----------	--

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Parte das janelas ( <b>Figura C</b> ) e das paredes externas encontram-se vandalizadas. Estrutura encontra-se numa área com um intenso desenvolvimento urbano devido a construção de residências universitárias.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	O nome da fábrica “Fiações Roseta” encontra-se indicado no topo da parede Este do edifício.
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(BORGES, 2014); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 213 - António Roseta, L. <sup>da</sup> .); (PROCESSO 435 - António Roseta, Herdeiros); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000h).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Em declaração ao Grémio dos Lanifícios de
-----------	-----------------------------------	---

		Covilhã, a 8 de setembro de 1967, a secção de fiação possui três cardas automáticas (italianas), e dois contínuos de 302 fusos cada (de origem italiana) (PROCESSO 435 – António Roseta, Herdeiros).
--	--	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

		 <p><b>Figura A:</b> Área do sineiro no final do Séc. XX, onde mostra que o aspeto da fábrica Fiações Roseta pouco se alterou (BORGES, 2014 :86).</p>  <p><b>Figura B:</b> Habitação anexada ao edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>
<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	



**Figura C:** Janela do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura D:** Inscrição “Fiação-Roseta” no topo do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Maioria do edifício está bom estado de conservação. Seria aconselhado uma investigação mais aprofundado do edificado pois se encontra numa área em rápido desenvolvimento urbano.</p>
----	-------------	--

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

**SIN (4) - Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Tavares e Espinho/ Gregório Baltazar
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	António Alves Touraes
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo principal era constituído por quatro edifícios de produção, de vários pisos, uma serralharia e uma casa de operários (<b>Figura A, B e C</b>) em construção do tipo misto e tradicional (PINHEIRO, 2009b :531).</p> <p>O anexo ainda possui uma casa do guarda em granito com porta em madeira (<b>Figura D</b>). O portão em ferro, que servia de entrada para o terraço do edificado, encontra-se em elevado estado de degradação (<b>Figura E</b>).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Este complexo seria uma “fábrica completa” e integrou diversos edifícios, cuja datação não é possível identificar com rigor (PINHEIRO, 2009b :530).</p> <p>Porém admite-se, que através das evidencias documentais e de campo que o edifício localizado a Sul, onde laborou o estabelecimento de cardar e de fiar com uma roda hidráulica do empresário António Alves Touraes, é o mais antigo (PINHEIRO, 2009b :530).</p> <p>Em 1875, a firma “Tavares &amp; Espinho”, que foi fundada no ano 1854, ocupou este espaço. No mesmo ano esta deu origem a duas empresas distintas, em 1975, a “Tavares &amp; C.ª” e a “Henriques Tavares &amp; Paiva” que ocuparam este espaço (PINHEIRO, 2009b :530).</p> <p>A firma “Gregório Baltazar” apôs a ocupação do espaço obteve diversos prémios internacionais, entre os quais: uma medalha de cobre na exposição de Paris, em 1889 e medalha de bronze obtida na exposição de St. Luis, em 1904 (PINHEIRO, 2009b :531).</p> <p>No ano de 1914, a firma “Gregório Baltazar” ocupou este local. Entre os anos de 1930-1940, a designação comercial desta firma passou a ser “Gregório Baltazar Júnior”. E entre os anos de 1940-1969 a designação da comercial da firma altera-se novamente para “G. B. Jr. Sucrs. L.<sup>da</sup>”, sociedade constituía por José Ranito Baltazar e seu cunhado Francisco Pinto Balsemão, tendo-se dedicado a fiação de cardado e ultimação. Em 1950, esta unidade tinha ao seu serviço 91 trabalhadores (PINHEIRO, 2009b :531).</p> <p>Entre 1961 e 1069, a firma “Cristiano Cabral Nunes &amp; Filhos, L.<sup>da</sup>” (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000u), ocupou as instalações com uma sociedade constituída por Cristiano Cabral Nunes, Manuel Rogério Mesquita Nunes, José Mesquita Nunes e Luís Filipe Mesquita Nunes. Na sequência desta firma, entre 1969-79, a empresa “Indutêxtil- Indústria Têxtil de Transformação de Lanifícios, L.<sup>da</sup>”, ocupa esta unidade (PINHEIRO, 2009b :531).</p> <p>Há indicação nos processos desta unidade do Arquivo Documental do Museu dos Lanifícios, que a unidade possuía, em 1969, uma serralharia privativa (PROCESSO 455- Indutêxtil – Indústria Têxtil de transformação de Lanifícios).</p> <p>O inquérito da Covilhã aos serviços sociais das fábricas, realizado em 25 de novembro de 1970, indica que o espaço possui um refeitório (PROCESSO 455- Indutêxtil – Indústria Têxtil de transformação de Lanifícios).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 76
<b>10</b>	<b>Local</b>	Lugar do Sineiro
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã

<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.290208, -7.515038
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	200_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	António Alves Touraes (____-1854); Tavares & Espinho (1854-1875?); Tavares & Cª (1875-18__); Henrique Tavares & Paiva (1875-18__); Henrique Tavares & Irmão, Boléo & Baltazar (Séc. XIX); Paiva, Silva & Balthazar (1890); José Tavares da Cruz (Séc. XIX); Gregório Baltazar (189_-1930); Gregório Baltazar Júnior (1930-1940); Gregório Baltazar Júnior Sucrs. L. <sup>da</sup> (1940-1969); Cristiano Cabral Nunes & Filhos, L. <sup>da</sup> (1961-1969); Indutêxtil – Indústria Têxtil de transformação de Lanifícios,	

	L. <sup>da</sup> (1969-1979); CIL – Complexo Industrial de Lanifícios, L. <sup>da</sup> (1979-2000); STBI – Sociedade Têxtil da Beira Interior, S.A. (2000-20__ ) e FITECOM - Comercialização e Industrialização Têxtil, L. <sup>da</sup> (2000-200_ ) (PINHEIRO, 2009b :531).
--	--

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica/ combustão interna a gás e eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000u).
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem e ultimação. (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XV).
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	4 (PINHEIRO, 2009b :531)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, ferro, vidro, tijolo, betão e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000u).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Razoável
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Parte da estrutura do telhado do complexo encontra-se demolida. Contudo é a casa do guarda ( <b>Figura D</b> ) e a serrilharia ( <b>Figura B</b> ), apresentam os maiores níveis de destruição com o teto e janelas destruídas. O complexo encontra-se numa zona com um intenso desenvolvimento urbano, devido a construção de residências universitárias.
-----------	----------------	--

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	No interior do imóvel encontra-se uma porta com as inscrições “G.B.1913” (PINHEIRO, 2009b :531).
-----------	-------------------	--

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (SILVEIRA, 1864); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 455 - Indutêtil - Indústria Têxtil de transformação de Lanifícios); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000u).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Dados do Inquérito industrial de 1864, este espaço tinha um pisão e uma tesoura pertencentes a firma “Tavares & Espinho”. Um outro edifício pertencente a sociedade “João Borges & Socio” e “Jorge Martins de Carvalho Veiga & Sócios”, estava equipada com uma roda hidráulica com uma força variável entre os 2 e 4 CV, e no edifício do pisão existiam dois pisões e uma percha mecânica (SILVEIRA, 1864 :112-117).
-----------	-----------------------------------	--

		<p>Em 1906, encontrava-se instalados os seguintes equipamentos: um lobo ou carduça; duas cardas cilíndricas e um aparato para cardação; uma fiação de 400 fusos, outra com 300 (inativa, nesta data), uma retorcedeira, com 100 fusos e uma máquina de fazer cordão, com 30 fusos (PINHEIRO, 2009b :530).</p> <p>A 14 de julho de 1907, por óbito de José Agostinho Saraiva Tavares, é posto à venda em hasta publica no valor de trinta mil réis o edifício. Esta venda indicava que o industrial possuía 3 casa contíguas e respetivos terrenos. Nisto também esta indicado os equipamentos da unidade entre eles um batano, uma lavadeira, uma percha, uma roda hidráulica, uma tesoura, uma prensa de madeira, quatro râmolas de madeira e uma maceira (PINHEIRO, 2009b :530).</p> <p>No ano de 1939, foi instalada uma caldeira no imóvel como nova fonte de energia (PINHEIRO, 2009b :531).</p> <p>Em 5 de novembro de 1971, é escrita uma carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, para possibilidade da instalação de 4 máquinas contínuas supercardadas com 400 fusos cada. Esta carta de pedido não obteve resposta do Grémio (PROCESSO 455- Indutêtil – Indústria Têxtil de transformação de Lanifícios).</p>
--	--	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Topo do edifício que continha a produção de lanifícios (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura B:** Antiga serrilharia (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura C:** Fachada Norte do edifício que continha a produção de lanifícios (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).

		 <p><b>Figura D:</b> Casa do guarda (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>  <p><b>Figura E:</b> Portão de acesso ao interior do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Complexo com as estruturas de produção ainda conservadas e em estado razoável de conservação. Por isto, seria aconselhado uma investigação mais aprofundado do edificado pois se encontra numa área em rápido desenvolvimento urbanístico.</p>
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

**SIN (5) - Ignacio da Silva Fiadeiro da Silva Fiadeiro**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	X
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Ignacio da Silva Fiadeiro
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Ignacio da Silva Fiadeiro
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Sineiro Apartamentos

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo fabril é composto por seis unidades de diversos períodos e tipologias. Os edifícios mais antigos datam da segunda metade do século XIX e teriam uma roda hidráulica (PINHEIRO, 2009b :532). Contudo estes atualmente encontram-se bastante alterados devido a terem sido convertidos em residências universitárias <b>(Figura A e B)</b>.</p> <p>Este complexo também possuía râmolas de sol, que se destinavam a secagem dos panos de lã após molhadas nos lavadouros, estas râmolas funcionaram entre 1910 e 1939, com a sua construção financiada pela empresa “Álvaro Paulo Rato &amp; Filhos” (MUSEU.UBI, (s.d) e</p>

PINHEIRO, 2002 :129). Estas râmolas de sol são compostas por barras de ferro e o espaço onde os tecidos eram esticados secados é em granito. As râmolas eram construídas em soalco para aproveitarem ao máximo a exposição solar. Estas barras inicialmente seriam em madeira, até ao Séc. XIX, a partir desse século passam a ser em ferro (**Figura C, D, E e F**). Em meados do século XIX, estas entram em desuso com a secagem feita por máquinas. Atualmente esta râmolas são propriedade da Universidade da Beira Interior, tendo sido convertido em parque de estacionamento. Contudo parte da estrutura que não foi conservada “In situ” faz parte do “Núcleo da Râmola de Sol do Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior”, em 1998 (PINHEIRO, 2009b :532).

Segundo Aníbal Dias, antigo operário que viveu na ribeira da Carpinteira a área plana feita em granito a direita das râmolas (**Figura E**) seria o estendedouro, este teria duas funções a primeira era para secar a lã e a segunda como local de estacionamento dos camiões com os tecidos molhados.

## 8 Resumo Histórico

A primeira firma a registar-se neste espaço data de 1850, com a “Inácio da Silva Fiadeiro” que incorporou diversas pré-existências neste espaço (PINHEIRO, 2009b :531).

Em 1912, a firma “Ignacio da Silva Fiadeiro, Sucrs,” adquiriu à “Anaquim Copeiro & Bouhon”, uma faixa de terreno que se encontrava hipotecada a Alexandre de Calheiros e a Cândido Calheiro (PINHEIRO, 2009b :531).

Os anos 20 e 30 do Séc. XX marcaram esta unidade, com uma grande greve em 1929. E dez anos depois, em 1939, sucede-se um incêndio que destruiu o complexo onde laborava a empresa “Produtora de Lanifícios da Covilhã, L.<sup>da</sup>” (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000v e PINHEIRO, 2009b :532).

Em 1939, a empresa “José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>” adquire as instalações (PINHEIRO, 2009b :532). Esta compra encontra-se registada em carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, datada de 14 de fevereiro 1939, e marca o fim da firma “Produtora de Lanifícios da Covilhã”, L.<sup>da</sup>. Esta última passou todas a máquinas e imóvel para a firma “José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>” (PROCESSO 61 - Inácio da Silva Fiadeira, L.<sup>da</sup>). Também em 1939 a firma “FITECOM” labora neste complexo, até 2000. Após o encerramento desta fábrica a empresa muda-se para o Parque Industrial do Tortosendo (PINHEIRO, 2009b :532).

Em carta de 2 de agosto de 1941, houve uma atualização da inscrição da empresa “José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>” no Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, e indicou que a firma neste período teria a modalidade de cardado, tecelagem e ultimação neste edificado (PROCESSO 247 - José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>).

Em carta ao Presidente da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, de 10 de janeiro de 1949, a empresa “José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>”, deseja instalar uma râmola

mecânica pois esta unidade possui dificuldades em trabalhar durante o inverno na atividade de secagem de panos (PROCESSO 247 - José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>).

As râmolas de Sol, deste espaço, foram classificadas e incorporadas no núcleo museológico dos lanifícios, no dia 30 de abril de 1998 (PINHEIRO, 2002 :128). Isto foi um dos primeiros projetos de proteção do património industrial na ribeira da Carpinteira.

A partir de 2004, as instalações industriais passam a ser usadas como residências universitárias, tendo este espaço sido reabilitado pela empresa “Sineiro Residências” (PINHEIRO, 2009b :532).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 2, 5, 7, 71 e 77
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio do Sineiro
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.289920, -7.515453
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X

<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2000
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Inácio da Silva Fiadeiro (1850-1910); Inácio da Silva Fiadeiro, Sucrs. (1910-1934); Inácio da Silva Fiadeiro, L. <sup>da</sup> (1934-1939); Produtora de Lanifícios da Covilhã, L. <sup>da</sup> (Séc. XX); José Esteves Fiadeiro, L. <sup>da</sup> (1939-1993) e Fitecom (1993-2000) (PINHEIRO, 2009b :532).

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia a vapor/ energia hidráulica e eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000v) e Combustão interna a gás pobre (PROCESSO 213 - Inácio da Silva Fiadeira & C <sup>a</sup> .)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem e ultimação. (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XVIII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	

		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã e em cartas de compra da firma “José Esteves Fiadeiro, L. <sup>da</sup> ” que laborou neste espaço, foi adquirido algodão de origem moçambicana a 29 de setembro de 1955 e de origem brasileira, no dia de 2 de agosto de 1955 (PROCESSO 247 - José Esteves Fiadeiro, L. <sup>da</sup> e UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000v).	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos.	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	6 (PINHEIRO, 2009b :532)	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, vidro, tijolo, betão, pedra e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000v).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Habitacional	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-	

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	Râmolas de Sol deste sítio encontra-se musealizado desde 1998 (MUSEU.UBI, (s.d))

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Râmolas de Sol musealizadas possuem vegetação a crescer no seu interior e os ferros usado para estender os panos estão bastante degradados <b>(Figura D)</b> .
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(MUSEU.UBI, (s.d));</p> <p>(PINHEIRO, 2002);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 61 - Inácio da Silva Fiadeira, L.<sup>da</sup>);</p> <p>(PROCESSO 213 - Inácio da Silva Fiadeira &amp; C<sup>a</sup>.);</p> <p>(PROCESSO 247 - José Esteves Fiadeiro, L.<sup>da</sup>);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000v).</p>
-----------	--	---

41	Sítios/Elementos Relacionados ou Associados	-
----	---	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Num documento da empresa “Inácio da Silva Fiadeira &amp; C<sup>a</sup>.”, enviado no dia 25 de março de 1939, ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã indica que no espaço laboravam 12 teares mecânicos, uma retorcedeira, uma bobinadeira, uma enchedeira, um motor a gás pobre, um eletromotor, uma máquina de fazer cordão e um dínamo (PROCESSO 213 - Inácio da Silva Fiadeira &amp; C<sup>a</sup>.).</p>
----	----------------------------	--

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Entada para o edifício modificado para residências universitárias (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>
----	--------------------------	--



**Figura B:** Complexo fabril acompanha a Estrada do Sineiro (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura C:** Conjunto de estendedouro e râmolas de sol (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura D:** Ferros de Râmolas de Sol (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).

		 <p><b>Figura E:</b> Estendedor de lãs (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>  <p><b>Figura F:</b> Escadaria que dá acesso as râmolas de sol (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).</p>
--	--	--

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Edifício bastante alterado e transformado para área de residencial urbana. Onde apenas as râmolas de sol e estendedouros se encontram conservadas.</p>
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

**SIN (6) - Anaquim, Copeiro e Bouhon/ Álvaro Paulo Rato**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Anaquim, Copeiro e Bouhon.
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	Álvaro Paulo Rato
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Anaquim, Copeiro & Bouhon
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	<i>Sineiro Residence</i>

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O primitivo complexo foi construído de forma tradicional em granito aparelhado e era composto por quatro edifícios. Dos quais o de maior dimensão é de planta retangular de dois pisos, destinado à cardação e fiação (com uma roda hidráulica), os restantes edifícios acompanhavam em banda o desnível de terreno e desenvolviam a ultimação (PINHEIRO, 2009b :533). Neste edificado ainda é possível se visualizar uma chaminé industrial em tijolo <b>(Figura A)</b>.</p> <p>Do primeiro subsistem ainda as fachadas integradas na estrutura das novas construções</p>

edificadas por Joseph Bouhon e adaptadas a relevo íngreme da ribeira (PINHEIRO, 2009b :533). A Sul, encontra-se edifício melhor conservado do complexo (**Figura B**), datado do Séc. XIX, com um tipo de construção mista e paredes rebocadas a cal no exterior e interior (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000r).

Ao longo do tempo esta unidade fabril sofreu diversas ampliações para aproveitar os espaços abertos entre os edifícios e construir diversos anexos novos em sistemas mistos com arquitetura do ferro e de betão. Isto faz deste complexo um exemplo do crescimento orgânico típico das unidades fabris da Covilhã (**Figura C e D**). O complexo possuiria duas rodas hidráulicas, râmolas de sol e habitações de operários (PINHEIRO, 2009b :533).

A nascente segundo Elisa Pinheiro (2009), ainda é possível observar outro conjunto de três edifícios que acabaram por integrar este complexo, estas unidades fundadas por Valério Gomes Correia (ver ficha: Valério Gomes Correia & Irmão (SIN 6)), da qual subsistem duas em ruínas e as pré-existências de um outro transformadas em tanques de águas durante a ocupação de “Álvaro Paulo Rato & Filhos, L.<sup>da</sup>” (PINHEIRO, 2009b :533).

Complexo ainda possuiu vestígios da casa do guarda. O portão de entrada encontra-se conservado e permite dar acesso ao complexo por uma ponte sobre a ribeira da Carpinteira (**Figura E**).

8	Resumo Histórico
	<p>O centro produtivo mais antigo conhecido desta unidade data de 1912, laborou sobre o nome da firma “Anaquim, Copeiro &amp; Bouhon”, apesar de ser desconhecida a origem desta unidade (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000r). Em 1931, a firma “V. Bouhon &amp; C.<sup>a</sup>” teria sido posta a venda após falência. Em 1934, este incluía uma fábrica de lanifícios e habitações (PINHEIRO, 2009b :532).</p> <p>A 25 de outubro de 1944, os edifícios foram adquiridos pela empresa “Teceragem Fonte Santa, L.<sup>da</sup>” (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000r), sociedade constituída pelos industriais Domingos Feraz Megre e José Maria Ferraz Delgado. A Câmara da Covilhã em 16 de julho de 1945, vendeu a firma “Teceragem Fonte Santa, L.<sup>da</sup>” um talhão do terreno do sítio do Sineiro para futuras ampliações da unidade (PINHEIRO, 2009b :533).</p> <p>Uma carta, datada de 28 dezembro 1960, ao Grémio dos Industriais da Covilhã indica que houve um pedido de instalação no lugar do Sineiro quatro teares mecânicos, em substituição de dois teares mecânicos e quatro manuais (PROCESSO 266 - Teceragem da fonte Santa). Isto demonstra que a firma estava a procurar aumentar a sua produção.</p> <p>E no dia de 25 de maio de 1960, solicitou aos operários trabalho extraordinário para a empresa “Teceragem Fonte Santa, L.<sup>da</sup>” conseguir dar respostas as encomendas da fábrica (PROCESSO 266 - Teceragem da fonte Santa).</p>

Em 1958, o complexo foi adquirido pela firma “Cristiano Cabral Nunes” que se dedicava a atividade de tecelagem. Esta firma alterou o nome, em 1961, para “Cristiano Cabral Nunes & Filhos, L.<sup>da</sup>” (PINHEIRO, 2009b :533).

O complexo em foi adquirido por Álvaro Paulo Rato em 1963, que iniciou a sua produção com uma tinturaria para tingir jeans. Mais tarde a firma “Álvaro Paulo Rato & Filhos, L.<sup>da</sup>”, reiniciou nos anos 70 do Séc. XX a sua atividade neste espaço, até 2004. Esta empresa conseguiu modernizar e diversificar a produção deste complexo. Em 1976, esta adquire uma nova máquina para realizar acabamento de tecido em bombazina, a primeira na Covilhã a aplicar esta tecnologia. A partir de 1969, a firma “Indutêxtil” ocupou diversas unidades deste espaço fabril (PINHEIRO, 2009b :533).

No ano de 2006, o património da firma “Ignacio da Silva Fiadeiro/Fitecom” foi adquirido com a finalidade de ser adaptado para residências universitárias pela “Sineiro Residence” (PINHEIRO, 2009b :533).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 68 e 70
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.289603, -7.515364
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Condicionado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X

		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	Séc. XVIII/XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2004	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Graínha, Ginginha & C. <sup>a</sup> (1850-1863?); Anaquim, Copeiro & Bouhon (19__-1912) Joseph Bouhon (1912-1922); Viúva. Bouhon & C. <sup>a</sup> (1922-1931) Tecelagem Fonte Santa, L. <sup>da</sup> (1944-1960?); Cristiano Cabral Nunes (1958-1961); Cristiano Cabral Nunes & Filhos, L. <sup>da</sup> (1961-1962/3); Álvaro Paulo Rato (1962-1969); Indutêtil (1969-197_); Álvaro Paulo Rato & Filhos, L. <sup>da</sup> (197_-2003/4) e Amândio Saraiva (2003/4-2004) (PINHEIRO, 2009b :533).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica/ energia a vapor e eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000r).	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem, tinturaria e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XX).	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	

		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã e a 2 de junho de 1958, ouve um pedido enviado ao Grémio dos Industriais da Covilhã para comprar mais algodão em rama tipo I (PROCESSO 266 - Tecelagem da fonte Santa).
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	3 (PINHEIRO, 2009b :533)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, este espaço possuía cerca 1.500m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeiro, pedra, ferro, vidro, taipa, aço e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000r).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Arquiteto Manuel Calais
-----------	--	-------------------------

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Habitacional (parcial)
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	Em 1961, no âmbito de ampliação do edifício o antigo estendedouro de lãs foi destruído, este estava localizado na área poente da ribeira da Carpinteira (PINHEIRO, 2009b :533)

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (parcial)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 266 - Tecelagem da fonte Santa); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000r).
-----------	--	--

41	Sítios/Elementos Relacionados ou Associados	-
----	---	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Em julho de 1944, foram postos a venda os equipamentos desta unidade entre os quais estavam registados: dois sortidos completos para a cardação e fiação de lãs de 1920 de marca <i>Hartmann</i> e <i>Josephy</i> com 400 e 420 fusos respetivamente; dois motores <i>Deutz</i> de 30 cv e 80 CV; um motor a diesel de 25 cv; um dínamo <i>Azea</i>, três turbinas e uma caldeira a vapor de 65CV (PINHEIRO, 2009b :532).</p> <p>Em 19 julho de 1954, temos dados para a existência de máquinas de torção e bobinagem na firma “Tecelagem da fonte Santa” (PROCESSO 266 - Tecelagem da fonte Santa).</p> <p>Em 31 de dezembro de 1956, há dados sobre o número de operários a trabalhar nas diversas máquinas: um na retorcedeira, um na bobinadeira (operário que conduz as máquinas de bobinar), dois na urdideira e um no servente (PROCESSO 266 - Tecelagem da fonte Santa).</p>
----	----------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---



**Figura A:** Chaminé Industrial (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2020).



**Figura B:** Edifício Sul após reabilitação (fotografia de Rodrigo Dias. 5/10/2021).



**Figura C:** Fachada Norte do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura D:** Fachada Este do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura E:** Portão principal de entrada (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Estrutura encontra-se numa zona com um intenso desenvolvimento urbano devido a construção de residências universitárias. Várias estruturas já foram remodeladas (<b>Figura B</b>), por isso seria importante realizar um levantamento das áreas que ainda não foram afetadas.</p>
----	-------------	--

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**SIN (7) - Valério Gomes Correia & Irmão**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Valério Gomes Correia & Irmão
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Valério Gomes Correia & Irmão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
O complexo primitivo do edifício é de construção tradicional em granito aparelhado	

dividido em 4 edifícios distintos, dos quais o de maior dimensão de planta retangular e de dois pisos, se destinava a cardação e fiação tendo possuído uma roda hidráulica. As restantes estruturas acompanham o terreno e desempenhariam as atividades de ultimação. Do edifício original ainda subsiste o imóvel de maiores dimensões com as paredes mestras, integradas no novo edifício que anexa ao tanque (**Figura A**) (PINHEIRO, 2009b :534).

Os três mais pequenos encontram-se em avançado estado de degradação, dois apresentam planta regular e dois pisos de fenestração regular, o primeiro deste edificado é de maior dimensão. O terceiro imóvel adjacente a este último maior dimensão apresentava duas chaminés curtas e largas com uma disposição simétrica e telhado de duas águas. Esta configuração e tipologia identifica-o como o pisão mais antigo da unidade, admitindo-se tratar do pisão construído antes de 1764, pela junta do comércio para se integrado na “Real Fábrica dos Panos” (**Figura B e C**) (PINHEIRO, 2009b :534).

O terceiro edifício com fachada lateral arredondada orientada a nascente, possuía planta irregular mais baixo e largo que os restantes. Este edifício teria servido para tinte. Apenas restam algumas evidencias e paredes mestres (PINHEIRO, 2009b :534), este edificado encontra-se numa zona de difícil acesso.

## 8 Resumo Histórico

Originalmente esta área teria sido ocupada por um edifício anterior a 1764, da Junta do Comercio que construiu um pisão integrado na “Real Fábrica dos Panos”. Desta unidade apenas subsistem as paredes mestras aproveitadas para a construção de um tanque de água (PINHEIRO, 2009b :534). Esta pisão posteriormente foi integrada no complexo fundado na sua imediação pela firma “Valério Gomes Correia & Irmão” (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).

A firma “Valério Gomes Correia & irmão”, explorou o espaço na primeira metade do Séc. XIX até a década de 60 do mesmo século, o complexo era composto por quatro edificado distintos (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).

Contudo esta foi uma época bastante atribulada para os lanifícios da Covilhã com o exílio de Valério Gomes Correia e o seu irmão António Gomes Correia para Inglaterra durante o período das guerras liberais. Este contactou com as inovações têxteis decorrentes da Revolução Industrial que veio a aplicar na Covilhã (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).

Em 1864, a empresa “Paiva & Rogeiro” já estaria a laborar neste espaço, contudo a data de início da sua atividade é incerta (PINHEIRO, 2009b :534).

No ano 1867, esta unidade passa a estar na propriedade de Francisco Nunes Marques Paiva e de José Rodrigues Rogério (PINHEIRO, 2009b :534).

Em 1869/70, na qualidade de proprietário da empresa falida da firma “Valério Gomes Correia & Irmão” move-se contra Francisco Nunes Marques de Paiva pela posse de este edificado (PINHEIRO, 2009b :534).

Contudo a empresa de “Valério Gomes Correia & Irmão” veio a ser adquirida pelo empresário Francisco Nunes Marques de Paiva, que a desenvolveu de forma notável até 1875 (PINHEIRO, 2009b :534).

A partir da desta data foi então explorada pela empresa “Companhia Nacional de Lanifícios”, que desenvolveu o edificado até ao ano de 1902 (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).

Em 1912 a firma “Anaquim, Copeiro e Bouhon” adquirem este edifício para expandir a o seu complexo (PINHEIRO, 2009b :534).

<b>9</b>	Morada	Estrada do Sineiro, nº 62
<b>10</b>	Local	Sítio do Sineiro
<b>11</b>	Freguesia	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	Concelho	Covilhã
<b>13</b>	Distrito	Castelo Branco
<b>14</b>	Coordenadas GPS	40.289438, -7.515181
<b>15</b>	Acesso	Condicionado
<b>16</b>	Contexto geográfico	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 – 1750	
		1750 – 1800	
		1800 – 1850	X
		1850 – 1900	X
		1900 – 1925	X

		1925 – 1950	X
		1950 – 1975	X
		1975 – 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	Séc. XVIII/XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2004	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Valério Gomes Correia & Irmão (1840-1861?); Grainha, Ginginha & C. <sup>a</sup> (1850-1863?); Paiva & Rogeiro (18__-1875); Companhia Nacional de Lanifícios (1875?-1902); Anaquim, Copeiro & (19__-1912); Joseph Bouhon (1912-1922); V(iúva), Bouhon & C. <sup>a</sup> (1922-1931); Tecelagem Fonte Santa, L. <sup>da</sup> (1961-1962/3); Álvaro Paulo Rato (1962-1969); Indutêtil (1969-197__); Álvaro Paulo Rato & Filhos, L. <sup>da</sup> (1975-2003/4) e Amândio Saraiva (2003/4-2004) (PINHEIRO, 2009b :534).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica (PINHEIRO, 2009b :534)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Fiação e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXII)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	

		Militar	
		Religiosa	
		Serviços	
		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	Têxteis	
26	Matérias-Primas	Fibras industriais	
27	Produtos finais	Fios e tecidos	
28	Número de edifícios/elementos	4 (PINHEIRO, 2009b :534)	
29	Área total histórica	-	
30	Materiais de Construção	Pedra, telha e ferro.	
31	Sistemas de Construção	Tradicional	
32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-	
33	Uso atual	-	
34	Ampliações	-	
35	Estado de Conservação	Bom	
36	Sistema de Proteção Patrimonial	-	

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	A estrutura do tanque encontra-se bastante exposta ao elemento sem nenhum tipo de medida de proteção ( <b>Figura C</b> ). E encontra-se numa área com intensa urbanização para residências universitárias.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PINHEIRO, 2017); (PROCESSO 382 - Álvaro Paulo Rato); (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Durante a ocupação do espaço pela firma “Álvaro Paulo Rato” em 1963, é realizado um pedido de autorização pela firma para a aquisição de uma lavadeira, uma calandra, uma hidro-extrator, uma percha de cardo e uma barca de aço inoxidável (PROCESSO 382 - Álvaro Paulo Rato).
-----------	-----------------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---



**Figura A:** Restantes edificados a Sul do principal (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).



**Figura B:** Estrutura primitiva e tanque de água (fotografia de Rodrigo Dias. 20/12/2020).

**44** Levantamento Fotográfico

		 <p><b>Figura C:</b> Casas do presumível antigo pisão da Real Fábrica integrado no complexo fabril Valério Gomes Correia &amp; Irmão (PINHEIRO, 2017 :174).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Complexo do em elevado estado de degradação e numa área de rápida urbanização. Seria importante uma intervenção para perceber o que ainda se encontra conservado das paredes da estrutura.</p>
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

SIN (8) - Ernesto Cruz & C<sup>a</sup>.

1	CATEGORIA		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
Património Paisagístico / Paisagem			

2	Sub-Categoria	Sítio	
		Edifício/Elemento	
		Complexo	X
		Conjunto	

3	Nome / Designação / Identificação	Ernesto Cruz & C <sup>a</sup>
4	Outros Nomes	-
5	Nome da Entidade fundadora	Ernesto Cruz & C. <sup>a</sup>
6	Entidade Proprietária atual	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UBI (Universidade da Beira Interior)

7	Descrição
<p>O complexo é composto por dois edifícios distintos de datações distintas, mas ambos de construção tipo moderno (pilar/viga). A intervenção de remodelação do edifício pela Universidade da Beira Interior começou com a remodelação do edifício construído em 1963, atualmente é ocupado pela Faculdade de Ciências sociais e Humanas (<b>Figura A e B</b>). (PINHEIRO, 2009b :535). Na fachada principal original estaria inscrito “Ernesto Cruz &amp; C<sup>a</sup>”, que foi retirado durante as renovações do edifício (<b>Figura H</b>).</p>	

O edifício correspondente a 1ª fase datado de 1946, foi parcialmente remodelado para instalação do departamento de Artes e Letras (curso de cinema) e da Biblioteca do departamento de Ciências Sociais e Humanas. As novas intervenções realizadas mantiveram a volumetria do edifício a exceção da instalação do cybercentro (PINHEIRO, 2009b :535) (**Figura C**). Na área a Sul, deste edifício segundo Aníbal Dias, antigo operário que viveu na ribeira da Carpinteira, possuía no primeiro piso uma fição, no segundo piso uma estufa e no terceiro escritórios (PINHEIRO, 2009b :535).

Na parede mais a Norte do edifício junto a ribeira da Carpinteira, pude observar que parte da parede do edifício que se encontra em obras ainda é visível a base da estrutura feita em pedra de granito, que foi revestida de cimento (**Figura D e E**).

Numa casa a Sul desta estrutura Aníbal Dias, indicou que teria uma bobina no segundo andar e uma residência de guarda no primeiro piso. Atualmente o edificado é uma casa habitacional (**Figura F e G**).

## 8 Resumo Histórico

Esta fábrica nasceu de uma firma comercial do empresário Ernesto Cruz, que começou a sua atividade como vendedor de matéria-prima, no ano de 1933. Em 1947, formou-se a sociedade “Ernesto Cruz & C.ª” com o empresário Aníbal Mouzaco e Alçada, Fernando Lopes da Costa Alçada, Ernesto Cruz e António da Cunha Taborda, (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 138). Este espaço dedicava-se a cardação, fição de penteado, e mais tarde tecelagem (PINHEIRO, 2009b :535).

No ano 1970, surge a nova firma comercial “Malteca”, que no mesmo ano investiu na modernização dos equipamentos da fábrica. No ano de 1975, a Sociedade de “Tecidos Cruz Alçada & C.ª, L.ª”, arrenda o edifício até ao seu encerramento nos 90 (PINHEIRO, 2009b :535).

Na carta a federação Nacional dos Industriais de lanifícios, de 2 de setembro de 1974, esta firma estaria a exportar fio para a cidade de Gotemburgo (Suécia) e num segundo documento histórico, de 29 de agosto de 1964, também haveria fio com destino a Inglaterra (PROCESSO 261 (B) - Ernesto Cruz & C.ª.).

Em 1985, a firma “Ernesto Cruz & C.ª, L.ª”, uma sociedade por quotas, explorava a data as diversas explorações na área da tecelagem, tinturaria, bobinagem, com participações em sociedades de comércio por grosso, retalhistas e representação em profissões liberais. Porém a falta de capital para matéria-prima, levava a firma a apenas trabalhar a serviço feito, com uma produção 500.000 kg de fio, anualmente. Também laborava nesta empresa 226 operários, dos quais 46 do sexo masculino e 180 do sexo feminino (PINHEIRO, 2009b :535).

No ano de 1990, a empresa é posta nos editoriais de venda judicial, com os bens penhorados da empresa “Ernesto Cruz & C.ª, L.ª” que incluíam as máquinas instaladas na secção de cardação; penteação; mesclagem e lavadeira; preparação; contínuos Sant’ Andrea; torcedores; ajuntadeiras e embobinadeiras; preparação RUMI; contínuos CARNITI e Preparação Duranitre (PINHEIRO, 2009b :535).

Em 1994, os edifícios foram adquiridos às empresas “Paulo de Oliveira S.A” e “Manuel Rodrigues Branca” pela Universidade da Beira Interior (PINHEIRO, 2009b :535). E no mesmo ano começaram os trabalhos de reabilitação para a instalação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (GOMES, 2011 :12-13; SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 138 e MADALENO e FERREIRA, 2015: VII).

<b>9</b>	Morada	Estrada do Sineiro, nº 58
<b>10</b>	Local	-
<b>11</b>	Freguesia	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	Concelho	Covilhã
<b>13</b>	Distrito	Castelo Branco
<b>14</b>	Coordenadas GPS	40.288641, -7.514914.
<b>15</b>	Acesso	Público
<b>16</b>	Contexto geográfico	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X

		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1946	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1975	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Ernesto Cruz & C. <sup>a</sup> (1947-1965); Sociedade de Tecidos Cruz, Alçada & C <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (1964-1990?); Ernesto Cruz & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (1965-1990) e Malteca (1970-1975) (PINHEIRO, 2009b :535).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Central eletricidade própria, eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000o) e vapor (PROCESSO 261 (A) - Ernesto Cruz & C. <sup>a</sup> .)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, penteação e tecelagem (PINHEIRO, 2009b :535 e MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXIV)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	

		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (PINHEIRO, 2009b :534).	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, vidro, tijolo, betão, telha, fibrocimento (já retirado da estrutura) e tubagem de grés (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000o).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Moderno.	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Ensino (Universidade).	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	Em 21/ 12/1949 foi realizado o pedido de licença a Câmara da Covilhã para construção de duas casas de para os guardas da fábrica ( <b>Figura F e G</b> ). As duas habitações eram contíguas e iguais. Cada uma das habitações teia uma sala, cozinha, dois quartos de cama, casas de banho e dispensa (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc.	

1335, 1949).

O acesso das casas é feito por uma plataforma que fica junto ao alçado principal e acima do nível da rua. As paredes exteriores foram construídas em alvenaria de granito da região e argamassadas a cal. As divisórias são tijolo assentes em argamassa de cimento e areia. Estas paredes interiores são rebocadas a cal (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949).

O pavimento térreo do rés de chão é em betonilha. O sótão foi assoalhado forrados a madeira de pinho. As portas interiores assim como as portadas das janelas são em pinheiro nacional. As chaminés são de tijolo furado. Os esgotos das casas são em tubagem de grês de 100 m/m (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

40	Fontes Documentais / Bibliografia	<p>(Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 261 (A) - Ernesto Cruz &amp; C.ª.);</p> <p>(PROCESSO 261 (B) - Ernesto Cruz &amp; C.ª.);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000o).</p>
----	-----------------------------------	--

41	Sítios/Elementos Relacionados ou Associados	-
----	---	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Documento estatístico respeitante a secção da penteação e da fábrica, em 31 de dezembro de 1953, indica que esta teria 3 penteadeira na secção de penteação; na secção de preparação teria 8 gills, 15 esticadoras e 2 mescladeiras; na área de fiação haveria 21 fiandeiras contínuas com 8.416 fusos. E na secção de torção e outras operações teria 3 ajuntadeiras, 9 retorcedores, 1 meadeiras e 1 vaporizador de fio (PROCESSO 261 (A) - Ernesto Cruz &amp; C.ª.).</p>
----	----------------------------	--

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---



**Figura A:** Fachada do Edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 13/12/2020).



**Figura B:** Foto geral do edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 13/12/2020).



**Figura C:** Foto do segundo edifício (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXIV)



**Figura D:** Restauro de uma parte da parede do edificado a Norte (fotografia de Rodrigo Dias. 13/12/2020).

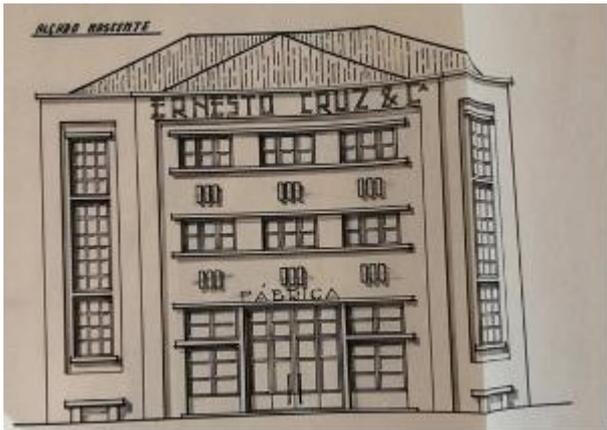


**Figura E:** Embasamento em granito da estrutura a Norte (fotografia de Rodrigo Dias. 13/12/2020).



**Figura F:** Portão da casa do guarda (fotografia de Rodrigo Dias. 13/12/2020).

		 <p><b>Figura G:</b> Fachada da casa do guarda (fotografia de Rodrigo Dias. 13/12/2020).</p>
--	--	--

<p><b>45</b></p>	<p><b>Desenhos e Alçados</b></p>	 <p><b>Figura H:</b> Fachada original da Fábrica no ano de 1949 em documento do Arquivo Municipal da Covilhã (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1335, 1949).</p>
------------------	----------------------------------	---

<p><b>46</b></p>	<p><b>Observações</b></p>	<p>-</p>
------------------	---------------------------	----------

<p><b>47</b></p>	<p><b>Responsável e Data</b></p>	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
------------------	----------------------------------	---

## MED (9) - Fábrica do Dr. António Alçada

1	CATEGORIA		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
Património Paisagístico / Paisagem			

2	Sub-Categoria	Sítio	
		Edifício/Elemento	
		Complexo	X
		Conjunto	

3	Nome / Designação / Identificação	Fábrica do Dr. António Alçada
4	Outros Nomes	-
5	Nome da Entidade fundadora	António Baptista Leitão
6	Entidade Proprietária atual	-

7	Descrição
<p>O nome comum deste complexo é atribuído ao advogado e jornalista António Mendes Alçada (PINHEIRO, 2009b :536). Atualmente apenas é possível aceder a uma das fábricas que pertenceria a este complexo. A entrada deste edifício encontra-se bastante degradada, já não possui o telhado, a alvenaria é em pedra (granito) (<b>Figura A e B</b>). Na entrada é possível visualizar uma pequena escadaria em pedra que daria acesso as traseiras do edificado (<b>Figura C</b>). A entrada possui uma porta madeira (<b>Figura D</b>). O interior da fábrica encontrar-se coberto por uma camada estratigráfica e vegetação rasteira e silvas (<b>Figura E</b>).</p>	

No interior da fábrica, existe um pequeno nicho dentro da parede revestido a tijolo e no topo madeira este apresenta algumas marcas de fogo (**Figura F**).

No anexo principal desta fábrica há um acesso a Norte que daria para as casas de banho ainda conservadas (**Figura G**). Por fim, do lado Sul desta unidade encontra-se uma casa de habitação (**Figura H**).

## 8 Resumo Histórico

De acordo com o inquérito industrial de 1881, uma parte deste complexo pertencia a Dr. António Alçada e Dr. Valério teria começado a funcionar em 1850. Esta unidade, em 1881, possui 7 trabalhadores (3 homens e 4 mulheres) e crianças (INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881 :186).

Este complexo antes de 1963, teria integrado vários espaços fabris distintos por motivos de partilhas familiares. Tendo inicialmente pertencido ao sogro de António Batista Leitão (possivelmente António Almeida Alves Toures) proprietário do pisão. Um dos primeiros edifícios do complexo eram duas unidades do empresário Silvestre Nunes de Moraes, que desenvolviam as atividades de cardar, fiar e pisoar tecidos de lã. Após a sua morte o conjunto de edifícios foi dividido por Valério Nunes de Moraes e Maria Augusta do Patrocínio Moraes casada Dr. José Mendes Alçada de Paiva. Em 1916 deu-se a venda das rodas hidráulicas e outras máquinas (PINHEIRO, 2009b :536).

Num documento de 18 de novembro de 1938, a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios é referida que o estabelecimento consumiria lã (PROCESSO 67 - João Gigante).

A seguir de 1940, ocorreu um incêndio no imóvel de João Gigante, resultou na sua reconstrução área do edificado superior onde se desenvolvia a atividade de tecelagem (PINHEIRO, 2009b :536).

Em carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, no dia 4 de setembro 1950, é feito um pedido para a aquisição de algodão de peso 250 kg. O empresário João Gigante pediu que este fora de primeira qualidade ou não o compraria (PROCESSO 67 - João Gigante).

Na carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, em 1953, indica que a empresa estaria a usar fio de algodão de origem desconhecida (PROCESSO 339 - João Gigante & Filho).

Documento a Federação de Indústrias de Lanifícios, a 24 de julho de 1964, indica que a firma “João Gigante & Filho” cessa a sua atividade neste espaço, após ter iniciado a atividade em 1951 (PROCESSO 339 - João Gigante & Filho).

No ano de 1964, “Marcolino Rodrigues Gigante” ocupa o complexo até ao seu encerramento em 1972 (PINHEIRO, 2009b :536).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Travessa do Sineiro
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sineiro
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.288902, -7.513830
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1972	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	António Almeida Alves Toures (1852); António Batista Leitão (184_ - 1848); António Batista Alves Leitão (1848- 1863?); Silvestre Nunes de Moraes (1850- 1880); Dr. António Alçada e Dr. Valério	

(1889-1883); António Alçada de Moraes (189\_-1940?); João Gigante (1940-1951); João Gigante & Filho (1951-1964) e Marcolino Rodrigues Gigante (1964-1972) (PINHEIRO, 2009b :536).

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica (PINHEIRO, 2009b :536).
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXVI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã e algodão
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Fios cardados

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	-
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, este espaço possuía 310m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946).

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, madeira, ferro e telha.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Parcialmente ocupado (habitacional)
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Estrutura em elevado estado de ruína tanto por causa dos elementos naturais. Edifício encontra-se parcialmente convertido para habitação.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1941a);
-----------	--	--

		<p>(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);</p> <p>(INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 67 - João Gigante);</p> <p>(PROCESSO 339 - João Gigante &amp; Filho).</p>
--	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>De acordo com o inquérito industrial de 1881, esta unidade possuía uma roda hidráulica com 3 CV, uma carduca, um surtido de duas cardas e uma fição 300 fusos (INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881 :186).</p> <p>A firma “João Gigante” foi autorizada em 1941, a instalar uma enroladeira mecânica, acionada por um motor com 1 cv (ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1941a :60).</p>
-----------	-----------------------------------	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal da entrada (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura B:** Parede interior Sul (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura C:** Escada de acesso às raseiras do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura D:** Porta de entrada em madeira (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura E:** Interior principal do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura F:** Pequena estrutura em tijolo com marcas de fogo (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura G:** Outro anexo onde se encontram as casas de banho (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura H:** Edifício a Este do complexo principal reaproveitado para habitação (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	Complexo em avançado estado de ruína. Também possui uma boa camada estratigráfica no seu interior sem grandes perturbações, podendo ser um bom edificado para a realização de uma intervenção arqueológica, pois pode ter conservado antigas estruturas fabris.
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (10) - António Baptista Alves Leitão**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	António Baptista Alves Leitão
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	Manuel Lino Roseta / Fábrica de Lanifícios do Sineiro
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	António Baptista Leitão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>Apesar da provável origem deste complexo ser dos meados do Séc. XIX, ouve uma evolução empresarial distinta (<b>Figura A</b>). Primitivamente o complexo possuía 8 edifícios com 3 chaminés e uma roda hidráulica. Atualmente o edifício entra-se em degradação e um deste anexo foi ocupado para habitação (<b>Figura B</b>) (PINHEIRO, 2009b :539).</p> <p>No caminho de entrada para o complexo entre este sítio e a Fábrica do Dr. António Alçada (MED (9)), pode se detetar uma grande janela circular que serviria para iluminar parte deste complexo (<b>Figura C</b>). Ainda neste complexo é possível detetar um pequeno reservatório e levada de água em pedra (granito) que corria do lado direito da fábrica (<b>Figura D</b>). O portão de entrada para o pátio deste complexo, é em ferro e possui decoração com motivos geométricos (<b>Figura E</b>). O acesso ao edifício principal pelo pátio faz-se através de uma escadaria em pedra de granito (<b>Figura F</b>). No interior do complexo principal com dois pisos ainda se encontra visíveis dois pilares em tijolo que suportariam o segundo piso (<b>Figura G</b>).</p> <p>A Sul do edificado principal existe uma entrada em arco de volta perfeita para um segundo compartimento (<b>Figura H</b>), que ainda conserva parte do revestimento original em azulejo na parede Sul e o pavimento em azulejo (<b>Figura I e J</b>).</p> <p>Noutro núcleo do complexo localizado a Norte do pátio (<b>Figura K</b>), esta conservado parte do revestimento da parede em azulejo azul e branco com motivos geométricos, por baixo desses motivos em azulejo encontra-se uma linha pintada em branco com motivos fitomórficos em azul (<b>Figura L</b>).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
Este estabelecimento tal como a Fábrica do Dr. António Alçada (MED (10)), terá	

pertencido inicialmente ao sogro de António Baptista Leitão, que se presume ser António Almeida Alves Touraes, este foi um dos primeiros empresários fabris neste local (PINHEIRO, 2009b :538).

Admite-se que o empresário Januário Gomes Feio ocupou parte deste complexo junto a linha de água da ribeira. A aquisição deste espaço resultado do casamento em 1847, com Maria de Assunção Baptista, filha de António Baptista Leitão e de Antónia Dulce da Piedade Alves (PINHEIRO, 2009b :538).

Em 1864, a unidade apenas desenvolvia as atividades de cardar e fiar explorada pela firma “Januário Gomes Feio”, fundada em 1848, empregava um mestre e 8 trabalhadores do (todos do sexo masculino, dos quais 4 maiores de idade e 4 menores) (PINHEIRO, 2009b :539).

Na exposição Mundial de Paris de 1889, o empresário José Rodrigues Rogério que laborava neste complexo foi distinguido com medalha de cobre. Em 1883, o industrial José da Fonseca Charato adquiriu a casa de cardar e fiar lãs com a roda motora e uma casa neste espaço (PINHEIRO, 2009b :539).

Em maio de 1902, foi convocada uma greve dos operários neste complexo fabril. A empresa “José da Fonseca Charato Júnior”, foi registada para venda no ano de 1905, este poderá ser um indício de uma crise neste de produção neste espaço (PINHEIRO, 2009b :539).

Em 1905, o industrial Fernando Carneiro publicita o aluguer deste complexo ao seu sogro José Fernandes Rodrigues Garcia. No ano de 1916, colocou a venda as rodas hidráulicas e outros maquinismos deste complexo. O empresário Manuel Lino Roseta, em 1919, instalase no edifício superior deste complexo e dedica-se a fiação de cardado e a tecelagem (PINHEIRO, 2009b :539).

A 29 de janeiro de 1923, deflagrou um incêndio neste complexo que o destruiu parcialmente. E em abril de 1936, um novo incêndio complexo atingiu a cardação, fiação, tecelagem e anexos da firma “Manuel Lino Roseta” (PINHEIRO, 2009b :539).

A firma “Manuel Lino Roseta”, dispôs-se a remodelar e substituir na fábrica os mecanismos perdidos durante o incêndio de 1936. Porém dificuldades financeiras em 1939, causadas pela Segunda Guerra Mundial e o estado de saúde do industrial Manuel Lino Roseta, ditou o cessar da sua empresa neste espaço, em 1940. Este industrial ainda tentou reiniciar a atividade sem sucesso, pois não lhe foi autorizado laborar com apenas possuir 23 teares manuais deste complexo, número inferior ao esperado (PROCESSO 172- Manuel Lino Roseta). No ano de 1938, publicou-se a tentativa de venda desta unidade (PINHEIRO, 2009b :539).

A 30 de janeiro de 1940, a fábrica passa a ser conhecida como “Fábrica de Lanifícios do Sineiro” (PINHEIRO, 2009b :539).

Em um outro documento de 18 de junho de 1958, ao Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência indica que apesar da firma “Manuel Lino Roseta” ter reiniciado a atividade em 1957, por um curto espaço de tempo está a partir de 1958, é suspensa mais tarde a laboração desta firma na cidade da Covilhã (PROCESSO 379 - Manuel Lino Roseta).

Em carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, mostram que este espaço tinha a capacidade de tecer algodão e fibras artificiais com a aquisição de novas máquinas, durante o período de ocupação da firma “Marcolino Rodrigues Gigante”. Em carta da firma é referido que os gastos energéticos, entre 1965-1966, era de 984 kW (1965) e 1207 kW (1966) (PROCESSO 441 - Marcolino Rodrigues Gigante).

Em inquérito de novembro 1970, destinado a obras sociais destinadas aos trabalhadores indica que o espaço possuía um refeitório (PROCESSO 441 - Marcolino Rodrigues Gigante).

Em carta do Grémio dos Lanifícios da Covilhã, datada de 17 de fevereiro de 1972, dá-se o fim da firma “Marcolino Rodrigues Gigante”, que resulta assim no fim da atividade dos lanifícios neste espaço (PROCESSO 441 - Marcolino Rodrigues Gigante).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Travessa do Sineiro, nº 9
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.288674, -7.513997
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Privado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X

		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1972	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	<p>António Almeida Alves Touraes (1852); António Baptista Leitão (184_-1848); António Baptista Alves Leitão (1848-1863?); Leonardo José Marques &amp; C.ª (1863-1866); João Caetano Rato (1866-188_?); Clemente da Costa (185_-18__); Januário Gomes Feio (1847?-188?); José Rodrigues Rogeiro (1863-1891?); José da Fonseca Charato (1883-1888); José da Fonseca Charato, Sucrs. (1888-189_); José da Fonseca Charato Júnior (1895-1905); José da Fonseca Charato Júnior (1908-19__); José Mendes Veiga &amp; Sucrs. (189_-1904); Manuel do Quental Calheiros e Alexandre Freire Calheiros (1904-19__); José Fernandes Rodrigues Garcia (1913?-1919?); Manuel Lino Roseta (1919-1940); Manuel Lino Roseta (1957); José Noivo Martins (1957-1964) e Marcolino Rodrigues Gigante (1964-1972) (PINHEIRO, 2009b :539).</p>	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica e combustão interna a gás (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000h1)
-----------	--------------------------------	--

<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXVIII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis.	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras artificiais, algodão e lã
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	8 (PINHEIRO, 2009b :539)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, madeira, ferro, azulejo, tijolo e telha.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Engenheiros Benjamin Nunes e construtores João 1940 e José Carvalho Leitão (1940) (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000h1)
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Parcialmente ocupado (habitacional)
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína.
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Complexo fabril em elevado estado de ruína devido aos elementos naturais. Como também o facto de um dos edifícios estar parcialmente convertido para habitação. O segundo piso, encontra-se colapsado e apenas alguns vestígios subsistem ( <b>Figura G</b> ). O telhado do edifício já não se encontra conservado.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 379 - Manuel Lino Roseta); (PROCESSO 441 - Marcolino Rodrigues)
-----------	--	--

		Gigante);  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000h1).
--	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Em 1864, o espaço possuía uma roda hidráulica, com força motriz de 3-6 CV, um lavadouro, uma cardação, uma variadeira, uma carduca, uma carda simples e uma carda contínua, uma fiação mecânica de 540 fusos e uma tecelagem, com 2 teares ordinários grandes e 2 teares ordinários pequenos (PINHEIRO, 2009b :539).</p> <p>Documento escrito a Federação Nacional de Industriais de Lanifícios, em 1958, foi pedida a reabertura da fábrica novamente, no mês de abril de 1957, apetrechada com 24 teares manuais. Porém o documento indica que foi negada a sua abertura, pois Federação só permitia a inscrição de firmas que dispunham de pelo menos 4 teares mecânicos e 12 manuais a trabalharem simultaneamente (PROCESSO 379 - Manuel Lino Roseta).</p>
-----------	-----------------------------------	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura B:** Parte do anexo que foi reaproveitado para habitação (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Exterior da janela circular na parede Sul (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura D:** Levada de água e reservatório de água junto a parede exterior Sul (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura E:** Portão de entrada para o pátio do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura F:** Escadaria de acesso ao edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura G:** Interior do edificado principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura H:** Entada para o compartimento Sul do edificado principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura I:** Interior do anexo Sul que possui ainda o revestimento dos azulejos castanhos (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura J:** Chão do interior do anexo Sul, que possui os azulejos com desenho geométrico de cor branco, cinzento e azul no chão (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura K** Edifício a Norte do complexo principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura L:** Parede Oeste do edifício a Norte que ainda conserva os azulejos azuis e brancos. No topo estes possuem motivos geométricos (losangos) e em baixo motivos fitomórficos (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

<b>46</b>	<b>Observações</b>	Complexo em avançado estado de ruína, contudo ainda preserva alguns elementos decorativos como azulejo ( <b>Figura I e L</b> ), séria necessário um levantamento destes elementos.
-----------	--------------------	--

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (11) - Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	
		<b>Obras Públicas</b>	X
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação /</b>	Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs
----------	----------------------------	--

	Identificação	Comunitário
4	Outros Nomes	-
5	Nome da Entidade fundadora	-
6	Entidade Proprietária atual	-

7	Descrição
	<p>O espaço era constituído por dois edifícios que ladeiam a margem da ribeira da Carpinteira (PINHEIRO, 2009b :538).</p> <p>Os edifícios possuíam um piso de construção do tipo tradicional em alvenaria de pedra e eram destinados ao armazenamento da lã (<b>Figura A</b>) (PINHEIRO, 2009b :538).</p> <p>As obras recentes apenas preservaram a volumetria da unidade. Os possíveis antigos estendedores foram incorporados na nova habitação (<b>Figura B</b>) (PINHEIRO, 2009b :538).</p> <p>O edifício encontra-se próximo de uma rua que dá acesso a fábrica mais a Norte conhecida como Fábrica do Dr. António Alçada (<b>Figura C</b>).</p>

8	Resumo Histórico
	<p>Este edificado foi um lavadouro comunitário que laborou entre a 2ª metade do Séc. XVIII e o início da Segunda Guerra Mundial (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000f1).</p> <p>Na década de 80, esta unidade foi afetada pela construção de uma tinturaria a montante, que segundo os utentes deste espaço tornou a sua utilização inviável (PINHEIRO, 2009b :538).</p> <p>No ano de 2007, o edificado foi parcialmente destruído para construção de um novo edificado (PINHEIRO, 2009b :538).</p>

9	Morada	Travessa do Sineiro, nº 3
10	Local	-
11	Freguesia	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
12	Concelho	Covilhã

<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.288488, -7.513856
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	X
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2º metade do Séc. XVIII	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	Início da Segunda Guerra Mundial	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	2º metade do Séc. XVIII até aos inícios da II (PINHEIRO, 2009b :538)	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	-
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Lavagem de lã
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Manufatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	Agricultura	
-----------	------------------	-------------	--

		Civil	
		Comunicações	
		Extração	
		Militar	
		Religiosa	
		Serviços	
		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	lavadouro de lã	
26	Matérias-Primas	lã	
27	Produtos finais	Lã lavada	
28	Número de edifícios/elementos	2 (PINHEIRO, 2009b :538)	
29	Área total histórica	-	
30	Materiais de Construção	Madeira, pedra, vidro e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000f1).	
31	Sistemas de Construção	Tradicional.	
32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-	
33	Uso atual	Habitação.	

<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total).
-----------	------------------------------	----------------------

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
-----------	----------------	---

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(PINHEIRO, 2009b);  (EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDO E DEFESA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL DA COVILHÃ, (s.d));  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000f1).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Estrutura do Lavadouro, Estendedouro e Armazém de Lãs Comunitário antes da sua demolição e reconstrução (EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDO E DEFESA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL DA COVILHÃ, (s.d)).



**Figura B:** Traseiras do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

		 <p><b>Figura C:</b> Rua de acesso ao edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
--	--	--

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

**MED (12) - António Baptista Leitão**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	
		<b>Obras Públicas</b>	X
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	António Baptista Leitão
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	António Dias de Assumpção Neves ou Pimentéis L. <sup>da</sup>
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	António Baptista Leitão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo era composto inicialmente de apenas dois edifícios de dois pisos e sistema de construção tradicional, com paredes de alvenaria de pedra. O telhado era de cobertura em duas águas com telha tipo marselha e fenestração regular (<b>Figura A e B</b>) (PINHEIRO, 2009b :541).</p> <p>Cada edifício dispunha de roda hidráulica, que proporcionava força motriz nas máquinas. Nos inícios dos anos 40, os edifícios mais distantes da ribeira tiveram ampliações com</p>

recurso a utilização de elementos construtivos do tipo tradicional e mistos e de uma cobertura de quatro águas com telha do tipo marselha. apesar do aumento volumétrico da estrutura o número de pisos foi mantido (PINHEIRO, 2009b :541).

O segundo edifício, localizado junto a ribeira, mantém o seu traçado original ainda preserva as levadas que conduziam a roda hidráulica (PINHEIRO, 2009b :541). Esta área encontra-se coberta de vegetação e é de difícil acesso.

Numa carte de memória descritiva das obras em 1947, o edifício teria um sistema de saneamento. As casas de banho estão divididas em homens e mulheres possuíam duas retretes, dois lavabos e na casa de banha dos homens dois urinóis. Os esgotos foram feitos em grés vidrado de 100mm (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº17/Proc. 1171A, 1947).

## 8 Resumo Histórico

De acordo com o inquérito industrial de 1864, este complexo era explorado pela empresa “Leonardo José Marques & Cª” tendo como fundador como António Baptista Leitão. No ano de 1848, o espaço terá pertencido Clemente da Costa, com sete trabalhadores do sexo masculino dos três eram menores de idade (SILVEIRA, 1864 :112/116-117).

Contudo antes de 1863, este edifício já integrava o espaço fabril de António Baptista Leitão. Este empresário, possuía três complexos que incluíam um pisão neste espaço. Em 1850, Silvestre Nunes Morais montou o seu estabelecimento de cardar e fiar com um pisão e dois edifícios separados. Um destes foi vendido a Clemente Costa e o outro a Januário Gomes Feio (PINHEIRO, 2009b :539/540).

Em 1863, por virtude das clausulas de contrato de arrendatário feitas os senhorios António Baptista Leitão e esposa, e seu filho António Baptista Alves Leitão e esposa aos empresários Leonardo José Marques e João Caetano Rato a uma das unidades fabris teria de ser transformada em engenho de cardar e fiar lãs pelos rendeiros (PINHEIRO, 2009b :540).

Em 1871, esta confirmada a presença das empresas “Alçada & Podão” e “Manuel Lopes Cardoso” neste complexo (PINHEIRO, 2009b :540).

A 1 de novembro de 1883, os doutores José Mendes Alçada de Paiva e Valério Nunes Morais arrendaram a Francisco António Pereira Espiga, João Lopes Fazendeiro, José Rodrigues Podão e José António Pereira Espiga dois estabelecimentos fabris que desenvolviam as atividades de cardar fiar lãs e pisoar tecidos de lã. Este contrato duraria, 10 anos e 77 dias e teve início no dia 15 de outubro de 1883 e termino em 1893. O espaço também terá sido arrendado a Manuel Gomes Frenetico que o manteria até 8 de abril de 1884 (PINHEIRO, 2009b :540).

Em 1890, a firma “Lopes & Podão” labora com 43 trabalhadores; “Frenético & Cardoso” com sete trabalhadores e “Manuel Gomes Frenetico” com 32 trabalhadores (PINHEIRO, 2009b :540).

Em 30 de janeiro de 1914, os herdeiros de José Mendes Alçada de Paiva (João, José e António Mendes Alçada de Moraes) e o Dr. Antonino Vaz de Macedo, adquirem metade a Joaquina Rosa Montez Podão, João Lopes Fazendeiro e Esposa, Ana de Jesus Jotta, Manuel da Silva Ranito e esposa, Maria de Jesus Lopes Ranito, Filipe Trollas Palet e esposa, Felismina Lopes Palet, António Lopes Fazendeiro Bicho, Jerónimo Lopes Fazendeiro Júnior e esposa, Beatriz Lopes Fazendeiro e Fausta Lopes Fazendeiro. Esta metade indivisa seriam os dois edifícios com dois pisos e duas rodas hidráulicas. Mas também de um edifício de habitação com loja e um andar, duas pequenas casas térreas que serviam para fogão de prensas e outro de arrecadação, os terrenos adjacentes cultos e incultos junto a ribeira da Carpinteira e metade das duas râmolas de sol (PINHEIRO, 2009b :540)

Uma das unidades, nos finais do Séc. XIX e inícios do Séc. XX, terá pertencido ao empresário António Alçada Moraes. Tendo a firma “António Maria de Assumpção Neves”, fundada em 1910, possuído a secções de tecelagem cardação e ultimação neste espaço (PINHEIRO, 2009b :540)

Em fevereiro de 1918, a unidade fabril que pertencia a família Alçada Moraes foi arrendada ao industrial José Craveiro Júnior, depois desta ter sido destruída por um incêndio que consumiu matérias-primas e máquinas desta unidade (PINHEIRO, 2009b :540)

No dia 5 de agosto de 1920, é constituída pela sociedade por quotas de responsabilidade limitada sob o nome “Tavares & Cª” formada a por José Lino Tavares e António Fonseca Alçada e laborou neste espaço. Dez anos depois o espaço é ocupado pelo industrial Vicente da Cruz Fazenda (PINHEIRO, 2009b :541).

No ano de 1933, foi requerida a licença para tecelagem mecânica nesta unidade, pela firma “Vicente da Cruz Fazenda” (PINHEIRO, 2009b :541).

Em carta a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios datada de 1942, o espaço é ocupado pela firma “Tavares & Pimentel, L.<sup>da</sup>”, formada por Luís Pimentel Carvalho dos Santos e António Nunes Tavares (PINHEIRO, 2009b :541), esta firma possui uma área destinada a ultimação neste espaço (PROCESSO 66 - Tavares & Pimentel).

Na carta de 6 de agosto de 1953, a federação nacional dos industriais de lanifícios a firma “Tavares & Pimentel”, finda a sua laboração e as suas secções fabris foram vendidas aos “Tavares & Filhos” e a ultimação aos “Pimentel & Pimentel” (PROCESSO 66 - Tavares & Pimentel e PROCESSO 356 - Pimentel & Pimentel).

Em carta de 19 de janeiro de 1954, ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã indicam que a firma “Pimentel & Pimentel” deixara de exercer a modalidade de ultimação e pediu o cancelamento da sua inscrição nesse grémio (PROCESSO 356 - Pimentel &

Pimentel). Tendo nesse mesmo ano o espaço sido adquirido por uma nova firma “Pimentéis, L.<sup>da</sup>” dos empresários Luís Pimentel, Carlos Pimentel, Tomas Pimentel e Fernando Pimentel. Esta empresa, dedicou-se a tecelagem fabrico de mungos e ultimação (PINHEIRO, 2009b :541).

Em 1958, foi edificada a nova unidade inicia-se que desenvolvia a atividade de tecelagem designada “lanifícios Sineirinho”. Esta unidade laborou durante vinte ano até encerrar em 1978 (**Figura C**) (PINHEIRO, 2009b :541).

Na década de 80, o complexo foi ocupado por uma confecção do industrial João Adolfo. Em 1992 foi instalado no complexo a empresa “Confecção Bambi” (PINHEIRO, 2009b :541).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Travessa dos Pimentéis
<b>10</b>	<b>Local</b>	Lugar do Sineirinho ou Sítio dos Pimentéis
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>14</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>15</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.287858, -7.512507
<b>16</b>	<b>Acesso</b>	Condicionado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X

		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	Final Séc. XX/ início do Séc. XXI	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	<p>António Baptista Leitão (184_-1848); António Baptista Alves Leitão (1848-1863?); Clemente Costa (1863?-18_); Leonardo José Marques &amp; Cª (1863-18_); Manuel Gomes Frenético (1881-1884); Alçada &amp; Podão (187_-189_); Francisco António Pereira Espiga, João Lopes Fazendeiro, José Rodrigues Podão e José António Pereira Espiga (1883-1893); Lopes &amp; Podão (1890); Lopes &amp; Podão, Sucrs. (1___-1913?); Herd. de José Mendes Alçada de Paiva (1914); António Dias de Assumpção Neves (1910-19__); José Craveiro Júnior (191_- 1918?); Tavares &amp; Cª (1920-1931); Tavares &amp; Pimentel, L.<sup>da</sup> (1931-1953); Cardona &amp; Cª (1915-196_); Simão da Cruz Fazenda (1916-192_); Vicente da Cruz Fazenda (192_-193_?); Tavares &amp; Filho (1953-1954); Pimentel &amp; Pimentel (1953-1954); Pimentéis, , L.<sup>da</sup> (1954-1978); João Adolfo (198_-19__) e Confecção Bambi (1992-____) (PINHEIRO, 2009b :541).</p>	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica/ combustão interna a gás pobre e eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000f)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem, ultimação e mungos (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXX)

<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	
<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	lã	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos e mungos	
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	4 (PINHEIRO, 2009b :541)	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946 esta unidade possuía cerca de 2250m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)	
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, tubos de grés, pedra, ferro, vidro, betão e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000f e	

		Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº17/Proc. 1171A, 1947).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Arquiteto Manuel Calais na construção do edificado de 1944 e o arquiteto Alexandre Mendes de Amorim para a construção em 1947 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000f)
-----------	--	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	<p>Em 1944, o complexo foi ampliado com uma nova unidade de construção tradicional mista. Esta serviria como casa do guarda (piso dois) bem como um armazém (piso um) e área administrativa (PINHEIRO, 2009b :541).</p> <p>Em 1958, foi construído um novo edificado na margem esquerda da ribeira. Este possuía um edifício com três pisos e sistema de construção moderno destinado unicamente a atividade de tecelagem. No tardo deste edifício são visíveis socalcos que corresponderiam as râmolas de sol (<b>Figura C</b>) (PINHEIRO, 2009b :541). Este edifício também era conhecido como Lanifícios Sineirinho (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXX).</p>

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº17/Proc. 1171A, 1947);</p> <p>(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(SILVEIRA, 1864);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 66 - Tavares &amp; Pimentel);</p> <p>(PROCESSO 356 - Pimentel &amp; Pimentel);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000f).</p>
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>De acordo com o inquérito industrial de 1864, este complexo possuía uma roda hidráulica com 3 a 6 CV, na secção de cardaço um lobo, uma carda simples, uma carda canudeira e 1 desengrosso; na secção de fiação, 1 fiação</p>
-----------	-----------------------------------	--

		<p>mecânica e 1 manual, com 320 fusos; na ultimação 1 tesoura longitudinal (SILVEIRA, 1864 :112/116-117).</p> <p>Em 1881, “Manuel Gomes Frenetico” laborava com 3 trabalhadores na ultimação. As máquinas deste espaço eram movidas por uma roda hidráulica de 3 cv constituída por 2 pisões de maceira e percha (PINHEIRO, 2009b :540).</p> <p>Em julho de 1937, foram adquiridos dois teares mecânicos Schonherr e Hartmann as firmas “viúva Vicente da Cruz Fazenda”, “Maria Eduarda de Azambuja Carvalho” (PINHEIRO, 2009b :541).</p>
--	--	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Fachada do edifício na TV. dos Pimentéis (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
----	--------------------------	---



**Figura B:** Pormenor da fachada do edifício na TV. dos Pimentéis (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Edifício construído em 1958 (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
----	--------------------	---

**MED (13) – Engenho do Sineirinho**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Engenho do Sineirinho
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	António Baptista Leitão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Covimetais

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	Estrutura de planta retangular, em pedra com a parede revestida exteriormente reboco e cal. Parte esquerda da estrutura anexa a unidade de “Barata, FILHOS/ Pimentéis, L. <sup>da</sup> ” (MED (14)), o telhado é em uma água e telha <b>(Figura. A)</b> .

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
	A provável data de fundação deste edificado será antes do ano de 1863, tendo este

pertencido ao sogro de António Baptista Leitão e possuía três complexos com um pisão. No ano de 1850, António Baptista Leitão o seu estabelecimento de cardar e fiar com pisão. E outros dois engenhos separados um dos quais vendido a Clemente Costa possivelmente Januário Gomes Feio devido a partilhas familiares (PINHEIRO, 2009b :542).

Porém o primeiro registo desta unidade data de 1871, que indica que este estabelecimento fabril desenvolvia a atividade de cardação e fiar. O espaço terá pertencido a firma “Campos Mello & Irmão” (PINHEIRO, 2009b :542).

Em 1931, foi constituída a firma “Tavares & Pimentel, L.<sup>da</sup>”, formada por Luís Pimentel Carvalho dos Santos e António Nunes Tavares. Tendo esta sociedade laborou nesta unidade até a data de 14 de julho de 1953 (PINHEIRO, 2009b :542).

No ano de 1931, é formada a empresa Tavares & Pimentel, L.<sup>da</sup> pelos industriais: Luís Pimentel; Carlos Pimentel; Tomás Pimentel e Fernando Pimentel, que labora neste espaço até 1953 (PINHEIRO, 2009b :542).

Em documento de 1964, foi pedido ao I.N.T.P (Instituto Nacional do Trabalho e Previdência) horas extraordinárias aos operários. Pois esta unidade precisava de realizar exportações para Angola (cerca de 9.200m de tecido), Mozambique (cerca de 5.165m de tecido) e Finlândia (100m de tecido) (PROCESSO 359 - Pimentel L.<sup>da</sup>).

Inquérito sobre obras sociais destinadas aos trabalhadores, de 1970, indica que este espaço possuía refeitório (PROCESSO 359 - Pimentel L.<sup>da</sup>).

Em documento do Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã em 1973, muitas das máquinas de fiação e cardação deste edifício possuem mais de 70 anos. A produção deste sítio neste período muito pequena, isto resulta numa dificuldade em responder aos pedidos de compras de outras empresas. O que acaba no cancelamento de alguns pedidos de exportações desde o ano de 1971 (Processo 359 - Pimentel L.<sup>da</sup>). Esta unidade em 1978 deixa de ser fábrica de lanifícios (PINHEIRO, 2009b :542).

Na década de 80, o edifício passa a ser ocupado por uma empresa de produtos químicos e de mecânica automóvel (PINHEIRO, 2009b :542).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Travessa dos Pimentéis
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio dos Pimentéis
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco

<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.287724, -7.512662
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X

<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX
-----------	---------------------------	-----------------------

<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1978
-----------	-----------------------------	------

<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	António Almeida Alves Touraes (1852); António Baptista Leitão (184_- 1848); António Baptista Alves Leitão (1848-1863?); José Maria Rainha & Cª (Séc. XIX); Domingos José de Moraes & Outros (18__-1892); Campos Mello & Irmão (18__-1908) (1871); Campos Mello & Irmão, L. <sup>da</sup> (1908-19_) (1910); Tavares & Pimentel, L. <sup>da</sup> (1931-1953); Tavares & Filho (1953-1954); Pimentel & Pimentel (1953-1954) Pimentéis, L. <sup>da</sup> (1954-1978) (PINHEIRO, 2009b :542).
-----------	------------------------------	--

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	-
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação e Fiação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXXI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Fio cardado

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, metal, vidro e telha.
-----------	--------------------------------	------------------------------

<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Metalurgia
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 359 - Pimentel L. <sup>da</sup> ).
<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Em carta, datada de 1958, é feito um pedido de autorização para instalar seis teares mecânicos

		adquiridos a firma “J. Rodrigues & Sobrinhos” ao Grémio dos Industriais da Covilhã (PROCESSO 359 - Pimentel L. <sup>da</sup> ).
--	--	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Fachada do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
-----------	---------------------------------	--

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-.
-----------	--------------------	----

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

MED (14) - Barata, FILHOS/ Pimentéis, L.<sup>da</sup>

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
		Património Paisagístico / Paisagem	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	Sítio	
		Edifício/Elemento	X
		Complexo	
		Conjunto	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Barata, FILHOS/ Pimentéis L. <sup>da</sup>
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	José Maria Rainha & C <sup>o</sup>
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	Edifício fabril em pedra de planta retangular, com telhado de duas águas e cobertura em telha do tipo marselha. Apresenta janelas em toda a sua extensão nos dois pisos. O edifício possui três pisos e apresenta fenestração ritmada ( <b>Figura A</b> ).

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
	A atividade industrial da firma “Barata, Filhos”, terá começado com Francisco Barata e os

seus dois filhos em documento do dia 14 de janeiro 1935, esta se especializou na atividade de tecelagem (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 133 e PINHEIRO, 2009b :543).

Em 1934, o edifício foi atingido por um incêndio. No ano de 1938, o Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, autoriza a produção de fios cardados e de cobertores. Os cobertores eram destinados aos pobres da Conferência de S. Vicente de Paula, da Freguesia de Santa Maria (PINHEIRO, 2009b :543).

Entre 1942 e 1949, após a dissolução da empresa “Barata, Filhos”, de que era sócio José Alfredo Barata começou a produção de fiação e cardação nesta unidade, em virtude de ter ficado com os respetivos equipamentos da antiga firma (PINHEIRO, 2009b :543).

Após a morte de José Alfredo Barata deu se o fim da sua firma. Confirmada na carta a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, de 27 de dezembro de 1949, que indica o fim da empresa “José Alfredo Barata” (PROCESSO 257- José Alfredo Barata).

Com isto a exploração da secção de fiação de cardado e de tecelagem desta fábrica passa para a sua filha Maria Cristina Freire Bandeira Duarte Barata que por ser menor não podia liderar a esta unidade. Tendo a mãe, Maria Henriqueta Marques Bandeira Duarte Barata, ficado com a responsabilidade desta unidade fabril (PINHEIRO, 2009b :543).

Mais tarde a firma de “Maria Henriqueta Barata” ocupa este espaço nos anos 50. Num documento de 1965, esta firma cancelou a sua inscrição, em 1964, na Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios e vende a suas unidades de fiação, cardado e tecelagem. Noutro documento entregue a Direção do Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã é indicado a compra do espaço por João Rodrigues Valério Júnior que ocupa o espaço durante a década de 60 do Séc. XX (PROCESSO 425 - Maria Henriqueta Barata).

A partir de 1961, a firma “José Henriques da Fonseca Jr.”, teria ocupado este edifício (PINHEIRO, 2009b :543).

Nos finais de anos 60 o edifício foi adquirido pela firma “Pimentéis, L.<sup>da</sup>”. Em 1997/8, o complexo foi ocupado por J. Cunha até 2007 (PINHEIRO, 2009b :543), a partir dessa data não há dados de novas ocupações.

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 52
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio do Sineirinho
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco

<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286835, -7.504652
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X(?)
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X

<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	Séc. XIX
-----------	---------------------------	----------

<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2007
-----------	-----------------------------	------

<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	<p>José Maria Rainha &amp; Cº (Séc. XIX?); Vicente da Cruz Fazenda (1933-193_?); Barata, Filhos (1935-1942); José Alfredo Barata (1942-1949); José Alfredo Barata &amp; Ca., L.<sup>da</sup> (1949-1952); João Roque Cabral (1952-1961); Henrique Fonseca Júnior (1961-19_?); Maria Henrique Barata (195_? -1964; João Henriques Fonseca Júnior (1961-19__?); Maria Henriqueta Barata (195_? -1964); João Rodrigues Valério Júnior (1964-196_); Pimentéis, L.<sup>da</sup> (196_-19__) e J. Cunha (1997/8-2007) (PINHEIRO, 2009b :543).</p>
-----------	------------------------------	---

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000p)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardaço, fiação e tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXXIII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, ferro, pedra, aço, telha e vidro (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000p).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015);  (PINHEIRO, 2009b);  (PROCESSO 30 - Barata, Filhos);  (PROCESSO 257 - José Alfredo Barata);  (PROCESSO 333 - José Alfredo Barata & Cª.
-----------	--	---

		<p>L.<sup>da</sup>);</p> <p>(PROCESSO 425 - Maria Henriqueta Barata);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000p).</p>
--	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Em 1938, foi instalado nesta unidade uma retorcedeira belga (Bosson), adquirida no ano de 1933, uma retorcedeiras de marca Platt e uma outra de construção desconhecida, na secção de tecelagem mecânica (PINHEIRO, 2009b :543).</p> <p>Em documento da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, 8 de junho 1942, a empresa “Barata, Filhos”, localizado no sítio do Sineirinho aponta para a compra de três teares manuais, dez perchas e duas lançadeiras. A 5 de junho, também foi pedido a autorização para a instalação de três teares mecânicos do tipo Schoenerr (PROCESSO 30 - Barata, Filhos).</p> <p>Apôs a dissolução da firma “Barata, Filhos”, em 1942, o industrial Francisco Alberto Barata ficou com o edifício da rua da trapa bem como uma retorcedeira, sem marca e uma camioneta da marca Citroen. No primeiro andar</p>
-----------	-----------------------------------	--

estavam as águas-furtadas com roda hidráulica (PINHEIRO, 2009b :543).

A firma de “Maria Henriqueta Barata” (que ocupou este espaço entre 195\_? - 1964), em carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã indica que autoriza a filha menor de idade Maria Cristina Feire Bandeira Barata, proprietária da fábrica na secção de cardação e fiação de lãs, a manter a laboração naquela fábrica com uma 1 fiação mecânica de 440 fusos (PROCESSO 333 - José Alfredo Barata & C<sup>a</sup>. L.<sup>da</sup>).

Documento da firma indica que a José Alfredo Barata & C<sup>a</sup>. L.<sup>da</sup> (ocupou o espaço entre 1949-1952), possuía três teares mecânicos um Artman e dois Schoenerr; uma enchedeira mecânica; uma urdideira manual; uma enroladeira mecânica; três teares manuais; dois eletro-motores “Brown Boveri”; um lobo de marca Bosson; um batedor; uma esfarrapeira marca H. Schirp; um sortido de cardação do tipo Bosson; um torno esmerilar; máquina de fazer cordão; uma esfarrapeira e 10 eletro-motores Siemens (PROCESSO 333 - José Alfredo Barata & C<sup>a</sup>. L.<sup>da</sup>).

Em cartas aos industriais de lanifícios, do ano de 1949, mostra que a fábrica estava em crescimento com pedido para ser autorizado a compra de três teares mecânicos de 2,20 m de largura e 3 manuais (PROCESSO 257 – José Alfredo Barata).

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Fachada do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
-----------	---------------------------------	--

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
-----------	---------------------------	--

**MED (15) - Manuel Lopes Bola**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Manuel Lopes Bola
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Manuel Lopes Bola
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>Segundo Luísa Guerra (arquiteta do Museu de lanifício), o edifício pertenceu a tecelagem do industrial Manuel Lopes Bola. O edificado foi construído em granito com as paredes exteriores rebocadas, possui um telhado de quatro águas e três pisos.</p> <p>A fachada principal possui um pequeno terraço, que se encontra coberto de vegetação (<b>Figura A, B, C e E</b>). Após o levantamento, é possível ver um pequeno anexo a unidade principal que daria acesso a rua da Travessa dos Pimenteais (<b>Figura D</b>).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>O empresário Manuel Lopes Bola, fundador deste espaço iniciou a sua atividade nos anos 30 de Séc. XX. Entre os anos de 1940 e 1949, adquiriu nas Escadas do Castelo a fábrica conhecida como “Januário da Costa Rato” (PINHEIRO, 2009b :543).</p> <p>O pedido de licença da construção desta unidade a Câmara da Covilhã, data de 1945 (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº10/Proc. 294A, 1945).</p> <p>A 4 de abril de 1949, a firma “Manuel Lopes Bola” transfere-se para estas instalações com uma instalação para tecelagem, e espaço para escritórios e armazém (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 140 e PINHEIRO, 2009b :544).</p> <p>Em carta ao presidente do Grémio dos Industriais do Covilhã, indicou que o consumo de energia desta unidade, entre outubro 1965 e 1966, rondava entre os 759 kW e 692 kW (PROCESSO 79 - Manuel Lopes Bola, Herdeiros).</p> <p>Inquérito sobre obras sociais destinadas aos trabalhadores, de 25 de novembro de 1970, indica que este espaço teria um refeitório (PROCESSO 79 - Manuel Lopes Bola, Herdeiros).</p> <p>No dia 20 de abril 1971, após o falecimento do empresário Manuel Lopes Bola a firma passa a designar-se “Manuel Lopes Bola, Herdeiros” (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 140), constituída pelos filhos Gregório Lopes Bola e João Lopes Bola. Esta firma laborou neste espaço até pouco depois 25 de abril. Nos anos 90, a firma “Farias &amp; Bichinho” trabalhou neste sítio (PINHEIRO, 2009b :544). Após esta firma fechar portas a fábrica nunca mais voltou a exercer atividades têxteis.</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 48
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286891, -7.511712
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1945	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	199_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Manuel Lopes Bola (1949-1971); Manuel Lopes Bola, Herdeiros (1971-197_) e Farias & Bichinho (199_ - 199_) (PINHEIRO, 2009b :544).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000i1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Teceragem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXIV)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	

		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais e em documento da firma “Manuel Lopes Bola”, é escrito que adquiriu em 1951, algodão originário do Brasil. Em documento de 4 de maio de 1955, a firma adquiriu algodão originário de Mozambique (PROCESSO 79 - Manuel Lopes Bola, Herdeiros).	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, ferro, vidro, betão, telha e pedra (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000i1).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	A fachada principal encontra-se bastante vandalizada com grafitis e as janelas encontram-se danificadas ( <b>Figura A e B</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº10/Proc. 294A, 1945);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 79 - Manuel Lopes Bola, Herdeiros);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000i1).</p>
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou</b>	-
-----------	---	---

	Associados	
--	------------	--

42	Património Móvel Integrado	-
----	----------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

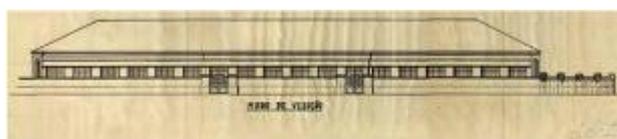
44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Fachada principal do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 25/3/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Entrada do edifício principal limpa (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
----	--------------------------	---



**Figura C:** Traseiras do edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura D:** Pequeno nicho no edificado principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura E:** Alçado da parede da unidade Manuel Lopes Bola virada para a travessa dos Pimentéis em 1945 em documento do Arquivo Municipal da Covilhã (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº10/Proc. 294A, 1945).

--	--	--

<b>46</b>	<b>Observações</b>	Edifício encontra-se bem conservado. Contudo, esta área a ter muitos projetos de reabilitação urbanística, por isso seria ideal um levantamento mais aprofundado da unidade.
-----------	--------------------	--

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

#### MED (16) - João Roque Cabral

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	João Roque Cabral
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	João Roque Cabral
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Residência Pedro Álvares Cabral - PAC

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>Constituído por dois edifícios, datados dos anos 40 do Séc. XX, a sua construção começa em 1946, porém estão registadas ampliações datado entre os finais dos anos 60, e inícios dos anos 70 (<b>Figura A, B e C</b>) (PINHEIRO, 2009b :545). Segundo Luísa Guerra (arquiteta do Museu de lanifício), esta fábrica constitui a nível arquitetónico uma das mais modernas da Covilhã.</p> <p>O primeiro edificado possui três pisos, paredes em alvenaria de pedra e fenestração ritmada com caixilharia de ferro (<b>Figura A e B</b>). O segundo edifício, tem três pisos apresenta fenestração regular com cobertura de duas águas sobre asnas de ferro (<b>Figura C</b>) (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a1).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>No ano de 1947, o industrial João Roque Cabral foi autorizado a concentrar neste edifício da Estrada do Sineiro as secções de cardação e fiação de lãs. Em 1954, a firma pede licenciamento ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, para instalar uma secção de tecelagem (PINHEIRO, 2009b :544).</p> <p>Num documento da firma “João Roque Cabral”, datado 23 de janeiro 1962, ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, é indicado o cancelamento desta firma nas qualidades de fiação e cardado e tecelagem, em 1961 (PROCESSO 103 (B) - João Roque Cabral).</p> <p>No ano de 1962, é criada a sociedade de quotas “João Roque Cabral &amp; Filhos” que se dedica a fiação cardado e tecelagem (PINHEIRO, 2009b :544). A 28 de Agosto de 1962, é entregue a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, uma carta onde é referida a falta de fiscais a controlarem a qualidade dos fardos de tecidos desta empresa com destino a Inglaterra (PROCESSO 414 - João Roque Cabral).</p> <p>Inquérito sobre as obras sociais destinadas aos trabalhadores, do dia 24 de novembro de</p>	

1970, indica que o espaço possuía refeitório sem cantina (PROCESSO 414 - João Roque Cabral).

Em 1981, após a morte do fundador João Roque Cabral, a administração da firma passa para as mãos de Carlos Humberto de Almeida Roque. Nesta altura as secções de fiação e tecelagem produziam, em média, 300.000m de tecido para o mercado nacional e Inglaterra. Maioria das fibras industriais eram adquirida aos Países Baixos, cerca 100.00kg por ano (PINHEIRO, 2009b :545).

Neste final do Séc. XX, a empresa possuía 120 operários (100 maiores de idade e 20 menores), 10 empregados de fábrica e um vigia. Nos inícios dos anos 90 a empresa entra em decadência e em 1995, a fábrica declara falência (PINHEIRO, 2009b :545). O edifício é depois adquirido pela Universidade da Beira Interior e convertido a residência universitária.

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 39
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286417, -7.512080
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X

		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1951	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1995	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	João Roque Cabral (1947-1961) e João Roque Cabral & Filhos, L. <sup>da</sup> (1961-1995) (PINHEIRO, 2009b :545).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardaço, fiação, tecelagem e produção de mungos ( <b>Figura D e E</b> ) (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XL)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	

<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis
-----------	----------------	---------

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Compra de lã documento na firma “João Roque Cabral”, no ano 1947. Na data de 21 de fevereiro de 1947, é anotada a compra de 66 “maços” algodão de origem desconhecida. No dia 2 de abril de 1951, é registada a compra de algodão ao Brasil (PROCESSO 103 (A) - João Roque Cabral). Também à 15 de abril de 1952, foi adquirido algodão de Angola. E nas datas de junho de 1955, fevereiro de 1954, 4 de dezembro de 1953, 8 de maio de 1953, 4 de fevereiro de 1953 e 4 de dezembro de 1952 foi comprado algodão de Moçambique (PROCESSO 103 (B) - João Roque Cabral).
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos e mungos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (PINHEIRO, 2009b :545)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, tijolo, betão e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a1).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Moderno

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Habitação
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	O complexo foi ampliado nos dos anos 70, com a construção do edifício Sul ( <b>Figura C</b> ) (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a1).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(BORGES, 2014); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 103 (A) - João Roque Cabral); (PROCESSO 103 (B) - João Roque Cabral); (PROCESSO 414 - João Roque Cabral); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a1).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Numa carta da firma ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, datado de 4 de junho de 1947, é realizado um pedido para melhorar o equipamento desta unidade para substituir os três teares manuais por um tear mecânico (PROCESSO 103 (A) - João Roque Cabral).</p> <p>Em 1975, a firma moderniza-se com a compra de equipamento de fiação <i>Duesberg Bosson</i> (Bélgica) (PINHEIRO, 2009b :545).</p> <p>Em registo de equipamento do ano de 1994, regista-se: dois abridores; dois cardas “Garnett”; um lobo; uma carduca; três fiadeiras contínuas; uma bobinadeira automática, um sortido de cardas automático e um sortido de três cardas clássico na secção de cardação e fiação (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a1).</p> <p>Na secção de tecelagem estariam 13 teares automáticos, e oito clássicas de lançadeira, quatro urdideiras (uma automática e três mecânicas) uma caneleira, duas bobinadeiras, duas máquinas de atar teias, uma retorcedeira, um vaporizador e uma máquina medidora (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a1).</p>
43	Outro património móvel	-



**Figura A:** Fachada original do edificado Norte da fábrica João Roque Cabral (BORGES, 2014 :132).



**Figura B:** Nova fachada do edificado Norte (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Face do edifício Sul virado para a Estrada do Sineiro (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura D:** Secção de fiação do edifício João Roque Cabral (BORGES, 2014 :132).



**Figura E:** Secção de cardação do edifício João Roque Cabral (BORGES, 2014 :133).

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (17) - Augusto D´Almeida Fortuna & FILHOS**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Augusto D´Almeida Fortuna & FILHOS
----------	--	------------------------------------

<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Augusto D´Almeida Fortuna & Filhos
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>Edifício fabril em nave com quatro pisos e construída num sistema de construção misto. Este é o tipo de arquitetura característica das fábricas da Covilhã, nos meados do Séc. XX (<b>Figura A, B e C</b>) (PINHEIRO, 2009b :545).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A primeira entidade a ocupar este edifício foi a “Augusto D´Almeida Fortuna &amp; Filhos” ,formada a 8 de janeiro de 1945, esta era constituída pelos filhos José d´Augusto de Almeida Fortuna e Américo d´Almeida Fortuna (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 138).</p> <p>Na década de 50 do Séc. XX, o edifício foi ocupado pela firma de “Acácio Pimentel Tavares”. Em 1953, a firma “Tavares &amp; Filhos” constituída pelo empresário António Nunes Tavares e seus filhos, aluga parte desta unidade e desenvolve a atividade de tecelagem. Em dezembro do mesmo ano, a firma “Augusto D´Almeida Fortuna &amp; Filhos” termina o seu período de laboração neste espaço e vende a sua oficina de tecelagem ao empresário João de Sá Pessoa (PINHEIRO, 2009b :545).</p> <p>Em 1954, João de Sá Pessoa desenvolve a atividade de tecelagem. No final dos anos 50 o proprietário Acácio Pimentel Tavares sócio da firma “Tavares &amp; Filhos” torna-se o gestor desta unidade, onde passa-se a designar “P. Tavares” e trabalha no campo da fiação de cardado e a tecelagem (PINHEIRO, 2009b :545).</p> <p>Em 1961, a empresa “Acácio Pimentel Tavares” cancelou as suas operações neste espaço, com o seu equipamento adquiridos pela empresa “Tavares &amp; Filhos”, que desenvolve a atividade da tecelagem nesta unidade (PINHEIRO, 2009b :545).</p> <p>Em cartas da firma “Tavares &amp; Filhos”, datadas de 1974, são feitos vários pedidos a Junta de Salvação Nacional, para autorizar realização de horários extraordinários, devido a grande demanda dos tecidos desta firma (PROCESSO 358 - Tavares &amp; Filhos, L.<sup>da</sup>).</p> <p>Nos 80 do Séc. XX, o edificado foi convertido em oficina de mecânica automóvel (PINHEIRO, 2009b :545). Mais tarde o edificado foi adquirido pelo industrial Amândio Saraiva, em 1991, que a converteu em armazém (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000k), atualmente o edificado encontra-se em estado de abandono.</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua Cidade de Cáceres, nº 101
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285952, -7.512544
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1945/46	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2008	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Augusto D'Almeida Fortuna & Filhos (1945/6-1953); Acácio Pimentel Tavares (195_-1953); Tavares & Filhos (1953-195_?); João de Sá Pessoa (1954-19__); A. P. Tavares (195_-1961); Tavares &	

Filhos (1961-197\_) e Amândio Saraiva (1991-2008) (PINHEIRO, 2009b :545).

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000k)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem e produção de mungo (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XLII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos e mungos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1
-----------	--------------------------------------	---

<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, esta unidade possuía cerca de 1200m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)
-----------	-----------------------------	--

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, ferro, vidro, aço, pedra e betão (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000k).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Mista

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Revestimento da estrutura encontra-se parcialmente degradado na parede Este e Oeste.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);
-----------	--	---

		<p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 358 - TAVARES &amp; FILHOS, L.<sup>da</sup>);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000k).</p>
--	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Fachada Este (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
-----------	---------------------------------	---



**Figura B:** Fachada Oeste (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Fachada Norte do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	Edifício em ótimo estado de conservação, porém encontra-se numa zona da cidade de rápida expansão urbana, por isso seria ideal um levantamento mais aprofundado da estrutura.
----	-------------	---

47	Responsável e Data	Rodrigo João Leitão Beato Dias
----	--------------------	--------------------------------

		8/10/2021
--	--	-----------

**MED (18) - José Henriques da Fonseca Júnior**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	José Henriques da Fonseca Júnior
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	José Henriques da Fonseca Júnior
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
----------	------------------

O complexo é composto por três edifícios, com o mais antigo datado dos anos 40/50 do Séc. XX (**Figura A e B**). Estes edificadoss apresentam um tipo de construção misto, que se desenvolve em forma de nave com três e um piso (PINHEIRO, 2009b :546), o edifício possuiu um pátio para entrada de veículos (**Figura A**).

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A empresa fundadora deste sítio data de 1932, com o empresário José Henriques Fonseca e o seu sócio Alberto Miguel. Estes começaram a sua atividade por arrendamento na secção de tecelagem da “Fábrica dos Cruzes” (MED (40)) (PINHEIRO, 2009b :546).</p> <p>Em 1938, José Henriques Fonseca cria uma sociedade com o empresário José Henriques da Fonseca Júnior, que passa a exercer as atividades de fiação e tecelagem na área do Sineiro (PINHEIRO, 2009b :546).</p> <p>No final dos anos 40, José Henriques Fonseca Júnior passa a ocupar esta unidade em nome individual (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e1 e PINHEIRO, 2009b :546)</p> <p>A 20 de julho de 1973, há uma alteração na designação da firma “José Henriques da Fonseca Júnior” para “José Henriques da Fonseca Júnior, Filhos, L.<sup>da</sup>”, com os sócios: Lucrecia de Sá Pessoa da Fonseca, Maria Fernanda Pessoa da Fonseca e Júlio Fernando Martins Fael. Esta firma labora neste espaço até aos anos 90, quando a firma “J. Rodrigues” passa a ocupar o espaço (PINHEIRO, 2009b :546).</p> <p>Um documento de horários de trabalho do dia 12 de fevereiro de 1974, mostra que este espaço possuía um escritório, armazém de tecido e de matérias-primas, fiação, preparação de fios e tecelagem (PROCESSO 474 - José Henriques da Fonseca Júnior, Filhos, L.<sup>da</sup>).</p> <p>O edifício é um dos mais representativos em termos de arquitetura industrial fabril modernista da Covilhã (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 138).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 44
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286534, -7.510822

<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Condicionado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1ª metade do Séc. XX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2008	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	José Henriques da Fonseca Júnior (194_-1973); José Henriques da Fonseca Júnior, Filhos, L. <sup>da</sup> (1973-199_) e J. Rodrigues (199_-2008) (PINHEIRO, 2009b :546).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e1)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Fiação e tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXXVI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibra Industrial e em carta de compra de algodão da empresa “José Henriques da Fonseca Júnior”, nas datas de 1952, 1953 e 1955, é adquirida esta matéria-prima à Angola, Moçambique e Brasil (PROCESSO 244 - José Henriques da Fonseca Júnior).
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	3 (PINHEIRO, 2009b :546)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, esta unidade possuía 982m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, madeira, ferro, vidro tijolo, betão, aço e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e1).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto.

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	Nos anos 70 do Séc. XX, foi construído um segundo edifício tal como o primeiro em forma de nave, mas com apenas dois pisos (PINHEIRO, 2009b :546). O terceiro edificado, é o mais recente, datado anos 80 do Séc. XX, esta estrutura é mais quadrangular do que as outras duas e possui apenas um piso (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e1). O acesso a estas secções a Sul encontra-se condicionado por uma propriedade privada.

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 474 - José Henriques da Fonseca Júnior, Filhos, L.<sup>da</sup>);</p> <p>(PROCESSO 244 - José Henriques da Fonseca Júnior);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e1).</p>
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada Sul do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura B:** Fachada Oeste do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

**44** Levantamento Fotográfico

**45** Desenhos e Alçados

-

<b>46</b>	<b>Observações</b>	Acesso ao edificado Sul, encontra-se condicionado por uma propriedade privada que dificultou a identificação do total deste complexo.
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (19) - João Mosa**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	João Mosa
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-

<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	João Mosa & Filhos, L. <sup>da</sup> e João Mosa, Sucrs., L. <sup>da</sup>
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>Segundo a Luísa Guerra (arquiteta do Museu de Lanifício), este é um edifício de dois pisos, com fenestração regular, construído num sistema tradicional misto. Em 2021, esta fábrica foi remodelada para ser construída uma residência universitária, na obra não foram contratados arqueólogos para acompanhar as novas remodelações (<b>Figura A, B e C</b>). Edifício ainda conserva a sua volumetria original após as obras.</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>O empresário João Mosa foi o fundador deste edifício tendo formado a sua firma “João Mosa &amp; Filhos, L.<sup>da</sup>”, em 1922 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000y). No ano de 1940, é submetida a aprovação, à Câmara Municipal da Covilhã o projeto de construção deste espaço, com a edificação finalizada em 1941 (PINHEIRO, 2009b :546).</p> <p>À data da transferência das instalações para este edifício, em 1941, a firma apresenta duas designações comerciais “João Mosa &amp; Filhos, L.<sup>da</sup>” e “João Mosa, Sucrs., L.<sup>da</sup>” (MADALENO e FERREIRA, 2015 :38).</p> <p>Em 1959, João Mosa adquiriu a Câmara Municipal da Covilhã uma parcela do terreno para expansão da fábrica (PINHEIRO, 2009b :547).</p> <p>A partir do ano de 2007, parte do edifício foi ocupado por um infantário “Academia Morangos” (PINHEIRO, 2009b :547). Em 2021 o edifício foi convertido em residências universitárias (<b>Figura C</b>).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº 33 e 37
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286016, -7.510930

<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Publico
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X (?)
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1940	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	197_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	João Mosa & Filhos, L. <sup>da</sup> e João Mosa, Sucrs., L. <sup>da</sup> (1941-197_?) (PINHEIRO, 2009b :547).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	-
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XXXVIII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	Agricultura	
		Civil	

		Comunicações	
		Extração	
		Militar	
		Religiosa	
		Serviços	
		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	Têxteis	
26	Matérias-Primas	Fibras indústrias	
27	Produtos finais	Tecidos	
28	Número de edifícios/elementos	2 (PINHEIRO, 2009b :546)	
29	Área total histórica	-	
30	Materiais de Construção	Pedra, ferro, vidro, aço e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000y).	
31	Sistemas de Construção	Misto	
32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-	
33	Uso atual	Habitação	
34	Ampliações	Composto por dois edifícios fabris, o primeiro	

		<p>é datado de 1940, com uma ampliação em 1959/60 e outra em 1948, destinada ao refeitório e vestiário. Estes atualmente encontram-se bastante alterado apesar de manterem a sua volumetria. Parte do edifício datado de 1940, foi intervencionado em 1960, este mantém a parcela primitiva inalterada e preserva todas as características do espaço fabril com um sistema de construção misto (PINHEIRO, 2009b :547). Atualmente ambas as estruturas estão fundidas.</p>
--	--	---

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	O edifício encontra-se em processo de requalificação para a transformação numa residência universitária.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1942b);</p> <p>(ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1943);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p>
-----------	--	--

		(PINHEIRO, 2009b);  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000y).
--	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>A firma “João Mosa”, em 1942, pediu a instalação de dois teares mecânicos, para substituir seis teares manuais que a firma possuía (ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1942b :45).</p> <p>A empresa “João Mosa” em 1943, pediu para a instalação de um tear mecânico da marca “<i>Snoeck</i>”, de 2,20 m de largura (ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1943 :41).</p>
-----------	-----------------------------------	---

<b>51</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Porta de entrada da estrutura (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura B:** Fachada principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

**43** Levantamento Fotográfico

		 <p data-bbox="683 904 1337 976"><b>Figura C:</b> Edificado em obra de requalificação (fotografia de Rodrigo Dias. 5/10/2021).</p>
--	--	--

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p data-bbox="810 1496 1214 1532">Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p data-bbox="938 1570 1082 1606">8/10/2021</p>
----	--------------------	--

**MED (20) - João Mendes Alçada**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	João Mendes Alçada
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	João Mendes Alçada
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Discoteca noturna "Ko.pa.ñi.a"

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo, seria composto por cinco edifícios (<b>Figura A, B, C e D</b>) com duas rodas hidráulicas e râmolas de sol. Apesar das alterações atuais causadas pela discoteca mantém a sua estrutura original matem conservada. Contudo, os espaços atualmente estão fundidos e o local das rodas hidráulicas foram cobertas. No interior do edifício ainda estão preservados o tanque de água e os vestígios da levada que abastecia de água a fábrica (PINHEIRO, 2009b :547).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>No ano de 1840, foram vendidos a João Mendes Alçada, um moinho com casa e logradouros, pelo proprietário José da Cunha Soares (PINHEIRO, 2009b :547). Esta unidade conheceu um grande desenvolvimento industrial com o seu fundador, e pelos seus sucessores (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).</p> <p>Segundo o inquérito de 1881, a data para a constituição da firma “Manuel Mendes Alçada &amp; Irmãos” é de 1842, mas é possível que este seja anterior (INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881 :186 e PINHEIRO, 2009b :547).</p> <p>No seguimento da aquisição do espaço pelo proprietário João Mendes Alçada, este desenvolveu o edifício e o ampliou. Este industrial também realizou um contrato com Manuel Mousaco proprietário do edifício contíguo, para acesso a roda hidráulica e da área limite do espaço, em 1875 (PINHEIRO, 2009b :547).</p> <p>Após o falecimento de João Mendes Alçada, no ano de 1875, o edifício foi partilhado entre os seus herdeiros (PINHEIRO, 2009b :547).</p> <p>No ano de 1902, a firma “Manuel Mendes Alçada &amp; Filhos”, com empresários Manuel Mendes Alçada, Francisco Mendes Alçada e Alberto Mendes Alçada labora neste edificado (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).</p> <p>Em 1914, o empresário Alberto Mendes Alçada era proprietário desta fábrica no espaço onde se desenvolvia as atividades de cardação e fiação, tendo administrado este espaço até a sua morte. O complexo foi ocupado posteriormente pela firma “José Dias Baptista &amp; Filhos” (PINHEIRO, 2009b :547).</p> <p>Nos anos 40, o industrial Francisco Fina ocupou as instalações na área de fiação e tecelagem. No ano de 1946, a firma “Alçada &amp; Rosa L.<sup>da</sup>” adquiriu as instalações de tecelagem (PINHEIRO, 2009b :547). Uma das empresas mais inovadoras no tecido industrial covilhanense (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).</p> <p>No dia 2 de abril de 1949, em carta de memória descritiva é indicado uma reconstrução da oficina de tecelagem e fiação de lãs, devido a um incêndio (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº08/Proc. 859, 1949).</p> <p>No ano de 1971, foi criada a firma “Craveiro Martins &amp; Rosa, L.<sup>da</sup>” que ocupou esta unidade e ainda nos anos 70 do Séc. XX. A firma “Rosa &amp; C.<sup>a</sup>” ocupou este espaço, até 1995, e partir dessa data a unidade deixa de estar ligada a indústria dos lanifícios, tendo sido reconvertida para espaço de restauração (PINHEIRO, 2009b :547).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua da Indústria
<b>10</b>	<b>Local</b>	-

<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.287491, -7.509275
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Publico
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	anos 40 do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1995	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	João Mendes Alçada (1840-1875); Manuel Mendes Alçada & Irmãos (1881-1902); Manuel Mendes Alçada & Filhos (1902-1919); Alberto Mendes Alçada (1919-1938); José Dias Baptista & Filhos (1940-19__); Morais & Fino (19__-194__); Francisco Fino (Anos 40 do Séc. XX) Alçada & Rosa, L. <sup>da</sup> (1946-19__); Sousas, L. <sup>da</sup> (Anos 60 do	

Séc. XX); Craveiro Martins & Rosa, L.<sup>da</sup> (1971-197\_); Craveiro, Martins, Rosa & Fazenda, L.<sup>da</sup> (Anos 70 do Séc. XX) e Rosa & C<sup>a</sup>. (197\_-1995) (PINHEIRO, 2009b :547).

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica e combustão interna a gás (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000j1)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardaço, fiação, tecelagem e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LVI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã
-----------	------------------------	----

<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	6 (PINHEIRO, 2009b :546)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, vidro, tijolo, betão e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000j1).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Discoteca noturna
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(BORGES, 2014);

		<p>(Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº08/Proc. 859, 1949);</p> <p>(INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000j1).</p>
--	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Fachada oeste do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
-----------	---------------------------------	--



**Figura B:** Traseiras do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Entrada Norte do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura D:** Aspeto original do edificado (BORGES, 2014 :191).

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (21) - Fábrica Alçada**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Fábrica Alçada
----------	--	----------------

<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	Manuel Nunes Mouzaco & IRMÃO/ Alçada & Mousaco
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Manuel Nunes Mouzaco & Irmão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Auto Monte Estrela - Oficina De Reparação De Automóveis, L. <sup>da</sup> .

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo fabril era composto por seis edifícios de produção (<b>Figura A, B, C e D</b>), uma quinta, três casas de habitação (proprietário e administrador). Estes edifícios foram modificadas ao longo do Séc. XIX e XX, na sequência de vários incêndios e a algumas ampliações, da estrutura original não existem vestígios. Devido a inexistência de intervenções arqueológicas estas estruturas primitivas ainda não foram detetadas. Como resultado este é um complexo que conserva as construções em sistema moderno ou tradicional (PINHEIRO, 2009b :550).</p> <p>O portão principal do complexo em ferro encontrar-se em mau estado de conservação (<b>Figura E</b>), a parte Sul do edifício moderno foi reutilizado como oficina de automóveis (<b>Figura F</b>). Na área central do edificado encontra-se implantada uma chaminé industrial em tijolo (<b>Figura G</b>).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Este é o complexo resultou de duas pré-existências, que ocuparam a área localizada no limite atual entre esta unidades e a de “João Mendes Alçada” (MED (20)). Tendo esta acabado por desenvolver-se de fora distinta. Devido a inexistência de intervenções arqueológicas neste espaço é impossível determinar a localização destes estabelecimentos primitivos. Contudo, é possível que o mais antigo se encontre no extremo nascente, onde estaria instalada uma roda hidráulica (PINHEIRO, 2009b :548).</p> <p>A 8 de dezembro de 1957, a firma “Alçada &amp; Filho, Suc.” sofreu um violento incêndio, que destruiu a secção de penteação, parte da preparação e a seção de fiação. Apenas em 1959, se iniciou a reconstrução dos edifícios fabris afetados e a substituição e renovação do equipamento destruído (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).</p> <p>Em 1859, a firma “Manuel Telles Feio &amp; Manuel Nunes Mouzaco” é formada e ocupa este espaço (PINHEIRO, 2009b :549). No ano de 1961, este espaço possuía mais 500 trabalhadores o que demonstra o peso e importância económico deste complexo industrial</p>	

nesta região (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).

Entre os anos de 1864 e 1873, estabelece uma sociedade fabril “João Mendes Alçada & Filho ou Alçada & Filho”, entre os empresários João Mendes Alçada e filho, João Mendes Alçada de Paiva (PINHEIRO, 2009b :549).

Em 1874, encontra-se ativa neste espaço a empresa “Mousaco & Cª” e entre os anos de 1874 e 1878, também a firma “João Mendes Alçadas de Paiva” labora neste espaço. Em 1878 a firma “Alçada & Mousaco”, estabeleceu-se nesta unidade (PEREIRA, 1897b :131).

Em 1889, o espaço foi denominado como “fábrica Alçada & Filho”, e no mesmo ano foi distinguida com a medalha de prata na exposição Mundial de Paris. (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 66-67).

Esta unidade fabril também foi uma das quatro unidades fabris da Covilhã visitadas pela comitiva real, em 6 de setembro de 1891, durante da inauguração do troço de caminho de ferro (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 66-67).

No ano de 1961, com a firma “Alçada & Filho, Sucrs.” a ocupar este espaço, a unidade passa a ser considerada do tipo vertical, com mais de 500 operários e um século de existência. Por volta de 1961, terá ocorrido a demolição do edifício primitivo deste complexo. Em 1964, Aníbal Mouzaco Alçada tornou-se o proprietário único da empresa “Alçada & Filho, Sucrs”, que passou a chamar-se “Aníbal Mouzaco Alçada” até terminar a sua atividade entre 1967 e 1968 (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 67).

Ainda em 1964, o Dr. Aníbal Mouzaco Alçada entrega a José Cruz Alves da Silva e Dr. José Albuquerque de Almeida Ribeiro, a gestão de todos os negócios que possuía na Covilhã (PINHEIRO, 2009b :550).

A partir de 1 de setembro de 1967, parte das instalações fabris foram arredadas a empresa “Emprex”, que explorou o complexo no campo da cardação, fição, penteação e ultimação e tecelagem. Esta encerrou atividade em 1991/1992, e terá sido a última empresa têxtil neste espaço. Entre os anos de 1996/97 e 2002, estas instalações foram ocupadas pela empresa de águas “sete fontes” (PINHEIRO, 2009b :550). Atualmente a unidade esta parcialmente ocupada por uma oficina automóvel.

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua da Indústria
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco

<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.287433, -7.507842
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Condicionado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 – 1900	X
		1900 – 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X

<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1ª metade do Séc. XIX
-----------	---------------------------	-----------------------

<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1992
-----------	-----------------------------	------

<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Manuel Nunes Mouzaco & Irmão (1840-187_); João Mendes Alçada (1842-1864); João Mendes Alçada & Filho ou Alçada & Filho (1864-1873); Alçada & Mousaco (1878-1899); Alçada & Filho (1899-1908); Alçada & Filho, Sucrs. (1908-1964); António Joaquim Rodrigues (194_-1961); Gomes & C.ª (195_-19__); Aníbal Mouzaco Alçada (1964-1967/68) e Emprex (1967-1992) (PINHEIRO, 2009b :550).
-----------	------------------------------	---

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica, energia a vapor e eletricidade
-----------	--------------------------------	--

		da rede pública ( <b>Figura H</b> ) (PEREIRA, 1897b :131).
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardaço, penteação, fição tecelagem, tinturaria e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LVIII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	6 (PINHEIRO, 2009b :550).
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, esta unidade possuía 8.325m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946).

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, ferro, tijolo e vidro.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Parcialmente ocupado/ Oficina (automóvel)
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	As janelas e o portão da estrutura encontram-se algo vandalizadas. Contudo a restante estrutura encontra-se bem conservada ( <b>Figura C e E</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1941c);  (BORGES, 2014 :191);  (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);
-----------	--	---

		<p>(GABRIEL, 1984a);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PEREIRA, 1897b :131);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(ROCCHINI, F., 1892);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013).</p>
--	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Durante a ocupação da empresa “Alçada &amp; Mousaco” em 1878, o complexo possuía uma roda hidráulica com força motora de 30 cv (PEREIRA, 1897b :131).</p> <p>No ano de 1888, o complexo possuía 60 teares manuais e três teares mecânicos com 900 fusos, seis máquinas de cardar, três fiações, máquinas de fazer cardão, pisões, tesouras, urdideiras e prensa continua (PEREIRA, 1897b :131).</p> <p>No inquérito Industrial de 1890, é referido que a fábrica possuía um o motor composto por uma roda hidráulica com 50 cv e duas máquinas a vapor com força motriz de 72 cv (PEREIRA, 1897b :131).</p> <p>A firma “António Joaquim Rodrigues”</p>
-----------	-----------------------------------	---

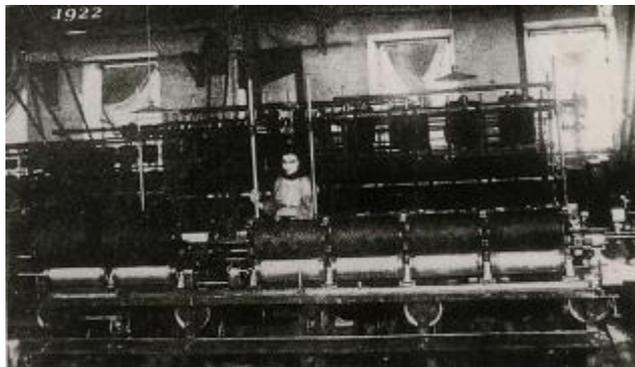
		<p>pediu ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, em 1941, a instalação de uma urdideira mecânica na sua oficina de tecelagem (ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1941c :42).</p>
--	--	---

<p><b>43</b></p>	<p>Outro património móvel</p>	<p>Encontra-se conservada no Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga do Museu dos Lanifícios, uma caldeira a vapor em ferro de origem francesa e belga, datada de 1878 (<b>Figura H</b>), pertencente a esta unidade.</p>
------------------	-------------------------------	--

<p><b>44</b></p>	<p>Levantamento Fotográfico</p>	<div data-bbox="683 994 1177 1352" data-label="Image"> </div> <p><b>Figura A:</b> Representação da Fábrica Alçada em 1892 (ROCCHINI, F: 1892)</p> <div data-bbox="683 1536 1098 1872" data-label="Image"> </div> <p><b>Figura B:</b> Fábrica Alçada em 1984 (GABRIEL, 1984a).</p>
------------------	---------------------------------	---



**Figura C:** Fachada Norte da Fábrica Alçada (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura D:** Interior da Fábrica Alçada em 1922 (BORGES, 2014 :191).



**Figura E:** Portão da Fábrica Alçada (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura F:** Oficina atual no local da antiga fábrica (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura G:** Chaminé Industrial (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).

		 <p><b>Figura H:</b> Caldeira a vapor de 1878. Marca De Naeyer &amp; Cie., França e Bélgica (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).</p>
--	--	--

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Complexo em bom estado de conservação, apesar de algumas marcas de vandalismo seria apropriado realizar-se um levantamento mais aprofundado de todo o edificado, devido a sua importância histórica para a cidade e para o desenvolvimento da indústria dos lanifícios (<b>Figura B</b>).</p>
----	-------------	--

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

**MED (22) - Armando António Martins**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Armando António Martins
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Armando António Martins
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>Edifício de construção tradicional, com apenas um piso em forma de nave. As paredes do edificado são em alvenaria de pedra. O telhado é de duas águas com cobertura em telha do tipo marselha, assente em asnas de madeira de fenestração regular (<b>Figura A, B e C</b>). Parte desta estrutura já não possui um telhado, na secção junto a ribeira (<b>Figura B</b>). Interior do edificado foi alvo de modificações na fenestração. Do edifício antigo ainda se preservado as paredes mestras, o suporte da estrutura e a sua volumetria (PINHEIRO, 2009b :550).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em 1939, o edifício inicialmente foi construído para a instalação da firma de Jerónimo Martins, algo que não chegou a ocorrer (MADALENO e FERREIRA, 2015 :54). Em 1941, o espaço foi arrendado aos herdeiros de Alberto Mendes Alçada, os industriais Armando António e Quintino Maria da Costa para instalarem uma unidade tecelagem (PINHEIRO, 2009b :550).</p> <p>A 31 de Março de 1943, é autorizado a instalação da tecelagem da firma “José de Almeida Cavaca Júnior” (PINHEIRO, 2009b :550 e MADALENO e FERREIRA, 2015 :54). Entre os finais dos anos 60 ou inícios dos anos 70 do Séc. XX, a empresa “Rosa &amp; C.ª” especializa-se na preparação de fios neste edificado (PINHEIRO, 2009b :550).</p> <p>Nos anos 1975/76, este espaço era dividido pelas firmas “Armando António”, “Quintino Maria da Costa”, “José de Almeida Cavaca Júnior” e “Rosa &amp; C.ª” (PINHEIRO, 2009b :550).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua da Indústria
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.287072, -7.509085
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	

		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X (?)
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1939	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	197_	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Armando António (1941-19__); Quintino Maria da Costa (1941-19__); José de Almeida Cavaca Júnior (1943-19__) e Rosa & C. <sup>a</sup> (196_-197_) (PINHEIRO, 2009b :550).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000k1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Fiação e tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LIV)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X

		<b>Transportes</b>
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, telhas, madeira e vidro.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Tradicional
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	<p>A 30 de outubro de 1946, foi pedida uma licença para ampliação na área fábrica junto a ribeira da Carpinteira <b>(Figura B)</b> (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947).</p> <p>Em documento de memória descritiva, é indicado que nesta nova ampliação no edifício serão instalados um escritório, um espaço para urdideiras mecânicas e um vestuário para mulheres. Os vestiários teriam canalização diretamente para a ribeira (Fundo Municipal,</p>

Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947).

O novo espaço foi construído com muitas janelas para iluminação. E as paredes exteriores seriam construídas em alvenaria de granito da região ou de blocos de betão (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947). Após o levantamento do espaço a opção escolhida foi pedra de granito.

As paredes das divisórias foram feitas em tijolo furado e rebocadas. Para o telhado foi optado por telha tipo Marselha, igual a do restante edificado (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947). Num segundo, documento de obras enviado a Câmara da Covilhã do dia 8 fevereiro de 1947, é acrescentado que o telhado da estrutura é assente em uma armação de pinheiro nacional (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº16/Proc. 1104A, 1947).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Razoável
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Edifício parte do telhado do edificado da estrutura foi destruído ( <b>Figura B</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1941b);</p> <p>(Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº16/Proc. 1104A, 1947);</p> <p>(Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº15/Proc. 972A, 1947);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000k1).</p>
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Em 31 de Março de 1943, esta unidade possuía um tear mecânico e três manuais (PINHEIRO, 2009b :550).</p> <p>A firma “Armando António Martins”, em fevereiro 1941, instalou uma canelreira de 12 fusos, uma enroladeira e duas urdideiras manuais (ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1941b :39).</p>
-----------	-----------------------------------	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal do lado esquerdo (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura B:** Área ampliada junto a ribeira da Carpinteira (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Traseiras do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	Estrutura apesar das paredes exteriores estarem conservadas. O seu interior e telhado apresentam danos significativos seria ideal realizar-se um trabalho de restauro e proteção da estrutura <b>(Figura A)</b> .
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (23) - Arnaldo Teixeira & C.<sup>a</sup>**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X

Conjunto	
----------	--

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Arnaldo Teixeira & C. <sup>a</sup>
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Arnaldo Teixeira & C. <sup>a</sup>
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo é constituído por dois imóveis, o principal é de construção tradicional e mista (<b>Figura A</b>). Este edifício é composto por dois corpos, de 3 e 2 pisos, dispostos em perpendicular (<b>Figura A, B e C</b>). O terceiro piso, destinava-se à administração da unidade fabril e o segundo e primeiro eram ocupados pela área de produção (<b>Figura D e E</b>) (PINHEIRO, 2009b :551)</p> <p>Haveria um segundo imóvel, de construção tradicional, de 2 pisos que servia de casa do guarda, o seu piso térreo foi transformado em armazém, atualmente esta área encontra-se inacessível devido a ocupação do caminho por uma oficina automóvel (PINHEIRO, 2009b :551)</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A firma “Arnaldo Teixeira &amp; C.<sup>a</sup>”, fundada em 1919, pediu à Câmara da Covilhã, em 1933, uma licença para a fundação desta unidade fabril (PINHEIRO, 2009b :551).</p> <p>Após o falecimento do industrial Arnaldo Teixeira, o ativo da sociedade passo para Quintino Maria da Costa que se manteve neste espaço em nome individual, até 31 de março de 1947 (PINHEIRO, 2009b :551).</p> <p>A 9 de abril de 1947, Quintino Maria da Costa associa-se a Rui da Cruz e Costa, Carlos Pimentel Carvalho dos Santos e Manuel Rodrigues Mouta e formam uma sociedade por quotas, designada “Quintino Maria da Costa, L.<sup>da</sup>”, tendo adquirido esta unidade para exercer a função de tecelagem até 31 de dezembro de 1964 (PINHEIRO, 2009b :551).</p>	

A 29 de agosto de 1966, a empresa “Futurex -Sociedade de Tecidos, L.<sup>da</sup>” é fundada pelos sócios João Fonseca Rato, Armando José Gomes Farias, Armando Ubach Chaves e João José Neves Ubach Chaves que ocupam este espaço em sistema de arrendamento (PINHEIRO, 2009b :551).

Em 1973, a empresa “Futurex” muda-se para uma fábrica nova na Estrada de São Domingos (Cantar-Galo, Covilhã) e coloca este espaço a arrendamento. A partir da década de 70 do Séc. XX, o complexo foi ocupado por empresas não ligadas a produção de lanifícios entre elas a “electro Pissarra” (reparação automóveis), a “Electro Auto”, as “Confecções J.P.T” e a firma “B.J. Costa, L.<sup>da</sup> (produtos químicos) (PINHEIRO, 2009b :551).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua da Indústria, nº 20
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286824, -7.508805
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Privado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X

		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1933/4	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1973	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Arnaldo Teixeira & C. <sup>a</sup> (1933-1941); Quintino Maria da Costa (1941-1947); Quintino Maria da Costa, L. <sup>da</sup> (1947-1964) e Futorex -Sociedade de Tecidos, L. <sup>da</sup> (1966-1973) (PINHEIRO, 2009b :551).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Combustão interna a gás pobre (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000j)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Teceragem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LX)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000j).
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, madeira, ferro e telha.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Mista

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Oficina (automóvel)
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Revestimento da parede Este encontra-se degradado ( <b>Figura C</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

40	Fontes Documentais / Bibliografia	(MADALENO e FERREIRA, 2015);  (PINHEIRO, 2009b);  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000j).
----	-----------------------------------	---

41	Sítios/Elementos Relacionados ou Associados	-
----	---	---

42	Património Móvel Integrado	-
----	----------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p data-bbox="683 1653 1284 1720"><b>Figura A:</b> Edifício fachada Norte (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
----	--------------------------	--



**Figura B:** Entrada na fachada Norte (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Fachada Este do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura D:** Entrada do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

		 <p><b>Figura E:</b> Entrada do edifício principal parede Este (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
--	--	--

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

**MED (24) - Alberto Miguel**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Alberto Miguel
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Alberto Miguel
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O edifício atual ainda preserva os dois pisos e respetivos anexos (casa do guarda, vestiários, instalações sanitárias e armazéns) (<b>Figura A e B</b>) (PINHEIRO, 2009b :552). Através dos efeitos de degradação ambiental é possível visualizar que o edifício seria feito de tijolo e cimento.</p> <p>O edifício foi construído nos inícios da década de 40 do Séc. XX, sendo que devido a Segunda Guerra Mundial teve-se de se optar pela construção em cimento, em vez da construção em granito devido a motivos económicos (PINHEIRO, 2009b :552).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em 1940, a firma “Alberto Miguel &amp; Irmão”, pediu autorização ao Grémio dos Indústrias de lanifícios da Covilhã para a instalação de uma tecelagem mecânica na ribeira da Carpinteira (PINHEIRO, 2009b :552). Tendo o projeto desta fábrica, definido pelo arquiteto Manuel João Calais, sido completo no dia 1 de setembro de 1943 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a).</p> <p>Porém a dissolução desta firma no dia 21 de janeiro de 1944, levou o empresário Alberto Rodrigues Miguel a tomar cargo desta unidade fabril. No dia 10 de fevereiro de 1944, este industrial inscreveu-se no Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã com a firma “Alberto Miguel”, e fica com o passivo ativo da empresa anterior. Em 1946, o nome da firma foi novamente alterado para “Alberto Miguel, Sucrs.”. Esta fechou a 10 de dezembro de 1963, com o industrial a mudar a atividade para a Estrada de Aldeia da Vila do Carvalho (PINHEIRO, 2009b :552).</p> <p>Na década de 70 do Séc. XX, este edifício passou para a firma “Craveiro Martins &amp; Rosa, L.<sup>da</sup>”, uma sociedade de quotas datada de 1945, com um capital social de 200.000 escudos (PINHEIRO, 2009b :552).</p> <p>Em 1986, um violento incêndio destruiu as secções de fiação e tecelagem, depois deste acontecimento a fabrica fechou. O espaço acabou por ser dividido em instituições de solidariedade conhecidas como a “Casa do Gaiato” e “Casa do Menino Jesus” (PINHEIRO, 2009b :552).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua da Indústria, nº 19
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286308, -7.509252
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1943	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1986	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Alberto Miguel (1944-1946); Alberto Miguel, Sucrs. (1946-1963); M. Figueiredo (Séc. XX); Belmiro Nunes de Moraes (anos 60 do Séc. XX); Craveiro Martins & Rosa, L. <sup>da</sup> (1972/3-1977) e Rosa & C <sup>a</sup> . (1978/9-1986) (PINHEIRO, 2009b :552).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a).
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fição, penteação e tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, esta unidade possuía cerca de 1000m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946).	
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Cimento, madeira, pedra (decorativo), tijolo e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Arquiteto Manuel João Calais (PINHEIRO, 2009b :552)
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Edifício degradado com telhado colapsado e coberto de vegetação.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);  (MADALENO e FERREIRA, 2015);  (PINHEIRO, 2009b);  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000a).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou</b>	-
-----------	---	---

	<b>Associados</b>	
--	-------------------	--

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Fachada do edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Portão de entrada do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
-----------	---------------------------------	--

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	Edifício em mau estado de conservação e em risco de ruína, com o interior exposto aos elementos. Seria importante realizar-se um projeto de conservação do edificado.
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (25) - Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L. <sup>da</sup>
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L. <sup>da</sup>
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo encontra-se na Estrada da Fábrica Velha junto a Fábrica Velha/ Campos Melo (MED (25)) e é composto por seis unidades fabris (<b>Figura A, B e C</b>) (PINHEIRO, 2009b :553).</p> <p>Este espaço constituiu um marco na modernização arquitetónica e tecnológica da produção dos lanifícios na Covilhã. O edificado é um projeto Alexandre Nunes Correia, com a ampliação feita pelo engenheiro Sílvio Arnaldo Dinis Morão. Esta unidade caracteriza-se por ter dado uma funcionalidade distinta a cada espaço (PINHEIRO, 2009b :553).</p> <p>O complexo utilizou exclusivamente energia elétrica. Foi também uma das primeiras unidades na Covilhã a instalar uma central elétrica o que a tornou autossuficiente em termos energéticos (PINHEIRO, 2009b :553).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em 1935, é formada a sociedade por quotas, de responsabilidade limitada designada “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>”, com sede neste edificado (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 137). Os sócios originais desta firma são: Adolfo dos Santos, Sebastião dos Santos Rosa, Adriano Dias Justo, Manuel da Conceição e a firma “Campos Mello, Irmão L.<sup>da</sup>”. A firma “Campos Mello, Irmão L.<sup>da</sup>”, realizou a sua quota através da transferência dos direitos de propriedade sobre os prédios urbanos, rústicos e uma mina, integrados no complexo da “Fábrica Velha” (PINHEIRO, 2009b :552-553). Nesse mesmo ano, de 1935, se edifica a fábrica aqui descrita nos terrenos doados (Fundo Histórico, Obras Particulares Antigas - Cx. Nº01/Proc. 24A, 1935).</p> <p>Em 1938, os sócios da firma “Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>”, adquiriram o terreno a firma “Campos Mello, Irmão L.<sup>da</sup>”. Entre os anos de 1942 e 1998, a empresa possui a secções de cardação, penteação, fiação e tinturaria. Os seus armazéns localizavam se na Rua Comendador Campus Melo (PINHEIRO, 2009b :553).</p> <p>Em meados dos anos 50 do Séc. XX, a empresa passa a ser um complexo sistema de</p>	

produção vertical (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 137).

Nos anos 60, a firma aumenta a sua produção de fios e alcança a liderança nacional a nível de produção de fio. Tendo exportado fios para a Europa Ocidental e membros da EFTA (PINHEIRO, 2009b :553). No final do Séc. XX, é líder nacional no setor dos fios e tecidos penteados bem como nos fios para tricot (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 137).

Nos anos 70, a empresa constrói uma nova unidade na Quinta da Várzea, no Parque Industrial da Covilhã (Canhoso). Onde começa a concentrar os seus equipamentos neste espaço, isto faz com que o edifício na ribeira da Carpinteira entre em decadência (PINHEIRO, 2009b :553).

Nos anos 80, a empresa é pioneira no desenvolvimento de um novo tipo de fibra artificial (Lycra). E em 1998, a unidade encerra neste espaço (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 137), e a empresa, Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L.<sup>da</sup>, transfere todas as suas máquinas para o Parque Industrial da Covilhã (PINHEIRO, 2009b :553).

Até ao encerramento deste complexo este exportava para países, como: Alemanha, Austrália, Áustria, Canada, Dinamarca, Espanha, EUA, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hong-Kong, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Israel, Japão, Noruega, Singapura, Suécia e Suíça (PINHEIRO, 2009b :553).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada da Fábrica Velha
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286214, -7.508024
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 – 1750	
		1750 – 1800	

		1800 – 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1935	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1998	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Nova Penteação e Fiação da Covilhã, L. <sup>da</sup> (1935-1998) (PINHEIRO, 2009b :553).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Combustão interna a diesel (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000I1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, penteação, tecelagem e tinturaria (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXIV)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	

		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais e fibras artificiais (nos anos 80 passou a usar Lycra).	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	6 (PINHEIRO, 2009b :553).	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, esta unidade possuía 3.700m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, vidro e betão (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/200011).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Moderno	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Engenheiro Alexandre Nunes Correia e mais tarde o Engenheiro Sílvio Arnaldo Dinis Morão (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/200011)	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	Este complexo em 1946, apresenta um	

	<p>projeto de ampliação de 4 corpos do complexo <b>(Figura C e D)</b> (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/200011).</p> <p>Em 1952, a uma nova ampliação em quatro dos edifícios do complexo <b>(Figura C e D)</b> (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/200011).</p> <p>Em 1956, uma nova ampliação com a criação edifício que servia como armazém, instalações sanitárias e secção de tinturaria <b>(Figura A)</b> (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/200011).</p>
--	--

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	As janelas do edificado apresentam algum nível de destruição. Entrada encontra-se bastante vandalizada com grafitis <b>(Figura A e B)</b> .
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(Fundo Histórico, Obras Particulares Antigas - Cx. Nº01/Proc. 24A, 1935);  (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS
-----------	--	--

		<p>LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946).</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/200011).</p>
--	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Fachada principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
-----------	---------------------------------	--



**Figura B:** Porta de entrada principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Traseiras do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

		 <p><b>Figura D:</b> Edifício Norte do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>. Edifício de elevado valor histórico, patrimonial e arqueológico. Tendo sido um marco na produção industrial da Covilhã no Séc. XX. Seria importante garantir a conservação desta estrutura, com os devidos trabalhos de restauro e estudo arqueológico.</p>
----	-------------	--

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

**MED (26) - Fábrica Velha/ Campos Melo**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	X
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	X
	<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>		

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Fábrica Velha/ Campos Melo
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	Fábrica de Sarjas e Baetas/ Casa de teares, pisão e prensas e Campos Mello & Irmão
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	D. Luís de Meneses, Conde da Ericeira
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo atual foi construído no Séc. XX, composta por dois corpos adossados, de planta retangular. As fachadas rasgadas por vãos retilíneos e caixilharia simples (FIGUEIREDO, 2009b).</p> <p>O edificado era composto por dois corpos de planta retangular simples, com coberturas</p>

em duas águas. A fachada principal era rebocada (**Figura A**), e com edifícios adaptados ao desnível do terreno (FIGUEIREDO, 2009b). Toda a estrutura encontra-se bem iluminada com grandes janelas em arco de volta perfeita em pedra de granito e ferro, no piso térreo (**Figura B**).

Na área inacessível junto a ribeira ainda é visível algumas marcas dos equipamentos de quando era usado a energia hidráulica como fonte principal de energia (**Figura C**), com um grande complexo em alvenaria de pedra ainda visível junto a ribeira da Carpinteira (**Figura C**) (PINHEIRO, 2009b :556).

O portão de entrada em pedra e ferro encontra-se como o original e preserva ainda uma das esferas em pedra granítica que serviam de decoração (**Figura D**). Nas traseiras do edifício encontra-se ainda conservada a chaminé industrial (**Figura E**).

## 8 Resumo Histórico

Este complexo inicialmente era denominado de Fábrica Nacional de Sarjas e Baetas. Contudo passou a ser designada “Fábrica Velha”, após a construção da Real fábrica dos Panos em 1764 na ribeira da Goldra (PINHEIRO, 2009b :554). Ainda existem algumas evidências de campo desta primeira manufatura que foi transformada pela firma “Campos Melo & Irmão” (PINHEIRO, 2017 :139).

De acordo com o contrato de fundação da fábrica datado de 1677, foi durante o reinado de D. Pedro II pela intervenção de D. Luís de Meneses, Conde da Ericeira (PINHEIRO, 2017 :139). Tendo este espaço sido administrada por uma sociedade composta por André Nunes, Jorge Frois Nunes e Luís Romão de Sinel (PINHEIRO, 2009b :554 e SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 47). Para esta unidade foram contratados especialistas estrangeiros para ensinar os operários covilhanenses as novas técnicas de produção têxteis (FIGUEIREDO, 2009b e MARTINS, 2011 :3).

Em 1680, este complexo laborava com 17 teares e atingiu o seu pico em 1682. Contudo a partir de 1690, este complexo entrou em crise, o que levou estabelecimento a fechar portas, em 1703 (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 47).

No ano de 1718, foi realizado um novo contrato de exploração do espaço com a nova administração de António Fróis Neto de Jorge Fróis Nunes (PINHEIRO, 2009b :554). Em 1734 este complexo possuía pisão, tinte e prensa onde laboravam 20 pessoas (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 47).

Em 1734, o padre Cabral de Pina descreveu a fábrica como tendo um pisão, tinte, prensa e cerca de 20 trabalhadores. Entre 1764 e 1777 foram contratados mestres catalães, belgas, de franceses e italianos (FIGUEIREDO, 2009b).

No ano de 1780, o complexo de José Henriques de Castro era composto por duas

unidades distintas: uma fábrica com tecelagem e uma tinturaria com râmolas, que ficaria neste sítio (PINHEIRO, 2009b :554).

No ano de 1802, durante a administração do Sargento-mor António Joaquim Raposo este espaço possuía três râmolas e laborariam mais de 50 operários, dos quais 21 eram escarduçadores, dois cardadores, um urdidor e três enroladores, 25 trabalhavam na casa dos teares, oito no pisão, três na tinturaria. E ainda outros operários não contabilizados que laboravam na fiação e cardação (PINHEIRO, 2009b :554).

No Séc. XIX, a fábrica passou a ser administrada por Ana de Castro (viúva de José Henriques de Castro). Até a sua filha, D. Antónia Joaquina de Castro ter casado com o industrial António José Raposo que passou a administrar este complexo (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 47 e FIGUEIREDO, 2009b).

Com o proprietário António José Raposo, no ano de 1815, a manufatura denomina-se “casa de teares, pisão e prensas”. Onde laboravam 21 trabalhadores dos quais 4 mestres, 10 oficiais, 3 aprendizes e 4 serventes. O complexo também teria 2 pisões instalados, um explorado por Francisco Duarte de Paula Leitão e um segundo “inabitado” (PINHEIRO, 2009b :554).

Em 1816, o complexo é denominado pela primeira vez como “Real Fábrica de Tecidos de Lã”, com o proprietário António José Raposo. Nesta fase havia menos trabalhadores que no passado com apenas este 13 trabalhadores, 2 mestres, 10 oficiais e 1 servente (PINHEIRO, 2009b :554).

Com a morte de António José Raposo, D. Antónia Joaquina de Castro passa a alugar o complexo que começou a entrar em decadência (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 47 e FIGUEIREDO, 2009b).

No ano de 1851, dá-se um incêndio neste complexo (FIGUEIREDO, 2009b), este destruiu grande parte da estrutura original (SILVA, 2014 :47).

No dia 12 de novembro de 1851, o edificado foi adquirido pela firma “Campus Mello & irmão” e realizou a reconstrução do complexo (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 47).

Num inquérito realizado em 1864, vê-se referido que a firma “Mello Geraldês & C<sup>a</sup>” é proprietária de um destes edifícios, tendo sido designado o complexo como uma “fábrica completa”, com 244 trabalhadores. A outra unidade pertencente a firma “Campos Mello & Irmão” que desenvolveu a atividade de ultimação com 57 trabalhadores (PINHEIRO, 2009b :555).

Em 1881, o gerente deste complexo era José Maria da Silva Campos Mello que laborava com 4 mestres, 3 escriturários e 57 operários. No ano de 1889, a firma “Mello Geraldês & C<sup>a</sup>” foi distinguida com medalha de prata na Exposição Mundial de Paris. E com a inauguração do troço de caminho de ferro à Covilhã, no dia 6 de setembro de 1891, esta foi

uma das quatro unidades fabris visitadas pela família real (PINHEIRO, 2009b :555).

No ano de 1895, foi fundada a firma “Campos Mello & Irmão”, desta nova sociedade eram membros Maria Amália da Silva Campos Mello e Mattos (viscondessa da Coriscada), Maria da Luz Silva Campos Mello, Manuel Nunes Giraldes, José Maria da Silva Campos Mello, José Maria de Mello e Castro, Francisco Joaquim da Silva Campos Mello, Francisco Eugénio de Mello e Mattos, José Maria de Campos Mello, José Guilherme de Castro e João Augusto Mello e Mattos (PINHEIRO, 2009b :555).

Entre julho de e agosto de 1899, foi atribuído um contrato três anos para o fornecimento de artigos destinados ao exército à firma “Campos Mello & Irmão” (PINHEIRO, 2009b :555). No ano de 1909, foi designado um novo mestre, o Luís Thoratien. Em 1920, um incêndio destruiu parte do imóvel (FIGUEIREDO, 2009b).

Em 1935, foi celebrado o centenário da firma “Campos Mello & Irmão” neste complexo, com uma sessão solene onde estiveram instituições publicas sociais, bem como diversos representantes da indústria nacional e local (PINHEIRO, 2009b :555).

Nos anos 30 do Séc. XX, a firma “Campos Mello & Irmão, L.<sup>da</sup>” e por consequência este complexo entraram em decadência, devido a problemas financeiros. Isto agravou-se com incapacidade de pagar as várias dividas acumuladas na tentativa de modernizar as máquinas antigas, durante o pós-guerra, mesmo com a empresa a beneficiar do Plano Marshall (PINHEIRO, 2009b :555).

Isto levou a família Campos Mello a pôr fim a sua administração da Fábrica Velha. A compra deste edifício foi feita por Joaquim Fernandes Ferreira Simões (industrial de Seia), com Emília Ribeiro Campos Mello Giraldes e António Fernandes, também a adquiriam as quotas de alguns dos membros da família Campos Mello. O Banco de Fomento também procura resgatar as dividas da firma, esta apesar da nova administração mantém o nome original (PINHEIRO, 2009b :555).

Em julho de 2003, esta unidade cessa a atividade têxtil e não possui novas ocupações. No dia 20 de fevereiro de 2006, foi realizado um despacho de abertura do processo de classificação deste edifício, assinado pela vice-presidente do IPPAR. No dia 7 dezembro de 2016, é publicada a abertura de procedimento de classificação do conjunto industrial (FIGUEIREDO, 2009b).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada da Fábrica Velha
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã

<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286829, -7.507047
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Privado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	X
		1750 - 1800	X
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1677	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2006	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Fábrica de Sarjas e Baetas [administração por contrato] (1677-1703?); António Fróis Nunes [contrato de aforamento, em 1718, por três vidas] (1718-2789?); Simão de Carvalho (1789?-18__); José Henriques de Castro (1779-17__); Brites Maria Teodora (17__-181__); António José Raposo (1814-1818); Real Fábrica de Tecidos de Lã (1816); D. Antónia Joaquina de Castro Raposo (1818-184__); Cassiano José Joaquim Alves (1821?-1827?); António Nunes de Sousa (1837?-1843?);	

	Campos Mello & Irmão (1845-1908); Mello Geraldes & C. <sup>a</sup> (1851-193_?); Campos Mello & Irmão, L. <sup>da</sup> . (1908-2006); Manuel Abílio (1940-19__); G. de Melo e Castro & C. <sup>a</sup> (1937?-1965?); José d' Oliveira Robalo (1938-19__); Manuel Baptista Grifo, L. <sup>da</sup> . (1947-1949/50) e M. Lourenço & C. <sup>a</sup> (1965-1989) (PINHEIRO, 2009b :554).
--	--

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica, energia a vapor e eletricidade da rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000t)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fição, tecelagem, tinturaria e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXVI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	5 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000t)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946 esta unidade possuía 6.700m <sup>2</sup> área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, tijolo, ferro, vidro e telha.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Moderno

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Arquiteto A. Lopes Galvão
-----------	--	---------------------------

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	<p>Em 1843, esta unidade possuía tinturaria e ultimateção. Tendo sido posteriormente construído um edifício destinado à cardação, fiação, apisoamento, tosa e percha num terreno adquirido a André da Fonseca Corsíno (PINHEIRO, 2009b :554).</p> <p>O complexo apesar de ter sido fundado no Séc. XVII, foi praticamente todo remodelado e ampliado no Séc. XIX, aquando aquisição da firma “Campos Mello &amp; Irmão” (PINHEIRO, 2009b :556).</p>

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	Em processo de classificação desde 2016.

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	As janelas do edificado encontram-se bastante vandalizadas ( <b>Figura A e B</b> ). Portão encontra-se algo danificado com uma da esfera em granito da esquerda do muro destruída ( <b>Figura D</b> ). Coroa da chaminé industrial encontra-se destruída ( <b>Figura E</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);  (FIGUEIREDO, 2009b);  (MADALENO e FERREIRA, 2015);  (MARTINS, 2011);  (PEREIRA, 1897a);  (PINHEIRO, 2009b);  (PINHEIRO, 2017);  (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);
-----------	--	--

		(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000t);  (SILVA, 2014).
--	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Em 1680, este complexo possuía 17 teares e laborar neste espaço (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 47).</p> <p>No ano 1842, a unidade possuía um motor hidráulico com uma roda de madeira com potência de 6 cv (PEREIRA, 1897a :131).</p> <p>Nos finais da década de 40, foi instalada um lavadouro americano de James Hunter, <i>Machine Company de North Adams</i>. Este é um tanque interior, de grandes dimensões (FIGUEIREDO, 2009b), com o comprimento de 73 m, acionado por 53 motores elétricos, considerada a coluna de lavagem mais moderna da Europa e encontra-se <i>in situ</i>. Tendo este equipamento sido financiada pelo Plano Marshall, através do Fundo de Fomento Nacional. Este tinha a capacidade de lavar 2000 kgs por hora (PINHEIRO, 2009b :556).</p>
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal do edifício, onde se pode observar a estrela no seu topo entre as duas esferas iguais as que se encontram na entrada (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura B:** Janela da fachada principal (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).



**Figura C:** Foto dos edifícios que acompanham o declive da ribeira da Carpinteira (fotografia de Rodrigo Dias (6/1/2021)).



**Figura D:** Entrada principal da Fábrica Velha/ Campos Melo (fotografia de Rodrigo Dias. 6/1/2021).

		 <p><b>Figura E:</b> Chaminé da “Fábrica Velha/ Campos Melo” (MED (26)). (fotografia de Rodrigo Dias. 8/9/2021).</p>
--	--	--

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Estrutura em estado razoável de conservação que apesar de já não possuir muita da estrutura anteriores ao Séc. XIX. Este complexo é um marco importante na história da revolução industrial da Covilhã e seria importante a sua conservação.</p>
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

**MED (27) - Jerónimo Dias Freire**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Jerónimo Dias Freire
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Jerónimo Dias Freire
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Igreja Evangélica Pentecostal Assembleia de Deus

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	O edifício possui dois pisos, de construção moderna ( <b>Figura A e B</b> ) (PINHEIRO, 2009b :556). Na base da estrutura que não foi pintada é possível ver que as paredes mestras são em granito.

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
	A firma “Jerónimo Dias Freire”, que fundou este espaço, foi formada em 1926. Tendo

inicialmente laborado em edifícios arrendados até ao ano de 1940 (PINHEIRO, 2009b :556).

Em 1950, dá-se a fundação deste imóvel quando a firma “Jerónimo Dias Freire” adquire a autorização para construir este imóvel (MADALENO e FERREIRA, (2015) :50). Este espaço foi constituído com dois corpos para instalar uma tecelagem, garagem, três armazéns e instalações sanitárias (PINHEIRO, 2009b :556). Atualmente o edifício encontra-se alterado para espaço de culto (Igreja Evangélica).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua da Indústria, nº 11
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285747, -7.508204
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1950	

<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	196_ ?
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Jerónimo Dias Freire (1950-196_) (PINHEIRO, 2009b :556).

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	-
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação e tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :L)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (PINHEIRO, 2009b :556).
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, metal, vidro e telha.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Moderno

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Espaço de culto
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

42	Património Móvel Integrado	-
----	----------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Fachada Este do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Entada do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).</p>
----	--------------------------	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (28) - Alexandrino Fernandes Nogueira**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Alexandrino Fernandes Nogueira
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Alexandrino Fernandes Nogueira
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Atelier de costura/ EXLIBRIS/ Merendola e Seguros Tranquilidade

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo composto por três imóveis, construído originalmente, na primeira metade da década de 40 do Séc. XX. O primeiro edifício em nave e teria dois pisos, cobertos por um telhado de três águas suportado por asnas em madeira, com paredes em alvenaria de pedra rebocadas, fenestração ampla e regular e usado o sistema tradicional na sua construção(PINHEIRO, 2009b :557). Atualmente, esta estrutura esta bastante alterada devido a reaproveitamento para discoteca <b>(Figura A e B)</b>.</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A empresa de “Alexandrino Fernandes Nogueira” iniciou a sua atividade, em 1939, na rua de Santa Maria. Tendo transferido os seus equipamentos de produção de lanifícios para oficina de “Maria José Sousa Peixoto &amp; Irmãos”. A construção do sítio primeiro edifício deste complexo data de 1940 (PINHEIRO, 2009b :557).</p> <p>Em 1973, a empresa “Alexandrino Fernandes Nogueira” encerrou a sua atividade industrial e cancelou a sua inscrição no Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã. Este complexo acabou por ser adquirido pela empresa “Gíria &amp; C<sup>a</sup>., L.<sup>da</sup>”, que se dedicou a tecelagem. Possuía também estruturas de apoio, desde uma oficina de fundição, serrilharia e carpintaria (PINHEIRO, 2009b :557).</p> <p>Com o encerramento desta firma o complexo não voltou a alojar qualquer atividade ligada a produção têxtil (PINHEIRO, 2009b :557).</p> <p>No ano de 1973, o complexo foi adquirido pelo empresário João Vaz de Sousa alugou o espaço ao “Auto Jardim”, até 1982. Em 1984, o edificado mais a Sul foi adquirido pela companhia de Seguros “Tranquilidade” <b>(Figura C e D)</b>. Nos anos 90, esta unidade foi adaptada para restauração e espaços de lazer (PINHEIRO, 2009b :557).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Av. Frei Heitor Pinto, nº 22, 21, 20 e 18
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285461, -7.508148

<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 – 1750	
		1750 – 1800	
		1800 – 1850	
		1850 – 1900	
		1900 – 1925	
		1925 – 1950	X
		1950 – 1975	X
		1975 - 2000's	X(?)
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1940	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	197_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Alexandrino Fernandes Nogueira (1941-1973); João de Sousa (1973-197_) e Gíria & C <sup>a</sup> ., L. <sup>da</sup> (1973-19__) (PINHEIRO, 2009b :557).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XLVIII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	Agricultura	
-----------	------------------	-------------	--

		Civil	
		Comunicações	
		Extração	
		Militar	
		Religiosa	
		Serviços	
		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	Têxteis	

26	Matérias-Primas	Fibras industriais	
27	Produtos finais	Tecidos	

28	Número de edifícios/elementos	3 (PINHEIRO, 2009b :557).	
29	Área total histórica	Em 1946, esta unidade possuía 919 m <sup>2</sup> (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)	

30	Materiais de Construção	Madeira, pedra, vidro, telha e ferro (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c).	
31	Sistemas de Construção	Mista	

32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-
----	---------------------------------	---

33	Uso atual	Discoteca noturna/ Restauração/ Atividades lúdicas e Edifício de seguros
34	Ampliações	<p>No edifício principal é da segunda metade do Séc. XX. Ouve uma ampliação que visava aumentar a área de produção, na secção do edifício mais a Norte (<b>Figura B</b>). Este imóvel de quatro pisos possuía um sistema construtivo moderno de pilar/viga, dispõe de fenestração regular, caixilharia em ferro que foi substituída nos pisos superiores, por uma mais apropriada às novas ocupações (PINHEIRO, 2009b :557).</p> <p>O edifício destinado a acomodar os escritórios e o armazém da firma, data de 1945, foi construído num modelo de construção mista, com quatro dos pisos em pavimentos de soalhos de pinho. A cobertura foi assente em asnas de madeira com telhado de quatro águas, as paredes seriam em alvenaria de pedra e se encontram rebocadas (<b>Figura C e D</b>) (PINHEIRO, 2009b :557).</p> <p>O edifício datado de 1943, (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c), seria a casa do guarda, construída num um sistema tradicional. Com uma cave, um piso, cobertura de duas águas em telha mourisca e aberturas nas várias fachadas coincidentes com a natureza habitacional atual do espaço (PINHEIRO, 2009b :557). O edificado encontra-se atualmente demolido (<b>Figura E</b>).</p>

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);  (MADALENO e FERREIRA, 2015);  (PINHEIRO, 2009b);  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Complexo do edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura B** Pormenor da fachada principal do primeiro edifício não alterada pela construção da discoteca (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura C:** Fachada principal do segundo edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura D:** Fachada Norte do segundo edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).

			
		<p><b>Figura E:</b> Local do terceiro edifício este encontra-se demolido (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).</p>	

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

**MED (29) - Sociedade Fiandeira Mirense/ Borges Terenas & Irmão**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Sociedade Fiandeira Mirense/ Borges Terenas & Irmão
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Sociedade Fiadeira Mirense
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	MODATEX

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O edifício construído em alvenaria de pedra com três pisos, teria uma área administrativa e a secção de tecelagem. Apesar do projeto para a instalação da oficina de automóveis alterou o complexo (<b>Figura A e B</b>), porém preservou as volumetria e fachadas originais (PINHEIRO, 2009b :558).</p> <p>No segundo e terceiro piso do edificado, encontra-se a Modatex (Centro de formação Profissional e Industrial Têxtil, Vestuário, Confeções e Lanifícios) (<b>Figura A</b>).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A 11 de janeiro de 1933, a firma “Sociedade Fiadeira Mirense” submete a aprovação de um projeto para a construção deste edifício fabril. A data de alvará aponta para 6 de agosto de 1935 (PINHEIRO, 2009b :558).</p> <p>Em 1947, a firma “Borges Terenas &amp; Irmão” apresenta um novo projeto de construção deste edificado. E no ano de 1949, moveu-se para o edifício, tendo-se instalado com a atividade de tecelagem até ao ano de 1951 (PINHEIRO, 2009b :558).</p> <p>No ano de 1951, com as alterações do pacto social a firma anterior passa a designar-se “António Neves &amp; C.ª”, com a colaboração Mário Borges Terenas. Esta firma alugou a secção de Tecelagem à empresa “Borges Terenas &amp; Irmão” durante um ano (PINHEIRO, 2009b :558).</p> <p>A 3 de novembro de 1955, por decisão da Assembleia Geral da firma “Borges Terenas &amp; Irmão”, Vicente da Costa Borges Terenas foi nomeado como gerente (PINHEIRO, 2009b :558). Dez anos depois após a dissolução da firma “António Neves &amp; Irmão, L.ª”, a empresa passa a designar-se “Borges Terenas &amp; Irmão, L.ª”, esta nova sociedade comercial seria por quotas (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m).</p> <p>Em 1988, a firma “Borges Terenas &amp; Irmão, L.ª” cessou a sua atividade neste espaço. As instalações foram vendidas a um consorcio constituído pelo “Centro de Emprego e Formação Profissional dos industriais de lanifícios (ANIL)”, com o objetivo de estabelecer um centro de formação para a indústria do vestiário e da coinfecção, designado “Centro de Formação Profissional para a Indústria de lanifícios” (CILAN) e “Centro de Formação para a Indústria do Vestuário e Confeção” (CIVC) (PINHEIRO, 2009b :558). Este espaço no rés-do-chão foi ocupado por uma oficina de mecânica.</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua Dr. Júlio Maria da Costa, nº 25
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285137, -7.50897
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1947	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1988	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Sociedade Fiadeira Mirense (1949-1951); Borges Terenas & Irmão (1949-1988) e António Neves & C.ª (1951-1965) (PINHEIRO, 2009b :558).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Teceragem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XLVI)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	

		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, vidro e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Oficina (automóvel)/ Centro de formação	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	As alterações verificadas registaram-se na	

		área dos escritórios fabris, devido a sua nova utilização como espaço de formação (PINHEIRO, 2009b :558).
--	--	---

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015);  (PINHEIRO, 2009b);  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Fachada principal (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Parede de tijolo no interior do edifício rés-do-chão (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).</p>
----	--------------------------	---

46	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

47	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p style="text-align: center;">Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p style="text-align: center;">8/10/2021</p>
----	--------------------	--

**MED (30) - Clemente Petrucci & Irmão**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Clemente Petrucci & Irmão
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Clemente Petrucci & Irmão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>Este complexo, destaca-se na paisagem devido a grande chaminé em tijolo (<b>Figura A e B</b>) (PINHEIRO, 2009b :559).</p> <p>Este centro produtor é composto por três edifícios em alvenaria de pedra. Os diferentes edifícios são de datações distintas, tendo o primeiro sido construído em 1933. O complexo possui uma casa de habitação que pertencia ao empresário da fábrica (<b>Figura C</b>) (PINHEIRO, 2009b :559).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A sociedade “Clemente Petrucci &amp; Irmão” foi fundada em 1920 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n), entre os empresários Clemente Nunes da Costa Petrucci e Francisco Sales Petrucci (PINHEIRO, 2009b :559).</p> <p>Em 1933, esta firma adquiriu terreno no Bairro Municipal da Covilhã (local deste complexo) a Câmara Municipal da Covilhã, para construir uma tinturaria (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n). Em 1946, esta unidade possuía 35 trabalhadores, na época a mais importante tinturaria da região (PINHEIRO, 2009b :559).</p> <p>No ano de 1979, é constituída a empresa “CIL” (Complexo de Lanifícios, L.<sup>da</sup>), que foi o resultado da fusão das firmas “Clemente Petrucci &amp; Irmão”, “Cristiano Cabral Nunes” e “Indutêxtil”. No ano de 2000, a firma “STBI” (Sociedade Têxtil da Beira Interior) explora o sítio com uma administração nomeada pelo Estado. Esta firma acaba por vender todo o equipamento, matérias-primas e produtos acabados desta fábrica à FITECOM (PINHEIRO, 2009b :559).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua Afonso Domingos, nº5
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284757, -7.509055
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	

		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1933	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	200_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Clemente Petrucci & Irmão (1933-1979); CIL – Complexo de Lanifícios, L. <sup>da</sup> (1979-2000) e STBI-Sociedade Têxtil da Beira Interior, S.A. (2000-200_) (PINHEIRO, 2009b :559).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n) e vapor (PINHEIRO, 2009b :559).	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Tinturaria (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XLIV)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	

		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	Tinturaria	

26	Matérias-Primas	Tecidos	
27	Produtos finais	Tecidos tingidos	

28	Número de edifícios/elementos	4 (PINHEIRO, 2009b :559).	
29	Área total histórica	Em 1946, esta unidade possuía 1.000m <sup>2</sup> (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946).	

30	Materiais de Construção	Madeira, pedra, ferro, vidro, aço e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n).	
31	Sistemas de Construção	Misto	

32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-	
----	---------------------------------	---	--

33	Uso atual	-	
34	Ampliações	Em maio de 1947, a firma “Clemente Petrucci & Irmão” realiza o pedido de ampliação a Câmara da Covilhã ( <b>Figura A e E</b> ) (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº18/Proc.	

1286A, 1947).

Segundo uma carta de memoria descritiva, é indicada a ampliação do edifício para Este e Oeste do complexo inicial, tendo estes dois novos anexos servido como armazém, refeitório e vestiário. As paredes mestras são em alvenaria de granito, com as divisórias em tijolo e rebocadas a cal. As paredes do refeitório foram revestidas a azulejo até a altura 1,70 m. O chão dos pisos é em betonilha. A caixilharia das janelas e a porta foram construídas em ferro iguais as já existentes. As vigas do telhado são em madeira de pinho, com cobertura em telha de tipo marselha (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº18/Proc. 1286A, 1947).

Mais tarde 1957, a casa do proprietário foi construída, num sistema de construção misto **(Figura C)** (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n e PINHEIRO, 2009b :559).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Terraço do complexo coberto de vegetação e o revestimento da estrutura bastante degradado <b>(Figura A e C)</b> .
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

39	Inscrições	Portão em ferro no topo indicado a data de 1933, com decorações geometrias em losango na secção mais baixa e no topo decoração geometria em círculo ( <b>Figura D</b> )
----	------------	---

40	Fontes Documentais / Bibliografia	<p>(Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº18/Proc. 1286A, 1947);</p> <p>(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015 :XLIV);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n).</p>
----	-----------------------------------	--

41	Sítios/Elementos Relacionados ou Associados	-
----	---	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Em 1965, foi instalado nesta unidade industrial 46 barcas de tingir, 14 em aço inoxidável e 32 em madeira; 12 barcas de tingir fios de rama, 11 em aço inoxidável e uma em madeira; 41 aparelhos de tingir fios, penteados e em rama, 40 em aço inoxidável dos quais cinco de alta pressão; um aparelho de ferro para tingir algodão; dois aparelhos em aço inoxidável para tingir tecidos, um do tipo estrela e outro de alta pressão; um aparelho em aço para lavar fios; um</p>
----	----------------------------	---

		de secar e alisar penteados ( <i>liseuse</i> ); um hidro-extrator; duas estufas; um vaporizador; uma calandra; um dínamo; cinco máquinas a vapor duas bombas de alimentação de água; duas caldeiras geradoras a vapor; um bobinador de 40 fusos; uma meadeira de 30 meadas; 82 motores elétricos com 251 CV, e equipamento de laboratório de tinturaria (PINHEIRO, 2009b :559).
--	--	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Fachada principal lado direito (edifício ampliado em 1947 é o mais a direita) (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).</p>
-----------	---------------------------------	--



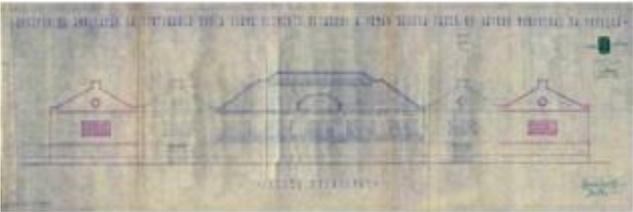
**Figura B:** Chaminé da fábrica “Clemente Petrucci & Irmão” (MED (30)) (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).



**Figura C:** Edifício do proprietário da fábrica (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



		<b>Figura D:</b> Portão do edifício principal (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).
--	--	--

		
<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	<b>Figura E:</b> Alçado da fachada principal com a ampliação a cor-de-rosa da unidade produtiva Clemente Petrucci & Irmão, em 1947 (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº18/Proc. 1286A, 1947).

		Toda a estrutura produtivo, laboratório, casa do empresário e tinturaria encontram-se sem grandes alterações. Este edificado era uma importante tinturaria da Covilhã no Séc. XX, por isso seria importante realizar-se e mais estudos no campo da arqueologia em todo o complexo.
<b>46</b>	<b>Observações</b>	

		Rodrigo João Leitão Beato Dias
<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	8/10/2021

MED (31) - José Dias D'Assumpção

1	CATEGORIA		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
Património Paisagístico / Paisagem			

2	Sub-Categoria	Sítio	X
		Edifício/Elemento	
		Complexo	
		Conjunto	

3	Nome / Designação / Identificação	José Dias D'Assumpção
4	Outros Nomes	Januário Dias & Irmão
5	Nome da Entidade fundadora	José Dias D'Assumpção
6	Entidade Proprietária atual	Liga dos Amigos do Bairro dos Penedos Altos (apenas o anexo adossado a Este)

7	Descrição
<p>Este sítio caracteriza-se pela existência de um edifício fabril e na sua área envolvente um conjunto de habitação operários, râmolas de sol (<b>Figura A</b>) e estendedouros. Estes atualmente ainda são visíveis apesar de apresentarem alguns níveis de degradação.</p> <p>O edifício fabril com 3 pisos, apresenta paredes de pedra com fenestração regular. A cobertura do telhado é em duas águas com telha do tipo marselha. Apesar de ter sido reabilitado para área urbana o traçado original foi mantido (<b>Figura B, C, D e G</b>) (PINHEIRO,</p>	

2009b :561).

O bairro operário era composto de cinco casas de habitação, de um piso, construção tradicional em pedra e madeira e fenestração regular do tipo guilhotina com caixilho em madeira. A cobertura do telhado era em telha do tipo marselha (PINHEIRO, 2009b :561).

Por cima da área das râmolas de sol encontrar-se-iam três habitações (PINHEIRO, 2009b :561). Destas ainda se encontra uma estrutura de madeira conservada e uma pequena escadaria em granito que daria acesso a unidade fabril (**Figura D, E e F**).

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>O nome de José Dias D´Assumpção, encontra-se referido em duas unidades fabris localizadas na Covilhã em diferentes locais, com um desses sítios na ribeira da Carpinteira (PINHEIRO, 2009b :560).</p> <p>No dia 11 de fevereiro de 1854, num processo do arquivo de obras da Câmara Municipal da Covilhã, é apresentada uma reclamação por Januário Dias da Assumpção Neves, contra a firma “António Estrela &amp; Cª”, sendo referida uma possível pré-existência neste espaço (PINHEIRO, 2009b :560).</p> <p>No ano de 1888, a empresa “José Dias D´Assumpção” encontra-se a laborar nesta unidade fabril. Em 1904, surge a designação da firma “Januário Dias &amp; Irmão”, que provavelmente, já se localizava nesta unidade anterior a esta data (PINHEIRO, 2009b :560).</p> <p>Em 1912, a fábrica de lanifícios, passa a pertencer a Januário Dias de Assumpção Neves (PINHEIRO, 2009b :560).</p> <p>Esta a unidade é arrendada a firma “Fazenda &amp; Proença”. No dia 18 agosto de 1929, ouve um incêndio que destruiu a fábrica de lanifícios e uma das residências (PINHEIRO, 2009b :560).</p> <p>Em 24 de novembro de 1929, é publicado a venda das râmolas de sol de “Januário Dias” proprietário na altura deste espaço. E em 1962, a “António Maria das Neves”, encontra-se a laborar nesta unidade, esta firma é a última a trabalhar neste espaço (PINHEIRO, 2009b :561). Atualmente as traseiras da unidade encontra-se ocupado pela Liga dos Amigos do Bairro dos Penedos Altos (<b>Figura H</b>).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada do Sineiro, nº52
<b>10</b>	<b>Local</b>	Ponte dos Costas
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso

<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.287584, -7.512723
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X (?)
		1925 - 1950	X (?)
		1950 - 1975	
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	19__?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	José Dias D'Assumpção (188_-189_); Januário Dias & Irmão (189_-1912?); Fazenda & Proença (192_-1929) e António Maria da Neves (1929?-19__) (PINHEIRO, 2009b :561).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000w)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Tecelagem e tinturaria (MADALENO e FERREIRA,

		2015 :LXXXII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, vidro, telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000w).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Apoio social
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína/ Reabilitado (parcial)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Edificado bastante vandalizado, parte das janelas encontram-se destruídas com telhado do edificado Sul destruído ( <b>Figura B e C</b> ). O antigo bairro operário encontra-se parcialmente destruído apenas visível algumas estruturas em madeira ( <b>Figura E</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000w).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou</b>	Próximo da unidade ainda existem vestígios
-----------	---	--

	<b>Associados</b>	de uma estrutura de madeira carbonizada, local onde se encontrava um pequeno bairro operário ( <b>Figura E</b> ).
--	-------------------	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>De acordo com o inquérito industrial 1890, a firma “José Dias D’Assumpção”, da ribeira da Carpinteira, possui duas urdideiras, dois teares mecânicos, 14 teares mecânicos, dois teares manuais <i>Jacquard</i>, uma lavadeira, um pisão, uma percha, uma dorna e caldeira, quatro râmolas, uma tesoura longitudinal e uma escovadeira (PINHEIRO, 2009b :560).</p> <p>A novembro de 1906, é publicada a venda de 12 teares pertencentes a esta unidade (PINHEIRO, 2009b :560).</p> <p>A 19 de Março de 1916, publicita-se a venda do motor a gás desta unidade. A 16 de setembro de 1928, é publicitada para venda um surtido completo de cardar e fiar (PINHEIRO, 2009b :560).</p>
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Râmolos de sol (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura B:** Fachada principal do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura C:** Acesso a fábrica (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura D:** Escadaria de acesso a unidade fabril (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura E:** Marcas de uma estrutura de um edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).



**Figura F:** Aspeto do edificado e áreas anexas em 2015, antes do bairro operário ter sido demolido (seta vermelha) (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXXXII)



**Figura G:** Nesta fotografia antiga pode-se ver os dois edificados (seta vermelha) (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXXXII)



**Figura H:** Traseiras do edifício reconvertida para espaço lúdico (fotografia de Rodrigo Dias. 14/1/2021).

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (32) - Victor Sasseti & C.ª & António Maria das Neves & Irmãos**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Manuel Telles Feio e Manuel Nunes Mouzaco
----------	--	---

<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Manuel Telles Feio & Manuel Nunes Mouzaco
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo inicial era constituído por dois imóveis. Estes aproveitaram a sua localização nas proximidades da ribeira da Carpinteira como fonte de energia motora. A unidade encontrava-se equipada com duas roda hidráulica. Nos anos 40 do Séc. XX, o complexo cresceu para cinco edifícios. O conjunto também tinha um tanque de água que abastecia a ultimateção (PINHEIRO, 2009b :562).</p> <p>O edifício mais a Norte, possui algumas alterações entre elas a construção de um pequeno espaço com paredes feitas em cimento e um portão de metal (<b>Figura A, B e C</b>). O outro edifício localizado mais a Sul encontrava-se num local inacessível. Este foi demolido e apenas se encontra visível a base das paredes da estrutura (<b>Figura C e D</b>).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Admite-se que em 1853, um destes edifícios teria pertencido a empresa “António Nunes de Sousa &amp; Filhos”. Este complexo é considerado uma “fábrica completa”, que ocupou a área envolta da Ponte dos Costas (PINHEIRO, 2009b :561).</p> <p>No ano de 1901, a “Victor Sasseti &amp; C.<sup>a</sup>” encontrava-se a laborar em um dos edifícios fabris. No mesmo ano há relatos de um desastre numa obra realizada junto à fábrica da firma “Sasseti &amp; Guimarães” (PINHEIRO, 2009b :561).</p> <p>Em 1916, após a morte de José Claudino Guimarães, a unidade passou para os seus herdeiros que arrendam o espaço a firma “António Maria das Neves &amp; Irmãos” (PINHEIRO, 2009b :562).</p> <p>A 7 abril de 1919, “António Maria das Neves &amp; Irmãos” desenvolveu a atividade industrial de cardado, tecelagem, fabricação de mungos, tinturaria e ultimateção (PINHEIRO, 2009b :562). No ano de 1940 um incêndio destruiu parte do complexo (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g).</p> <p>O proprietário da fábrica, António Maria Neves, passou o controlo da sua sociedade, “António Maria das Neves &amp; Irmãos”, ao seu sobrinho Silvestre Bouhon Neves. Este laborou neste espaço até a revolução de 25 de abril, quando a sociedade passou para os operários, sendo-lhes arrendado as instalações deste espaço. A secção de ultimateção foi arrendada a</p>	

Armando Neves (PINHEIRO, 2009b :562).

Em 1980, a firma “António Maria das Neves & Irmãos” cessou a sua laboração nesta unidade. E no mesmo ano uma nova empresa, “José Manuel Mota Pereira Nina”, ocupou este sítio (PINHEIRO, 2009b :562). No ano de 1987, a firma “Fofinha – Fios para Tricot” ocupou o edifício mais a montante da Ponte dos Costas para produção de fios de tricot (PINHEIRO, 2009b :562).

O edifício que foi ocupado pela empresa “Victor Sasseti & C.ª”, que se localizava na margem esquerda da ribeira da Carpinteira, foi demolido em 2006 (**Figura D**) (PINHEIRO, 2009b :562).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua Marquês de Ávila e Bolama
<b>10</b>	<b>Local</b>	Ponte dos Costas
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.286650, -7.506050
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Privado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X

		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1853	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2008	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	António Nunes de Sousa & Filhos (1853-1892?); Francisco Barata & Irmão (1902-1910); Victor Sasseti & C.ª (1894-19__); Sasseti & Guimarães (Séc. XX); José Claudino Guimarães (1907-19__); Januário Dias de Assumpção Neves & Irmãos (19__-1912); António Maria das Neves & Irmãos (19__ - 1980); Armando Neves (Séc. XX); José Manuel Mota Pereira Nina (1980-1989) e Fofinha - Fios para Tricot (1989-2008) (PINHEIRO, 2009b :562).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia a vapor e eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fição, tecelagem, tinturaria e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXXX)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	

		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	5 (PINHEIRO, 2009b :562).	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, vidro, telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-	

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Razoável/ demolido (parcial)	
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-	

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	O edificado que ainda se encontra não demolido ( <b>Figura A</b> ), não apresenta danos significativos na estrutura com a exceção das janelas que se encontram partidas.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(BORGES, 2014); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Em 1907, a empresa “Francisco Barata & Irmão”, instalou um gerador de marca <i>Dauphinet &amp; Castay</i> , um gerador novo <i>Pierre Dumora</i> e um motor a gás, do tipo “Otto”. A novembro de 1906, publicitam a venda de 12 teares pertencentes a esta unidade (PINHEIRO, 2009b :560-561).
-----------	-----------------------------------	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal do edifício que ainda se encontra no sítio (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura B:** Edifício mais pequeno anexo ao maior (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura C:** Tanque do complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).

		 <p data-bbox="683 674 1348 748"><b>Figura D:</b> Aspeto do edifício demolido (BORGES, 2014 :235).</p>
--	--	--

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p data-bbox="683 1070 1348 1395">Apesar do edificado a Sul, se encontrar demolido (<b>Figura C e D</b>), devido a não se ter implementado mais nenhuma estrutura nesse local, ainda se podem ter conservado alguns vestígios arqueológicos deste edificado. Seria por isso importante um levantamento do sítio.</p>
----	-------------	--

47	Responsável e Data	<p data-bbox="810 1529 1214 1563">Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p data-bbox="938 1603 1082 1637">8/10/2021</p>
----	--------------------	--

**MED (33) - Arnaldo da Silva Carreira**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Arnaldo da Silva Carreira
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Arnaldo da Silva Carreira
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Espaço Mecânico AMG Oficina Premium Mercedes-Benz

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O Edifício possui uma nova utilidade que mantém a sua volumetria original, possui uma planta retangular que acompanha a curvatura da estrada. A unidade possui dois pisos e o telhado é em quatro águas com cobertura em telha (<b>Figura A</b>). Na proximidade da unidade encontra-se um pequeno portão ainda conservado que daria acesso as traseiras (<b>Figura B</b>).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em 1961, a firma “Arnaldo da Silva Carreira” pediu licença para instalar uma oficina de preparação de fios (PROCESSO 420 - Arnaldo da Silva Carreira). Esta nova unidade laborava com 11 operários (8 mulheres e 3 homens) (PINHEIRO, 2009b :562).</p> <p>Em carta de 8 de julho 1964, ao Grémio dos industriais de Lanifícios da Covilhã, a firma “Arnaldo da Silva Carreira”, cancelou a sua inscrição, devido a esta fábrica ter sido adquirida pela firma “Agostinho Dias Carreira Filhos, L.<sup>da</sup>”, que continuou a atividade de preparação de fios (PROCESSO 420 - Arnaldo da Silva Carreira).</p> <p>Na década de 90 do Séc. XX, o edifício foi adquirido pela empresa “Coverimo, L.<sup>da</sup>” que instalou uma caixilharia em alumínio (PINHEIRO, 2009b :563). Atualmente o edifício encontra-se ocupada por uma oficina de mecânica.</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada da Fábrica Velha, nº8
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285795, -7.505869
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbana

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	

		1925 - 1950	
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1961	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	199_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Arnaldo da Silva Carreira (1961-1964) e Agostinho Dias Carreira Filhos, L. <sup>da</sup> (1964-199_) (PINHEIRO, 2009b :562).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000i)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação e fiação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXX)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinfatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	

<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis
-----------	----------------	---------

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
-----------	------------------------	--------------------

<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Fios cardados
-----------	------------------------	---------------

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1
-----------	--------------------------------------	---

<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-
-----------	-----------------------------	---

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Ferro, vidro, pedra, aço e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000i).
-----------	--------------------------------	--

<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Oficina automóvel (total)
-----------	------------------	---------------------------

<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
-----------	------------------------------	---------------------

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
-----------	----------------	---

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 420 - Arnaldo da Silva Carreira);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000i).</p>
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Em carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, de 1961, por despacho diretor Geral dos serviços industriais, a instalação na Estrada da Fábrica Velha seria uma oficina de preparação de fios para malhas, tricôs e tapetes com um retorcedor de 100 fusos e uma bobinadeira-ajuntadeira de 40 fusos e uma meadeira (PROCESSO 420 - Arnaldo da Silva Carreira).</p>
-----------	-----------------------------------	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

		 <p><b>Figura A:</b> Fachada do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Portão de acesso às traseiras do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>
<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
-----------	---------------------------	--

MED (34) - António Estrela & C.<sup>a</sup>

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	X
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	António Estrela & C. <sup>a</sup>
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	António Nunes de Sousa & Filhos
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	António Nunes de Sousa & Filhos
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	New Hand Lab-Covilhã

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo seria composto de doze imóveis, sendo um deles uma habitação (<b>Figura A e B</b>), com um número de pisos variáveis (de 1 a 3 pisos) e com sistema de construção mista em alvenaria de pedra e taipa (PINHEIRO, 2009b :566). Este edificado também teria gradadouro, chaminé em tijolo (<b>Figura C</b>) e râmolas de sol (<b>Figura D</b>).</p> <p>Atualmente, apenas oito dos edifícios fabris continuam visíveis e a casa de habitação do empresário (PINHEIRO, 2009b :566). Parte do edificado pertence atualmente a New Hand Lab. Onde se encontram conservadas as caldeiras da fábrica (<b>Figura E</b>) e a estrutura onde</p>

estaria a roda hidráulica (**Figura F**).

## 8 Resumo Histórico

Este complexo possuía cardação, fição tecelagem, tinturaria e ultimação (PINHEIRO, 2009b :566), isto faz com que este complexo seja uma “fábrica completa”.

Em 1853, a firma “António Nunes de Sousa & Filhos” encontrava-se em laboração neste espaço. No ano de 1904, esta firma participa na Exposição Universal de St. Luis (EUA) (PINHEIRO, 2009b :566). Neste período os principais mercados dos panos desta unidade seria Mangualde, Coimbra, Porto e Lisboa (PEREIRA, 1897b :132).

Em 1905, com o casamento de António Estrela Henriques da Silva e Guilhermina Nunes de Sousa. António Estrela Henriques da Silva passa a gerir este complexo, sob a designação de “António Estrela & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>” (PINHEIRO, 2009b :566).

No ano de 1912, esta complexo já possuía treze edifícios (um servia como habitação), râmolas, um enxugadouro e um grudadouro. Também durante este período a unidade começou a modernização dos seus equipamentos industriais (PINHEIRO, 2009b :566).

Em 1914, a empresa deixou de depender da energia hidráulica, como fonte motriz primária, e coloca a venda a roda hidráulica que tinha as dimensões de 6,80m de diâmetro e 2 m de largura (PINHEIRO, 2009b :566).

No mês de dezembro 1934, alterações no pacto social da firma “António Estrela & C.<sup>a</sup>”, foi extinta e passa a designar-se como “Fábrica António Estrela & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>”. Faz parte desta nova sociedade os empresários João Rodrigues dos Santos, Arnaldo Estrela Henriques da Silva, António Arnaldo David Estrela, Celestina David Estrela e Amélia David Estrela, (os dois primeiros os gerentes desta firma) (PINHEIRO, 2009b :566).

A firma “Conde & Salvador”, em carta a Câmara da Covilhã no dia 13 de janeiro de 1941, que ocupou o espaço na faz um pedido para ampliação do espaço, na ribeira da Carpinteira. (PROCESSO 126 - Conde & Salvador). Porém esta ampliação não foi confirmada, pelo Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã.

Esta unidade, no ano de 1945, trabalhava principalmente com artigos de senhora nos finais dos anos 50 do Séc. XX e emprega cerca de 120 trabalhadores (PINHEIRO, 2009b :566). Num inquérito de obras sociais destinadas aos trabalhadores é indicado que este espaço possuía uma área com cantina em 1970 (PROCESSO 419 - M. Conde & C.<sup>a</sup>).

Em carta ao Grémio dos Industriais de lanifícios da Covilhã, a firma “Afonso, Filho” que trabalhou neste espaço desde 1960, terminou a sua laboração em 1973 (PROCESSO 403 - Afonso, Filho). No ano de 1977 a firma “M. Conde & C.<sup>a</sup>”, associa-se a empresa “Unilã” e desempenha a atividade de tecelagem, no antigo edificado de Manuel Conte (PINHEIRO, 2009b :566).

A partir de 1982, a firma “Tecitex L.<sup>da</sup>” de Júlio Afonso passa a ocupar este espaço (PINHEIRO, 2009b :566), esta é a última firma a laborar neste espaço, até ao ano de 2002 (SANLEZ, 2018). Atualmente o complexo está ocupado pelo museu New Hand Lab Museu.

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua Mateus Fernandes
<b>10</b>	<b>Local</b>	Ponte dos Costas
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285954, -7.504251
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1853	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2002	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	António Nunes de Sousa & Filhos (1853-1904);	

	António Estrela & C. <sup>a</sup> (1905-1934); António Estrela & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (1934-1958); Conde & Salvador (1937-1939); M. Conde (1939-1962); Afonso, Filho (1960-1974); M. Conde & C. <sup>a</sup> (1962-1973); Unilã (1977-1981) e Tecitex, L. <sup>da</sup> (1982-2002) (PINHEIRO, 2009b :566).
--	---

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica, energia a vapor, combustão interna a gás e central eletricidade própria (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000x)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem, tinturaria e ultimateção (MADALENO e FERREIRA, 2015) :LXXXIV)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	Inicialmente 12 unidades, contudo atualmente são apenas 8 visíveis (PINHEIRO, 2009b :566).
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, taipa, telha, vidro, ferro, zinco e azulejo (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000x).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Tradicional

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Museu
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	Diversas alterações ocorreram neste complexo desde a sua fundação, uma dessas expansões permitiu estabelecer uma ligação entre as duas margens da ribeira da Carpinteira, em 1912 (contudo a sua cronologia de construção é incerta) ( <b>Figura G</b> ) (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000x e PINHEIRO, 2009b :566).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
-----------	------------------------------	-----------

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	Edifício em vias de classificação como edifício de interesse público desde 2018 (DGPC, 2018). O espaço foi musealizado pelo New Hand Lab em 2013.
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(DGPC, 2018); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PEREIRA, 1897b :132); (PROCESSO 126 - Conde & Salvador); (PROCESSO 403 - Afonso, Filho); (PROCESSO 419 - M. Conde & C <sup>a</sup> .); (SANLEZ, 2018); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000x).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Em 1 de dezembro de 1853, o proprietário
-----------	-----------------------------------	--

		<p>António Nunes de Sousa Sénior neste espaço teria um motor hidráulico, com a força de motor de 12 cv (PEREIRA, 1897b :131).</p> <p>Segundo o inquérito de 1890, possuía um lavadouro; um enxugadouro; uma esfarrapadeira, uma variedadeira; uma escolhadeira; um lobo; dois sortidos de cardas; dois fiações com aparelhos e 540 fusos; uma retorcedeira com aparelho de 40 fusos; uma urdideiras; um grudadouro; duas caneleiras; 12 teares manuais sistema de <i>Jacquard</i>, 16 teares manuais; uma lavadeira, dois pisões, duas perchas, três dornas e caldeiras, sete râmolas mecânicas, e ao ar livre, duas tesouras longitudinais, uma escovadeiras, duas prensas e um fogão (PEREIRA, 1897 :132).</p>
--	--	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Foto do complexo fabril (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>
-----------	---------------------------------	---



**Figura B:** Entrada para o museu New Hand Lab (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura C:** Chaminé industrial (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).



**Figura D:** Râmolas de Sol (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura E:** Caldeira ainda conservada no interior da fábrica (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura F:** Casa da roda hidráulica (fotografia de Rodrigo Dias. 16/3/2021).

		 <p><b>Figura G:</b> Estrutura que liga o complexo (fotografia de Rodrigo Dias. 16/3/2021).</p>
--	--	---

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	<p>Edifício encontra-se musealizado por isso a sua proteção esta garantida. Contudo seria importante um estudo a nível das suas estruturas produtivas, como por exemplo as caldeiras que foram postas a descoberto.</p>
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
-----------	---------------------------	---

**MED (35) - Ranito Mesquita & C.<sup>a</sup>**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Ranito Mesquita & C. <sup>a</sup>
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	José da Silva Ranito
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo é composto primitivamente por doze edifícios e um tanque, contudo vários incêndios destruíram alguns dos edifícios em épocas distintas. Tendo o complexo se mantido mais ou menos inalterado até ao incêndio de 2000, que destruiu por completo dois dos edificad os mais antigos (<b>Figura A e B</b>). Num dos imóveis ainda é visível o local de implementação da roda hidráulica (PINHEIRO, 2009b :565), contudo apesar de com a vegetação atual é impossível visualizar a estrutura</p> <p>Nos anos 90 do Séc. XX, foram iniciadas intervenções, para adaptação do complexo a</p>

área residencial, contudo esta permanece por concluir (**Figura A**) (PINHEIRO, 2009b :565). A unidade ainda possuía râmolas conservadas(**Figura C**). O portão de acesso a râmola de sol também se encontra conservado (**Figura D**), tal como a ponte de entrada para unidade (**Figura E**). Numa fotografia de Gabriel datada de 1984, presente no arquivo da APAI é possível ver a estrutura anterior em pedra antes dos acrescentos em cimento (**Figura F**).

8	Resumo Histórico
<p>Segundo o inquérito industrial de 1881, esta unidade encontra-se em funcionamento desde 1873, onde trabalhavam 5 funcionários (INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881 :186). Contudo este complexo poderá ter tido pré-existências (PINHEIRO, 2009b :565).</p> <p>No ano de 1873, a firma “Ranito Mesquita &amp; C<sup>a</sup>” encontrava-se neste complexo, esta firma foi fundada por José da Silva Ranito, no ano 1820 (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 84).</p> <p>Em 1904, é atribuída a firma “Ranito Mesquita &amp; C<sup>a</sup>” a medalha de prata na Exposição Universal de St. Louis (EUA) devido ao desempenho industrial. No ano de 1909, a firma passa a designar-se “Ranito &amp; Mesquita”, e possui como sócios João António Mesquita, Francisco da Silva Ranito e António Augusto da Cunha Pessoa (PINHEIRO, 2009b :565).</p> <p>Entre 1923 até 1943, esta firma assumiu a designação de “Ranito &amp; Mesquita, Sucrs.” e transforma este espaço num complexo de grandes dimensões (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 84).</p> <p>Em 1923, a firma “Ranito &amp; Mesquita, Sucrs.” pediu licença para estabelecer uma nova unidade de neste espaço. No ano de 1927 ocorreu um grande incêndio no complexo principal que o destruiu (PINHEIRO, 2009b :565).</p> <p>A 13 de Julho de 1943, a anterior firma “Ranito &amp; Mesquita, Sucrs”, passa a designar-se “Francisco da Silva Ranito &amp; C<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>”. Esta era constituída pelos industriais José Ranito de Almeida Eusébio, Alda da Cruz Ranito e Luís Filipe Nave Catalão. Esta foi uma sociedade comercial por quotas, para a exploração desta fábrica de lanifícios. A 2 de outubro, a firma “Francisco da Silva Ranito &amp; C<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>” cessou a sua atividade neste complexo com o espaço ocupado pelos herdeiros de Francisco da Silva Ranito (PINHEIRO, 2009b :565).</p> <p>Em carta de 15 de janeiro de 1969, o Presidente do Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, indica o fim da firma “Fael &amp; C<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>.” e a passagem do seu equipamento fabril para a empresa “Ramiro &amp; Fazendeiro” (PROCESSO 363 - Fael &amp; C<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>).</p> <p>O Inquérito sobre obras sociais destinado aos trabalhadores, em 1970, indica que o espaço possui refeitório (PROCESSO 385 - Fernando Santos Taborda). A 14 de Julho de 1975, um violento incêndio consumiu por completo toda a fábrica (PINHEIRO, 2009b :565).</p> <p>Em 1980, parte do complexo é ocupado por uma oficina de automóveis, pertencente a</p>	

Rui Caetano Inácio. Outra parte desta unidade passou a ser a sede do Motorclub de Covilhã “alcateia”. Uma outra empresa pertencente a Adelino Pais Silva mais tarde adquire todo o complexo. Em 2000, um incêndio destruiu um o edifício mais antigos do complexo (PINHEIRO, 2009b :565).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Travessa Ranito
<b>10</b>	<b>Local</b>	Ponte dos Costas
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285620, -7.503504
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1º metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	198_ ?	

<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	José da Silva Ranito (1800-18__); Ranito Mesquita & C. <sup>a</sup> (1873-18__); Ranito & Mesquita, Sucrs. (1923-1943); Francisco da Silva Ranito & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (1943-1951); Fael & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (Séc. XX-1969?); Ramiro & Fazendeiro (-1969?-Séc. XX); Pinto & C. <sup>a</sup> Séc. XX); Fernando Santos Taborda (Séc. XX); Tinturaria Meirelles da Cruz (Séc. XX); João Pinto (Séc. XX) e Adelino Pais da Silva (197_-198_) (PINHEIRO, 2009b :565).
-----------	------------------------------	--

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica e eletricidade da rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n1)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardaço, fiaço, tecelagem, tinturaria, ultimaço (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXXXVI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extraço</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X

		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	12 (PINHEIRO, 2009b :565).	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, vidro, taipa, telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n1).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-	
<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína	
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-	
<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Todo o complexo encontra-se bastante danificada e em risco de ruína ( <b>Figura A</b> ).	

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(GABRIEL, 1984b);</p> <p>(INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 363 - Fael &amp; C<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>);</p> <p>(PROCESSO 385 - Fernando Santos Taborda);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000n1).</p>
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Segundo o inquérito industrial de 1881, o sítio tinha 2 rodas hidráulicas de 6 CV. Com os seguintes equipamentos: um lavadouro; um lobo; um sortido de duas cardas; uma fiação de 250 fusos; uma lavadeira; uma percha; uma tesoura longitudinal e outras máquinas assessorias (INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881 :186).</p> <p>Em 1890, os equipamentos instalados era</p>
-----------	-----------------------------------	---

		<p>uma esfarrapadeira, uma variadeira, uma escolhadeira, um lobo, um sortido de cardas, uma fiação de 300 fusos, uma retorcedeira de 50 fusos, um grudadouro, uma caneleira, vinte dois teares manuais, um tear <i>jacquard</i>, uma lavadeira, dois pisões, uma percha, quatro râmolas, duas tesouras, uma escovadeira, uma prensa, um aparelho de remontar cordas, um fogão das prensas e algumas máquinas acessórias. Disponha ainda de uma oficina de saboaria (PINHEIRO, 2009b :564).</p> <p>Em carta do dia 19 de abril de 1961, para o Grémio dos Industriais de lanifícios da Covilhã, é instalado três teares mecânicos (PROCESSO 385 - Fernando Santos Taborda).</p>
--	--	--

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Estrutura atual (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>
-----------	---------------------------------	---



**Figura B:** Janelas do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura C:** Râmolas de Sol da unidade fabril (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura D:** Portão de acesso as râmolas de Sol (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).

		 <p><b>Figura E:</b> Ponte de acesso ao edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>  <p><b>Figura F:</b> Estrutura da fábrica Ranito Mesquita &amp; C.ª, antes da sua reconstrução em cimento (GABRIEL, 1984b).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>Apesar das obras de construção da ponte pedonal sobre a ribeira da Carpinteira as râmolas de Sol desta unidade foram conservadas (<b>Figura E</b>). Seria importante realizar-se um estudo e pedido de proteção desta área.</p>
----	-------------	--

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	--------------------	---

MED (36) - José Camolino e Sousa

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
		Património Paisagístico / Paisagem	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	Sítio	
		Edifício/Elemento	
		Complexo	X
		Conjunto	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	José Camolino e Sousa
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	M. J. Taborda
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	Sítio constituído por dois imóveis fundidos que mantêm forma original ( <b>Figura A e B</b> ) (PINHEIRO, 2009b :565). Possui uma forma retangular e alvenaria em pedra, aproveita o declive da rua onde foi implantado, o telhado apresenta alguns níveis de de degradação.

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
	A firma "M. J. Taborda", submeteu o pedido de licenciamento da construção deste

edifício na sua prioridade. Porém desconhece-se se terá usado este edifício para produção de lanifícios (PINHEIRO, 2009b :565).

A firma “José Camolino & Sousa”, que iniciou a sua atividade de tecelagem, nos anos 30 do Séc. XX, na Rua Comendador Mendes Veiga, em 1945 adquire esta fábrica. No ano de 1945, a empresa “José Camolino & Sousa” termina a sua atividade neste complexo, e os doze teares desta fábrica são vendidos a firma “Moura & Matos” (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c1 e PINHEIRO, 2009b :565).

O Inquérito sobre obras sociais destinadas aos trabalhadores, em 1970, indica que a fábrica possui refeitório (PROCESSO 126 - Conde & Salvador).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Travessa da Trapa, n.º 6 e 8
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284732, -7.504014
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X

		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1941/2	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1995	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	M. J. Taborda (1941-1945); José Camolino e Sousa (1945-1951) e João Inácio Conceição & Filhos (1951-1995) (PINHEIRO, 2009b :565).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXXII)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (PINHEIRO, 2009b :565)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, ferro, betão, telha e aço (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c1).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Arquiteto A. Lopes Galvão (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c1)
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Razoável
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Telhado do edifício encontra-se parcialmente destruído e muitas das janelas encontram-se vandalizadas.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

40	Fontes Documentais / Bibliografia	<p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 126 - Conde &amp; Salvador);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000c1).</p>
----	-----------------------------------	---

41	Sítios/Elementos Relacionados ou Associados	-
----	---	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Carta de 1962, ao instituto do Trabalho e Providência, indica que este espaço possui 14 teares mecânicos (PROCESSO 126 - Conde &amp; Salvador).</p> <p>Em documento de memória descritiva, 27 de novembro de 1972, a unidade possui 20 teares mecânicos novos e 8 usados, mas em bom estado da marca “Lentz HBS III” de fabrico alemão, uma urdideira mecânica, uma enroladeira mecânica uma e caneleira (PROCESSO 126 - Conde &amp; Salvador).</p>
----	----------------------------	--

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

		 <p><b>Figura A:</b> Fachada do edifício na travessa da trapa (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Fachada do edifício na Estrada da Fábrica Velha (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>
<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	<p>Estrutura em apesar de algum nível de destruição preserva toda a sua estrutura original por isso seria vital um plano de conservação e estudo do espaço.</p>
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**MED (37) - Amândio de Moraes**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Amândio de Moraes
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Amândio de Moraes
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O edifício (<b>Figura A e B</b>) seria de sistema de construção tradicional do início do Séc. XX. Com telhado de duas águas, cobertura em telha do tipo marselha, que assentaria numa estrutura de madeira (PINHEIRO, 2009b :566). O antigo edifício, segundo Luísa Guerra (arquiteta do Museu de Lanifício), teria 4 pisos. Este foi destruído para dar lugar ao funicular do Jardim da Covilhã. O edifício encontra-se completamente destruído, apenas é visível a parede que estaria anexa a estrada (<b>Figura B, C e D</b>).</p> <p>Apesar da destruição quase completa da estrutura alguns revestimentos e um pequeno muro ainda são visíveis. Um pequeno nicho ainda encontra visível na parede Norte, mas a sua função é desconhecida (<b>Figura E</b>). Esta fábrica é um exemplo do grau de destruição que o património industrial está a enfrentar com o crescimento urbano da cidade.</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em 1939, foi instalado neste espaço uma unidade de tecelagem mecânica pelo industrial Amândio Morais. Este no dia 30 de setembro de 1950, termina a sua atividade neste espaço, que passa a ser gerida pelo empresário Pêro Morais, este dedicou-se a tecelagem (PINHEIRO, 2009b :566).</p> <p>As instalações foram ocupadas na década de 60 do Séc. XX, até ao ano de 1998, pela firma “José de Almeida Eusébio, L.<sup>da</sup>”, para fabrico de bobines de cartão (PINHEIRO, 2009b :566). Uma outra área, desta unidade fabril foi usada como armazém da empresa “Ernesto Cruz” (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua Conde da Covilhã n.º 60 e 62
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.283864, -7.503628.
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público

<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano
-----------	----------------------------	--------

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	X(?)
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	192_?	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	196_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Amândio de Moraes (192_-1950); Morais & Fino, L. <sup>da</sup> (1934-19__) e Pêro de Morais, Sucrs. (195_-196_) (PINHEIRO, 2009b :566).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXXIV)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	Agricultura	
		Civil	

		Comunicações	
		Extração	
		Militar	
		Religiosa	
		Serviços	
		Social	
		Transformação	X
		Transportes	
25	Subtipo	Têxteis	

26	Matérias-Primas	Fibras industriais	
27	Produtos finais	Tecidos	

28	Número de edifícios/elementos	1	
29	Área total histórica	-	

30	Materiais de Construção	Madeira, ferro, pedra, vidro, tijolo e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d).	
31	Sistemas de Construção	Tradicional	

32	Arquiteto/Engenheiro/Construtor	-	
----	---------------------------------	---	--

33	Uso atual	-	
----	-----------	---	--

<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Demolido
-----------	------------------------------	----------

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
-----------	----------------	---

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(BORGES, 2014); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Aspeto da fábrica Amândio de Moraes antes de ser demolida (BORGES, 2014 :15).



**Figura B:** Aspeto atual da Rua do Conde da Covilhã (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura C:** Parte do muro da entrada Este da fábrica (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura D:** Parede Norte do antigo edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura E:** Pequeno nicho junto a parede Norte onde estaria a estrutura (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).

45	Desenhos e Alçados	-
46	Observações	-
47	Responsável e Data	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021

**MED (38) - Barata, Filhos**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Barata, Filhos
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Barata, Filhos
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Teatro das Beiras

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O edifício primitivo deste complexo era constituído por vários imóveis, atualmente encontra-se destruído. A nível da estrutura esta apenas teria um piso, alvenaria de pedra com um sistema de construção misto e fenestração regular. O edifício ampliado nos anos 50 do Séc. XX (<b>Figura A, B e C</b>), foi adaptado a construção de teatro, este seria de construção tradicional mista mantém a sua volumetria inicial (PINHEIRO, 2009b :567).</p> <p>Existe ainda outro imóvel de pequenas dimensões, que se encontra em ruína, onde é apenas possível observar as suas paredes mestras em alvenaria de pedra (<b>Figura D</b>)</p>

(PINHEIRO, 2009b :567).

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A firma fundadora deste espaço foi a “Barata, Filhos”, do empresário Francisco Barata constituída, a 14 de janeiro de 1935, pelos seus filhos Francisco Alberto Barata e José Alfredo Barata (PINHEIRO, 2009b :567).</p> <p>Em 14 de fevereiro 1942, apôs a dissolução da empresa “Barata, Filhos”, o edifício passou para Francisco Alberto Barata. No mesmo ano Francisco Alberto Barata encontrava-se a laborar neste edifício. No dia 25 de abril 1974 o edifício encerrou (PINHEIRO, 2009b :567).</p> <p>Em 1975/76, um dos edifícios foi ocupado em regime de arrendamento por uma carpintaria. O edifício principal foi cedido a firma “Francisco Alberto Barata”, para instalação da companhia de teatro do Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã (PINHEIRO, 2009b :567).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Sítio da Trapa, nº. 2 e 4
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284044, -7.503436
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 – 1750	
		1750 – 1800	
		1800 – 1850	
		1850 – 1900	

		1900 – 1925	X
		1925 – 1950	X
		1950 – 1975	
		1975 – 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1ª metade do Séc. XX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1947	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Barata Filhos (19__-1942); Jerónimo Dias Freire (1938-19__) e Francisco Alberto Barata /Barata, Filho – Lanifícios (1942-1947) (PINHEIRO, 2009b :567).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000I)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Teceragem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :LXXVI)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X

		<b>Transportes</b>
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	4 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000I).
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, esta unidade possuía cerca de 1500 m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, vidro aço e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000I).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Mista
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Teatro
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (parcial)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000).</p>
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	
-----------	---------------------------------	--



**Figura A:** Entada para o edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura B:** Secção Sul da fachada principal do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura C:** Fotografia geral do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).

		 <p><b>Figura D:</b> Antigo edifício de pequenas dimensões no ano de 1999 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000I).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

## MED (39) - Bairro Operário dos Penedos Altos

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	
		<b>Obras Públicas</b>	X
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	X

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	X

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Bairro Operário dos Penedos Altos
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	-
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>Edifícios deste bairro operário possuem no máximo dois pisos. Estas são casas normalmente germinadas e os telhados são de quatro águas com cobertura em telha <b>(Figura A)</b>. Contudo vários edifícios já foram modernizados e restaurados.</p> <p>Maiorias das vias estão alcatroadas, contudo segundo Maria João Dias (antiga habitante da ribeira da Carpinteira), esta eram em paralelo, este tipo de pavimento ainda é visível em alguns troços do bairro <b>(Figura B e C)</b>.</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em 1936, foi realizada a venda da Quinta dos Melos destinado à construção de um bairro operário, por Georgina Geraldês de Lima Cunha de Campos Melo, casada com José Maria Castro de Campos Melo (PINHEIRO, 2009b :567).</p> <p>No ano de 1940, foi entregue a construção do Bairro a António Rodrigues Henriques Ventura, pela quantia de 542. 600, 00 escudos. Seis anos mais tarde este procedeu a compra de terrenos adjacentes para a espanação do bairro (PINHEIRO, 2009b :567).</p> <p>Durante a presidência de Carlos Coelho na Câmara da Covilhã, nos anos 40, este propõem a construção de 122 casas no bairro económico dos Penedos Altos para os operários da área (CARVALHO, 1947 :35). No ano de 1949, foi realizado um auto de entrega das 122 moradias para os novos moradores (PINHEIRO, 2009b :567).</p> <p>Em 1953, realizou-se a aquisição de terrenos a fábrica “Alçada &amp; Filhos, Sucessores”, para ampliar o bairro novamente, esta é a última ampliação deste espaço (PINHEIRO, 2009b :567).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Rua do Bairro dos Penedos Altos
<b>10</b>	<b>Local</b>	Penedos Altos
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.287209, -7.500552
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	

		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1940	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	Ainda em funcionamento	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	1940- Presente	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	-	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	-	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	-	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	X
		<b>Transformação</b>	
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Habitação	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	-
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	-

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	-
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, telha, cimento e tijolo.
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	Construtor António Rodrigues Henriques Ventura (PINHEIRO, 2009b :567).
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Habitação
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (parcial)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	A rápida urbanização da área está a modernizar alguns dos antigos edificados que não respeitam a estética e método construtivos das casas antigas (Figura C).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(CARVALHO, 1947); (PINHEIRO, 2009b).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	Neste espaço existe uma pequena mina de água publica, com as inscrições CMC (Câmara Municipal da Covilhã) e um retrato de S. José, datado de 1980. A volta do retrato do Santo encontra-se conservados azulejos em azul, contudo alguns os azulejos foram destruídos (Figura D).
-----------	--	--

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Exemplo de uma das casa do bairro (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).</p>
-----------	---------------------------------	---



**Figura B:** Calçada original em paralelo do bairro operário (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura C:** Área mais modernizada do bairro (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).



**Figura D:** Pequena fonte de água datada de 1980 (fotografia de Rodrigo Dias. 24/2/2021).

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	A requalificação e modernização dos edifícios neste espaço está a demolir muitos dos imóveis antigos. É necessário implementar medidas proteção dos edificados mais antigos.
-----------	--------------------	--

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

#### MED (40) - Fábrica dos Cruzes

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	X
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Fábrica dos Cruzes
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	Francisco da Cruz
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Francisco da Cruz
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Fábrica dos Cruzes

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo fabril é constituído por diversas unidades com pisos que variam entre os dois ou mais e encontra-se em avançado estado de ruína (<b>Figura A, B, C e D</b>). A antiga casa do guarda encontra-se ocupada por uma oficina de mecânica (<b>Figura E</b>). O conjunto ainda possui as antigas râmolas de sol difíceis de visualizar devido a estarem cobertas de vegetação. O conjunto de habitações destinado a operários encontra-se desocupado (<b>Figura F</b>) (PINHEIRO, 2009b :569).</p> <p>A estrada de acesso ao antigo complexo ainda se encontra conservada (<b>Figura G</b>). O portão em ferro de acesso as traseiras também se encontra preservado (<b>Figura H</b>).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Fundada na segunda metade do Séc. XIX, pela firma “Francisco da Cruz” (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 70). Segundo o inquérito de 1881, este estabelecimento tinha como atividades a fiação e cardaço e possuía 13 trabalhadores (4 do sexo masculino e 9 mulheres e crianças) (INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881 :186).</p> <p>A partir do ano de 1898, o complexo foi sucessivamente explorado pelas firmas “Francisco Cruz Travessa”, “Cruz &amp; Irmão”, “Fernando da Cruz &amp; Filhos” e “Cruz, Filho” até 1934. Neste espaço desenvolveu-se uma das mais importantes unidades verticais do tecido industrial da Covilhã (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 70).</p> <p>A sociedade “Fernando da Cruz &amp; Filhos”, fundada entre o ano 1899/1900, ocupa este espaço. No ano de 1920/21, a fábrica passa para Júlio Henriques Nunes da Cruz. E no ano de 1922, é fundada a firma “Cruz, Filho”. Em abril de 1927, na sequência de um conflito laboral dentro da firma “Cruz, Filho” decretou lock-out (PINHEIRO, 2009b :568).</p> <p>Em 1934, o espaço passou a ser explorado pela empresa “Pintos &amp; Miguel, L.<sup>da</sup>”, que se dedicou a atividade de tecelagem e ultimação (PINHEIRO, 2009b :568).</p>	

Nos anos 30, a firma “Alberto Miguel & Irmão, L.<sup>da</sup>” toma o complexo, até ao ano de 1944, quando dissolve a firma em carta da Federação Nacional dos Indústrias de Lanifícios (PROCESSO 44 - Alberto Miguel & Irmão, L.<sup>da</sup>).

Em 1953, ocorreu um incêndio que destruiu o complexo. No ano de 1961, a firma “José Miguel & Filhos, L.<sup>da</sup>” adquiriu o complexo e as estruturas anexas (9 casa, râmolas, estendedouro, jardim e reduto) (PINHEIRO, 2009b :568 e SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 70).

Esta empresa entra em decadência depois do 25 de abril de 1974. E entre 1968 e 1977 dois violentos incêndios (**Figura I**) destruíram completamente o edifício, com a exceção da casa do guarda e do operariado (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 70).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada Nacional 230, nº 32
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285635, -7.501537
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	X
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X

		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1978/9	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Francisco da Cruz (1948-18__); Francisco da Cruz Tavares (Séc. XIX); Cruz & Irmão (1895); Fernando da Cruz & Filhos (1899?-1920); Cruz, Filho (1922-1934); Alberto Miguel & Irmão, L. <sup>da</sup> (193_-1944); Pintos & Miguel, L. <sup>da</sup> (1934-194_); José Henriques da Fonseca & Filho (1938-194_) e José Miguel & Filhos, L. <sup>da</sup> (1961-1978/9) (PINHEIRO, 2009b :568).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica, energia a vapor e combustão interna a gás (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000s)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, tecelagem, tinturaria ( <b>Figura J</b> ) e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XC)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	

		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	12 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000s)	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946 esta unidade possuía 3.078 m <sup>2</sup> de área (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, ferro, vidro, taipa, telha, zinco e pedra (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000s).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Parcialmente ocupado (Oficina (automóvel))	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	Em 1932, foi adicionado um novo edifício ( <b>Figura K</b> ) (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000s).	

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Estrutura original danificada e parcialmente coberta de vegetação. O telhado das unidades produtoras foi completamente destruído. A unidade têm árvores a crescerem no seu interior.
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(BORGES, 2014);</p> <p>(GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946);</p> <p>(INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 44 - Alberto Miguel &amp; Irmão, L.<sup>da</sup>);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000s).</p>
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Segundo o inquérito de 1881, este estabelecimento possuía uma roda hidráulica com 4 CV, uma escolhedeira, um lobo, um surtido de duas cardas e uma fiação de 300 fusos (INQUÉRITO INDUSTRIAL, 1881 :186).</p> <p>Em 1907, a firma “Fernando da Cruz &amp; Filhos” possuía um gerador Babcock &amp; Wilcox, aqua-tubular (PINHEIRO, 2009b :568).</p> <p>Numa carta de 8 de junho de 1944, ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, indica a compra de 10 teares mecânicos a fábrica de lanifícios de Alenquer (PROCESSO 44 - Alberto Miguel &amp; Irmão, L.<sup>da</sup>).</p>
----	----------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Aspeto da Fábrica dos Cruzes antes do incêndio de 1968 e 1977 (BORGES, 2014 :87).</p>
----	--------------------------	--



**Figura B:** Aspeto atual do complexo produtivo (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



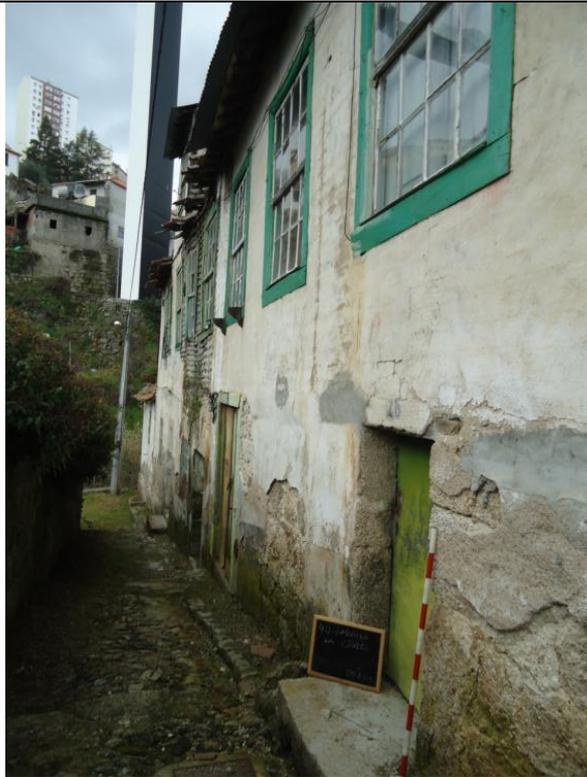
**Figura C:** Traseiras do complexo industrial (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura D:** Janela do edificado fabril (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura E:** Atual oficina automóvel (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura F:** Antigas casas do operariado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura G:** Estrada de acesso ao portão da fábrica (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura H:** Aspeto atual do portão de entrada para o edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura I:** Incêndio de 1977 que destruiu a Fábrica dos Cruzes (BORGES, 2014 :89).



**Figura J:** Barris com anilinos para serem usados na tinturaria (BORGES, 2014 :88).

		 <p><b>Figura K:</b> Estrutura mais recente do complexo (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000s) (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	<p>O complexo fabril apresenta um elevado nível de ruína. No seu interior consegue-se detetar o início da formação das primeiras camadas estratigráficas. Seria importante o restauro das estruturas pois esta corre o risco de ruína (<b>Figura F</b>). Esta fábrica devido as poucas alterações neste complexo seria ideal a realização de uma escavação arqueológica pois esta pode ainda conserva muitas das suas estruturas originais.</p>
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

MED (41) - Sutre, Antunes & Oliveira, L.<sup>da</sup>

1	CATEGORIA		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	X
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
Património Paisagístico / Paisagem			

2	Sub-Categoria	Sítio	
		Edifício/Elemento	
		Complexo	X
		Conjunto	

3	Nome / Designação / Identificação	Sutre, Antunes & Oliveira L. <sup>da</sup>
4	Outros Nomes	-
5	Nome da Entidade fundadora	Sutre, Antunes & Oliveira L. <sup>da</sup>
6	Entidade Proprietária atual	Recarbi

7	Descrição
<p>O complexo industrial é composto por dois edifícios, râmolas e dois tanques. O primeiro edificado encontra-se junto a via pública e possui três pisos, este apresenta um sistema de construção moderno (pilar/viga), com paredes em cimento rebocado (<b>Figura A e B</b>).</p> <p>O segundo imóvel encontra-se no nível inferior do primeiro edifício. Este possui um sistema construtivo do tipo tradicional e misto com um piso (<b>Figura C</b>) (PINHEIRO, 2009b :569).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Em carta da Direção de Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, a firma “Sutre, Antunes &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>”, foi constituída em 12 de dezembro de 1959 (PROCESSO 404 - Sutre, Antunes &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>), tendo desenvolvido a atividade de tecelagem neste imóvel (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 140).</p> <p>A 11 de Janeiro de 1965, a firma “Sutre, Antunes &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>”, com a saída do sócio João Antunes e a entrada de José Maria Fernandes Berto, a firma passa a designar de “Sutre, Berto &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>” (PINHEIRO, 2009b :569).</p> <p>O Inquérito de 24 de novembro de 1970, sobre as obras sócias destinadas aos trabalhadores, indica que o espaço possuía refeitório (PROCESSO 404 - Sutre, Antunes &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>).</p> <p>Em carta ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, de 9 de fevereiro 1972, a firma “Sutre, Berto &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>”, teria sede no sítio da Califórnia (este espaço), e foi autorizada o fabricar malhas (PROCESSO 404 - Sutre, Antunes &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>). No ano de 1977, o espaço associa-se a firma “Unilã”, (PINHEIRO, 2009b :569).</p> <p>Em 1980, com a saída do sócio César de Oliveira, da firma “Sutre, Berto &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>” cessou a sua atividade. Tendo o edifício sido adquirido em 1983, por Alfredo Antunes. Em 1985, Alfredo Antunes passou o edifício para firma “Brito &amp; Brito” (PINHEIRO, 2009b :569).</p> <p>Em 1998, o empresário Júlio Madeira ocupa esta unidade. E um ano depois, em 1999, a firma “Eduardo &amp; Alves, L.<sup>da</sup>”, instala-se também neste complexo (PINHEIRO, 2009b :569).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada Nacional 230
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio da Califórnia
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285515, -7.500566
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1959	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	200_?	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Sutre, Antunes & Oliveira L. <sup>da</sup> (1959-1965); Sutre, Berto & Oliveira L. <sup>da</sup> (1965-1980); Unilã (1977-1981); Brito & Brito (1985-1998); Júlio Madeira (1998-19__) e Eduardo & Alves, L. <sup>da</sup> (1999-200_) (PINHEIRO, 2009b :569).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000o1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Teceragem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XCII)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	

		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (PINHEIRO, 2009b :569)	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, ferro, tijolo, betão, aço e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000o1).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto	
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Oficina (automóvel) (parcial).	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-	

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 404 - Sutre, Antunes &amp; Oliveira L.<sup>da</sup>);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000o1).</p>
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura B:** Entrada pelo lado direito do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

		 <p><b>Figura C:</b> Traseiras do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
--	--	--

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
-----------	---------------------------	--

MED (42) - Álvaro de Moura

1	CATEGORIA		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
Património Paisagístico / Paisagem			

2	Sub-Categoria	Sítio	
		Edifício/Elemento	X
		Complexo	
		Conjunto	

3	Nome / Designação / Identificação	Álvaro de Moura
4	Outros Nomes	-
5	Nome da Entidade fundadora	Álvaro de Moura
6	Entidade Proprietária atual	Padrão Invisível

7	Descrição
<p>Os pisos inferiores deste edifício são do tipo moderno com pilar/viga. As paredes exteriores foram argamassadas e rebocadas (<b>Figura A e B</b>). Estes pisos inferiores teriam área de produção e de armazenagem. O terceiro piso, próximo da Nacional 230, teria área de produção, secções administrativas e comerciais (<b>Figura A e C</b>) (PINHEIRO, 2009b :570).</p>	

8	Resumo Histórico
---	------------------

Apesar de Álvaro de Moura ter iniciado a sua atividade industrial em 1934, apenas começou a laborar este espaço no ano de 1957, com secção de tecelagem e espaço de administração e um armazém (PINHEIRO, 2009b :570).

Segundo o Inquérito das obras sociais, 24 de novembro de 1970, é referidas que este espaço possuía um refeitório (PROCESSO 312 - Álvaro de Moura). A 30 de agosto de 1972, a firma designada “Álvaro de Moura”, passou a designar-se “A. de Moura, L.<sup>da</sup>” formada por Júlio Moura e Álvaro de Moura. Esta firma cessou atividade em 1977, o edificado foi adquirido no ano seguinte pelos industriais Alfredo Antunes (PINHEIRO, 2009b :570).

Nos finais da década de 80 e inícios 90 do Séc. XX, o piso superior foi adaptado para discoteca. No segundo piso instalou-se uma empresa de decoração e publicidade. Posteriormente este espaço foi ocupado por uma empresa de serviços de distribuição ao domicílio. O piso inferior foi ocupado por uma oficina de automóveis (PINHEIRO, 2009b :570).

Nos no final da década de 90, o imóvel foi adquirido para uso como armazém (PINHEIRO, 2009b :570).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Estrada Nacional 230
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.285458, -7.499494
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	

		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	
		1950 - 1975	X
		1975 – 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1957	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1977	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Álvaro de Moura (1957-1972) e A. de Moura, L. <sup>da</sup> (1972-1977) (PINHEIRO, 2009b :570).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	-	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Tecelagem (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XCIV)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	

<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis
-----------	----------------	---------

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
-----------	------------------------	--------------------

<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos
-----------	------------------------	---------

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1
-----------	--------------------------------------	---

<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-
-----------	-----------------------------	---

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, metal, telha.
-----------	--------------------------------	----------------------

<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Moderno
-----------	-------------------------------	---------

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Loja de bricolage (parcial)
-----------	------------------	-----------------------------

<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	
-----------	-------------------	--

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
-----------	------------------------------	-----------

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
-----------	----------------	---

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015);  (PINHEIRO, 2009b);  (PROCESSO 312 - Álvaro de Moura).
-----------	--	---

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p data-bbox="667 1514 1347 1585"><b>Figura A:</b> Entrada pelo lado direito do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
-----------	---------------------------------	--



**Figura B:** Traseiras do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura C:** Fachada principal do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
----	--------------------	---

**MED (43) - Manuel Abílio**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Manuel Abílio
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Manuel Abílio
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>Este edifício em alvenaria de pedra possui três pisos (<b>Figura A</b>), e sofreu várias ampliações no primeiro e segundo pisos, estes alargamentos foram em betão armado (<b>Figura B</b>). Estes aumentos mantiveram a fenestração ritmada e apenas trocaram caixilharia de madeira por outra de ferro. No seu interior os suportes dos veios de transmissão empregados na roda hidráulica ainda se encontram conservados (PINHEIRO, 2009b :571).</p>

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A referência mais antiga desta unidade data de 4 de julho de 1938, com Manuel Abílio a ocupar este espaço e a desenvolver a atividade de ultimação (PINHEIRO, 2009b :571).</p> <p>Um relatório escrito pela empresa “Ultimadora do Tortosendo”, indica que esta firma começou a ocupar este espaço em 27/ 30 de abril 1936 (PINHEIRO, 2009b :571), esta era uma sociedade de industriais do Tortosendo (Covilhã), que se juntaram para adquirir a oficina de ultimação da firma “Manuel Abílio” (Processo 109 - Ultimadora do Tortosendo).</p> <p>Contudo a empresa “Manuel Abílio” só sairia deste edifício em 1939, quando se transfere para a uma unidade na rua do jardim na Covilhã. A firma “Ultimadora do Tortosendo, L.<sup>da</sup>”, até 1941, fica na posse de todos os mecanismos desta unidade. A 3 de novembro de 1953, a firma “Acabamentos de tecidos Estrela, L.<sup>da</sup>”, adquire todos os equipamentos deste edifício a “Ultimadora do Tortosendo, L.<sup>da</sup>” (PINHEIRO, 2009b :571).</p> <p>Em carta ao presidente da Direção do Grémio dos Industriais da Covilhã, no dia 21 de abril de 1964, termina a inscrição da firma “Acabamento de Tecidos Estrela L.<sup>da</sup>.” e o espaço fabril passa a ser ocupado por Manuel Neves (PROCESSO 438 - Manuel Neves).</p> <p>Numa carta de 4 de maio de 1965 é indicado o cancelamento da inscrição da firma “Manuel Neves” na Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios (PROCESSO 438 - Manuel Neves). Tendo a firma “Neves Cardoso &amp; C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>” comprado o equipamento desta fábrica (PROCESSO 440 - Neves Cardoso &amp; C.<sup>a</sup> e PINHEIRO, 2009b :571).</p> <p>Em carta da firma “Neves Cardoso &amp; C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>.”, a Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, é indicado o encerramento do espaço em 1974 (PROCESSO 440 - Neves Cardoso &amp; C.<sup>a</sup>).</p> <p>Em 1999, o edifício foi ocupado por um armazém de confeções pertencente a João Tavares (PINHEIRO, 2009b :571).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio da Califórnia
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284843, -7.501002
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público

<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano	
<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1ª metade do XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1974	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Manuel Abílio (193_-1939); Ultimadora do Tortosendo, L. <sup>da</sup> (1936-1953); Acabamentos de tecidos Estrela, L. <sup>da</sup> (1953-1964) Manuel Neves (1964-1965) e Neves Cardoso & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (1965-1974) (PINHEIRO, 2009b :571).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g1)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XCVI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, vidro, tijolo, betão, aço, telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g1).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Parede exterior Norte encontra-se vandalizada com grafitis e janelas danificadas ( <b>Figura B</b> ).
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (Processo 109 - Ultimadora do Tortosendo); (PROCESSO 438 - Manuel Neves); (PROCESSO 440 - Neves Cardoso & C. <sup>a</sup> ); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g1).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

42	Património Móvel Integrado	<p>Em junho 1936, a firma “Ultimadora do Tortosendo, L.<sup>da</sup>”, solicitou a instalação de: dois batanos, duas lavadeira, duas tesouras, uma aveludadeira, uma râmola mecânica, uma percha e um hidro-extrator (PROCESSO 109 - Ultimadora do Tortosendo e UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000g1).</p>
----	----------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Fachada principal e portão (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Parede Norte do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
----	--------------------------	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
----	--------------------	---

**MED (44) - José Maria da Silva Campos Mello e irmão**

1	<b>CATEGORIA</b>		
	Património Imóvel	Património Arqueológico	
		Património Arquitetónico/Construído	X
		Obras Públicas	
	Património Paisagístico / Paisagem		

2	Sub-Categoria	Sítio	
		Edifício/Elemento	X
		Complexo	
		Conjunto	

3	Nome / Designação / Identificação	José Maria da Silva Campos Mello e irmão
---	-----------------------------------	--

<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	Engenho dos Mello ou Fiação da Califórnia
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	José Maria da Silva Campos Mello e Irmão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Espaço Móvel

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>Estrutura bastante alterada (<b>Figura A</b>), e segundo a autora Elisa Pinheiro, a única parte que subsiste do edifício primitivo é um embasamento em alvenaria de pedra (granito) na fachada principal (<b>Figura B</b>) (PINHEIRO, 2009b :572).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A firma “José Maria da Silva Campos Mello e Irmão”, fundada em 1834/5, foi a primeira empresa a laborar nesta unidade (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 64 e PINHEIRO, 2009b :572).</p> <p>A partir de meados da década de 20 do Séc. XX e até ao ano de 1938, é publicitada a opção de venda ou arrendamento desta fábrica. Neste período a unidade é também denominada de “Califórnia” (PINHEIRO, 2009b :572).</p> <p>Após a venda o edifício, em 8 de julho de 1940 a firma “Ultimadora do Tortosendo, L.<sup>da</sup>”. Esta unidade foi destruída nos anos 40 por um incêndio (PINHEIRO, 2009b :572).</p> <p>Em 11 de janeiro de 1960, o imóvel foi vendido ao empresário Adriano Fausto da Conceição Silva (PINHEIRO, 2009b :572).</p> <p>Em 1981, o edifício foi adquirido por Francisco Runa, que “renova” a instalação para incorporar uma unidade de produção de mobiliário chamada “Espaço Móvel” (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 64 e PINHEIRO, 2009b :572).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras
<b>10</b>	<b>Local</b>	Sítio da Califórnia
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco

<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284991, -7.500391
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Urbano

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X

<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX
-----------	---------------------------	-----------------------

<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1981
-----------	-----------------------------	------

<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	José Maria da Silva Campos Mello e irmão (1934/5-1842); Mello & Geraldês (1842-1851); Gregório Nunes Geraldês e Sócios (1844-18__); Mello Geraldês & Cª (1851-1940?); Campos Mello & José Paiva Catarro (1890); Campos Mello & José Alves da Silva [1890]; Campos Mello & Irmão L. <sup>da</sup> (1908-1940); Ultimadora do Tortosendo, L. <sup>da</sup> (1940-1960) e Adriano Fausto da Conceição Silva (1960-1981?) (PINHEIRO, 2009b :572).
-----------	------------------------------	---

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	-
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fiação, Tinturaria e Ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :XCVIII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquínofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
<b>Transportes</b>			
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>37</b>	<b>Produtos finais</b>	Fios cardados e tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	1
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, telha, betão e ferro.
-----------	--------------------------------	------------------------------

<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Serralharia
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Reabilitado (total)
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	
<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013).
<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Fachada do edifício atual (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>  <p><b>Figura B:</b> Parede em alvenaria de pedra (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
----	--------------------------	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

MED (45) - João da Silva Fiadeiro

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	X
		<b>Complexo</b>	
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	João da Silva Fiadeiro
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	João da Silva Fiadeiro
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>Deste edifício são visíveis as paredes mestras em alvenaria de pedra (granito) de construção tradicional, com fenestração regular e cobertura em telha do tipo canudo (<b>Figura A, B e C</b>) (PINHEIRO, 2009b :572-573). O interior do edifício foi convertido em espaço agrícola (<b>Figura D</b>), também foi adoçada uma habitação junto a estrutura (<b>Figura E</b>).</p> <p>O imóvel possui uma levada de água (PINHEIRO, 2009b :573), porém devido a vegetação e o relevo é difícil aceder ao local onde esta se encontra.</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Apesar do edifício ser anterior a primeira ocupação registada nas primeiras décadas do Séc. XX. A firma “João da Silva Fiadeiro”, foi a primeira a registar a ocupação neste espaço no campo do trabalho da fiação e cardado (PINHEIRO, 2009b :572 e MADALENO e FERREIRA, 2015 :100). O empresário João da Silva Fiadeiro, em nome individual adquiriu este edifício no ano de 20 de novembro de 1923 (PINHEIRO, 2009b :572).</p> <p>A 9 de fevereiro de 1947, este edifício foi destruído por um violento incêndio. Desde desse incêndio o edificado nunca mais foi reconstruído ou remodelado para fins industriais (PINHEIRO, 2009b :572).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras
<b>10</b>	<b>Local</b>	Lugar das Poldras
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284891, -7.499514
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	privado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Rural

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	

		1975 - 2000's	
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1947	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	João da Silva Fiadeiro (1923-1947) (PINHEIRO, 2009b :573).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica, combustão interna a gás e eletricidade de rede publica (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000b1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Fiação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :C)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Fios

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	2 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000b1)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, telha e zinco (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000b1).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Tradicional

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Interior parcialmente modificado para agricultura
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Estrutura bastante danificada e modificada no seu interior, devido a ser transformado em espaço agrícola <b>(Figura E)</b> .
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(MADALENO e FERREIRA, 2015);  (PINHEIRO, 2009b);  (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000b1).
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---

<b>44</b>	<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p><b>Figura A:</b> Parede Oeste da estrutura principal (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
-----------	---------------------------------	---



**Figura B:** Parede Norte da estrutura principal (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura C:** Entrada estrutura principal (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura D:** Interior estrutura principal convertido em área agrícola (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

		 <p><b>Figura E:</b> Entrada da estrutura principal (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
--	--	--

45	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
----	---------------------------	---

46	<b>Observações</b>	<p>Estrutura bastante degradada com o seu interior modificado, tendo sido transformado em espaço agrícola. Seria importante realizar um estudo para perceber o impacto que esta atividade teve no interior do edificado.</p>
----	--------------------	--

47	<b>Responsável e Data</b>	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021</p>
----	---------------------------	---

**POL (46) - Fábrica do Padre João**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Fábrica do Padre João
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Padre João Pereira Espiga
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo era constituído por três unidades fabris e uma habitação. O edifício mais antigo é o da cardação, construído em sistema de construção tradicional feito em alvenaria de pedra, fenestração regular do tipo guilhotino, cobertura de duas águas em telha do tipo marseilha, assente sobre ripado e asnas simples de madeira (<b>Figura A</b>). O segundo edifício foi também construído em alvenaria de pedra no ano 1927, este possui três pisos e encontra-se descartelizado (<b>Figura B</b>) (PINHEIRO, 2009b :574 e UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m1).</p>

Um terceiro edifício junto à ribeira, apresenta um sistema construtivo moderno e é datado de 1945 (**Figura B**) (PINHEIRO, 2009b :574 e UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m1).

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>A primeira referência desta unidade fabril aponta para o ano 1914, com o nome do industrial João Pereira Espiga, que indicava que possuía na ribeira da Carpinteira uma fábrica de cardação, fição, tecelagem e ultimação. Em 1933, este espaço é ocupado pela firma “João Pereira Espiga, Sucrs.” (PINHEIRO, 2009b :573).</p> <p>Esta fábrica em 1934, sofreu um incêndio que destruiu as máquinas da secção de tecelagem, afetou a oficina de acabamentos e também parte do telhado da fábrica que se encontra próxima desta (João Nave Catalão (POL 47)) (PINHEIRO, 2009b :573). Durante este período temos um documento de venda de fios brancos a empresa, em 1945, “Alçada &amp; Filho, Sucrs.” e a “Nova Penteação” pela firma “João Pereira Espiga &amp; C.ª.”, que laborou neste complexo (PROCESSO 158 - João Pereira Espiga &amp; C.ª.).</p> <p>Em carta, ao Grémio dos Industriais dos Lanifícios da Covilhã, a firma “João Pereira Espiga &amp; C.ª” laborava nesta fábrica, no ano de 1944 (PROCESSO 158 - João Pereira Espiga &amp; C.ª.).</p> <p>Na data de 31 de dezembro de 1947, a firma “João Pereira Espiga &amp; C.ª, Sucrs.”, é formada através da contribuição diversos industriais: António Pereira Espiga Júnior, Alberto Reis, Maria Helena Espiga Gomes Biencard Cruz e Maria Fernanda Espiga Gomes. Estes industriais possuíam como capital inicial 229 mil escudos, com que adquiriram este edifício e se dedicaram a atividade de fição de cardado e ultimação (PINHEIRO, 2009b :574).</p> <p>Em carta ao secretario do Estado da Indústria, no dia 3 de outubro de 1972, é escrito que a firma “João Pereira Espiga &amp; C.ª, Sucrs.” possui, possivelmente, sede nesta fábrica de Lanifícios localizada na Calçada das Poldras (PROCESSO 325 - João Pereira Espiga &amp; C.ª, Sucrs.).</p> <p>Entre 1977 e 1998, as instalações passaram a ser ocupadas pela firma “Gitêxtil”, que surge na sequência de um agrupamento de quatro firmas, a “Sá Pessoa &amp; Irmãos”, “Têxtil Cravinos SA”, “João Pereira Espiga &amp; Sucessores, L.ª” e “José dos Santos Pinto”. Em abril de 2000, o complexo foi vendido a João Manuel Charro Pereira e arrendado a uma serrilharia (PINHEIRO, 2009b :574).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras, nº 40A e 42
----------	---------------	----------------------------------

<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284953, -7.497809
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Privado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Rural

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1998	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Fábrica do Padre João (1914); João Pereira Espiga, Sucrs. (1933); João Pereira Espiga & C.ª (1944?-1947); João Pereira Espiga & C.ª, Sucrs. (1947-1988) e Gitêxtil (1977-1998) (PINHEIRO, 2009b :574).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica, energia a vapor e combustão interna a gás (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m1)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fição, tecelagem e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :CIV)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	3 e a casa do guarda (PINHEIRO, 2009b :574)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, vidro, telha, betão e fibrocimento (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m1).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Misto

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	O segundo edifício foi alvo de várias alterações, com acrescentos em betão armado e tijolo junto a ribeira ( <b>Figura B</b> ) (PINHEIRO, 2009b :574).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Razoável
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	Parte do edificado encontra-se coberto por fibrocimento, este é um composto de amianto que é material carcinogénico.

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	O complexo possui um portão de duas folhas em ferro ornamentado com motivos vegetalistas e com a inscrição 1895 (PINHEIRO, 2009b :574), porém este portão encontra-se bastante
-----------	-------------------	--

		degradado, onde o número 1 foi destruído ( <b>Figura C</b> ).
--	--	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 158 - João Pereira Espiga &amp; C.<sup>ª</sup>.);</p> <p>(PROCESSO 325 - João Pereira Espiga &amp; C.<sup>ª</sup>, Sucrs.);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000m1).</p>
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	-
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Edifício mais antigo encontra-se detrás do portão de entrada e data de 1922. Também junto ao portão, é possível ver a parede Sul do edifício de 1927 (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura B:** Paredes Sul do edifício mais recente (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura C:** Portão de acesso a rua do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**POL (47) - João Nave Catalão**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	João Nave Catalão
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	João Nave Catalão
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	Topcar Ribeiro & Baptista/ Taxi-Carriço & Baptista, L. <sup>da</sup>

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
	<p>O complexo é constituído por cinco edifícios, divididos em dois conjuntos paralelos ao longo da calçada das Poldras com tipologias de construção diversas, datados de 1922 (<b>Figura A</b>). O complexo possuía duas rodas hidráulicas e uma chaminé (PINHEIRO, 2009b :575). Estes edifícios tiveram pequenos acrescentos até ao ano de 1946 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000z).</p> <p>Ainda é possível observar uma ponte de metal suspensa que unia os dois complexos</p>

**(Figura A).** O portão de entrada da unidade encontra-se ainda conservado **(Figura B).** E na rua que daria acesso para as traseiras **(Figura C)** conserva-se um portão em ferro **(Figura D)** que servia de entrada a “fábrica do Padre João” (POL (47)) e as traseiras desta unidade.

## 8 Resumo Histórico

No ano de 1890, a firma “João Nave Catalão” laborou neste espaço até 1910, com esta designação (SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013: 77). Em 1920, a firma passa a designar-se “João Nave Catalão & Filho, Sucrs.” e ocupa este espaço até 1945 (PINHEIRO, 2009b :574).

No ano de 1923, é formada a firma “Catalão & C.ª” neste local entre Ambrósio Nave Catalão e João Carlos Dias, para a produção de malhas. Em 1934, a empresa “Catalão & C.ª, L.ª” encontrava-se laborar nesta unidade e integra a sociedade “Malhas Séc. XX”, de que eram Sócios Manuel Freire Catalão, Américo Pinheiro da Costa e Luís Lemonde de Macedo.

Em 10 de Janeiro de 1934, um incêndio destruiu o armazém de malhas e a casa das máquinas (PINHEIRO, 2009b :574).

Em carta enviada ao Grémio dos Industriais dos Lanifícios, no dia de 12 de outubro de 1939, é indicado que houve incêndio que ocorreu na noite do dia 25 de agosto, o incidente destruiu toda a maquinaria e artigos em *stock*. Porém não afetou o escritório, armazém e secção de tinturaria. A carta também indica que devido ao período vivido durante a Segunda Guerra Mundial, a companhia de seguro não indemnizava a reconstrução do complexo, o que impossibilita a sua reedificação (PROCESSO 159 - João Nave Catalão & Filho, Sucrs.).

Decreto do Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria., em 1943, autoriza a firma “João Nave Catalão & Filho, Sucrs.” a reconstrução do edifício localizada no lugar das Poldras após o incêndio que a destruiu o edificado em 1939 (PROCESSO 159 - João Nave Catalão & Filho, Sucrs.).

Em 15 de novembro de 1945, a sociedade “João Nave Catalão & C.ª, L.ª.” é composta pelo Dr. João Nave Catalão, Francisco Nave Catalão e Ambrósio Nave Catalão. Em carta, de 19 de março de 1957, a Federação dos Industriais de Lanifícios é indicada o cancelamento da inscrição da firma “João Nave Catalão & C.ª, L.ª” (PROCESSO 295 - João Nave Catalão & C.ª, L.ª). Nesta ano, a 24 de maio, o complexo foi adquirido pela firma “Sá Pessoa & Irmãos”, que se dedica a atividade cardação, fição, tecelagem e fabricação de mungos (PINHEIRO, 2009b :575).

Em 1982, a empresa “Sá Pessoa & Irmãos”, transfere-se das instalações da firma “José dos Santos Pinto”, instalam-se neste edificado. Em abril 2000, o complexo foi adquirido por uma empresa do Porto, representada por João Manuel Charro Pereira, que ocupou as instalações e desenvolveu a atividade de tecelagem até ao ano de 2007 (PINHEIRO, 2009b

:575).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras nº 43 e 61
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284667, -7.498237
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Rural

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 – 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	1868	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2007	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	João Nave Catalão (1889?-1910); João Nave Catalão & Filho (1910-1920); João Nave Catalão & Filho, Sucrs. (1920-1945); Catalão & C.ª (1923-	

	19__); Catalão & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> e Malhas Séc. XX (1934); João Nave Catalão & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (1945-1957); Sá Pessoa & Irmãos (1982-2000) e João Manuel Charro Pereira (2000-2007) (PINHEIRO, 2009b :575).
--	--

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica e central eletricidade própria (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000z)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fição, tecelagem, tinturaria e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :CII)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais
-----------	------------------------	--------------------

<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos
-----------	------------------------	---------

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	5 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000z)
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Fibrocimento, ferro, madeira, pedra, vidro, aço e telha (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº11/Proc. 366A, 1947 e UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000z).
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-
-----------	--	---

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	Oficina (automóvel) E Serviço de táxis (parcial)
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	<p>Num documento de Licença de obra, de 30 de outubro de 1945, é indicada o objetivo de construir um novo saneamento e anexos de casas de banhos com capacidade para 20 homens e mulheres, separadas paredes de pedra, rebocadas com argamassa de cal. A canalização destas casas de banho seria em chumbo (Fundo Municipal, Povoações Rurais - CX. Nº14/PROC. 781A, 1945).</p> <p>Porém uma nova carta, de 16 de janeiro 1946, ocorre uma atualização da obra onde as casas de banho passam a ter capacidade para 40 homens e 20 mulheres. E é registada a abertura de uma fossa séptica aquando da execução da fundação (Fundo</p>

		<p>Municipal, Povoações Rurais - CX. Nº14/PROC. 781A, 1945).</p> <p>Em 1955, foi enviada uma nova licença de obra a Câmara da Covilhã. Com o objetivo de se realizar uma reconstrução devido a um incêndio onde apenas as paredes exteriores sobreviveram. Nisto algumas das vergas de janelas foram substituídas por lintéis de betão armado (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº11/Proc. 366A, 1947).</p> <p>Na cobertura do edificado foi optada por pela fibra de cimento, num telhado de cinco águas e as asnas serão mistas de ferro e de madeira (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº11/Proc. 366A, 1947)</p> <p>O pavimento do primeiro e segundo piso foram cobertos por uma camada de brita, que assentou sobre uma camada de betonilha (Fundo Municipal, Povoações Rurais - Cx. Nº11/Proc. 366A, 1947).</p>
--	--	--

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	Parte do edificado encontra-se coberto por fibrocimento, este é um composto de amianto que é material carcinogénico.

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(Fundo Municipal, Povoações Rurais - CX. Nº11/PROC. 366A, 1947);</p> <p>(Fundo Municipal, Povoações Rurais - CX. Nº14/PROC. 781A, 1945);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 159 - João Nave Catalão &amp; Filho, Sucrs.);</p> <p>(PROCESSO 295 - João Nave Catalão &amp; C.ª, L.ª);</p> <p>(SARAIVA, MADALENO e PINHEIRO, 2013);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000z).</p>
-----------	--	--

<b>42</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou</b>	-
<b>41</b>	<b>Associados</b>	

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	Em 1890, a firma “João Nave Catalão”, possuía duas urdideiras e nove teares manuais (PINHEIRO, 2009b :574).
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	No Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga encontra-se conservada um batedor (Séc. XIX e XX), percha (Séc. XX), calandra (1886) e escova (1886)
-----------	-------------------------------	--

doadas por esta unidade ao museu (**Figura E, F, G e H**).



**Figura A:** Edifícios e ponte de ferro sobre a Calçada das Poldras (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura B:** Entrada do edifício Este (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura C:** Fachada Sul do edifício Este (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura D:** Portão que do acesso às traseiras desta unidade “Fábrica do Padre João” (POL (46)) (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura E:** Batedor do Séc. XIX/XX (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).



**Figura F:** Percha do Séc. XX. Este engenho é da marca A. Monforts Textilmashinen GmbH & Co. KG, Alemanha (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).



**Figura G:** Calandra de 1886. Marca Ateliers Raxhon, Bélgica (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).



**Figura H:** Escova de c. 1886 (peça do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga (MUSLAN)).

45 Desenhos e Alçados	-
-----------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	-
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**POL (48) - Alexandre António Pereira Espiga**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	X
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Alexandre António Pereira Espiga
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Alexandre António Pereira Espiga

<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-
----------	------------------------------------	---

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo seria constituído por três imóveis de datações distintas. Dois edifícios fabris são de construção tradicional com alvenaria de pedra e dois pisos, datados da segunda metade do Séc. XIX (<b>Figura A</b>). Estes foram mais tarde integrados em apenas uma unidade com cobertura em fibrocimento (PINHEIRO, 2009b :575). Nestes edificado é possível visualizar uma pequena entrada para o edificado (<b>Figura B</b>).</p> <p>O terceiro edifício possui fenestração regular do tipo guilhotina, telhado de duas águas, cobertura em telha do tipo marselha e construção tradicional e misto, datada da década de 30 do Séc. XX (PINHEIRO, 2009b :575-576).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>O empresário Alexandre Pereira Espiga, em 1908, aquando do registo da sua empresa, em nome individual, reporta ter iniciado a sua atividade em 1878. A 24 de outubro de 1923, é dado o licenciamento a firma “Joaquim Pereira Espiga”, para o estabelecimento desta fábrica no campo da cardação, fiação, pisão e tecelagem (PINHEIRO, 2009b :575).</p> <p>Em 14 de outubro de 1928, registou-se um violento incêndio nesta unidade fabril, que a destruiu quase por completo. Porém apesar deste incêndio no ano de 1932, a firma “Joaquim Pereira Espiga”, ocupante deste espaço, foi distinguida com a medalha de prata na Grande Exposição Industrial Portuguesa, em Lisboa (PINHEIRO, 2009b :575).</p> <p>Em documento da firma a “Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.”, no ano de 1945, encontrava-se com dificuldade na produção, devido a matéria-prima ter ficado mais cara, o que resultou numa redução considerável da produção (PROCESSO 96 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.).</p> <p>No ano de 1977, o edifício passa a integrar a sociedade “Gitêxtil”, resultado da fusão das firmas “Sá Pessoa &amp; Irmão”, “Têxtil Cravinos, SA”, “João Pereira &amp; Sucessores, L.<sup>da</sup>.” e “José dos Santos Pinto”. Estas quatro empresas encontravam-se todas elas na ribeira da Carpinteira, esta colaboração termina nos finais dos anos 90 do Séc. XX (PINHEIRO, 2009b :575).</p>	

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras
<b>10</b>	<b>Local</b>	-

<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.284401, -7.496636
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Condicionado
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Rural

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 – 1900	X
		1900 – 1925	X
		1925 – 1950	X
		1950 – 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1998	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Alexandre António Pereira Espiga (187_-190_) Alexandre Pereira Espiga & Filhos (190_-1919); Espiga & Irmãos (1919-19__); Joaquim Pereira Espiga (1921-1945); Catalão & Irmãos (1939-1943) e Joaquim Pereira Espiga, Sucrs. L. <sup>da</sup> (1945-197_) Gitêtil (1977- 1998) (PINHEIRO, 2009b :575).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica, energia a vapor e eletricidade de rede pública (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000b)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fição, tecelagem e ultimação (MADALENO e FERREIRA, 2015 :CVI)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais e em cartas da firma “Joaquim Pereira Espiga, Sucrs, L. <sup>da</sup> ”, que laborou neste espaço, entre 1955 e 1958 foi comprado algodão de origem brasileira, moçambicana e angolana (PROCESSO 304 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs, L. <sup>da</sup> ).
-----------	------------------------	--

<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos
-----------	------------------------	---------

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	3 (PINHEIRO, 2009b :575)
-----------	--------------------------------------	--------------------------

<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	Em 1946, esta unidade possuía cerca de 1150 m <sup>2</sup> (GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS DOS LANIFÍCIOS DA COVILHÃ, 1946)
-----------	-----------------------------	---

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, vidro, tijolo, betão, telha e fibrocimento (já não se encontra na estrutura) (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000b).
-----------	--------------------------------	--

<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	Tradicional
-----------	-------------------------------	-------------

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	
-----------	--	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-
-----------	------------------	---

<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Bom
-----------	------------------------------	-----

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
-----------	----------------	---

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-
-----------	-------------------------	---

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	O portão em ferro possui motivos vegetalista e
-----------	-------------------	--

		geométricos, tendo inscrito as iniciais “JPE” e a data de 1919 ( <b>Figura C</b> ) (PINHEIRO, 2009b :575).
--	--	--

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(Grémio dos Industriais dos Lanifícios da Covilhã, 1946);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(PROCESSO 96 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.);</p> <p>(PROCESSO 304 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs, L.<sup>da</sup>);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000b).</p>
-----------	--	--

<b>41</b>	<b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b>	-
-----------	--	---

<b>42</b>	<b>Património Móvel Integrado</b>	<p>Em 1972, a firma “Joaquim Pereira Espiga, Sucrs, L.<sup>da</sup>” indicou ao Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã a compra de uma fiação de carruagem de 420 fusos (PROCESSO 304 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs, L.<sup>da</sup>).</p>
-----------	-----------------------------------	---

<b>43</b>	<b>Outro património móvel</b>	-
-----------	-------------------------------	---



**Figura A:** Fachada principal do edifício (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura B:** Pequena entrada para o edificado na fachada principal (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

		 <p><b>Figura C:</b> Estado atual do portão principal com as inscrições “JPE” e 1919 (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
--	--	---

45	Desenhos e Alçados	-
----	--------------------	---

46	Observações	-
----	-------------	---

47	Responsável e Data	<p>Rodrigo João Leitão Beato Dias</p> <p>8/10/2021</p>
----	--------------------	--

**POL (49) - Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	X
		<b>Edifício/Elemento</b>	
		<b>Complexo</b>	x
		<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	Anaquim & Copeiro/ Jerónimo Nave Catalão
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	-
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	Guimarães & Alves
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>O complexo fabril, atualmente composto por oito edifícios e foi alvo de várias intervenções ao longo do tempo para aumentar a área de produção (<b>Figura A e B</b>). Porém os edifícios primitivos encontram-se praticamente inalterados (<b>Figura A</b>) (PINHEIRO, 2009b :577 e UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e).</p> <p>As râmolas de sol ainda se encontram conservadas apesar de se encontrarem cobertas de vegetação (<b>Figura C, D e E</b>), as levadas de água devido a vegetação não são visíveis (PINHEIRO, 2009b :577).</p>	

O portão desta estrutura ainda se encontra conservado, este é de formato retangular com cinco motivos florais de rosetas, porém já não possui uma das rosetas (**Figura F e G**). Muitas das estruturas do complexo encontram-se cobertas de vegetação, com algum estado de degradação (**Figura H**). Esta estrutura encontra-se por baixo da ponte férrea da Carpinteira que foi restaurada (**Figura I**).

## 8 Resumo Histórico

Este complexo integrava diversas pré-existências, com datas de construção distintas. Um dos edificadros foi ocupado pela firma “Anequim & Copeiro”, que colocou um lintel na porta principal as iniciais “A & C”, os restantes imóveis foram ocupados pelas firmas “Guimarães & Alves”, “Guimarães, Silva & Rato” e “Ordaz, Rato & Monteiro” (PINHEIRO, 2009b :576).

Entre as datas de 1890 e 1892, é possível que a firma “Anaquim, Ratto & C.ª” tenha laborado neste espaço (PINHEIRO, 2009b :576).

A firma “Jerónimo Nave Catalão” no registo comercial, datado de 1919, reportou o início da sua atividade em 1910. Todavia, em maio 1902, já há referências na imprensa a uma greve nesta mesma unidade, por motivos salariais (PINHEIRO, 2009b :576).

No ano de 1936, a firma “Catalão & Irmãos “ herdeira da “Jerónimo Nave Catalão”, ocupou a mesma unidade fabril desta. Esta sociedade era constituída por Álvaro Catalão, João Catalão, Joaquim Pereira Espiga, Maria da Conceição Catalão e Beatriz Catalão Neves (PINHEIRO, 2009b :576).

Entre 1939 e 1943, a fábrica encontrava-se arrendada a firma “Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.” e possuía as atividades de cardação, fição, tecelagem e ultimação. A março de 1943, a firma “Cravinos & Fael, L.<sup>da</sup>”, constituída por Luís Leitão Cravino, Bernardino da Cruz Fael, Caetano Cravino Leitão, Joaquim Leitão Cravino e João Leitão Cravino adquirem este complexo industrial (PINHEIRO, 2009b :576).

Em carta da firma, de 29 de julho de 1943, é escrito a passagem do operariado da firma “Joaquim Espiga, Sucrs.” para a “Cravinos & Fael, L.<sup>da</sup>” (PROCESSO 96 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.). Esta nova firma passa a dedicar-se a cardação, fição, tecelagem e ultimação. Em 1965, registou-se uma alteração na designação da empresa ocupante para “têxtil Cravinos SARL”, esta empresa labora até 1978 (PINHEIRO, 2009b :576).

Segundo o Inquérito sobre as obras sociais destinadas aos trabalhadores, em 30 de novembro de 1970, é indicado que este espaço possuía um refeitório (PROCESSO 96 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.).

Em carta ao Secretario de Estado da Indústria, em 1 de outubro de 1973, a firma “têxtil Cravinos SARL” com sede no sítio das Poldras. Refere que o espaço possui uma secção de ultimação, uma secção de malhas, cardação, fição, tecelagem e uma serralharia

(PROCESSO 275 - Têxtil Cravinos S.A.R.L.).

Em abril de 2000, o complexo foi vendido, tendo algumas secções sido utilizadas pela empresa “João Manuel Charro Pereira”, para desenvolver as atividades de tecelagem (PINHEIRO, 2009b :576-577).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras, nº20, 22 e 24
<b>10</b>	<b>Local</b>	-
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.283554, -7.495655
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Rural

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X
		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	2006	

<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	Guimarães & Alves (1850-1877); Guimarães, Silva & Rato (1877-18__); Ordaz, Rato & Monteiro (1869-188__); Anaquim & Rato (18__-1892); Anaquim, Ratto & C. <sup>a</sup> (18__ - 189__); Anaquim & Copeiro (1899-1910); Anaquim & Copeiro, Sucrs. (1910-1913); Jerónimo Nave Catalão (1889-1936); Catalão & Irmãos (1936-1938); Joaquim Pereira Espiga, Sucrs. (1939-1943); Cravinos & Fael, L. <sup>da</sup> (1943-1953); Cravinos & C. <sup>a</sup> , L. <sup>da</sup> (1953-1965); Têxtil Cravinos, S.A.R.L (1965-1978); João Manuel Charro Pereira (2000-2007?) e Salvado & Louro, L. <sup>da</sup> (200_-2006) (PINHEIRO, 2009b :576-577).
-----------	------------------------------	--

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia a vapor, energia hidráulica e combustão interna a gás (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e)
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardação, fição, tecelagem, tinturaria e ultimação. (MADALENO e FERREIRA, 2015 :CX)
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	
		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	

		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	

<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Fibras industriais	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	

<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	8 (PINHEIRO, 2009b :577)	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	

<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Madeira, pedra, ferro, vidro, taipa e telha (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	

<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
-----------	--	---	--

<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	O complexo expandia-se de forma, orgânica para acompanhar área plana ao longo da ribeira da Carpinteira. Nos anos 50 do Séc. XX, o complexo expandiu-se para a margem Oeste <b>(Figura A)</b> . O complexo também se expandiu para Sul no Séc. XX <b>(Figura B)</b> (UNIVERSIDADE DA	

	BEIRA INTERIOR, 1999/2000e).
--	------------------------------

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Ruína
<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	Interior da unidade Norte margem esquerda da ribeira com elevado nível de degradação e destruição em especial as estruturas de madeira <b>(Figura H)</b> . Râmolos de Sol bastante degradadas <b>(Figura D)</b> . As estruturas a Sul são as que estão em piores condições, com parte do telhado destruído <b>(Figura B)</b> .
<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	-

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	(INFRAESTRUTURAS DE PORTUGAL, 2020); (MADALENO e FERREIRA, 2015); (PINHEIRO, 2009b); (PROCESSO 96 - Joaquim Pereira Espiga, Sucrs.); (PROCESSO 275 - Têxtil Cravinos S.A.R.L.); (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000e).
-----------	--	--

41	Sítios/Elementos Relacionados ou Associados	<p>Por cima do complexo encontra-se uma ponte que integra a linha férrea que liga Covilhã a Guarda por comboio (<b>Figura I</b>). Esta possuía um vão único de 52 m, com por um tabuleiro metálico e estrutura em alvenaria de granito implantados de forma simétrica nas vertentes do vale sobre a ribeira, incorporando uma passagem em arco sobre a Calçada das Poldras (INFRAESTRUTURAS DE PORTUGAL, 2020).</p>
----	---	---

42	Património Móvel Integrado	-
----	----------------------------	---

43	Outro património móvel	-
----	------------------------	---

44	Levantamento Fotográfico	 <p><b>Figura A:</b> Edifícios a Norte da ponte férrea, com os dois núcleos mais antigos, localizados na margem orientada a Este, do Séc. XIX (<b>A</b>) e os mais recentes, dos anos 40 do Séc. XX, na margem Oeste (<b>B</b>) (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).</p>
----	--------------------------	--



**Figura B:** Edifícios a Sul da ponte férrea, datados do Séc. XX (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura C:** Escadaria das râmolas (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura D:** Râmolas de Sol (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura E:** Muro de contenção das râmolas (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura F:** Portão de entrada do edificado a Oeste (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura G:** Pormenor das rosetas do portão (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura H:** Interior do edifício Oeste (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).



**Figura I:** Ponte do comboio sobre a ribeira da Carpinteira (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

<b>45</b>	<b>Desenhos e Alçados</b>	-
-----------	---------------------------	---

<b>46</b>	<b>Observações</b>	No edificado Oeste apesar das paredes do exterior estarem bem conservadas o seu interior encontra-se em elevado estado de ruína ( <b>Figura H</b> ). Dai ser necessário realizar um levantamento do interior de todo o complexo e medidas de preservação do espaço.
-----------	--------------------	---

<b>47</b>	<b>Responsável e Data</b>	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021
-----------	---------------------------	---

**POL (50) - José da Cruz Fael**

<b>1</b>	<b>CATEGORIA</b>		
	<b>Património Imóvel</b>	<b>Património Arqueológico</b>	
		<b>Património Arquitetónico/Construído</b>	X
		<b>Obras Públicas</b>	
		<b>Património Paisagístico / Paisagem</b>	

<b>2</b>	<b>Sub-Categoria</b>	<b>Sítio</b>	
		<b>Edifício/Elemento</b>	

<b>Complexo</b>	X
<b>Conjunto</b>	

<b>3</b>	<b>Nome / Designação / Identificação</b>	José da Cruz Fael
<b>4</b>	<b>Outros Nomes</b>	José dos Santos Pinto
<b>5</b>	<b>Nome da Entidade fundadora</b>	José da Cruz Fael
<b>6</b>	<b>Entidade Proprietária atual</b>	-

<b>7</b>	<b>Descrição</b>
<p>Em 1922, o complexo era composto por dois edifícios de dois e três pisos (<b>Figura A, B, C e D</b>). Durante a atividade empresarial da firma “José dos Santos Pinto Sucrs., L.<sup>da</sup>”, o conjunto ainda possuía uma serralharia e central elétrica. A fachada de um dos edifícios principais encontra-se decorada com um painel de azulejos da fábrica Aleluia (PINHEIRO, 2009b :577).</p>	

<b>8</b>	<b>Resumo Histórico</b>
<p>Esta “fábrica completa” datada da 2ª metade do Séc. XIX, construída a mando do empresário José da Cruz Fael, ocupante inicial deste estabelecimento, que cessou a sua atividade de lanifícios em nome individual, em 1919, com a constituição de uma sociedade com os seus filhos, José da Cruz Fael Júnior, António da Cruz Fael, Manuel da Cruz Fael Júnior e Bernardino da Cruz Fael (PINHEIRO, 2009b :577).</p> <p>No ano de 1926, a casa do motor desta unidade foi destruída por um incêndio. Em 1931, a firma “José da Cruz Fael Júnior”, solicitou um licenciamento para instalar nesta unidade um centro de cardação e fiação (PINHEIRO, 2009b :577).</p> <p>No dia 20 de janeiro de 1934, um novo incêndio destruiu diversas secções desta fábrica nomeadamente a tecelagem. Este fogo destruiu-o 18 teares mecânicos, parte das máquinas da ultimação, o armazém de fios e danificou parte da estrutura do imóvel (PINHEIRO, 2009b :577).</p> <p>Em maio de 1940, José dos Santos Pinto cancela a sua inscrição como industrial de</p>	

lanifícios no Grémio dos Industriais de Lanifícios da Covilhã, o seu ativo e máquinas foi pelo ex-sócios Manuel Fernandes Duarte (PINHEIRO, 2009b :577).

Em 1947, o espaço foi comprado pela firma “José dos Santos Pinto, Sucrs, L.<sup>da</sup>”, que se dedicou a atividade de fiação de cardado e ultimação neste espaço (PINHEIRO, 2009b :577).

Em 1964, a firma “Sociedade de tecidos Cruz Alçada & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>” ocupou este espaço, sendo esta constituída por Ernesto Cruz (empresário da firma “Ernesto Cruz & C.<sup>a</sup>”), José Lopes dos Santos Pinto, (representante da firma “José dos Santos Pinto, Sucrs., L.<sup>da</sup>.”) e António Rodrigues Pintassilgo Júnior (membro da firma “Francisco Rodrigues Pintassilgo & Filhos”) (PINHEIRO, 2009b :577).

Em 1977, o complexo foi ocupado pela firma “Gitêxtil”, que resultou do agrupamento de quatro companhias fabris a “Sá Pessoa & Irmãos”, a “Têxtil Cravinos, SA”, a “João Perira Espiga & Sucrs., L.<sup>da</sup>” e a “José dos Santos Pinto”, esta firma laborou no complexo em atividade completa até 1998 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d1).

<b>9</b>	<b>Morada</b>	Calçada das Poldras
<b>10</b>	<b>Local</b>	Quinta José Santos Pinto
<b>11</b>	<b>Freguesia</b>	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
<b>12</b>	<b>Concelho</b>	Covilhã
<b>13</b>	<b>Distrito</b>	Castelo Branco
<b>14</b>	<b>Coordenadas GPS</b>	40.283462, -7.493824
<b>15</b>	<b>Acesso</b>	Público
<b>16</b>	<b>Contexto geográfico</b>	Rural

<b>17</b>	<b>Cronologia</b>	1000 -1500	
		1500 - 1750	
		1750 - 1800	
		1800 - 1850	
		1850 - 1900	X

		1900 - 1925	X
		1925 - 1950	X
		1950 - 1975	X
		1975 - 2000's	X
<b>18</b>	<b>Data de Construção</b>	2ª metade do Séc. XIX	
<b>19</b>	<b>Data de Encerramento</b>	1998	
<b>20</b>	<b>Períodos de Laboração</b>	José da Cruz Fael (18__-1919); José da Cruz Fael & Filhos (1919-1931); José da Cruz Fael Júnior (1931-1938?); José dos Santos Pinto (1938?-1940); José dos Santos Pinto Sucrs. (1940-1947); José dos Santos Pinto, Sucrs., L. <sup>da</sup> (1947-199__); Sociedade de Tecidos Cruz Alçada & C. <sup>a</sup> (1964-19__) e Gitêxtil (1977-1998) (PINHEIRO, 2009b :577).	

<b>21</b>	<b>Fonte de energia /motor</b>	Energia hidráulica e central elétrica própria (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d1)	
<b>22</b>	<b>Atividades desenvolvidas</b>	Cardaço, fiação, tecelagem, tinturaria e ultimação. (MADALENO e FERREIRA, 2015 :CXII)	
<b>23</b>	<b>Organização Industrial</b>	Maquinofatura	

<b>24</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Agricultura</b>	
		<b>Civil</b>	
		<b>Comunicações</b>	
		<b>Extração</b>	

		<b>Militar</b>	
		<b>Religiosa</b>	
		<b>Serviços</b>	
		<b>Social</b>	
		<b>Transformação</b>	X
		<b>Transportes</b>	
<b>25</b>	<b>Subtipo</b>	Têxteis e tinturaria	
<b>26</b>	<b>Matérias-Primas</b>	Lã	
<b>27</b>	<b>Produtos finais</b>	Tecidos	
<b>28</b>	<b>Número de edifícios/elementos</b>	3 (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d1)	
<b>29</b>	<b>Área total histórica</b>	-	
<b>30</b>	<b>Materiais de Construção</b>	Pedra, vidro, taipa, aço, madeira, telha e tubos de grés (UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d1 e Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949).	
<b>31</b>	<b>Sistemas de Construção</b>	-	
<b>32</b>	<b>Arquiteto/Engenheiro/Construtor</b>	-	
<b>33</b>	<b>Uso atual</b>	-	
<b>34</b>	<b>Ampliações</b>	Num Projeto de dia 24 de dezembro 1949,	

foi pedida a construção de um novo anexo. Nesta nova secção, o rés-do-chão ficou ocupado por vestuários e no segundo piso um refeitório (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949).

Esta nova secção teria um grande número de janelas por razões de iluminação (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949).

As paredes exteriores foram feitas em alvenaria de granito da região e argamassadas a cal, por outro lado, as paredes interiores foram feitas em tijolo furado assente em argamassa de cimento e areia. As portas exteriores e a caixilharia das janelas foram construídas em madeira de castanheiro e as portas e interiores foram em pinheiro nacional (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949).

O chão do primeiro piso é em betonilha e o em madeira de pinheiro nacional no segundo formado por tábuas ligadas a macho e fêmea (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949).

A cobertura do telhado é em telha tipo marselha. Os esgotos foram ligados por tubos de grés de 125mm (Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949).

<b>35</b>	<b>Estado de Conservação</b>	Muito bom
-----------	------------------------------	-----------

<b>36</b>	<b>Sistema de Proteção Patrimonial</b>	-
-----------	--	---

<b>37</b>	<b>Ameaças</b>	-
-----------	----------------	---

<b>38</b>	<b>Danos Ambientais</b>	<p>Nesta área na ribeira (<b>Figura E</b>), as águas correm com pouca intensidade e consegue-se ver o seu fundo devido a serem bastante limpas. Algo que não sucedia quando a fábrica se encontrava em funcionamento como indicou Maria João Dias, antiga habitante desta área, que referiu que a ribeira corria de “diversas cores”, imprópria para consumo. Porém, apesar desta unidade ter uma tinturaria, não foi possível confirmar se a origem dos resíduos era desta unidade, pois havia mais tinturarias a nascente. E devido à ribeira correr de forma mais lenta nesta zona os resíduos acumulavam-se.</p>
-----------	-------------------------	--

<b>39</b>	<b>Inscrições</b>	-
-----------	-------------------	---

<b>40</b>	<b>Fontes Documentais / Bibliografia</b>	<p>(ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1942a);</p> <p>(Fundo Municipal, Proc. Obras - Cx. Nº13/Proc. 1349, 1949);</p> <p>(MADALENO e FERREIRA, 2015);</p> <p>(PINHEIRO, 2009b);</p> <p>(UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 1999/2000d1).</p>
-----------	--	--

<p><b>41</b></p>	<p><b>Sítios/Elementos Relacionados ou Associados</b></p>	<p>Próxima desta unidade industrial encontra-se um núcleo urbano de operários em estado de abandono, que seria frequentado pelos operários não só desta fábrica, mas também das restantes unidades desta zona.</p> <p>Este espaço possuía segundo Maria João Dias, uma mercearia “Selamim” (<b>Figura F e G</b>) e a taberna “Sr. Felisberto” (<b>Figura H</b>) e uma zona de bairro operário (<b>Figura I e J</b>).</p> <p>Segundo Maria João Dias, após o encerramento das unidades fabris nas Poldras, o bairro entrou em decadência e os seus ocupantes moveram-se para outras áreas da cidade.</p>
------------------	---	---

<p><b>42</b></p>	<p><b>Património Móvel Integrado</b></p>	<p>A firma “José dos Santos Pintos, Sucrs.” em 1942, foi autorizada a laborar com uma barca de madeira para tingir os fios (ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1942a :42).</p> <p>A sineta em ferro da fábrica ainda se encontra conservada tal como a chaminé em tijolo (<b>Figura D</b>), levadas (<b>Figura C</b>), portão de entrada, tanques e uma caldeira in situ (PINHEIRO, 2009b :577).</p>
------------------	--	---

<p><b>43</b></p>	<p><b>Outro património móvel</b></p>	<p>-</p>
------------------	--------------------------------------	----------



**Figura A:** Fachada principal do edificado (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura B:** Traseiras do edificado principal (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura C:** Portão das traseiras da fábrica (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura D:** Chaminé industrial (fotografia de Rodrigo Dias. 3/3/2021).



**Figura E:** Ribeira da Carpinteira (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura F:** Antiga mercearia “Selamim” (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura G:** Interior da antiga mercearia “Selamim” (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura H:** taberna “Sr. Felisberto” (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura I:** Casas do antigo bairro operário (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).



**Figura J:** Interior de uma das habitações (fotografia de Rodrigo Dias. 17/3/2021).

45	Desenhos e Alçados	-
46	Observações	-
47	Responsável e Data	Rodrigo João Leitão Beato Dias 8/10/2021